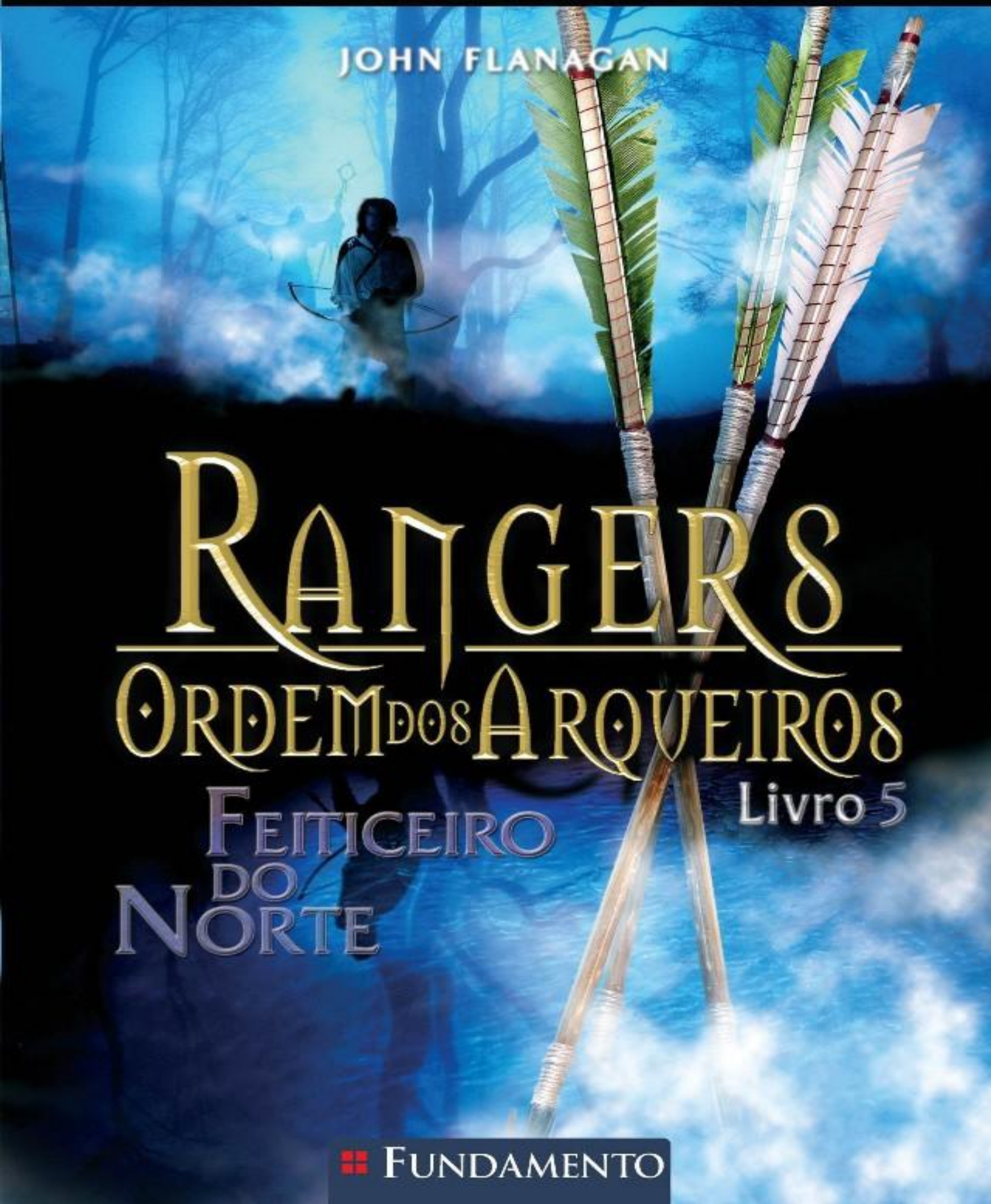
MAIS DE 1 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS

JOHN FLANAGAN



RANGERS

ORDEM DOS ARQUEIROS

Livro 5

FEITICEIRO DO NORTE

FUNDAMENTO

RANGERS
ORDEM DOS ARQUEIROS

LIVRO 5: FEITICEIRO DO NORTE



JOHN FLANAGAN

1



Ele sabia que no norte as tempestades de inverno que, antecipavam a chuva fariam com que o mar se chocasse contra a costa causando pequenas nuvens, formadas por gotículas brancas soltas no ar.

Aqui, na região sul do reino, os únicos sinais da chegada do inverno eram as suaves baforadas de vapor que marcavam a respiração dos dois cavalos dele. O céu era de um azul claro e o sol era quente nos seus ombros. Ele poderia ter cochilado na cela, deixando Puxão escolher o seu próprio caminho ao longo da estrada, mas os anos que ele passou treinando e aprendendo com uma dura disciplina nunca permitiriam tal indulgência.

Os olhos de Will se moviam constantemente, vasculhando todos os lados possíveis.

Um observador nunca teria notado esse constante movimento — sua cabeça permanecia parada. Novamente, este era o seu treinamento, ver sem ser visto; notar sem ser notado. Ele sabia que esta parte do reino era relativamente imperturbável. Foi por isso que ele foi designado para o feudo de Seacliff. Afinal, um novo e recém-contratado arqueiro seria dificilmente largado em uma das áreas mais problemáticas do reino. Ele sorriu com os braços cruzados imaginando o que poderia acontecer.

O sorriso de Will desapareceu quando seus olhos avistaram algo a meia distancia, escondido quase completamente pela grama alta do outro lado da estrada.

Seu comportamento não dava sinais de que tinha visto algo fora do comum. Ele não enrijeceu e nem tentou olhar mais de perto como a maioria das pessoas fariam. Ao contrário, ele parecia se ajeitar um pouco em sua sela enquanto guiava o cavalo — parecendo totalmente desinteressado pelo mundo ao seu redor. Porém, seus olhos, escondidos nas sombras do capuz de sua capa o alertaram urgentemente. Algo havia se movido, ele tinha certeza. E agora, diante da grama alta do outro lado da estrada, ele pensou que teria visto um traço de preto e branco — cores que não pertenciam ao verde vivo das plantações.

Ele não fora o único a perceber que algo estava errado. As orelhas de

Puxão se remexeram e depois balançou a cabeça, sacudindo a juba e relinchando de maneira barulhenta.

"Eu entendi", ele disse silenciosamente, mostrando ao cavalo que o aviso fora registrado. Tranquilizado pela voz grave de Will, Puxão se acalmou, apesar de suas orelhas ainda estarem em estado de alerta. O cavalo de carga, parado e contente atrás deles não mostrava nenhum interesse. Era apenas um animal de carga puro e simples, não um cavalo que fora treinado para um arqueiro como Puxão.

A grama alta sacudiu mais uma vez. Era um simples movimento, mas não havia vento algum que poderia causá-lo — assim como as pequenas nuvens de vapor que marcavam a respiração do cavalo mostravam claramente. Will encolheu seus ombros vagarosamente, tendo certeza de que seu palpite estava certo. Seu arco pairava sobre seus joelhos. Arqueiros não carregam seus arcos em seus ombros, sempre os colocam em uma posição de fácil uso.

Seu coração batia um pouco mais rápido do que o normal. A origem dos movimentos na grama estava a 30 metros de distancia. Ele lembrou as palavras de Halt: *Não se concentre no óbvio. Talvez eles queiram que você não perceba alguma outra coisa.*

Ele percebeu que a sua total atenção estava focada nas altas gramas do outro lado da estrada. Rapidamente seus olhos começaram a escanear o local mais uma vez, olhando para todos os lados enxergando uma grande árvore que estava a 40 metros dele. Talvez houvesse um homem ali se escondendo pronto para atacar enquanto sua atenção estava focada naquilo que, não importa o que seja, estava fazendo a grama se mexer. Ladrões, foras da lei, mercenários, quem sabe?

Porém, ele não avistava nenhum sinal de que alguém estaria se escondendo atrás da árvore. Ele cutucou Puxão com seus joelhos fazendo com que o cavalo parasse, com o cavalo de carga atrás deles. Seus braços selecionaram uma flecha e a colocaram em posição junto ao arco em menos de um segundo. Ele tirou o capuz para que sua cabeça esteja livre.

O arco, o cavalo, sua capa, fariam com que qualquer um que passasse percebesse que ele é um arqueiro, ele estava ciente disso.

"Quem está aí?" ele falou, projetando o arco na posição certa e a flecha pronta para o ataque. Se estivesse alguém escondido na grama, saberia que seria morto em menos de dois passos.

Sem resposta. Puxão continuou parado, treinado para que seja uma pedra quando seu mestre está preparado para atacar.

"Apareça" disse Will "Você de preto e branco, apareça."

Um pensamento veio a sua cabeça, lembrando-o que a momentos atrás

ele pensava que essa região era pacífica. Agora ele estava enfrentando uma possível emboscada por um inimigo desconhecido.

"Última chance," disse ele. "Apareça ou lançarei uma flecha em sua direção."

Foi então que ele ouviu, possivelmente em resposta da sua voz. Um latido: o som de um cão ferido. Puxão também ouviu. Suas orelhas se mexeram e ele bufou sem tanta certeza.

"Um cachorro?" pensou Will. Talvez um cão selvagem esperando para atacar? Ele descartou a ideia assim que refletiu sobre ela. Um cão selvagem não teria feito som algum para alertá-lo. Além disso, o som que ele ouviu foi de dor, não um latido feroz e perigoso.

Ele chegou a uma decisão.

Em um movimento suave, ele removeu o seu pé esquerdo do estribo e desceu calmamente de sua sela. Descendo do cavalo, ele permaneceu olhando fixamente para o local onde possivelmente poderia ter algo perigoso com ambas às mãos livres para atirar.

Puxão bufou novamente. Em momentos de incerteza como esse, Puxão prefere que Will esteja montado em sua sela onde o cavalo poderia salvá-lo do perigo.

"Está tudo bem," Will disse ao cavalo serenamente e andou para frente, com o arco em posição.

Dez metros. Oito, cinco... Ele podia ver o preto e branco claramente através da grama seca. E agora, como estava mais perto, ele viu algo mais no preto e branco: sangue.

O latido de dor foi ouvido de novo e Will pôde ver claramente o que havia parado eles.

Ele se virou e fez um sinal positivo com a mão para Puxão, e o cavalo respondeu indo em sua direção. Então, deixando o arco de lado, Will se ajoelhou ao lado do cão ferido deitado na grama.

"O que é isso, garoto?" ele disse gentilmente. O cachorro virou sua cabeça na direção daquela voz e grunhiu de novo enquanto Will o tocava levemente, seus olhos observando o sangue ao lado deles. Quando o animal se mexeu, mais sangue pôde ser visto.

Will o encarou e viu que o cão estava exausto e extremamente ferido.

Era um Border Collie, ele percebeu, um dos cães que guiavam rebanhos de ovelhas na região norte, e conhecido pela sua inteligência e lealdade. Seu corpo era preto, com pelos brancos na altura da garganta, do peito e no final da cauda felpuda. Suas patas eram de cor branca e a cor preta se repetia em sua cabeça assim como nas orelhas, enquanto um traço branco subia por entre os

olhos.

O corte na lateral do cachorro não parecia ser muito profundo, e as chances eram de que a caixa torácica havia protegido seus órgãos vitais. Porém, o corte era terrível, como o cão tivesse sido cortando por uma espada. E havia sangrado muito. Este, ele pensou, seria o maior dos problemas. O cão estava fraco. Tinha perdido uma quantidade grande de sangue.

Talvez muito grande.

Will se levantou e se dirigiu até as bolsas presas na sela, pegando o kit de primeiros socorros que todos os arqueiros levavam. Puxão o olhou curiosamente, satisfeito de que o cachorro não representava uma ameaça. Will remexeu os medicamentos.

"Funciona em pessoas," ele disse "Deve funcionar em cachorros também."

Ele voltou ao animal ferido, tocando sua cabaça levemente. O cão tentou levantar sua cabeça mas ele levou-a levemente até o chão, sussurrando palavras encorajadoras para ele enquanto abria o kit com a sua mão livre.

"Agora vamos dar uma olhada no que eles fizeram em você, garoto" ele disse.

O pelo em volta do ferimento estava tingido de sangue e ele o limpou da melhor maneira possível com a água de seu cantil. Então, ele abriu um pequeno compartimento e cuidadosamente passou a pomada ao longo das bordas da ferida. A pomada era uma espécie de analgésico que faria com que o corte sarasse para que ele pudesse limpá-lo e enfaixá-lo sem causar mais dor ao pobre cachorro.

Ele esperou alguns minutos para que a pomada fizesse efeito, então começou a aplicar uma espécie de preparação na qual são utilizadas plantas como ingredientes que faria com que uma infecção seja impedida de atingir o ferimento assim curando-o. O analgésico parecia fazer efeito e seus medicamentos não pareciam fazer mal algum ao cachorro, fazendo com que ele pudesse utilizá-los livremente. Em quanto o curava, Will percebeu que havia cometido um erro em chamá-lo de "garoto", o cachorro era fêmea.

O Border Collie, sentindo que Will estava o ajudando, continuou imóvel.

Ocasionalmente, ela latia novamente. Porém, não de dor. O som era mais de gratidão.

Sangue fresco ainda saía da ferida e ele sabia que teria que fechá-la. Enfaixar era pouco pratico, ainda mais por causa do pelo grosso da cadela e da estranha posição do corte. Ele deixou-se intimidar imaginando que teria que dar pontos.

"É melhor fazer logo isso já que o analgésico ainda está fazendo efeito"

ele disse ao animal. Ela continuou estendida no chão, enquanto apenas um de seus olhos observava Will trabalhar.

O Collie obviamente sentiu a agulha enquanto ele rapidamente fazia uma dúzia de pontos de seda fina juntando as bordas do ferimento. Porém, a cadela não deu nenhum sinal de dor e deixou ele continuar.

Terminado o trabalho, Will descansou uma das mãos na cabeça preta e branca, sentindo a leveza dos pelos. Ele havia feito um ótimo procedimento mas era óbvio que a cadela não poderia andar, ao menos por um tempo.

"Fique aqui" ele disse gentilmente "fique".

A cadela continuou deitada obediente enquanto ele ia até o cavalo de carga pra descarregar seus utensílios.

Will abriu espaço na cela para que pudesse ter espaço suficiente para ela. Ele voltou para onde o animal estava estendido e cuidadosamente o levantou e colocou no pequeno espaço que ele havia preparado para ela. Ao colocá-la suavemente, percebeu que seus olhos eram de cores diferentes. Até aquele momento ela apenas havia visto o olho direito, que era castanho, mas o esquerdo era de um azul claro, que dava um ar misterioso à cadela.

"Boa menina," Will disse à cadela. Então, ao virar para Puxão, ele percebeu que o pequeno cavalo o olhava com um olhar curioso.

"Nós temos um cachorro" ele disse, Puxão balançou a cabeça e bufou, *Por quê?*

2



No início da tarde eles chegaram ao mar e Will sabia que ele estava perto do fim de sua jornada. O castelo de Seacliff foi construído numa extensa ilha em forma de folha, separada do continente por uma centena de metros de profundidade. Na maré baixa uma calçada estreita permitia o acesso à ilha, mas na maré alta, como era agora, uma balsa de transporte levava-os para a ilha. O difícil acesso tinha ajudado a manter Seacliff seguro por muitos anos e foi uma das razões pelas quais o feudo tinha um remanso. Nos tempos antigos, é claro, os Escandinavos fizeram incursões em seus navios tinha deixado as coisas muito animadas. Mas já haviam passado alguns anos desde que os lobos do mar do norte atacaram a costa da Araluen.

A ilha tinha cerca de doze quilômetros de comprimento e oito de diâmetro, e Will não podia ainda ver o castelo. Ele imaginou que estaria em algum lugar no meio do terreno elevado — aquele era um pensamento estratégico básico. No momento, no entanto, ele estava escondido da vista.

Will tinha pensado em parar para uma refeição ao meio-dia, mas agora, tão perto do final do seu percurso, ele decidiu prosseguir. Haveria uma estalagem de algum tipo na aldeia que se aglomerava perto das muralhas do castelo. Ou ele poderia encontrar uma refeição na cozinha do castelo. Ele puxou a rédea para trazer a sela ao lado e se inclinou para inspecionar o cão ferido. Seus olhos estavam fechados e seu nariz repousava sobre as patas dianteiras. Ele podia ver o lado negro entrando e saindo conforme ela respirava.

Havia um pouco de sangue mais próximo dos lados da ferida, mas o fluxo principal tinha sido estancado. Ciente de que ela estava confortável, Will tocou num salto para Puxão para o outro lado e moveram-se até a balsa, uma grande, de fundo plano que foi elaborada na praia.

O operador, um musculoso homem de cerca de quarenta anos, estava estirado no convés de sua embarcação, dormindo no sol quente de outono. Ele acordou, entretanto, como algum sexto sentido registrou o tilintar do chicote de fios dos dois cavalos. Ele sentou-se, esfregou os olhos e, em seguida veio rapidamente a seus pés.

"Eu preciso chegar até a ilha", Will disse-lhe, e o homem o cumprimentou

desajeitadamente.

"Sim, de fato, senhor. Claro. Ao seu serviço, Arqueiro".

Houve uma pitada de nervosismo em sua voz. Will suspirou interiormente. Ele ainda não se acostumara com o pensamento de que as pessoas tinham receio de Arqueiros –

mesmo com um de face nova como ele. Ele era um homem jovem naturalmente amigável e muitas vezes ele ansiava por companheirismo fácil com outras pessoas. Mas esse não era o caminho dos Arqueiros. Ele servia o seu propósito de permanecer distante das pessoas comuns. Havia um ar de mistério sobre o Corpo de Guarda. Sua habilidade lendária com suas armas, sua capacidade de mover-se sem ser visto e a natureza secreta de sua organização todos acrescentavam sua mística.

O barqueiro soltou o cabo grosso que corria entre o continente à ilha, passando por conjuntos de grandes roldanas em cada extremidade da balsa. A balsa, flutuando em uma extremidade, moveu-se facilmente da praia, até que repousava inteiramente na água. Will imaginou que o sistema de polias deu ao operador uma vantagem mecânica que lhe permitia mover as grandes embarcações tão facilmente.

Havia um conselho tarifário pregado na grade e o operador foi estudá-la.

"Não se cobra de um Arqueiro, senhor. Passagem livre para você."

Will balançou a cabeça. Halt tinha conversado com ele a necessidade de pagar o seu caminho. *Nunca fique em dívida com ninguém, ele tinha dito. Certifique-se de não dever favores à ninguém.*

Ele calculou rapidamente. Metade de uma moeda de ouro por pessoa, e o mesmo para cada cavalo. Mais quatro centavos para outros animais. Perto o suficiente para duas moedas ao todo. Ele desmontou da sela, tirou três moedas de ouro de sua bolsa e entregouas ao homem.

"Eu vou pagar", disse ele. "Duas moedas de ouro é perto o suficiente". O homem olhou para a moeda, então olhou para o piloto e os dois cavalos, intrigado. Will sacudiu a cabeça em direção à sela.

"Há outro animal na sela", explicou. O operador da balsa afirmou com a cabeça, e entregou-lhe um pedaço de moeda de prata na mudança.

"Certo o suficiente, senhor", disse ele. Ele olhou curiosamente na sela como Will levou-o para a balsa, tendo um cão no seu retiro confortável.

"Um cão bem aparentado,", disse ele. "Ele é seu, senhor?"

"Eu a encontrei ferida na estrada", disse Will. "Alguém a cortou com uma lâmina semelhante a uma espada e a deixou para morrer."

O barqueiro barbudo esfregou o queixo, pensativo. "John Buttle tem um pastor como aquele. E ele seria o tipo de homem que iria ferir um cão e deixá-lo

dessa forma. Tem um temperamento desagradável, John faz coisas desse tipo, principalmente quando está bêbado."

"E o que esse John Buttle faz?" Will perguntou.

O barqueiro encolheu os ombros. "Ele é um pastor pelo comércio. Mas ele faz mais coisas. Alguns dizem que ele faz o seu trabalho real em noites ao longo das estradas, olhando para os viajantes que estão por perto depois de escurecer. Mas ninguém provou isso. Ele é muito útil com a lança para o meu gosto. Ele é um homem bom para ficar longe."

Will olhou para a sela novamente, pensando na ferida profunda cruel na lateral do cão.

"Se Buttle é quem feriu esse cão, ele vai fazer bem em ficar longe de mim", disse ele friamente.

O barqueiro examinou-o por um momento. O cara era jovem e bem caracterizado.

Mas havia uma luz dura nos olhos, ele viu. Ele percebeu que com os Arqueiros, nunca o fizeram supor demais. Este rapaz, de aparência agradável não estaria vestindo a capa de Arqueiro cinza e verde, se ele não tivesse aço nele. Arqueiros eram pessoas enganosas e isso era um fato. Houve até alguns que considerou que não eram hábeis nas artes negras de magia e bruxaria e o barqueiro não estava completamente certo de que estas pessoas não tinham o direito dele. Furtivamente fazendo um sinal para afastar o mal, ele mudou-se para frente da balsa, contente de possuir uma desculpa para interromper a conversa.

"Melhor eles nos receberem em seguida", disse ele. Will sentiu a mudança na atmosfera. Ele olhou para Puxão e ergueu as sobrancelhas. O cavalo não se dignou ao aviso.

Como o barqueiro soltou novamente a corda espessa, a balsa deslizou sobre a água em direção à ilha, as ondas pequenas murmuravam sob a proa fechada e batiam contra as paredes de madeira de baixo. Will percebeu que a casa do operador de balsa, uma pequena cabana de pranchas de madeira com um telhado de palha, estava do lado da ilha, presumivelmente como uma medida de segurança. A proa do barco logo ralou na areia grossa da ilha, a corrente balançou-a um pouco com o progresso para frente e parou. O operador ferroviário não agarrou a única corda na frente e fez um gesto para Will desembarcar. Will virou-se montado em Puxão e os cascos dos cavalos soaram sobre as tábuas em que pisou com cuidado para frente.

"Obrigado", ele disse ao barqueiro, quando Puxão desceu para a praia. O operador da balsa saudou novamente.

"Ao seu serviço, Arqueiro", disse ele. Ele assistiu o garoto magro, uma

figura ereta, e como ele andava até árvores e após isso o perdeu de vista.

Demorou meia hora para chegar ao castelo. O caminho era para cima em direção ao centro da ilha, através de bem-espaçadas trilhas e de árvores varridas pelo vento. Não havia muita luz, ao contrário das densas florestas em torno de Castelo Redmont, ou nos escuros pinhais da Escandinávia que Will lembrava muito bem.

As folhas tinham mudado, mas até agora a maioria delas permaneceram nos ramos.

Somando tudo, o país era agradável. Enquanto ele andava, Will viu a abundância de evidências de caça de coelhos, claro, e peru selvagem. Uma vez ele pegou um flash rápido de um veado branco quando lhe mostrou seu traseiro uma vez que delimitava distância.

Caça ilegal provavelmente seria abundante aqui, pensou. Will tinha uma simpatia de base para os moradores que procuraram ocasionalmente aumentar a sua dieta com carne de veado e aves de caça. Felizmente, a caça era uma questão de lei local, e seria controlada por guardas do Barão. Por uma questão de política, embora, seria necessário descobrir a identidade dos profissionais locais. Caçadores poderia ser uma fonte de informação sobre acontecimentos. E a informação era o estoque do ofício dos Arqueiros.

As árvores rarearam e eventualmente ele saiu a luz do sol novamente. A subida pela estrada sinuosa tinha trazido para um patamar natural, uma vasta planície, talvez, de um quilômetro de diâmetro. No centro da planície ficava Castelo Seacliff e sua aldeia dependente de um amontoado de cabanas de colmo situado perto das muralhas do castelo.

O castelo propriamente dito, comparado com a massa impressionante que era o Castelo Redmont ou a beleza subida do Castelo do Rei de Araluen, era uma espécie de decepção. Era pouco mais que uma fortaleza, Will percebeu, que as paredes que o cercavam tinham em torno de cinco metros de altura. Como ele parecia mais perto, pôde ver que, pelo menos, um pedaço da muralha foi construído a partir de madeira, troncos de árvores grandes conjunto verticalmente no solo e unidos com suportes de ferro. Era uma barreira eficaz o suficiente, ele pensou, mas faltou o impacto dramático de paredes maciças de Redmont de pedras. No entanto eram solidamente sustentadas torres em cada canto e uma torre central, que seria um refúgio de último recurso em caso de um ataque. Durante a parada, ele podia ver a bandeira do veado na cabeça do Barão Ergell que agitou a luz da tarde a brisa do mar.

"Nós estamos aqui", disse ele a Puxão, e que o cavalo sacudiu a juba, uma vez que ouviu sua voz.

Ele tinha refreado à primeira vista do castelo. Agora, ele tocou o lado

Puxão com seus calcanhares e eles começaram a andar novamente. Como sempre, a sela se afastou um pouco mais devagar, arrastando momentaneamente a levar a cabo como eles fizeram o seu caminho através dos campos agrícolas aberto em direção ao castelo. Havia um cheiro de fumaça no ar. O milho tinha sido empacotado e queimado após a colheita e eles ainda ardiam. Em uma semana ou duas, os agricultores teriam arado as cinzas de volta para os campos e a sequência teria início mais uma vez. O cheiro da fumaça, os campos nus e de baixa luz solar da tarde em todos os ângulos do outono evocavam memórias em Will.

Memórias de crescer. Das colheitas e festivais de colheita. De verões nebulosos, outonos enfumaçados e invernos cobertos de neve. E, nos últimos seis anos, da profunda afeição que tinha crescido entre ele e seu mentor, o enganosamente sombrio arqueiro chamado Halt.

Havia alguns trabalhadores nos campos e eles pararam para olhar para a figura camuflada que andava em direção ao castelo. Ele acenou para um ou dois dos que estavam próximos a ele e balançou a cabeça para trás, com cuidado, levantando suas mãos em saudação. Fazendeiros simples não compreendiam os Arqueiros e, como resultado, não confiavam inteiramente neles também. Claro, Will sabia que, em tempos de guerra ou de perigo, eles olham para os Arqueiros por ajuda e proteção e liderança. Mas agora, sem o perigo ameaçador, eles iriam manter distância dele.

Os ocupantes do castelo seriam uma questão diferente. Barão Ergell e seu Chefe de Guerra — Will procurou lembrar o nome por alguns segundos, em seguida, lembrou que era Norris — entendiam o papel do Corpo de Arqueiros e o valor que os seus membros traziam aos cinquenta feudos do reino. Eles não tinham medo dos Arqueiros, mas isso não significa que ele iria desfrutar de uma estreita relação com eles também. Deles seria um trabalho em parceria.

Lembre-se, Halt lhe tinha dito, *a nossa tarefa é ajudar os barões, mas a nossa primeira lealdade é para o rei. Nós somos os representantes diretos da vontade do rei e, por vezes, que podem não coincidir exatamente com os interesses locais. Cooperamos com os barões e aconselhamos eles. Mas mantemos a nossa independência deles. Não se permita ter uma dívida para com o seu barão, ou tornar-se demasiado perto do povo do castelo.*

Claro que, em um feudo como Redmont, onde ele tinha feito seu treinamento, as coisas eram um pouco diferentes. Barão Arald, o Senhor de Redmont, era membro do conselho interno do rei. Isso permitiu uma relação mais estreita entre o Barão, seus oficiais e Halt, o Arqueiro atribuído ao seu feudo. Mas, em geral, a vida de um Arqueiro era solitária.

Não houve compensações, claro. O chefe entre eles era a camaradagem

que existe entre os membros do Corpo de si mesmo. Havia cinquenta Arqueiros em serviço ativo, um para cada feudo do reino, e todos eles se conheciam pelo nome. Na verdade, Will estava bem familiarizado com o homem que ele estava substituindo a Seacliff. Bartell tinha sido um dos seus examinadores para a sua avaliação anual como um aprendiz, e foi sua decisão de se aposentar, que o levou a vontade de ser presenteado com sua Folha de Carvalho prata, o símbolo de um Arqueiro desenvolvido. Bartell, passando os anos e ficando incapaz de enfrentar os rigores da vida de um Arqueiro — montaria dura, sono áspero e vigilância constante — trocou sua própria Folha de Carvalho prata para o ouro da aposentadoria. Ele havia sido transferido para a sede do Corpo do Castelo Araluen, onde ele estava trabalhando na seção de arquivos, compilação da história do Corpo.

Will sorriu brevemente. Ele tinha visto como Bartell, um bem lido e entendido homem surpreendente, apesar do fato de que seus primeiros encontros tinham sido de ocasiões de distinto desconforto para Will. O perito Bartell havia sido quem realizara os testes para o aprendiz que foi calculado para tornar a vida do jovem miserável. Will tinha desde então o valor perguntas duras e difíceis problemas que Bartell tinha colocado para ele. Todos tinham ajudado a prepará-lo para a vida difícil de um Arqueiro.

Que a própria vida foi o chefe de outra compensação para a natureza solitária de dia-a-dia de um Arqueiro. Houve uma profunda satisfação e uma atração irresistível para ser parte de um grupo de elite que conhecia o funcionamento interno e os segredos políticos de todo o reino. Aprendizes de Arqueiro foram contratados por suas habilidades físicas, coordenação, agilidade, velocidade de mãos e olhos, mas ainda mais para a sua curiosidade natural. Um Arqueiro procura sempre saber mais, pedir mais informações e saber mais sobre o que se passava ao seu redor. Como um jovem, antes Halt tinha recrutado ele, que a curiosidade inquieta, e que originou a precocidade dele, tinha causado mais do que a sua quota de problemas.

Ele estava entrando na pequena aldeia agora e mais pessoas estavam observando-o.

A maioria deles não faria contato com os olhos, e os poucos que o fizeram caiam o seu olhar quando ele acenou-lhes — agradavelmente suficiente, ele pensou. Eles saudaram, com um movimento desajeitado de mão para a testa, e mudou de lado para deixá-lo passar completamente desnecessário, na verdade, como não havia espaço de sobra na rua da vila ampla. Ele olhou os símbolos para as operações usuais que podem ser encontrados em qualquer aldeia: ferreiro, carpinteiro, sapateiro.

No final da rua havia um único e grande edifício. Era o único de dois

andares da história da vila e tinha uma varanda de largura na frente e com o símbolo de uma caneca pendurada por cima da porta. A pousada, ele percebeu. Ela parecia limpa e bem mantida, as persianas das janelas do quarto andar de cima pintado e fresco e as paredes caiadas de barro. Enquanto observava, uma das janelas do andar de cima abriu e cabeça de uma menina apareceu na abertura. Olhou-se cerca de dezenove ou vinte anos, com o escuro, cabelo raspado e amplo conjunto de olhos verdes. Ela tinha uma tez clara e era extraordinariamente bonita. O que foi mais estranho, sozinho no meio do povo da aldeia, ela continuou a cumprir o seu olhar como ele olhou para ela. Na verdade, ela chegou a sorrir para ele e, quando ela fez, o rosto transformado era bem para tirar o fôlego.

Will, inquieto com a relutância das pessoas para satisfazer o seu olhar, ficou ainda mais instável agora pelo indisfarçável interesse da menina por ele. Então você é o novo Arqueiro, imaginou seu pensamento. Você parece muito jovem para o trabalho, não é?

Enquanto ele andava debaixo da janela, percebeu um incômodo que, como ele havia levantado a cabeça para observá-la, com a boca se abrira um pouco. Ele agarrou-a fechada e acenou para a menina, austero e sisudo. Seu sorriso cresceu mais amplo e foi ele quem quebrou o primeiro contato com os olhos.

Ele havia planejado parar para uma refeição rápida na pousada, mas a presença desconcertante da garota o fez mudar de ideia. Ele lembrou as instruções por escrito que tinha sido dado. Sua própria cabana ficava a cerca de trezentos metros para além da vila, na estrada para o castelo e protegida por um pequeno bosque de árvores. Ele podia ver o bosque e ele tocou os calcanhares ao lado de Puxão, deixando a quebra de um pequeno cavalo em trote que saiu da aldeia para trás. Ele podia sentir vinte ou trinta pares de olhos chatos curiosamente em suas costas enquanto ele andava. Ele questionou se os olhos verdes do cenáculo da estalagem estavam entre eles, então encolheu os ombros deixando o pensamento de lado.

A cabana era uma casa de um Arqueiro típico, construída de troncos com grandes pedras de rio no telhado. Havia uma pequena varanda na frente da casa e um jardim estável e um estábulo por trás dela. É abrigado sob as árvores, e ele ficou surpreso ao ver uma onda de fumaça da chaminé em uma extremidade do prédio.

Ele balançou para baixo da sela de Puxão, um pouco duro, após andar um dia. Não houve necessidade de amarrar Puxão, mas enlaçou as rédeas do cavalo de carga em torno de um dos postes da varanda. Ele verificou o cão, viu que ela estava dormindo e decidiu que ela poderia ficar onde estava por mais alguns

minutos.

Se houvesse dúvidas de que esta era a sua casa, elas foram dissipadas pelo contorno talhado de uma Folha de Carvalho na padieira da porta. Ele ficou por um instante, coçando as orelhas de Puxão como o cavalo zuniu suavemente contra ele.

"Bem, garoto", disse ele, "parece que estamos em casa."

3



Will empurrou a porta e entrou na cabana. Era praticamente idêntica ao que tinha sido sua casa durante a maior parte dos últimos anos. A sala pegava cerca de metade do interior do espaço e serviu como um combinado de estar e jantar. Havia uma mesa de pinheiro com quatro cadeiras simples à sua esquerda, contra uma janela, e duas confortáveis poltronas de madeira e um sofá de dois lugares estabelecidos na extremidade oposta, agrupados ao redor do fogo alegre e crepitante na lareira. Ele olhou ao redor da sala, perguntando quem tinha acendido o fogo.

A cozinha era uma pequena sala contígua à de jantar. Potes de cobre e panelas, obviamente recentemente limpos e polidos, pendurados na parede ao lado da lenha na em extensão da cozinha. Havia flores silvestres frescas em um pequeno vaso na janela, o último da temporada, ele pensou. O toque caseiro lembrou mais uma vez de Halt, e o pensamento trouxe um caroço na garganta de Will provocado pela solidão. O sombrio Arqueiro tinha planejado para ter flores em sua cabana, sempre que possível.

Moveu-se para inspecionar os dois quartos pequenos mobilhados de forma simples e abrindo fora da sala de estar. Como esperava, não havia ninguém em qualquer um dos quartos. Ele tinha esgotado todas as possibilidades na pequena cabana a menos que a pessoa que tinha acendido o fogo e arranjou as flores estava escondido na parte de trás, nos estábulos, o que ele duvidou.

A cabana tinha sido limpa recentemente, ele percebeu. Bartell tinha ido embora há um mês ou mais, mas quando ele passou o dedo ao longo da parte superior da lareira, não havia um rastro de poeira. E a pedra de sinalização na frente da grelha tinha sido varrida recentemente também. Não havia nenhum sinal de cinzas ou restos de fogo.

"Obviamente que temos um espírito de amizade dos que vivem nas proximidades", disse para si mesmo. Então, lembrando-se que os animais estavam esperando pacientemente do lado de fora, ele moveu-se para a porta novamente. Ele olhou a posição do sol e estimou que ainda havia mais uma hora de luz do dia. Tempo para desfazer as malas antes de fazer sua presença

conhecida no castelo.

A cadela estava acordada quando ele olhou para ela, seus olhos de cores variadas mostrando grande interesse no mundo à sua volta. Isso era uma coisa boa, ele percebeu. Era uma indicação de uma forte vontade de viver que ela estaria em bom lugar na sua atual condição enfraquecida. Ele gentilmente levantou-a de seu ninho na sela e levou-a para dentro da casa. Ela deitou-se relativamente satisfeita nas lajes perto do fogo, absorvendo o calor em seu pêlo preto. Voltando à sela, Will procurou um cobertor velho no cavalo e o levou para arrumar uma cama macia para a cadela. Quando ele colocou-o para ela, ela levantou-se penosamente e mancando a poucos passos de deitar sobre ele, estabelecendo-se com um suspiro agradecido. Pegou uma bacia de água da bomba que tinha sido construída na bancada da cozinha — não havia necessidade de tirar água por fora, ele percebeu — e deixou-a ao seu lado. A cauda espessa bateu suavemente no chão uma ou duas vezes em reconhecimento ao seu cuidado.

Satisfeito, Will voltou para os cavalos. Ele afrouxou as fivelas da sela de Puxão.

Não havia nenhum ponto para descarregar mas como ele ainda precisava receber o seu chamado oficial do castelo, então ele começou a descarregar a pequena pilha de pertences pessoais que tinha trazido com ele.

Feito isso, ele descarregou a sela e levou-o para o estábulo, onde ele esfregou-a e colocou-a em uma das duas baias. Ele notou que a manjedoura na outra baia estava cheia de feno fresco e que o balde de água estava cheia também. Ele inspecionou a água. Nenhum sinal de poeira na superfície. Nenhum vestígio de verde no balde. Ele levou o balde para a outra baia e levou Puxão para fora, permitindo que o cavalo bebesse a água. Puxão sacudiu a juba em gratidão.

Will começou a organizar seus pertences na cabana. Lá estavam pendurados pinos ao lado da porta para seu arco e aljava. Ele pôs o seu saco de dormir na cama maior dos dois quartos e pendurou suas roupas de reserva no cortinado do armário. Sua mandola e uma pequena mochila de livros foram colocadas sobre um aparador na sala de estar.

Will olhou ao redor. Na verdade, ele trouxe muito pouco com ele, mas pelo menos agora a cabana tinha um traço de personalidade dele, como se pertencesse a alguém. Seus pensamentos foram interrompidos por um relinchar de aviso de Puxão, de fora.

Simultaneamente, a cadela perto do fogo levantou a cabeça, voltando-se dolorosamente a olhar para a porta. Will calmamente falou com ela. O chamado de Puxão não tinha sido um alerta de perigo, apenas uma notificação de que

alguém estava se aproximando. Um segundo mais tarde, Will ouviu passos na varanda e a figura de uma mulher apareceu no vão da porta aberta. Ela hesitou e bateu na porta.

"Entre", disse Will, e ela entrou no quarto, sorrindo hesitante, como se querendo ter certeza de ser bem vinda. Como ela se afastou da luz de fundo, ele pode vê-la mais claramente. Ela tinha cerca de quarenta anos, obviamente uma das mulheres da aldeia por seu vestido — um simples vestido de lã, sem o tipo de embelezamento favorecido pelos habitantes mais ricos que iam viver no castelo, e sobreposto por um avental branco. Ela era alta e bem feita, com um arredondado maternal. O cabelo escuro estava cortado curto e começando a mostrar traços de cinza. Seu sorriso era quente e genuíno. Havia alguma coisa sobre ela que estava familiarizado, pensava Will, mas ele não sabia o que era.

"Posso ajudar?" ele perguntou.

Ela fez uma reverência superficial. "Meu nome é Edwina, senhor. Trouxe-lhe isso."

"Isso" era um pequeno vaso coberto, e quando ela removeu a tampa Will estava consciente de um delicioso aroma enchendo a sala, um ensopado de carne e legumes. Sua boca encheu de água. No entanto, ciente das advertências de Halt, ele investiu para manter o rosto severo e desinteressado.

"Eu vejo", disse ele sem compromisso. Edwina colocou o pote em cima da mesa e estendeu a mão para seu avental para pegar um envelope, que ela estendeu a ele.

"Esse ensopado vai aquecer você muito bem mais tarde para seu jantar, senhor", disse ela. "Embora eu suponha que você vai precisar ver o Barão Ergell primeiro?"

"Possivelmente", respondeu Will, não tinha certeza se ele devia discutir seus movimentos planejados com esta mulher. Ele percebeu que ela estava segurando o envelope para ele e ele teve que pegá-lo dela. Ele ficou surpreso ao ver que o selo era uma folha de carvalho, acompanhado de figuras do sistema de código de numeração que eram o equivalente a Bartell número 26 no Corpo, lembrou.

"Arqueiro Bartell deixou para quem seria enviado para substituí-lo", disse ela, apontando para ele abrir a carta. "Eu conservava a casa e cozinhava para ele enquanto esteve aqui."

Will repentinamente percebeu que era para ele e que abriu a carta. No momento da escrita, Bartell não tinha ideia de quem seria substituí-lo, por isso era simplesmente intitulado "Arqueiro". Brevemente, ele examinou a mensagem.

Edwina Temple é uma mulher completamente confiável e competente que tem trabalhado para mim nos últimos oito anos. Eu posso recomendá-la

muito a quem me substitui. Ela é discreta, sóbria e uma excelente cozinheira e governanta. Edwina e seu marido, Clive, mantém a Taverna do Povoado em Seacliff. Você faria um favor a mim e a si ao manter os seus serviços quando você assumir. Bartell, Arqueiro 26.

Will olhou por cima da carta e sorriu para a mulher. A perspectiva de ter a comida e a limpeza feita por ela foi bem-vinda, percebeu. Então, ele hesitou. Havia a questão do pagamento, e ele não tinha ideia de quanto isso possa ser.

"Bem, Edwina", começou ele, "Bartell fala muito bem de você."

A mulher fez uma reverência novamente. "Nós nos demos bem, senhor. Arqueiro Bartell foi um verdadeiro cavalheiro. Eu o servi por oito anos."

"Sim... Bem..."

A mulher, vendo que era jovem e óbvio supôs que esta era a sua primeira missão, acrescentou com cuidado "Quanto ao pagamento, senhor, não há nenhuma necessidade para você se preocupar.O pagamento vem do castelo".

Will franziu a testa. Ele não tinha certeza de que devia permitir que o castelo pagasse a sua manutenção. Ele tinha sua própria bolsa do Corpo de Guarda. Edwina percebeu a razão de sua incerteza e continuou rapidamente.

"Está tudo bem, senhor. O arqueiro Bartell disse-me que o castelo tem a responsabilidade de assegurar o alojamento e as disposições para o Arqueiro de plantão.

Meus serviços são abrangidos por esse regime."

Era verdade, ele percebeu. O castelo em um feudo possuía os serviços dos Arqueiros como uma das suas despesas e os custos foram deduzidos a partir da avaliação fiscal feita pela coroa de cada ano. Ele sorriu, finalmente, chegar a uma decisão.

"Nesse caso, eu vou ser feliz de aproveitar os seus serviços, Edwina", disse ele. "Eu suponho que você é a única que mantinha a casa limpa e acendeu o fogo antes?"

Ela concordou. "Nós estivemos esperando por você na semana passada, senhor", disse ela. "Eu vim a cada dia para manter as coisas arrumadas e fogo para impedir as coisas de ficarem úmidas nesta época do ano."

Will assentiu sua apreciação. "Bem, eu sou grato. Meu nome é Will, em todo caso."

"Bem vindo à Seacliff, Arqueiro", disse ela, sorrindo para ele. "Minha filha Delia viu você andar pela cidade. Você olhou de forma muito séria, disse ela. Sério como um Arqueiro."

Will fez a ligação naquele momento. Ele sentiu que a mulher estava de alguma forma familiar. Agora ele viu os olhos verdes como sua filha, e o sorriso, tão amplo e acolhedor. "Acho que a vi", disse ele.

Edwina, a questão de continuar no seu emprego fixo, estava olhando com interesse em seus poucos pertences. Seus olhos fixos no mandola no aparador.

"Você toca o alaúde, então, não é?" perguntou ela. Will balançou a cabeça.

"Um alaúde tem dez cordas", explicou. "Este é um mandola, uma espécie de bandolim grande com oito cordas, afinadas em pares." Ele viu o olhar vazio que superou a maioria das pessoas quando ele tentou explicar a diferença entre um alaúde e a mandola e desistiu. "Eu toco um pouco", completou.

O cão, ainda dormindo, escolheu esse momento para deixar sair um suspiro longo.

Edwina percebeu-a pela primeira vez e mudou-se por um olhar mais atento. "E você tem um cachorro, eu vejo, também."

"Ela está ferida", Will disse a ela. "Eu encontrei-a na estrada."

Edwina abaixou e colocou uma mão suave na cabeça do cão. O cachorro abriu os olhos e olhou para ela. A cauda agitava ligeiramente.

"Bons cães, estes pastores de fronteira", disse ela, e Will assentiu.

"Alguns dizem que são os mais inteligentes dos cães," disse ele.

"Você vai precisar de um bom nome para um cão muito bom como ela", disse a mulher, e Will franziu a testa, pensativo.

"O comandante da balsa me disse que ela poderia ter pertencido a um homem chamado Buttle. Você o conhece?"

O rosto da mulher escureceu imediatamente no nome. "Não conheço ele", disse ela.

"A maioria das pessoas conhece-o por aqui e mais um pouco não. Ele é um homem mau para ter o nome de John Buttle. Se este cão for dele eu estaria com pressa de entregá-la de volta."

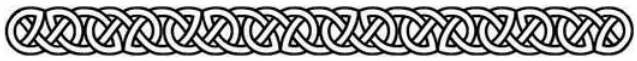
Will sorriu para ela. "Eu não estou", disse ele. "Mas eu estou começando a achar que eu devo conhecer este homem."Antes que ela pudesse ajudar a si mesma, Edwina respondeu: "Seria melhor você ficar longe dele, senhor." Então, ela cobriu a boca em consternação. Foi a juventude do rapaz que a levou a dizê-lo, despertando seu instinto maternal. Mas ela percebeu que estava falando com um Arqueiro e eles eram uma raça que não precisava de conselhos de donas de casa sobre do que ficar longe. Will, compreendendo o raciocínio, sorriu para ela.

"Eu vou ter cuidado", disse ela."Mas parece que é hora de alguém falar sério a essa pessoa. Agora.",disse ele, fechando o assunto de Buttle,"há pessoas que eu deveria estar falando primeiro, Barão Ergell e o chefe estão entre eles."

Ele conduziu Edwina para fora, olhando uma vez no cachorro para ter certeza que ela ficaria bem na sua ausência. Depois de tomar o seu arco e aljava de suas estacas, ele fechou a porta suavemente. Edwina assisti-lo como ele apertou a cintura antes de montar a sela em Puxão. Mas acostumada a estar em

torno de Arqueiros do que a maioria das pessoas, ela gostou do que viu naquele presente. Então, como ele colocou o casaco cinza e verde em torno de seus ombros e puxou o capuz sobre sua cabeça, ela o viu mudar de um alegre e jovem homem em uma figura sinistra e anônima. Ela observou que o arco maciço era sustentado facilmente em sua mão esquerda, ele subiu na sela, viu as pontas de suas flechas de penas salientes na aljava. Um Arqueiro leva a vida de duas dezenas de homens com ele, o velho ditado foi dito. Edwina pensou então que João Buttle precisasse vigiar o seu andar.

4



O mordomo do Barão Ergell apresentou Will no escritório do Barão, com um gesto de que estava entre uma reverência e um floreio. "O novo Arqueiro, meu senhor", ele anunciou, como se ele tivesse feito pessoalmente para o prazer do Barão, "Will Treaty".

Ergell levantou-se de trás da mesa maciço que era a parte dominante dos móveis na sala. Ele era um homem excepcionalmente alto e magro e por um momento, vendo o cabelo longo, pálido e roupas pretas, Will teve a sensação chocante que ele estava olhando para uma reencarnação do malvado Lorde Morgarath, que ameaçou a paz do reino durante a juventude de Will. Então ele percebeu que o cabelo era cinzento, não branco morto como Morgarath tinha sido, e Ergell, apesar de alto, estava longe de altura Morgarath. O momento passou e Will percebeu que ele estava olhando para o Barão, que ficou esperando com a mão estendida para cumprimentá-lo. Rapidamente, foi em frente.

"Boa tarde, meu senhor", disse ele. Ergell moveu sua mão ansiosamente. Ele estava em torno de sessenta anos, mas ainda movia-se facilmente. Will lhe entregou o pergaminho contendo suas ordens oficiais de nomeação. Por direito, o guarda na ponte deveria ter tomado e só entregado a Ergell depois de inspecioná-lo, antes de permitir que Will tivesse acesso ao palácio. Mas o sargento responsável tinha simplesmente olhado para a capa de Arqueiro e o arco e acenou-lhe para dentro. Descuidado, Will pensou. Decididamente descuidado.

"Bem vindo à Seacliff, Arqueiro Treaty", disse o Barão. "É um privilégio ter alguém distinto em nosso serviço."

Will franziu o cenho ligeiramente. Arqueiros que não serviam os Barões eram atados ao rei e Ergell devia sabê-lo. Talvez, pensou ele, o Barão estava tentando assumir o poder pelo simples período como deu a entender.

"Todos nós servimos ao rei, senhor", respondeu de maneira uniforme, e a sombra ligeira que cintilou no rosto Ergell disse-lhe sua suspeita estava correta. Ergell, vendo um Arqueiro tão jovem, pode muito bem ter sido tentado a julgá-lo, como Halt teria dito.

"Claro, claro, o Barão respondeu rapidamente, então indicou o corpulento homem de pé ao lado de sua mesa.

"Arqueiro Treaty, este é o Mestre de Guerra de Seacliff, Sir Norris de Rook".

Will achou que a idade de Norris era cerca de quarenta anos, que foi exatamente a média de Mestres de Batalha. Muito jovem o homem não tem a experiência necessária para liderar uma tropa de cavalaria do feudo e infantaria para a batalha. Mas muitos anos mais velho, ele está começando a perder a força física necessária para a tarefa.

"Sir Norris", disse ele em uma breve saudação. O aperto de mão do cavaleiro era firme, e quase não veio como uma surpresa. Homens que passaram a maior parte de suas vidas empunhando espada ou machados de batalha geralmente acabavam com musculatura poderosa nas mãos e braços. Ele sentiu o Mestre de Batalha estudando como eles apertaram as mãos, viu o exame rápido que teve em sua juventude e de construção leve.

Havia algo mais, Will imaginava — uma pitada de satisfação com o que o cavaleiro viu. Talvez, depois de anos lidando com Bartell conhecedor e experiente, Norris devia prever um tempo um pouco mais fácil com este novo, Arqueiro recentemente encarregado.

Will sentiu uma ligeira pontada de decepção com o pensamento. Halt e Crowley, o comandante do Corpo, tinha avisado a ele que alguns feudos viam a sua relação com os Arqueiros como antagônicas.

Muitos deles vêem-nos como "nós e eles" situação, Crowley havia dito com poucas palavras quando mandou Will para a missão. Afinal, ela é parte de nossa tarefa de manter abas sobre eles, para avaliar a sua prontidão de combate e seu nível de habilidade e treinamento. Alguns Barões e Mestres de Guerra não gostam disso. Eles gostam de acreditar que eles estão executando sua própria raça e eles não se importam de ter Arqueiros observando sobre seus ombros.

Isso nunca tinha sido a maneira no Castelo Redmont, Will sabia. Mas naquela época Halt e Arald tinham um excelente relacionamento e um nível profundo de respeito mútuo.

Ele registrou com o pensamento longe durante a pequena conversa educada em resposta as perguntas de Norris e Ergell quanto à viagem.

Ergell, ele percebeu, estava convidando-o para jantar com eles no castelo. Will sorriu educadamente quando ofereceu as suas desculpas. "Talvez no fim da semana, meu senhor. Não é justo eu perturbar a casa de sua família. Afinal, você não tinha como de saber que eu iria chegar hoje e eu tenho certeza que você já tinha finalizado os planos para a noite."

"Claro, claro. No final da semana, quando você estiver se estabelecido," o barão concordou. Ele era uma pessoa bastante simpática, Will sentia, apesar de sua tentativa de minar sutilmente a autoridade de Will. Seu sorriso era acolhedor e hospitaleiro. "Talvez possamos enviar algo de nossas cozinhas para você mais tarde?"

"Não há necessidade para isso, meu senhor. A mulher Edwina já me deixou um ensopado de carne com um ótimo mérito. Desde o aroma dele, eu vou estar mais do que satisfeito para a noite."

Ergell sorriu em resposta. "Ela é uma cozinheira muito boa, essa é a verdade", disse ele. "Eu tentei a convencê-la a trabalhar para nós aqui no castelo, mas sem sucesso, eu estou com medo".

Norris tomou um assento em um dos bancos de tempo que ladeado na mesa. "Você se mudou para casa de campo Bartell, então?"

Will assentiu. "Sim, Mestre de Guerra. Parece confortável o suficiente."

Ergell deu uma pequena casca de riso "Com Edwina cozinhando para você, eu deveria pensar assim", ele concordou. Mas Norris foi sacudindo a cabeça.

"Muito mais eficiente para você morar aqui no castelo", disse ele. "O Barão pode deixar você ter sua própria suíte de quartos, muito mais confortável do que uma cabana raquítica na floresta. E você estaria mais à mão, se precisassem de você."

Will sorriu, reconhecendo o estratagema por trás da sugestão inocente. Movendo-se para o castelo, ele estaria dando o primeiro passo em direção a uma sutil mudança no controle. Poderia não acontecer imediatamente, mas renunciar a sua independência seria a extremidade fina da cunha. Além disso, a afirmação de que ele estaria mais à mão *se eles precisassem dele* não dito implicava que ele devia estar no castelo e chamá-lo. Ele estava consciente de que Ergell estava observando-o de perto, à espera de sua resposta.

"A cabana está ótima, obrigado, Mestre de Guerra," ele disse. "E é tradicional para os Arqueiros ter seus quartos separados do castelo."

"Bem, sim, tradicional," Norris disse desdenhoso. "Às vezes eu penso que nós damos importância demais para coisas que são 'tradicionais. '"

Ergell riu novamente, interrompendo ligeiramente o silêncio embaraçoso que se seguiu após as palavras de Norris. "Vamos lá, Norris, nós todos sabemos que os Arqueiros valorizam a tradição. É justo lembrar," ele adicionou para Will, "de oferecer para permanecer no castelo. Se aquela cabana tornar-se muito fria e muito vento seco do inverno entrar, você sempre tem um quarto disponível aqui para você."

Sua rápida olhada no Mestre de Guerra disse que o assunto não era para

ser prosseguido. Para seu crédito, Norris deu de ombros e respeitou. Will realmente não podia culpá-los por tentar influenciá-lo. Ele podia imaginar como poderia ser irritante ter alguém silenciosamente de pé, dia após dia, cuidando de seu ombro enquanto você realizava o seu trabalho, apresentando relatórios ao rei de suas habilidades e atividades. Especialmente quando esse alguém era tão inexperiente como ele era. Pelo menos, pareceu, havia conseguido recusar seus avanços, sem causar ofensa.

"Bem, então, Arqueiro Treaty..." Ergell começou, e Will levantou a mão.

"Por favor, meu senhor," ele disse, "Eu ficaria feliz se você simplesmente me chamar de Will."

Foi um gesto gracioso, nomeadamente no que ao dizê-lo, Will deixou claro que iria continuar a usar o título de barão como seu método de endereço. Ergell sorriu, com mais calor do que Will tinha visto até agora. O gesto não passou despercebido.

"Will então, Como eu estava prestes a dizer, talvez pudéssemos fazer uma plano para um jantar de boas-vindas daqui a duas noites de hoje? Vai dar tempo de meu mestre de cozinha planejar algo adequado."

"E todos nós sabemos Chefes de Cozinha quão difícil pode tornar a vida se não lhes dar esse tempo", disse Norris, sorrindo tristemente. Will sorriu de volta. Parecia que Chefes de Cozinha eram os mesmos em todo o mundo, ele pensou. A atmosfera na sala iluminada consideravelmente.

"Se não há mais nada, então, meu senhor, eu vou me despedir", disse Will. Ergell assentiu, levantando-se e Norris o seguiu.

"Claro, Will", disse o Barão. "Se houver alguma coisa que você precisa na cabana, deixe Gordon saber." Gordon era o mordomo que tinha mostrado vontade em escritório.

Will hesitou, depois disse baixinho: "Você tem a minha comissão, senhor" Ele indicou o rolo de pergaminho sobre a mesa. Ergell assentiu com a cabeça várias vezes.

"Sim, sim. Tenha certeza eu vou olhar com ele em breve". Ele sorriu. "Embora eu tenha certeza que você não é um impostor." Estritamente falando, Ergell deve ter quebrado o selo e leu a Comissão, em primeiro lugar quando entregou a ele. As coisas pareciam um pouco mais descontraídas no feudo de Seacliff, ele pensou. Mas talvez ele estivesse apenas a ser um defensor de detalhes.

"Muito bem, meu senhor." Ele olhou para Norris. "Chefe de Guerra", disse ele, e o cavaleiro apertou as mãos dele mais uma vez.

"É bom telo conosco arqueiro" disse ele.

"Will", Will recordou-lhe, e o Chefe de Guerra assentiu.

"É bom tê-lo conosco, Will", ele se corrigiu. Will deu uma ligeira curvatura rígida para o Barão, virou-se e saiu da sala.

De volta à cabana, ele encontrou o cachorro deitado onde ele havia deixado. Ela estava acordada agora e bateu a cauda no chão duas ou três vezes quando ele entrou. Havia outra tigela em cima da mesa e viu que continha um caldo de carne. Embaixo da taça era um pequeno pedaço de pergaminho tendo um desenho de um cão. Edwina, pensou. O caldo ainda estava quente para tomar ele colocou a taça no chão para o cão. Ela ficou mancando com cuidado alguns passos para alcançá-lo. Sua língua começou a volta lap-lap-lap, enquanto ela comia. Ele acariciou seus ouvidos, verificando a ferida do seu lado. Os pontos ainda estavam segurando.

"Sorte que ela deixou o desenho, menina", disse ele. "Ou eu poderia ter comido o seu jantar."

O cão continuou a volta no caldo saboroso. O cheiro era delicioso, ele percebeu, e seu estômago vazio gemeu. Edwina também havia deixado um naco de pão com seu guisado. Cortou uma fatia e mastigou-a avidamente, enquanto esperava o calor do guisado em seu fogão dissipar-se.

5

Os dias seguintes passaram voando enquanto Will se familiarizava com a vizinhança. O jantar de boas-vindas que Ergell ofereceu em sua homenagem foi uma ocasião um tanto quanto agradável. Como foi uma ocasião oficial, Mestres de Ofícios como o Armeiro, Mestre da Cavalaria, e o Escriba compareceram, bem como os Cavaleiros e suas esposas. Os rostos e nomes se confundiam, mas Will sabia que com o passar da semana iria conhecê-los e lembrar, cada um com suas características e trejeitos pessoais. Por outro lado, todos os convidados estavam ansiosos para conhecer o novo Arqueiro, e Will era realista o suficiente para reconhecer que sua reputação o precedia.

Por ser o antigo aprendiz de Halt, um dos melhores e mais famosos Arqueiros da Corporação dos Arqueiros, Will sempre gozou de certa popularidade. Entretanto, ele também foi o responsável pela descoberta dos planos secretos de Morgarath, o maligno Senhor da Chuva e da Noite, bem como o responsável pela frustração dos mesmos, quando ele, Morgarath atacou o reino há pouco mais de cinco anos atrás. Depois ele virou o protetor da Princesa Cassandra, quando ela virou refém dos Escandinavos. Esse episódio, ainda por cima veio recheado com a maior batalha contra os Temujai, a força de cavalaria das Estepes do Leste, e finalmente veio o acordo de não-agressão mutua com os Escandinavos — acordo esse que ainda valia nos dias atuais.

De fato, foi sua participação no Tratado de Hallasholm (*Hallasholm Treaty) que deu a Will o nome pelo qual agora era reconhecido — Will Treaty. Criado no Castelo Redmount como órfão, ele não tinha sobrenome.

Então era natural que as pessoas ao conhecê-lo estranhassem sua juventude, ou ainda, em alguns casos, achassem que haviam se enganado, confundindo-o, e esperavam alguém obviamente mais velho e muito maior. Nos anos que passou com Halt, Will estava acostumado com a descrença de algumas pessoas ao conhecerem pela primeira vez o pequeno, grisalho, e com cabelo mal-cortado, como se ele mesmo o tivesse cortado com a sua faca. As pessoas sempre romantizam a figura de seus heróis. De fato, a maioria dos Arqueiros são pequenos, magros, ágeis e rápidos, apesar da ideia contraria da população.

Então Will encarou olhares de confusão e desapontamento enquanto

conhecia seus novos vizinhos — especialmente das senhoras da corte. Seacliff era um feudo afastado, e a chegada de uma celebridade — uma que havia sido pessoalmente homenageada pelo Rei Duncan por ter protegido sua filha — era esperada com grande expectativa. E se a realidade não fazia jus à expectativa, simplesmente não era seu problema, pensava Will.

De sua parte, quanto mais ele conhecia Seacliff, mais ficava desapontado. Era um feudo um tanto quanto agradável, localizado em uma bonita parte do reino. Mas os anos de paz e segurança trouxeram juntos um sentimento de negligencia e descuido a guarnição do castelo. E a culpa por essa negligencia se devia somente ao Barão e ao seu Mestre de Guerra. E isso colocou Will numa posição um tanto quanto estranha, pois ele não só gostava como respeitava os dois. Mas não tinha como negar que o treinamento dos Cavaleiros e Soldados estava aquém dos níveis aceitáveis.

Por dias Will ficou imaginando como levaria o assunto ao Barão sem causar nenhuma ofensa. Como ele imaginou, as coisas pareciam... Confortáveis demais. Entretanto tanto Ergell quanto Norris riram dos comentários, e pareciam levá-los em consideração apenas como se comprimentos ao confortável estilo de vida de Seacliff.

Todos os Barões do reino eram obrigados a manter uma força de cavaleiros e soldados para assegurarem ao Rei a paz no Feudo. E, quando em épocas de guerra, cada castelo enviava seus homens para se juntarem às tropas do Rei, sob o comando do próprio rei e seus conselheiros. Um Feudo grande como Redmount mantinha centenas de cavaleiros e soldados. Seacliff, sendo um dos menores feudos, eram exigidos apenas doze cavaleiros, dez aprendizes na Escola de Guerra, e uma infantaria de 25 soldados. E uma força de cinquenta arqueiros compostas pelos próprios fazendeiros também estava disponível se fosse necessário.

Varias semanas passaram e Will ainda não tinha visto nenhum treino oficial dos cavaleiros ou soldados. Havia alguns treinos com armas, que eram realizados ocasionalmente numa espécie de arena. Mas nenhum programa real de treinamento e prática — o tipo de treino constante que seria necessário para manter o nível dos guerreiros.

E ainda por cima, os aprendizes da Escola de Guerra, sob a orientação de Sir Norris e seus dois auxiliares, eram desleixados em seu treinamento, e até mesmo para o olhar não treinado de Will, os níveis deles estavam bem abaixo se comparados com os contemporâneos de outras escolas.

A única área em que Seacliff se destacava era na cozinha. O Mestre de Cozinha Rolo era realmente excepcional, e suas habilidades certamente rivalizavam com as de Mestre Chubb, em Redmont. Que era de longe o melhor

cozinheiro de todo o reino. Talvez aí estivesse o problema, pensava Will. A vida em Seacliff era simplesmente confortável demais, estável demais.

De modo geral, sem intercorrências.

Ao mesmo tempo Will ia ao interior várias vezes e visitando as pequenas vilas e vilarejos que se encontravam a apenas um dia de viagem. Nessas ocasiões, se despia dos símbolos que o identificavam como Arqueiro, como a capa verde e cinza multicolor, o arco longo, e o estojo de suas duas facas, e assumia o disfarce de um camponês viajante. Ele sabia que as pessoas falavam mais livremente e viajantes desconhecidos que aos misteriosos arqueiros. E Will descobriu que nem tudo eram flores no Feudo de Seacliff, se a vida no castelo era boa demais, a vida no interior estava longe de ser tão tranquila.

Havia rumores de bandidos assaltando viajantes solitários. Estranhos sendo agredidos e em algumas ocasiões, até mesmo desaparecendo. Eram rumores apenas, e Will sabia que as pessoas do interior, com suas vidinhas "mais ou menos" tendiam a exagerar qualquer coisa que fugisse do padrão, até o evento tomar proporções gigantescas. Mas ele ouviu certos rumores com certa frequência pelo menos para assumir que neles havia algum fundo de verdade. Muitas vezes ele ouviu o nome Buttle, e na maioria das vezes com um tom de medo embutido.

E pelo lado positivo, a cadela se fortalecia a cada dia, e já estava praticamente recuperada do ferimento que lhe fora impingido. Agora que ela conseguia se mover livremente, Will notou que era jovem, muito jovem. E apesar disso, a reputação que acompanhava os pastores de lealdade e inteligência não era exagero. A cadela se tornou companhia constante para ele e Puxão, sendo capaz de correr o dia inteiro lado a lado, acompanhando o pequeno cavalo sem nenhum esforço.

Entretanto não era sem esforço sua tentativa de conseguir um nome à pequena cadela. O comentário de Edwina sobre "um cachorro tão bom, merece um nome melhor ainda" estava preso em sua mente. Ele queria algo realmente especial para ela, mas até agora tudo que vinha a sua mente era na sua opinião vulgar. Por isso, se referia a ela apenas como "cachorra" ou simplesmente "garota".

No começo, Puxão achava a presença da cadela meramente divertida, mas com o tempo passou realmente a apreciar a recém chegada "preto-e-branco", assim como ela ajudou a manter a vigia durante a noite enquanto Will explorava seu novo domínio. Puxão estava acostumado a atuar como sentinela para Will, todos os cavalos de Arqueiros eram treinados para isso. A cadela assumiu um papel complementar nessa tarefa e de certa forma seu olfato era mais apurado ainda que o de Puxão. E os dois animais, unidos pela lealdade ao jovem mestre,

desenvolveram rapidamente um elo e cumplicidade no trabalho, cada um respeitando a melhor habilidade do outro.

Foram três semanas após a chegada de Will à Seacliff que os eventos começaram a dar uma guinada. Pelo menos no que se diz respeito ao treinamento das forças de defesa do Barão. Will estava apoiado em seu arco, observado o treinamento dos aprendizes da Escola de Guerra, em uma tarde. Envolto em sua capa e capuz, ele permanecia nas sombras que pequenas árvores faziam atrás do campo de treinamento, imóvel como estava, era praticamente invisível. A cadela, que já havia entendida a importância da necessidade de permanecer quieta e sem se movimentar, permanecia deitada logo aos seus pés, com o focinho entre as patas. Seus únicos movimentos eram ocasionais balanços nas orelhas ou movimento dos olhos que fazia para checar se Will não tinha um ordem não-verbal para ela.

Ele ficava cada vez mais carrancudo ao observar os aprendizes e seus mestres. Os movimentos realizados estavam tecnicamente corretos. Entretanto, parecia a ele que havia uma falta de urgência, uma falta de interesse. O movimento era um movimento, nada mais que isso. Eles não conseguiam ver além, ver o real significado. Seu velho amigo Horace, agora um Cavaleiro na corte do rei, em Araluen, havia feito esses mesmo movimentos incontáveis vezes durante as sessões de treinamento enquanto era apenas um aprendiz. Mas ele os realizara com paixão, e entendia que realizar esses movimentos suavemente, sem pensar, ou se esforçar, podia ser a diferença entre viver ou morrer durante uma batalha. E esse instinto de Horace salvou a vida de Will pelo menos uma vez, durante a batalha de Hallasholm.

A carranca de Will ficou ainda maior quando ele se deu conta de que em menos de uma semana teria que enviar seu primeiro relatório sobre as atividades ao Quartel dos Arqueiros, e ele seria certamente negativo.

Ele ouviu a voz, muito antes que a pessoa entrasse em seu campo de visão. E em poucos segundos ele viu uma pessoa corpulenta atravessando as árvores que estavam logo atrás do castelo, correndo, gritando, e agitando as mãos para chamar a atenção. Apesar de não conseguir entender ainda o que era dito, o tom de alarme era visível, tanto no tom de voz, como na linguagem corporal do homem.

A cadela sentiu também, e um longo rosnado nasceu em sua garganta e ela levantou-se, imediatamente pondo-se em alerta.

"Quieta", Will a advertiu, e ela imediatamente se imobilizou. O som das armas de chocando no treinamento foi morrendo aos poucos quando as pessoas começaram a notar a pessoa que corria e gritava.

E nesse momento Will foi capaz de distinguir as palavras.

"Lobos do Mar! Lobos do Mar"

Essas eram palavras capazes de gelar o sangue de qualquer Araluense desde os séculos passados. Lobos do Mar eram os corsários escandinavos, que velejam desde suas terras geladas e cobertas por neve e florestas de pinheiros do norte para assaltar a agradável e pacífica costa de Araluen, Gallica e tantos outros países. Terríveis em seus enormes capacetes com chifres, e produzindo destruição com seus enormes machados de batalha os Escandinavos e seus navios eram os produtores de pesadelos.

Entretanto não aqui, ou pelo menos não pelos últimos cinco anos, desde que Erak Starfollower, recém eleito Oberjal dos Escandinavos firmou um acordo com os Araluens.

Estritamente falando, o acordo punha fim somente aos ataques em massa organizados e tentativas de invasões. Entretanto quando posto em prática, também acabou com os assaltos individuais à costa Araluense. Apesar de Erak não poder formalmente proibir o corso por parte de seus capitães, era de conhecimento geral que ele desaprovava, guiado por um sentimento de honra ao pequeno grupo de Araluense que os salvou da invasão dos cavaleiros Temujais. E quando Erak não aprovava alguma coisa, isso geralmente era o suficiente para que não ocorresse.

O homem que estava gritando estava praticamente no campo de treino agora, cansado e sem fôlego. Estava vestido como um fazendeiro.

"Escandinavos", ele ofegou. "Lobos... do mar... em Bitteroot Creek...

escandinavos..."

Exausto, ele vergou contra a cerca do campo, seus ombros pesados, cansados pelo esforço. Sir Norris vinha atravessando rapidamente o campo para se encontrar com ele.

"O que você disse? Escandinavos aqui?"

Havia uma note de descrença preocupada. Apesar do desleixo no treinamento de seus homens, Will sabia que Sir Norris era profissional. Ele poderia ter deixado as coisas correrem frouxas e sem cuidados nos anos de paz que se passaram, mas agora, frente a uma ameaça real. Ele tinha experiência suficiente para saber que estavam com sérios problemas.

Seus homens não eram o suficiente para enfrentar nenhum inimigo real.

O fazendeiro apontava o caminho pelo qual tinha vindo, balançando furiosamente a cabeça para assegurar a veracidade do que estava afirmando.

"Escandinavos, eu os vi em Bitteroot Creek, navegando pelo mar. Centenas deles"

ele acrescentou, e nesse ponto houve grande comoção entre os aprendizes e cavaleiros que vieram ver o que acontecia.

"Silencio" Sir Norris gritou. Will que se aproximou sem ter sido visto perguntou diretamente ao fazendeiro.

"Quantos navios? Você os viu?"

O fazendeiro virou-se para ele, e um olhar desconfiado apareceu quando se deu conta que falava diretamente com um Arqueiro.

"Um", ele disse "Enorme, e com uma grande cabeça de lobo entalhada na proa"

E de novo houve comoção, um misto de medo e especulação naqueles que os rodeavam. Sir Norris se virou violentamente e o barulho cessou. Will e o Mestre de Guerra de olharam.

"Um navio, haverá pelo menos quarenta homens" ele disse.

Norris concordou "Perto de trinta se eles deixarem vigias a bordo", ele disse Não que isso melhorasse a situação. Afinal, trinta escandinavos desembarcando na ilha de Seacliff seriam virtualmente uma força quase imbatível. Os mal treinados soldados e cavaleiros fora de forma seriam de pouca ajuda e certamente ofereceriam pouca resistência aos selvagens piratas, Norris sabia disso, e o Mestre de Guerra culpava ninguém menos que ele próprio. E era sua responsabilidade fazer alguma coisa, e também era sua responsabilidade a vida dos homens sob seu comando. E levá-los a combater um bem treinado bando de escandinavos, certamente seria o mesmo que levá-los a morte.

E ainda sim, era sua responsabilidade.

"Vocês estão em minoria" Will disse. A força de soldados disponíveis era de vinte e cinco, mas Norris sabia que seria sorte se conseguisse contar com pelo menos vinte –

mais três ou quatro cavaleiros, no máximo. Quanto aos aprendizes, Will estremeceu só de pensar no oposto que era mos escandinavos e seus machados com sua força de vontade, contra os desleixados aprendizes que vinha observando.

Norris hesitou, como todo nobre, ele teve uma vida cheia de privilégios. Mas os privilégios existiam para que, fossem cobrados e pagos, em tempos como esse. E agora, quando ele era necessário, ele se encontrava despreparado, incapaz de proteger àqueles que dependiam dele.

"Não há sentido em guiar seus homens para a morte" Will disse bem baixo, de modo que só o mestre de guerras pudesse ouvi-lo. A mão de Norris balançava na bainha de sua espada, ora agarrando o punho da mesma, ora soltando.

"Bom, preciso fazer alguma coisa..." ele disse meio sem jeito.

Will interrompeu gentilmente o mestre de guerra. "E iremos...", virou-se para o homem mais velho. "Mande os aldeões entrarem no castelo, com o

máximo de pertences que puderem carregar. Leve os animais aos campos, e solte-os, mas os assustem de modo que se os escandinavos os quiserem, vão ter que caçá-los. Ponha seus homens em prontidão e armados. E claro, pergunte ao mestre Rollo se ele pode preparar algo rápido, um banquete.

Norris não tinha certeza se tinha escutando direito "Um banquete?!" perguntou confuso.

Will confirmou "Um banquete, não precisa ser nada especial, tenho certeza que ele pode pensar em alguma coisa para nós. Nesse meio tempo, irei ter uma palavrinha com os Escandinavos..."

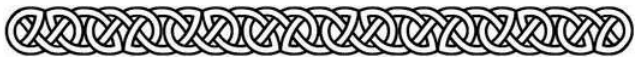
O mestre de guerra arregalou os olhos enquanto mirava o jovem calmo que encontrava diante de si.

"Ter uma palavrinha com eles?!" Repetiu um pouco mais alto do que esperava.

"Como você espera impedir um ataque apenas tendo uma palavrinha com eles?"

Will respondeu "Pensei em apenas pedir para eles apenas não atacarem, e depois, bom, convidá-los para jantar..."

6



Bitteroot Creek ficava na costa leste da ilha. Era um local abrigado por muitas arvores de crescimento direto para a beira da água o que criava um esconderijo até mesmo para um navio grande como um Wolfship. A água era profunda fazendo um lugar ideal para os invasores aportarem. Will foi galopando em Puxão pela floresta sinuosa em direção ao riacho, quando ouviu o som de cascos galopando atrás dele.

Ele virou-se na sela verificando, e reconheceu Sir Norris em seu cavalo de batalha.

O cavalo de batalha estava totalmente armado e blindado deixando uma nuvem de fumaça por trás deles. A cachorra que estava correndo ao lado da pista, mantendo o ritmo com Puxão, caiu de bruços enquanto observava o cavalo do arqueiro chegar a um impasse, e assistiu com curiosidade enquanto cavalo e cavaleiro se aproximavam.

Sir Norris freou bem ao lado de Will. O cavalo de batalho era pelo menos quatro palmos maior que Puxão. Cavalo e cavaleiro elevaram-se ao lado deles. Will inclinou a cabeça em comprimento.

"Sir Norris", disse Will. "O que trás você aqui?"

Sir Norris hesitou. Will tinha alguma ideia do que ele estava para dizer. Após alguns segundos de hesitação Sir Norris respondeu.

"Não posso deixar você fazer isso sozinho meu arqueiro." Ele disse, e era evidente a amargura e a auto-recriminação em sua voz. "É minha culpa de estarmos despreparados para a situação. Eu deixei as coisas moles, eu sei disso. Agora eu não posso deixar você fazer isso por mim. Irei ficar com você."

Will assentiu pensativo. Ele havia tomado coragem para dizer aquilo, e havia tido muita coragem para tomar a decisão de acompanhá-lo até os escandinavos. Ele sentiu uma nova onde de respeito pelo mestre de batalha. Talvez se ele fizesse tudo certo, poderia ser uma benção. A chegada de um Wolfship havia certamente dado ao feudo de Seacliff à lição que eles precisavam. E deu essa lição melhor do que qualquer crítica.

"Eu aprecio a sua oferta" Will disse ao cavaleiro "Mas talvez seja melhor eu fazer isso sozinho"

Ele viu a rápida mudança de cor no rosto do cavaleiro e levantou a mão para acalmá-lo. "Não é que eu duvide de sua coragem ou de sua capacidade", acrescentou.

"Muito pelo contrário, na verdade. Mas acho que tenho uma chance melhor de resolver isso sozinho."

"Tem certeza que pode fazer um plano para combatê-los sozinho?" Perguntou Sir Norris.

Will balançou a cabeça com um pequeno sorriso nos lábios "Eu não pretendo combater todos eles", disse. "Mas sua presença montado em um cavalo completamente armado, poderia não me dar escolha pense nisso". Ele continuou de modo que Sir Norris não pudesse interromper "A primeira vista você está obviamente pronto para batalha, os escandinavos atacariam sem pensar duas vezes.".

Sir Norris mordeu o lábio inferior. O que Will dizia fazia sentido. Em seguida o jovem arqueiro continuou.

"Por outro lado se eles me verem sozinho, eles poderiam ficar dispostos a falar. Nós arqueiros tendemos a ter um efeito perturbador sobre as pessoas. Eles nunca têm certeza do que podemos fazer até fazermos." Acrescentou com um sorriso. Sir Norris teve que admitir que aquilo era verdade. Entretanto estava relutante em deixar o garoto enfrentar as probabilidades de trinta para um, com apenas um arco. Will percebeu a hesitação e continuou com a voz mais nítida ao perceber que o tempo era curto.

"Alem disso se algo der errado eu posso fugir em Puxão e levar alguns deles durante a minha fuga. Por favor, Sir Norris é a melhor maneira" Ele olhou pista abaixo procurando pelos primeiros sinais dos escandinavos. Sabendo que estariam vindo para cá, já que não havia outro caminho a partir da praia. Abruptamente Sir Norris tomou sua decisão. Em seu ponto de vista, no ágil cavalo, o arqueiro poderia se abrigar na floresta se preciso, ou simplesmente fugir de volta para o castelo. Os lobos do mar raramente usavam arcos ou outros projéteis.

"Muito bem" disse ele virando a sua montaria. Acenou com gratidão, bateu com as esporas no cavalo e passou a galope para trás da maneira que ele tinha vindo.

Assim que Norris se afastou, Will tomou conhecimento do terreno ao seu redor.

Neste ponto, o caminho era limpo, as árvores haviam ficado para trás e o terreno era aberto e plano. Isso fazia do terreno um bom lugar para falar com os escandinavos, pois poderia manter distância para alguma manobra se necessário.

Ele recuou uma dúzia de passos e parou no meio do terreno. A cachorra,

que estava deitada na grama, voltou para o lado dele e sentou-se. Will olhou para o sol. Estava atrás dele e ficaria bem nos olhos dos escandinavos. As condições eram favoráveis, pensou Will.

Ele cobriu o rosto com o capuz sentindo o arco confortável atrás da curva da sela, preparado, mas sem parecer ameaçador ao inimigo.

As orelhas de puxão contrariam por uma fração de segundo, logo depois a cachorra soltou um rosnado de advertência. Will podia ver o movimento por trás das sombras das árvores.

"Tudo bem", ele disse para os seus dois animais. Calmo ele sentou e se ajeitou na sela para esperar os escandinavos.

Gundar Harrdstriker, Capitão do navio, saiu das sombras das árvores para a luz da tarde. Atrás dele vinte e sete guerreiros escandinavos o seguiam em fila dupla. Com os olhos semi-cerrados por ter acabo de sair da escuridão da floresta Gundar se surpreendeu ao ver à figura solitária a frente deles.

Não era um cavaleiro, um guerreiro ou nada do gênero, ele percebeu. Era uma figura franzida montada em um cavalo pequeno e peludo. Havia um arco apoiado de forma quase que ocasional em suas coxas, mas nenhum sinal de outras armas. Sem machado, sem espada, sem maça. Seus homens curiosos pela parada repentina moviam-se procurando o que estava causando o atraso.

"Arqueiro" disse Ulf Oakbender, e Gundar percebeu que ele estava certo. O sol estava deslumbrante, praticamente atrás da figura que estava os esperando, com um manto camuflado que era o símbolo dos arqueiros. Agora com os olhos acostumados a claridade, ele podia ver o estranho.

"Boa tarde", disse uma voz clara. "O que posso fazer por vocês?"

A voz do arqueiro era surpreendentemente jovem, bem como o fato de ele ter usado uma saudação escandinava causou hesitação em Gundar. Atrás dele, ele ouviu seus homens resmungando, tão confusos quanto ele com essa aparição. Eles haviam esperado alguma resistência ou fuga das pessoas que encontrassem e não um inquérito educado.

Percebendo que tinha perdido a primeira iniciativa, Gundar gritou com raiva "Caia fora! Caia fora, corra ou lute! Nós não nos importamos com o que você escolher!".

Ele começou a andar para frente, a figura se ajeitou na sela "Nem mais um passo"

Gundar sentiu uma ponta de autoridade. Ele hesitou, atrás dele ele ouviu a voz baixa de Ulf.

"Cuidado Gundar. Esses arqueiros podem atirar como demônios."

Como se tivesse ouvido o que Ulf disse, o arqueiro continuou "Continue a andar e você vai morrer antes de dar dois passos."

Consciente do olhar de seus homens, Gundar bufou e começou com desdém para o arqueiro. Ele fez um breve borrão de movimento. Relembrando do incidente um pouco mais tarde, ele não tinha clara consciência de que movimento tinha feito. O estranho, ofuscado pela luz, em sua capa camuflada e o arco se movendo na velocidade da luz e um silvo selvagem. Uma flecha estava com a cabeça enterrada e tremendo bem a frente de seus pés. Ele se afastou rapidamente.

"Essa flecha poderia ter sido bem no meio dos seus olhos" disse a voz calma, e Gundar percebeu que era verdade. Ele abaixou o machado de batalha que estava descansando em seus ombros. Inclinou-se com a cabeça e tocou o chão.

"O que você quer?" Ele perguntou.

"Apenas palavras entre amigos. Eu não estava ciente de que o tratado de Hallasholm havia sido rescindido."

"O tratado não proíbe assaltos individuais." Gundar respondeu. Ele pensou ter visto o arqueiro assentindo, apesar de ter sido difícil dizer por causa do capuz.

"Não em tantas palavras, talvez" ele disse "Mas Oberjarl Erak diz que desaprova fortemente em especial quando se trata dos seus amigos e seus bens.".

Gundar riu com desdém "Amigos? O Oberjarl não vê os Aurelenses como amigos."

ele disse, apesar do tom de duvidas aparecer em sua voz durante a sua fala. Houve uma pausa. O arqueiro não respondeu a pergunta diretamente. Em vez disso, ele olhou para o baixou sol de outono.

"É o final da temporada de invasão" Will disse finalmente. "Eu suponho que você estava invadindo a Gália e a costa Ibérica." Essa foi uma suposição fácil, não havia tido nenhuma invasão na costa sul Aurelense. Ele olhou para os homens atrás dele, ele pensou que sabia por que eles desembarcaram aqui.

"Vai ser um longo e difícil caminho atravessar Stormwhite nesta época do ano"

disse Will, mantendo o tom calmo e amigável. "Os ventos do outono vão começar em breve Você vai passar o inverno em Skorghijl, eu suponho?"

Ele viu a onda de surpresa atravessar os escandinavos. O líder olhou para os seus homens para silenciá-los.

"Skorghijl? O que você sabe sobre Skorghijl?"

"Eu sei que é uma rocha negra a centenas de quilômetros de qualquer lugar. É úmido frio e desprovido de qualquer conforto, e não tem uma única lâmina de grama." Will lhe disse. "mas ainda é melhor, do que cruzar

Stormwhite em más condições meteorológicas" Ele fez uma pausa para sua fala fazer efeito. "Ou pelo menos foi quando eu estava lá no Wolfwind."

Agora isso teve efeito, pensou Will. Wolfwind tinha sido o barco de Erak antes de ele ter sido eleito o Oberjarl. No entanto, haveria poucos Aurelenses que saberiam disso.

Navios escandinavos não tinham seus nomes pintados neles. Ele ouviu o grupo resmungando em voz baixa, ele viu a incerteza do líder que percebeu que a única maneira do arqueiro saber do nome do navio de Erak seria ter conhecido o mesmo.

Isso foi precisamente o pensamento que estava passando na mente de Gundar. No entanto, ele não tinha feito à ligação óbvia. Ulf fez. Ulf agarrou o braço do seu líder.

"É ele!", Ele disse urgentemente. "A pessoa que nos ajudou a derrotar os cavaleiros do leste!"

Gundar olhou para a figura no cavalo. Ele tinha ouvido falar do jovem aprendiz de arqueiro que tinha lutado lado a lado com os escandinavos cinco anos atrás, mas Gundar não tinha visto ele. Ele estava no interior e não participou da breve e sangrenta guerra contra os Temujai. Mas Ulf havia participado. Ele havia tomando seu lugar protegendo os muros no combate final. Neste momento Will havia jogado o capuz para trás, e foi possível ver o choque no rosto de Ulf. Ele o reconheceu.

"É ele Gundar!" Falou ao Capitão, e depois adicionou com uma risada sinistra.

"Você fez bem em parar. Eu vi ele esvaziar cinco selas Temujai em apenas alguns segundos de guerra."

Isso não foi tudo. Se aquele era o lendário aprendiz que ele estava pensando, então ele era um amigo próximo do Oberjarl Erak — e incursões em seu território talvez não fossem o melhor movimento para um skirl fazer. Erak era conhecido pela lealdade a seus amigos e pavio curto a quem o ofendeu.

Gundar não era o mais rápido dos pensadores. Chegou à mesma conclusão que seu auxiliar após alguns segundos. Ele hesitou sem saber o que dizer ou fazer em seguida. Ele e seus homens tinham uma urgente necessidade que influenciou sua invasão a Seafcliff. Eles precisavam de provisões para os longos meses que iriam passar em Skorghijl. A ilha deserta gerava um porto seguro para os wolfships, mas havia poucas maneiras de se conseguir comida por lá e o Wolfcloud foi tudo menos bem-sucedido quando veio capturar suprimentos. Caso eles viajem até a Skorghijl muito provavelmente morreriam de fome.

Gundar e seus homens precisavam fazer um assalto. Eles precisavam de

carne, farinha e grãos para passar o inverno. E de bebida se pudesse obtê-la, pensou ele, inconscientemente, sua língua lambia os lábios secos. Amigo ou não, o Oberjarl não podia culpá-lo por cuidar do bem estar da sua tripulação.

"Saia daqui Arqueiro", falou ele tomando sua decisão. "Prefiro não levar armas contra um amigo da Escandinávia. Por isso vou lhe dar essa ultima chance."

Ele ergueu o machado enquanto falava. Ele ficou meio desconcertado ao ver o sorriso no rosto do jovem.

"Quão amáveis vocês são", disse Will agradavelmente, "E se eu realmente for embora, o que vocês pretendem fazer?".

Gundar apontou para a direção do castelo e das vilas que de alguma forma ele sabia que estavam além daquelas árvores.

"O que viemos fazer.", declarou ele. "Vamos pegar o que queremos e ir embora."

"Você não vai ficar com mais de dez homens" disse Will em um tom razoável.

Gundar bufou irritado.

"Dez? Eu tenho vinte e sete homens atrás de mim." Houve um grito furioso dos homens atrás dele em aprovação, apesar de Ulf não ter participado. Gundar percebeu isso.

Desta vez quando o arqueiro falou não teve nada de agradável em seu tom, era frio e rígido.

"Você ainda não chegou ao castelo", disse Will. "Eu tenho vinte e três flechas em minha aljava, e mais uma dezena na minha albarda. E você tem vários quilômetros a percorrer dentro do alcance de minhas flechas. Ruim de tiro como eu sou, devo ser capaz de levar mais da metade de seus homens. Então você estará enfrentando a guarnição com apenas dez homens."

Involuntariamente olhando para a linha das arvores Gundar percebeu que isso era verdade. O arqueiro poderia desaparecer no meio das árvores e manter fogo constante contra eles.

"Tente vir depois de mim e você só tornará isso mais fácil." Adicionou Will e a respiração de Gundar explodiu. Montado como estava, e com sua habilidade de arqueiro para não ser detectado no meio das árvores, Will escaparia da tropa com facilidade. O Skirl sentiu a raiva estourar dentro dele. Ele havia sido preso aqui, sem opções de saída para ele.

Se ele não invadisse a vila, ele e seus homens morreriam de fome. Por outro lado se eles tentassem invadir, certamente muito deles morreriam. Will assistia cuidadosamente, esperando o momento certo, pouco antes da raiva transbordar em uma ação frustrada.

"Uma alternativa.", Will disse calmamente. "Nós poderíamos ser capazes de chegar a um acordo."

7



"Eles estão chegando!" O clamor do vigia ecoou pela torre mais alta do Castelo de Seacliff. O Barão Ergell recuou, o olhar perdido, até que finalmente eles seguiram a direção que o vigia apontava com o braço.

Um grupo de guerreiros escandinavos emergiam por entre as árvores na clareira ao redor do Castelo. Uma figura montada à cavalo acompanhava o homem que os lideravam.

E havia também, pelo que ele podia notar, um cachorro preto-e-branco que os acompanhava lado-a-lado.

"Ele conversou com eles, não foi?" Ergell perguntou e Norris afirmou, ele permanecia em pé nas ameias, ao lado de seu líder. Quando ele deixara Will pelo caminho, ele não se distanciara mais que um atalho. Ele vira Will se encontrar com os escandinavos, pronto a ir a seu socorro se fosse necessário.

"Sim. Ele simplesmente ficou no caminho deles e conversou. Eu o vi atirar uma única flecha, como aviso. Na verdade eu não vi, ela simplesmente apareceu lá. Eles são estranhos e misteriosos, esses arqueiros."

"E ele disse algo relacionado a um banquete?"

Desta vez Norris apenas deu os ombros. Ele já havia passado as instruções para Rollo, mesmo estando intrigado também com o fato. "Um banquete, milord. Embora eu não possa lhe informar o que se passa na cabeça dele."

Enquanto conversava, Ergell contava a força escandinava que se aproximava do castelo. Aproximadamente trinta, pelo que contou. Muito mais do que poderiam lidar numa batalha. Ele tinha que enfrentar o fato de que a vila poderia ter sido saqueada e queimada até sua destruição. Os aldeões ficariam seguros dentro dos muros do castelo e o gado havia sido solto e espantado conforme Will tinha ordenado. Entretanto o povo, que dependia dele, perderiam suas casas e seus pertences. E isso era sua culpa.

Os escandinavos estavam parando agora, a cerca de duzentos metros do castelo. Ele viu o Arqueiro desmontar de seu cavalo e se dirigir ao líder escandinavo, um homem gigantesco usando um capacete com chifres e carregando um enorme machado de lâmina dupla de batalha. Um espécie de

acordo parecia estar sendo feito entre os dois homens e Will montou novamente seu cavalo e veio em direção ao castelo num rápido galope. O cachorro acelerou de modo que somente um pastor seria capaz de fazer, para permanecer a frente deles.

"Talvez nós devêssemos ir até lá embaixo e ver o que ele tem em mente!" Disse o barão. Ele e seu mestre de guerra desceram as escadas em direção ao pátio.

Eles chegaram ao mesmo em tempo que os guardas abriam uma pequena entrada pelo portão para permitir a entrada de Will. Ele cumprimentou o Barão e Sir Norris ao se aproximar.

"Nós temos um acordo com os escandinavos, milord" ele disse. O barão percebeu que ele estava falando em alto tom e que usara de propósito a palavra nós, de modo que os mexeriqueiros que estavam de ouvido atento pensassem que ele tinha agido de acordo com as instruções do barão. Teria sido muito fácil para o arqueiro mostrar sua autoridade diante do povo, entretanto ele escolhera não o fazer.

"Deu para perceber." Ele respondera rispidamente, para que as pessoas não percebessem que ele não tinha a mínima ideia do que Will estava falando. O jovem arqueiro se aproximou e falou em voz baixa, de modo que apenas Ergell e Norris poderiam ouvir.

"Eles estão precisando de provisões para o inverno" ele falou calmamente, "por isso vieram até aqui. Eu os garanti que daríamos cinco bois, dez carneiros e mais uma quantia considerável de farinha"

"Cinco bois!!!" Ergell começou a se indignar, mas o olhar gelado de poucos amigos que o arqueiro lançou a ele cortou seu protesto pela metade.

"Eles iam pegar de qualquer maneira," ele disse, "e ainda por cima, iriam queimar a cidade. É um preço pequeno a se pagar, milorde."

Ele não desviou o olhar do Barão. Não precisava falar em voz alta o que estava pensando, que o barão se encontrava naquela posição por culpa de sua própria negligência, dele e a de Norris. Pensando nisso, o preço que estava pagando era pequeno. Ele viu Norris concordar com Will.

"Os boi sairão do meu próprio rebanho, milorde," ele disse. Ergell sabia que o seu mestre de guerra estava tomando sua parcela de culpa no ocorrido e concordou.

"É claro. E as ovelhas sairão do meu. Dê a ordem, Norris" ele disse.

Will soltou um pequeno suspiro de alivio em seu pensamento. Ele esperava que os dois homens entendessem que aquela era a melhor solução. Will poderia ter tentado de outra maneira com Gundar, entretanto não queria abater homens indefesos. Além disso, até mesmo dez escandinavos poderiam fazer um

grande estrago, como ele sabia por experiência própria. E francamente, como tudo isso era culpa de Ergell e Norris, seria bem feito para eles arcarem com o preço que a situação exigia.

"Enquanto isso, senhor, convidei Gundar e seus homens para se juntarem a nós e banquetearmos. Creio que pedi para Norris conversar com o cozinheiro a respeito"

Ergell foi pego de surpreso "Banquetear conosco?!" ele disse, "Escandinavos? Você quer que eu os deixe entrar aqui?"

Ele olhou rapidamente para as grossas paredes do muro e para o maciço portão de madeira. Will assentiu.

"Gundar jurou pelo seu capacete que não haverá problemas, milorde. E um escandinavo nunca quebra sua palavra."

"Mas..." Ergell ainda estava hesitante. A ideia de deixar esses selvagens escandinavos adentrarem em sua fortaleza era por demais extravagante. Norris estava voltando, tinha ido mandar juntar os animais. Ergell se dirigiu a ele indefeso.

"Aparentemente nós vamos deixar esses piratas entrarem — e ainda faremos um banquete" ele disse. Por um momento ele viu Norris reagir da mesma maneira que ele. Mas então o cavaleiro lembrou-se da pequena figura solitária do arqueiro esperando na estrada para se encontrar com os escandinavos e então deu os ombros.

"Por que não?" disse ele em um tom resignado. "Eu nunca encontrei um escandinavo em um evento social antes. Isso pode ser bem interessante."

Will olhou para os dois. "Isso pode ser barulhento," disse ele e então acrescentou num tom de alerta. "Mas não tente competir com eles para ver quem bebe mais. Vocês nunca ganharão".

8



"Ancião Halt é um homem lutador.
Eu ouvi falar de conversas
que o Ancião Halt corta o cabelo
Com um garfo e uma faca de trinchar.
Adeus a ti, Ancião Halt,
adeus a ti eu digo.
Adeus a ti, Ancião Halt,
Amanhã é um novo dia."

Will bateu o último acorde na mandola assim que ele terminou as últimas palavras, deixando que as notas ecoassem. Delia aplaudiu e riu, deliciada.

"Você é muito bom" ela disse, com uma nota de surpresa em sua voz. "Você devia vir na taberna e cantar alguma vez"

Will balançou sua cabeça. "Eu acho que não," ele disse. "Sua mãe não iria gostar de ver o seu bar esvaziar comigo cantando e tocando."

Para dizer a verdade, ele estava certo de que a ideia de cantar e tocar divertidas canções na taberna não condiz com a dignidade ou com o ar de mistério dos Arqueiros. Ele não estava totalmente certo de que ele deveria ter tocado para Delia, quando pensou sobre o assunto. Mas ela era linda e amigável e ele era jovem e um pouco solitário e ele decidiu que poderia dar a ele mesmo uma margem para manobra sobre o assunto.

Eles estavam sentados na varanda da cabana. Era final da tarde e o sol de outono estava baixo no oeste, e a luz, manchada pelos galhos meio nus das árvores. Na semana passada, desde o banquete com os Escandinavos, Delia começou a tomar o lugar da mãe na entrega de seu jantar. Nessa noite, quando ela chegou, ele estava sentado praticando a parte instrumental de Ancião Halt, uma complexa sequencia de dezesseis notas, tocadas num ritmo de condução. Ela pediu para ele tocar novamente e cantar também. A música era uma tradicional, originalmente intitulada Velho Joe Fuma, e era sobre um pastor descabelado que dormia com suas cabras para se manter aquecido. Quando Will

começou a aprender a mandola, ele brincou intitulando isso de Ancião Halt, como um comentário ao cabelo e barba despenteados de seu mentor.

"Mas o Arqueiro Halt se opõe a você ficar fazendo piada dele assim?" Delia perguntou, com os olhos um pouco arregalados. A reputação sinistra de Halt era conhecida em todo o reino. A ideia de satirizar ele pareceu perigosa para ela. Will deu de ombros.

"Ah, Halt não é tão sério quanto você pensa. Ele realmente tem um grande senso de humor," ele disse.

"Ele certamente estava rindo na hora que ele fez você passar toda a noite em cima de uma árvore por cantar essa canção", veio uma voz atrás deles. Era uma voz familiar.

Baixa, feminina e com uma cadência única que lembrou Will de uma corrente que flui sobre pedras lisas. Ele a reconheceu de primeira e pulou, virando-se para o locutor, enquanto ela se aproximava no fim da pequena varanda.

"Alyss!" Ele disse, um sorriso encantado se espalhando por todo seu rosto. Ele saiu a seu encontro, suas mãos saindo em saudação. Ela as tomou para si própria quando entrou na varanda.

Ela era alta e muito elegante, vestida em um lindo vestido branco. Era o uniforme oficial do Serviço Diplomático e suas linhas simples desmentiam sua elegância ao mesmo tempo em que mostravam suas pernas longas figurando para a perfeição. Seus cabelos loiros eram retos e batiam nos ombros, caindo de cada lado de seu rosto alimentando suas feições. Olhos cinza brilhavam quietamente em uma brincadeira entre ela e Will. O quadro foi completado por um nariz reto, queixo firme e uma boca cheia que ecoava a dica de diversão e prazer genuíno em seus olhos.

Eles ficaram sem palavras por um momento, deliciados de verem um o outro outra vez, Alyss era uma das amigas mais antigas de Will, sendo uma das protegidas do Castelo Redmont. Na verdade, quando Will retornou para Redmont, com o coração partido de sua despedida da Princesa Cassandra, eles tinham progressivamente aumentado para algo mais do que amigos. A graciosa diplomata aprendiz tinha percebido a sua necessidade de carinho, companhia feminina e afeição e tinha ficou mais do que feliz em fornecer os três.

Não havia progredido muito após algumas tentativas de abraços e beijos no luar, e talvez por isso, havia uma sensação de trabalho inacabado entre eles.

Delia, vendo o prazer evidente na companhia de um do outro, percebeu a relação e com relutância se rendeu. Ela era realista o suficiente para saber que ela era bonita e animada e provavelmente a garota mais atraente da sua idade na ilha. Mas essa loira elegante no vestido branco macio era mais do que bonita.

Ela era elegante, graciosa e, em uma palavra, linda. Não havia competição, ela pensou, resignada em como as coisas foram começando a derreter com aquele homem interessante e bonito jovem.

"O que você está fazendo aqui?" Will finalmente encontrou sua voz e levou Alyss para onde ele e Delia estavam sentados. A menina da vila notou que ele manteve segurando uma das mãos de Alyss e ela não fez nenhum movimento para quebrar o contato.

"Ah, apenas um malote diplomático rotineiro do tribunal", ela disse, balançando a cabeça para significar que sua missão era pouco importante "Eles estão indo para metade dos feudos. Nada de tremer a terra. Eu soube que você estava em Seacliff, então eu troquei atribuições com outro correio para poder vir ver você".

Ela olhou significativamente por cima do ombro, levantando uma sobrancelha requintada para lembrá-lo de suas maneiras. Will percebeu que ele havia se esquecido de Delia, e agora ele se apressou, batendo sobre onde ele inclinou-se contra sua cadeira.

Houve um momento de confusão quando ele a recolheu. Ao menos, pensou Delia, isso significava que ele precisaria largar a mão de Alyss.

"Desculpe-me!" Ele disse correndo. "Alyss, essa é Delia, uma amiga minha daqui.

Delia, essa é a Mensageira Alyss, uma de minhas mais antigas e queridas companheiras.

Delia estremeceu interiormente no "mais queridas", mas sorriu bravamente quando apertou a mão de Alyss. Foi suave e quente, é claro, com um aperto surpreendentemente forte.

"Prazer em conhecê-la" ela disse. Alyss sorriu, sabendo que Delia estava nada satisfeita.

"Como vai você?" Disse ela. Will olhou para elas, indeciso, sem saber o que fazer.

Então o prazer em ver Alyss novamente o assumiu.

"Então, você vai ficar quanto tempo? Você vai ter tempo para eu te mostrar a ilha?"

Ele disse, e Alyss balançou a cabeça com pesar.

"Apenas hoje e amanhã" ela disse. "Há um banquete formal amanhã, mas eu estou livre hoje à noite e eu pensei...?" Ela deixou a frase pendurar e Will aproveitou a oportunidade ansiosamente.

"Bem, então jante comigo essa noite!" Ele fez um gesto em direção a cabine atrás deles. "Vou perguntar a Edwina se ela pode servir para outra pessoa."

"Edwina?" Alyss repetiu, levantando uma sobrancelha. Ela olhou para a cabine, querendo saber se Will mantinha uma tribo de mulheres com ele. Delia respondeu antes que Will pudesse explicar.

"Minha mãe", disse ela. "Nós somos donos da Taberna da cidade" Ela sorriu com excesso para Will. "Eu posso dizer para ela se você quiser. Não vai ser problema para ela, e estava na hora de eu voltar de qualquer maneira"

Will hesitou, sem saber como lidar com essa sucessão de eventos. "Ah ... bem ...

bem". Então, deixando apenas uma pausa longa, ele acrescentou: "Por que não juntar a nós? Podemos jantar todos juntos?".

Delia sentiu um pequeno triunfo quando o sorriso de Alyss desapareceu ligeiramente, e por um momento ela ficou tentada a aceitar. Mas ela percebeu quase de imediato que este pequeno triunfo era provavelmente o único que ela teria naquela noite.

"Não. Eu tenho certeza que vocês têm muito para conversar. Vocês não me querem junto".

Alyss, ela notou, não fez nenhum movimento para contradizê-la. Will, um pouco sem jeito, disse: "Bem, se você tem certeza, então..." Ele sentiu a tensão no ar mas não tinha ideia do que fazer sobre isso. Delia já estava recolhendo a pequena tigela de barro que ela havia trazido para seu jantar.

"Vou levar isso de volta" ela disse. "É apenas ensopado, e tenho certeza de que minha mãe vai querer fazer algo especial para a querida amiga de um Arqueiro"

"Isso é ótimo" Will respondeu automaticamente, sem perceber o a ironia no tom dela. Seus olhos ainda estavam presos em Alyss.

Delia esperou um segundo ou dois, então perguntou: "Que horas vocês gostariam de jantar?".

Alyss respondeu por ele: "Eu tenho um encontro com o barão primeiro" ela disse.

"E eu gostaria de resolver minha hospedagem e tomar um banho antes do jantar. Talvez em duas horas?".

"Daqui a duas horas então" Delia respondeu. Então ela adicionou para o Will, "E eu vi Mamãe fazendo uma torta de frutas especial antes. Talvez você gostaria dela para sobremesa?".

Will assentiu com alegria, gostando da ideia.

"Isso seria ótimo. Obrigado, Delia" ele disse. Ela forçou um sorriso, acenou em despedida para Alyss e se afastou, caminhando rapidamente em direção à vila.

"Por que você ofereceu torta para eles?" Ela se perguntou baixinho

enquanto caminhava. Era quase como se ela estivesse tentando fazer as coisas piorarem para ela, acrescentando amargamente: "Talvez você poderia voltar e montar um jantar romântico a luz de algumas velas para eles também?"

Ela olhou para trás assim que ela contornou a borda do bosque, mas Will e Alyss não estavam prestando nenhuma atenção nela. Amargamente, ela notou que eles estavam de mãos dadas novamente.

"Você está ficando cada vez mais famoso", Alyss disse, sorrindo para Will no outro lado da mesa de jantar.

"Estou apenas me virando".Ele disse. "É tudo um pouco opressivo, na verdade"

O olhar firme de Alyss disse-lhe o que ela viu através de sua pretensão de distorcer as coisas.

"Convidando a tripulação do Wolfship para um banquete?" Disse ela. "Prevenindo uma batalha no feudo, entregando poucos animais e um ou dois barris de vinho? Eu diria que você resolveu as coisas muito bem".

"Ah, Escandinavos não são tão difíceis de tratar uma vez que você os conhece", Will respondeu. Então sorriu para ela. Ele realmente estava muito orgulhoso da maneira como ele lidou com aquela situação potencialmente perigosa. "Além disso" acrescentou ele, "valeu a pena para ver todos os cavaleiros folgados e suas damas sentados para jantar com uma tripulação de piratas sanguinários"

Alyss franziu as sobrancelhas ligeiramente, enquanto ela corria o dedo à volta do topo do copo de vidro. "Não era um pouco arriscado?" perguntou ela. "Afinal, poderia acontecer qualquer coisa com essa mistura de pessoas".

Will balançou a cabeça com firmeza. "Não depois de Gundar me dar a sua palavra como um jarl. Nenhum escandinavo jamais quebra esse juramento. E eu sabia que Norris manteria seu povo sobre controle, que era o mínimo que ele poderia fazer", acrescentou significativamente. Alyss pegou a mensagem tática e ergueu as sobrancelhas em uma pergunta. Will hesitou um instante, não querendo jogar no ar a roupa suja de Seacliff em público. Então ele percebeu que Alyss era um membro do serviço diplomático, e acostumada a ouvir segredos muito mais importantes do que este.

"Norris e o Barão tinham deixado as coisas muito frouxas por aqui. Eles não teriam nenhuma chance em uma batalha. Seus homens estavam mal treinados, mal armados e fora de condição física. Pelo menos Norris percebeu o fato e apoiou a ideia do banquete".

"E foi de fato uma boa ideia" Alyss disse calmamente. Will franziu seus lábios, pensativo.

"Suponho que o fato de eu ter feito a travessia do Stormwhite ajudou

nisso".Ele disse. "Eu percebi que eles estavam com falta de provisões e que não durariam o inverno sem elas. Ao fazer as coisas à minha maneira, eles não teriam que lutar pelas provisões, e eles acabaram indo para um banquete também". Ele sorriu com a lembrança mais uma vez.

"Então, eles estão em segurança em todo o caminho de volta?" Alyss perguntou casualmente. Will balançou a cabeça.

"Eles ainda estão amassando a carne para durar durante o inverno".Ele disse, "Vão estar em Bitteroot Creek por mais dois ou três dias, então eles estarão no seu caminho de volta".

"Isso significa que eles ainda são um perigo para o feudo?" Perguntou ela, mas Will se apressou a tranquilizá-la a esse respeito.

"O juramento de Gundar se mantém" disse ele. "Eu confio nele totalmente." Ele sorriu ao acrescentar, "especialmente porque ele sabe que eu sou um amigo pessoal do Oberjarl Escandinavo".

"Você vai informar a negligência de Norris de seu dever, não vai?", Alyss perguntou. Como Arqueiro, a fidelidade principal dos mensageiros era para o Rei. Will assentiu.

"Terei que fazê-lo" disse ele, "Mas pelo menos posso afirmar que ele aprendeu sua lição. Seus homens estão treinando sem parar desde a manhã depois do banquete, e foi um momento impopular eu poderia dizer. Em qualquer outro mês ou algo assim, ele vai ter que chicoteá-los para manterem a forma".

"Então as coisas estão em ordem aqui?" Alyss disse, casualmente, em seguida acrescentou: "Não haveria nenhum problema se você tivesse que deixar a vila por um tempo?".

Will estava pegando o jarro de água quando ela disse as últimas palavras. Sua mão congelou no ar e olhou nos olhos dela. Eles estavam sérios agora, sem nenhuma sugestão de humor e do calor que tinha sido tão evidente no início. Isso, ele percebeu, eram negócios.

"Deixar? Disse ele, e ela concordou".

"Não é por acaso que estou aqui Will, Ah... havia alguns documentos de rotina para entregar, mas Halt e Crowley especificamente me pediram para assumir essa tarefa e darlhe uma mensagem. Você está sendo transferido".

Will sentiu uma pontada súbita de dúvida com essas palavras. Talvez sua atuação na situação dos Escandinavos não tenha sido tão inteligente quanto ele pensava. Alyss viu a preocupação escrita em seu rosto e se apressou a tranquilizá-lo.

"Não é nenhuma punição, Will. Eles estavam muito satisfeitos com a maneira como você lidou com as coisas, Halt, em particular. Eles têm uma

missão temporária e precisam de você para ela".

Ele sentiu o peso de levantar dúvidas de suas palavras. "Que tipo de tarefa?".

Alyss deu de ombros. "Eu não sei os detalhes ainda. É altamente confidencial" ela disse. "Como eu disse, eles queriam que eu entregasse a mensagem porque eu era uma antiga amiga. Dessa forma, as pessoas não vão começar a se perguntar por que você desapareceria de repente, após a visita de um Mensageiro. Elas só vão relevar, será visto como o gosto dos Arqueiros por sigilo. Espero que eles pensem que a minha visita era puramente social, particularmente com a sua namorada Delia para atiçar o fogo da fofoca".

Will corou ligeiramente. "Ela é apenas uma amiga!" ele protestou desajeitadamente.

Mas Alyss não respondeu. Ela estava apontando para a cadela, que estava deitada, satisfeita nas pedras quentes ao lado do fogo. Agora ela estava acordada, orelhas achatadas contra a lateral de sua cabeça, os dentes arreganhados. Um rosnado baixo surgiu em seu peito. Seu olhar era fixo na porta da cabine.

"Há alguém lá fora", Will disse suavemente.

9



Ele sinalizou para Alyss permanecer onde estava, Will foi silenciosamente para a porta. O trinco estava se movendo uma fração de cada vez, a pessoa fora de casa estava testando se o trinco estava trancado. Como a língua de madeira subiu do encaixe que a estava segurando no lugar, Will se jogou em uma posição ao lado do trinco da porta, encostado na parece.

Ele acenou para Alyss, e a garota, perspicaz como sempre, começou a falar sobre Halt e Crowley e como eles tinham mandado saudações para ele. Ela começou a descrever a refeição que tinha desfrutado com eles, enquanto entrava em detalhes sobre as habilidades do Mestre Chubb de Redmont.

A porta parou de se mover, a conversação deles tinha parado, Então Alyss começou a falar mais uma vez, ela começou avançar muito lentamente nas dobradiças bem lubrificadas sem fazer nenhum barulho, Will fez uma nota mental para parar de lubrificar as dobradiças. Halt sempre permitia um pouco de ferrugem nas dobradiças da porta da frente.

Ninguém pode pegá-lo de surpresa, ele era aficionado em repetir.

Will deu de ombros. A única pessoa a ser surpreendida era o intruso no lado de fora.

Por um momento, ele desejou saber se não seria Delia no lado de fora que voltara pra escutar a conversa entre ele e Alyss. Porem ele abandonou a Idéia. O Cadela nunca iria se comportar daquele jeito se fosse o caso. A porta estava aberta 15 centímetros agora já se podia ver a mão no trinco exterior. Era a mão esquerda de um homem, que ele reconheceu.

E ele sabia que na mão direita provavelmente estaria segurando algum tipo de arma. Alyss deixou cair uma Gargalhada forte, com objetivo de convencer o intruso de que eles estavam realmente preocupados com a conversa. A ideia pareceu funcionar a porta abriu mais um pouco, agora era possível ver o braço do intruso.

Will se moveu rapidamente, agarrando o homem pelo pulso direito o torcendo para que o homem entrasse na sala, ao mesmo tempo, ele fez um movimento de pivô passando a perna esquerda dele pela entrada como uma barreira, assim o estranho foi empurrado adiante e tropeçou em cima da perna

estendida. Com um grito de surpresa, o homem tropeçou no quarto, impelido pelo puxão totalmente inesperado no braço, e caiu em cima da perna de Will, batendo numa cadeira que voou em direção ao canto da sala enquanto ele caia. Mais ele se recuperou rolando rapidamente, e saltou para encarar o arqueiro. Então como Will esperava, ele tinha uma arma na mão direita — uma lança de guerra em um cabo cinza ele a apontou para Will a segurando com as duas mão, a cabeça era sensivelmente afiada como se hipnotizasse o inimigo.

Will não se moveu. Ele estava, apoiado nos calcanhares, pronto para a ação e estava desarmado. Ele olhou com interesse para Alyss, tinha caído aos seus pés, ela possuía uma longa e poderosa adaga em sua mao,Se perguntando se ela sabia como usar aquilo.

A cadela, excitado pelo confusão súbita , estava latindo furiosamente. Sem levar os olhos do intruso, Will a pediu para ficar quieta. Nitidamente Ela baixou, enquanto rosnava ameaçadoramente, enquanto ele avaliava o homem da lança. Ele era grande e gordo, com cabelo preto desleixado e uma barba preta. Os olhos eram pretos e queimavam com raiva em baixo das grosas sobrancelhas e nariz largo que havia quebrando em algum momento e colocado de volta de mal jeito o deixando com um ar de criminoso. Ele usava uma veste escura, calças compridas lanosas e um capote marrom. Will nunca o tinha visto antes mais ele sabia quem era ele.

— John Buttle,- ele disse calmamente. — O que você quer aqui?

Um sorriso desagradável tocou a boca do homem então ele respondeu. A voz estava funda e gutural, sua pronuncia e maneira de fala o marcava como um cidadão.

— "Você me conhece? Eu não tive esse prazer."

— Eu conheço de você — Will respondeu com o mesmo tom — Você tem uma reputação ao redor desse feudo.

Buttle zombou. — Reputação! Nada foi provado contra min e nada sera.!

— Talvez seja porque nunca nenhuma testemunha sai viva quando você faz seu trabalho sujo." Então Will somou rapidamente. –Agora pega essa! O que você esta fasendo invadindo minha casa no meio da noite?

Por um momento, um olhar confundido sacudiu pela face de Buttle. O tom autoritário de Will o surpreendeu afinal de contas era ele que estava armado. O pequeno arqueiro que agora olhando ainda era um menino, que estava sem armas. Oh, Ele tinha oque parecia uma faca em seu quadril, mas Buttle poderia espetalo antes que ele a conseguisse tirá-la. E a menina loira, sua adaga não o botava medo.

— Eu vim pela minha cadela,- Ele disse lentamente. –Ouvi que você a tinha roubado e eu a quero de volta.

Ele olhou para o cadela e falou fazendo o cadela encostar a barriga no chão e intensificar o rosnado.

— Cala boca — Ele ordenou para ela, mas a cadela só rosnou mais enquanto descobria seus dentes.

— Certamente você sabe lidar com ela — Will disse. Ele fez um gesto de mão rápido e ela inquietou por uns instantes.

— Muito inteligente! Buttle zombou, Agora completamente nervoso. — Eu vou lhe ensiná-la boas maneiras, Igual da última vez. Essa vadiazinha tentou me morder assim e eu dei uma lição a ela.

— Com essa grande lança, eu suponho? — Alyss Perguntou — Como inacreditavelmente valente você é. –Ela se apoiou desinteressadamente contra a parte de traz da cadeira na qual ela estava sentado avaliando calmamente o homem barbudo. Will rio quietamente para si mesmo pela postura dela.

— Não brinque comigo garota!"- Ele gritou — Não você com esta pequena faca e suas coisas secretas de Diplomata- Ele moderou a voz e continuou — Temos uma mensagem secreta para você Arqueiro não termos? Eu aposto que tem gente que vai pagar caro para descobrir oque é.

O Will e Alyss trocaram relances rápidos. Buttle viu a troca e continuou, com confiança crescendo.

"Oh sim, Eu ouvi você e suas intrigas. Arqueiros e Diplomatas, sempre rastejando ao redor desses seus segredos, não? Aprendam a controlar suas vozes quanto John Buttle Estiver por perto."

Ele estava agora em controle da situação e contente por ver que tinha quebrado o ar deles de despreocupação. Ele percebeu agora que ele tinha escutado algo importante quando ele estava no lado de fora da porta e o seu cérebro criminoso estava trabalhando para ver como ele poderia ganhar por isto. Sua Experiência longa lhe Ensinara que quando havia algo que alguém queria manter segredo, havia outro alguém que pagaria para saber sobre isto.

"Oh Querido" Alyss disse para Will. "Ele parece ter escutado nossa conversa."

Buttle riu dela — E escutei tudo certo. E não a nada que você possa fazer sobre isto.

Ela parecia considerar as palavras deles por um momento.refletindo sobre lesas.

Então de um modo muito verdadeiro ela respondeu, "Parece que não, se você morrer logo."

Então assim que ela disse essas palavras, ela sacudiu a adaga longa,acertando um ponto na lança e logo voltando para seu braço. Buttle balançou instantaneamente para ela caindo em uma posição defensiva, pronto

para dar um empurrão... e ouviu um estranho assobiar-clunk! seguido por uma sensação de batida em ambas as mãos como a faca de Saxônica de Will parecia saltar de sua bainha tosquiar-forrada. Sem pausa, balançou em um arco de mudança para golpear a lança dele atrás da cabeça de aço. Pesado como um machado, afiado como uma navalha, a lâmina especialmente suave do Saxônica cortou pela madeira de cinza dura como se fosse queijo. A cabeça pesada caiu no chão da cabana com um baque tocando e Buttle encarou em assombro a lança, repentinamente acéfalo e aparentemente leve nas mãos dele. Ele teve meio segundo para registrar o fato ocorrido antes de Will avançar contra ele e bater a parte chata da lamina sobre sua têmpora.

Nesse ponto John Buttle perdeu a consciência caiu ao chão como um saco de batatas.

"Muito Bom", Alyss disse, impressionado apesar dela pela velocidade de reações.

Ela inverteu o punhal novamente e o guardou escondido por uma dobra especialmente cortada no vestido dela.

Eles sorriram a um ao outro. A Cadela, confundiu, choramingou ligeiramente para atenção e Alyss se inclinou para a segurar, enquanto ela arrepiava a pele ao redor as orelhas dela.

Eu não sabia que eles trainavam para arremessar esses punhais!. Will disse e encolheu os ombros.

"E eles não treinaram. Estas laminas são muito finas para serem lançadas da forma que vocês arqueiros fazem. Eu há pouco quis distrair nosso amigo aqui assim você poderia lidar com ele.Will cruzou à cômoda contra a parede da cabana e procuro em uma das gavetas. Ele retirou vários pedaços de couro cru, então os moveu no chão na frente figura supina, rolando Buttle sobre o estômago dele e colocando as mãos dele atrás da parte de trás dele. Will deu laçada dois círculos pequeno de couro em cima dos dedos polegares do homem, então os livrou apertado por um bloco de madeira sobre eles.

E então usando de uma versão maior da amarração com os polegares, fez o mesmo com os tornozelos.

"Muito esperto" Alyss disse, Will olhou para o trabalho que havia feito e concordou.

"Um dos Arqueiros que criou esse trabalho. Os laços mantêm os polegares e tornozelos e os blocos de madeira apertados, sem que você se incomode em fazer nós"

Alyss pegou o seu copo e sentou-se em sua cadeira, olhando para Buttle caído inconsciente no chão. "É claro, que continuamos com o problema. O que faremos com ele agora?"

Will ia começar a responder, mas parou quando percebeu que Alyss estava pensando.

"Minha missão" ele disse "ele sabe sobre a minha missão. E agora teremos esse babaca gritando para todos e em detalhes"

Will ainda olhava atentamente para Buttler, que ainda não havia se mexido. "Eu posso pedir para o Barão prendê-lo, é claro, ele ameaçou você, e ameaçar um diplomata é ofensa séria." Mas Alyss balançou sua cabeça negativamente.

"Ainda não é o suficiente. Ainda há a chance de ele estar em contato com os outros presos, e até com os carcereiros, e nós não podemos arriscar que nenhuma palavra sobre isso saia da boca dele. Maldito seja! Talvez tenhamos que matá-lo, Will"

Ela disse isso relutantemente, porém de forma tão calma que Will ficou surpreso.

Ele olhou para ela com nova perspectiva, e percebeu que sua antiga companheira de infância tinha passado por um treinamento tão bruto quanto o dele. E um pensamento veio até ele, como memória do que haviam conversado mais cedo.

"Não acredito que isso seja necessário. Eu tenho uma ideia. Ajude-me selando meu cavalo e eu te contarei" ele disse.

Guntar Hardstriker se inclinou na fogueira e cortou um pedaço da carne que assava sobre as brasas. Ele soprou cuidadosamente o naco de carne quente, e então deu uma mordida, parabenizando-se enquanto aprovava o sabor. Era um bom pedaço de carne, macio e entremeado com gordura, e com um sabor defumado devido à fumaça que se sobrepunha ao sabor da carne. Ele olhou para a clareira próxima onde estava atracado o Wolfcloud. Sua tripulação estava ocupada cortando e defumando o resto da carne. O carneiro já havia sido cortado e salgado. E mais algumas horas, ele calculava, e eles já estariam prontos. E mais algumas horas para poder descansar até que a maré cheia viesse e os ajudassem a prosseguir viagem através de Stormwhite.

As chamas e fumaça de meia dúzia de fogueiras iluminavam a cena e lançavam uma sombra bruxuleante e esquisita às árvores que os rodeavam. A escultura da proa de Wolfcloud parecia flutuar na fumaça, e as luzes da fogueira davam um brilho estranho aos dentes da cabeça de lobo de madeira.

"Gundar!" Era Jon Tarkson, um dos veleiros que gritava do outro lado da clareira.

A cabeça do capitão girou curiosamente, e ele percebeu uma figura indistinta que emergia da escuridão. Ele ficou carrancudo ao perceber que na verdade era o Arqueiro. Ele vinha montado como era de costume, mas atrás

dele vinha um segundo cavalo carregando em sua sela algo que parecia ser um enorme embrulho.

Gundar levantou as mãos em cumprimento e foi se aproximando da figura. Ele estava começando a gostar do Arqueiro. Ele respeitava a maneira ingenua do jovem de achar soluções para os problemas iminentes e ainda por cima admirava a coragem dele.

"Bem vindo", ele disse e Will assentiu em resposta, desmontando. Gundar foi se aproximando, achando o caminho por entre o fogo e as montanhas de carne sendo defumadas, ele percebeu então que o embrulho que visualizara antes era na verdade uma pessoa inconsciente e com os pés e mãos amarrados. Ele apontou para a ele.

"Alguém andou se metendo em problemas, Arqueiro?", ele respondeu.

Will sorriu em resposta. "Você poderia dizer isso. Ele tem sido um transtorno por aqui. E me ocorreu que talvez ele pudesse ser útil a você."

Gundar franziu a testa e limpou a gordura da carne de seu queixo. "Útil?" ele respondeu "Eu já tenho toda a tripulação que preciso, além disso não preciso de um sulista destreinado a bordo do Wolfcloud" ele hesitou e então acrescentou "Sem ofensas, claro."

Will balançou sua cabeça, "Não ofendeu. Na verdade eu não o estava oferecendo como tripulação.Eu pensei que na verdade você poderia levá-lo como escravo.Vocês ainda têm escravos na Escandinávia, não têm?"

"Sim, nós ainda temos escravos." Ele disse, e se aproximou do cavalo, dando uma boa olhada no homem que ainda estava inconsciente. Ele pegou um tufo de cabelo e ergueu o rosto do desconhecido para dar uma olhadela. Idade aproximada dos trinta. Grande e forte.

"Ele é saudável?" Perguntou, e Will concordou com a cabeça.

"Tirando a concussão que provavelmente teve, ele é saudável como um cavalo."

Disse Will. E então se lembrou do ferimento na cadela e também dos assassinatos que cometeu, e completou "Ele seria bom para o trabalho nas pás dos moinhos".

Trabalhar nas pás dos moinhos era um castigo para os escravos escandinavos. Elas eram gigantescas pás de madeiras mantidas suspensas por sobre as águas, os escravos eram obrigados a ficarem levantando e abaixando elas, para que a água não congelasse rapidamente no inverno. E nesse processo, era inevitável que a água espirrasse e congelasse sobre a pele da pessoa. No seu tempo de escravo, Will fora designado para as pás, e isso quase o matou, até que Erak teve pena dele e o ajudou a escapar.

Gundar estava balançando negativamente a cabeça. "O Oberjal proibiu

esse tipo de trabalho, e além do que um escravo saudável como ele, seria um desperdício." Ele olhou Buttler mais uma vez antes de tomar a decisão. "Tudo bem, ele disse, quanto você quer por ele?"

Will desfez o nó que mantinha Buttle preso no cavalo, "Nada, considere ele como presente." Puxou o bandido pelo colarinho, até que o mesmo escorregasse do cavalo e caísse no chão. Buttle grunhiu suavemente e depois ficou em silencio. Gundar arregalou os olhos de surpresa.

"Um presente?"

"Esse homem está causando muitos problemas por aqui ultimamente, e ando sem tempo para resolver o que fazer com ele. Por isso pode levá-lo, e se quiser pode ficar me devendo um favor"

O Capitão escandinavo respondeu, "Você é cheio de surpresas, Arqueiro". E então chamou dois de seus homens que estavam por perto escutando a conversa, "Levem a carga a bordo, e o coloquem no convés."

Eles carregarão o homem, ainda inconsciente para dentro do barco. Gundar ergueu sua mão e Will apertou-a firmemente.

"Bem, você está certo, Arqueiro, ficarei lhe devendo este favor. Não só você alimentou minha tripulação, como também nos deu um pequeno lucro para dividirmos."

Will respondeu, "Vocês estão me fazendo um favor ao levá-lo, ficarei feliz em saber que ele está longe de Araluen. Bons ventos e fortes remadores, Gundar Hardstriker" ele adicionou a tradicional despedida escandinava.

"E uma boa jornada para você." Respondeu Gundar.

Will montou Puxão novamente, e enquanto seguia seu caminho, olhava para a figura do novo escravo de Gundar. Apesar de não haver mais as pás, sua nova vida não serie nada fácil.

10



Will segurou Puxão e olhou ao redor do quase deserto Acampamento da Reunião.

Era estranho vê-lo assim, tão vazio. Aquilo trazia um sentimento de melancolia à ele.

Normalmente, o campo levemente arborizado seria preenchido com as tendas pequenas e verdes dos cinquenta membros ativos do Corpo de Arqueiros já que vieram juntos para a sua reunião anual. Haveria fogos cozinhando, o barulho de armas escondidas pela prática, o zumbido de uma dúzia ou mais de conversas e repentinas explosões de riso como velhos amigos, chamado de saudações aos recém-chegados a cavalo.

Hoje, as áreas de acampamento entre as árvores estavam vazios. Havia apenas duas tendas, no outro extremo do campo, onde a grande tenda de comando era normalmente colocada. Halt e Crowley já estavam aqui, percebeu.

Mais de uma semana se passou desde a visita de Alyss para o feudo de Seacliff. O Correio elegante lhe deu suas instruções finais, dizendo-lhe para esperar dois dias após a sua partida, depois era para ele sair silenciosamente, sem deixar que ninguém soubesse para onde ele estava indo, e para fazer seu caminho para o local da Reunião, onde Halt e Crowley explicariam sua missão. Como ela estava indo embora, ela colocou as mãos sobre os ombros e olhou profundamente em seus olhos. Ela era mais alta que Will mais ou menos meia cabeça e ela sempre gostou do fato de que este não se incomodava, na verdade, a maioria das pessoas eram mais altos do que Will, de modo que não era um problema para ele. Por sua vez, admirava a forma como Alyss nunca tentou inclinar-se ou esconder a sua altura. Ela ficara ereta com orgulho, com uma torre, em uma linha reta enquanto se movia, hábito este que deu graça a todos os seus movimentos.

Tal como os seus olhares se encontraram, ele viu a luz de tristeza em seus olhos.

Então ela se inclinou e tocou-lhe os lábios, como asas de uma borboleta feita de luz e surpreendentemente suave ao toque. Ficaram assim por vários segundos e, em seguida Alyss finalmente recuou. Ela sorriu tristemente para ele,

arrependida de estar saindo logo depois de vê-lo novamente.

"Tome cuidado, Will", disse ela. Ele balançou a cabeça. Houve uma rouquidão na garganta e ele não confiava em si mesmo a falar imediatamente. Eventualmente, ele conseguiu resposta.

"E você também".

Ele tinha visto seu passeio enquanto ela se afastava com seus dois acompanhantes homens até que as árvores esconderam-na de vista. E ele havia permanecido observando algum tempo depois.

Agora, lá estava ele, pronto para descobrir mais sobre essa missão, ansioso, inseguro e um pouco triste com o pensamento de seus últimos momentos com Alyss e à vista do vazio Acampamento da Reunião. Então, a incerteza se dissipou e a melancolia levantou quando viu uma figura familiar encorpado movimento perto de uma das tendas.

"Halt!" gritou com alegria, e fez uma ligeira pressão com os joelhos em Puxão, que galopou através do Acampamento deserto. O cão pego de surpresa, latiu uma vez, depois saiu em perseguição como a flecha de um arco.

O sombrio Arqueiro endireitou-se na direção do fogo ao som da voz de seu ex-aluno.

Ele ficou de pé, mãos nos quadris e uma carranca no rosto para Will e Puxão que corriam na direção dele. Mas, por dentro, havia um raio de seu coração que ele nunca deixou de sentir quando em companhia de Will. Não pela primeira vez, Halt percebeu que Will já não era um simples menino. Ninguém usava a Folha de Carvalho de Prata se não tivesse provado ser digno. Apesar de si mesmo, ele sentiu uma onda de orgulho.

Puxão, pernas apoiados com firmeza, recostando-se sobre as patas traseiras, caiu para uma parada ao lado do Arqueiro, dirigindo uma espessa nuvem de poeira no ar. Então Halt sentiu-se preso em um abraço de urso quando Will atirou-se da sela e abraçou-o alegremente.

"Halt! Como vai você? O que você tem feito? Onde está Abelard? Onde está Crowley? O que é isto tudo?"

"Estou contente de ver você classificaria o meu cavalo mais importante do que o nosso Comandante do Corpo," Halt disse, levantando uma sobrancelha na expressão que Will conhecia tão bem. No início de seu relacionamento, ele pensou que era uma expressão de desagrado. Ele tinha aprendido anos atrás, que era, para Halt, equivalente a um sorriso.

Will finalmente libertou o seu mentor de seu abraço e recuou para estudá-lo. Tinha sido apenas alguns meses desde que ele tinha visto Halt, mas ficou surpreso ao ver que o cinza na barba e no cabelo do arqueiro estava mais presente do que ele se lembrava.

Graças a Deus nós fomos todos resolver os problemas de manter este encontro secreto para que você possa montar aqui gritando a plenos pulmões, Halt disse. Will sorriu para ele, totalmente ousado.

"Não há ninguém por perto para ouvir", disse ele. "Eu circulei o campo antes de entrar. Se há alguém dentro de cinco quilômetros, eu vou comer a minha aljava".

Halt considerou ele, sobrancelhas arqueadas, mais uma vez. "Como é?"

"Qualquer um, exceto Crowley", Will emendou, fazendo um gesto de desdém. "Eu o vi me olhando de um lugar escondido que ele sempre usa, cerca de dois quilômetros para fora do perímetro. Presumi que ele estaria de volta agora."

Halt pigarreou alto. "Ah, você viu, não é?", disse ele. "Eu imagino que ele vai ficar muito feliz em ouvir isso." Secretamente, ele estava satisfeito com seu ex-aluno. Apesar da sua curiosidade e excitação óbvias, ele não tinha esquecido de tomar as precauções que haviam sido ensinadas à ele. Que bom augúrio para o que estava por vir, Halt pensou, uma súbita indecisão fez-se perceber sobre seu jeito de ser.

Will não percebeu a mudança momentânea de humor. Ele estava afrouxando a sela de Puxão. Enquanto ele falava, sua voz foi abafada contra o flanco do cavalo. "Ele está se tornando uma criatura de muitos hábitos", disse ele. "Ele tem usado esse lugar para se esconder durante os últimos três acampamentos. É hora de ele tentar algo novo. Todos devem saber sobre ele agora."

Arqueiros constantemente competiam entre si para ver antes de ser visto e cada ano o Encontro era um momento de aumento da competição. Halt assentiu, pensativo. Crowley tinha construído esse hábito de observação virtualmente invisível cerca de quatro anos antes. Sozinho entre os mais jovens Arqueiros, Will tinha entrado depois de um ano. Halt nunca tinha mencionado a ele que ele era o único que sabia de Crowley se esconder. O fato foi escondido pelo orgulho e alegria do Comandante Arqueiro.

"Bem, talvez nem todos", disse ele. Will surgiu por trás de seu cavalo, sorrindo para o pensamento do chefe do Corpo Arqueiro pensando que ele tinha permanecido escondido da vista, enquanto observava a abordagem de Will.

"Todos mesmo, talvez ele esteja ficando um pouco velho para ser capaz de esconder nos arbustos, você não acha?" ele disse alegremente. Halt analisou a questão por um momento.

"Velho? Bem, isso é uma opinião. Mas atenção, suas habilidades de movimento silencioso ainda são tão boas como sempre", disse ele de forma

significativa.

O sorriso no rosto de Will lentamente desapareceu. Ele resistiu à tentação de olhar por cima do ombro.

"Ele está de pé atrás de mim, não é?" ele perguntou à Halt. O Arqueiro mais velho acenou com a cabeça.

"Ele esteve lá por um tempo, não é?" Will continuou e Halt acenou mais uma vez.

"Ele estava... perto o suficiente para ter ouvido o que eu disse?" Will finalmente conseguiu perguntar, temendo o pior. Desta vez, Halt não tinham a resposta.

"Oh, bom fracasso, não", veio uma voz familiar atrás dele. "Eu sou tão velho e decrépito estes dias que estou tão surdo como um poste".

Os ombros de Will cederam e ele se virou para ver o Comandante de cabelos cor de areia em pé a poucos metros de distância.

Os olhos do homem mais jovem caíram.

"Olá, Crowley", disse ele, em seguida, resmungou: "Ahhh... Eu sinto muito sobre isso."

Crowley encarou o Arqueiro jovem mais alguns segundos, então ele não poder evitar de romper o sorriso no rosto.

"Nenhum dano causado", disse ele, acrescentando com uma pequena nota de triunfo: "Não é sempre que esses dias eu consegui ter o melhor de um de vocês jovens".

Secretamente, ele ficou impressionado com a notícia de que Will avistou seu esconderijo. Apenas os olhos mais afiados poderiam ter encontrado ele. Crowley tinha sido o melhor no negócio de ver sem ser visto por trinta anos ou mais, e apesar do que Will acreditava, ele ainda era absolutamente rápido em camuflagem e movimento invisível. Ele observou outro movimento agora — um movimento de abanar — e ele ajoelhou de um joelho para considerar o cão.

"Olá," disse suavemente, "quem é este?"

Ele estendeu uma mão, dedos levemente flexionados e os dedos apontando para baixo, e o cão rastejou avançando alguns passos, farejando a mão, então abanou o rabo mais uma vez, suas orelhas subindo em uma posição de alerta. Crowley amava cães e eles sentiam que, parecia simples como um amigo no momento do primeiro contacto.

"Qual é o seu nome, menina?" o comandante pediu.

"Eu não tenho o nome dela ainda. Encontrei-a quando estava a caminho de Seacliff," Will explicou. "Ela havia sido ferida e estava quase morta. Seu proprietário anterior havia tentado matá-la."

O rosto de Crowley escureceu. A ideia de crueldade contra os animais era

abominável para ele. "Eu confio que você tenha trocado algumas palavras com este homem?", disse ele.

Will mexeu seus pés incerto. Ele não estava completamente certo como seus superiores poderiam ver o seu tratamento com John Buttle.

"Bem, de certa forma eu falei, sim", disse ele. Ele percebeu sobrancelhas levantadas de Halt. Seu antigo professor pode sempre dizer quando Will não tinha lhe dito todos os fatos de uma história. Crowley, com a mão eriçando a pele atrás das orelhas do cão, olhou curiosamente também.

"De certa forma?"

Will pigarreou nervosamente. "Eu tive que lidar com ele, mas não por causa do cão.

Bem, não diretamente. Quero dizer, era por causa do cão que ele apareceu na minha cabana naquela noite e ouviu o que estavam dizendo, e depois... Bem , eu sabia que teria que fazer algo sobre ele, porque ele tinha ouvido demais. E então Alyss disse que talvez nós teríamos que... Você sabe... Mas eu pensei que poderia ser um pouco drástico. Então, no final, foi a melhor solução que eu poderia imaginar ".

Ele fez uma pausa, consciente de que os dois homens estavam olhando para ele, a incompreensão se mostrava total em ambas as suas faces.

"O que eu quero dizer é," ele repetiu, "o cão não participou, não diretamente, mas sim indiretamente sem alterar o resultado, entenderam?"

Houve uma pausa muito longa, então Halt disse lentamente: "Não, na verdade, eu não."

Crowley olhou para seu velho amigo e disse: "Você teve este jovem com você...

Pelo que, seis anos?"

Halt encolheu os ombros. "Mais ou menos," ele respondeu.

"E você nunca entendeu uma palavra do que ele estava dizendo?"

"Por muitas vezes não", disse Halt.

Crowley sacudiu a cabeça na maravilha. "Será melhor que ele não vá para o serviço diplomático. Estaríamos em guerra com meia dúzia de países agora se ele estivesse à solta."

Ele olhou para trás para Will. "Diga-nos, em palavras simples e, se possível, completar cada frase que você começa, o que o cão,esta pessoa e Alyss tem a ver um com o outro."

Will respirou fundo para começar a falar. Ele percebeu que os dois homens deram um passo involuntário para trás e ele decidiu que seria melhor tentar contar o relato da forma mais simples possível.

Quando ele terminou de relatar o conto, Crowley e Halt sentaram,

olhando para Will com alguma preocupação.

"Você o vendeu como escravo?" Crowley perguntou, eventualmente. Mas Will balançou a cabeça.

"Eu não o vendi. Eu... o entreguei à escravidão. Era dar-lhe aos Escandinavos ou matá-lo. E eu não acho que ele merecia morrer."

"Mas você acha que ele merecia ser dado... Para a escravidão?" Crowley pediu.

Will endureceu a mandíbula para parecer um pouco mais firme antes de responder.

"Sim, eu acho, Crowley. O homem tem um longo histórico de crimes de violência.

Ele provavelmente foi responsável por mais de um assassinato, nos quais não há qualquer prova que o culpasse em um tribunal", acrescentou.

Halt coçou a barba, olhar pensativo. "Afinal", ele colocou no mínimo, "nossa ação abrange casos em que não há provas suficientes para uma condenação do culpado." Crowley olhouo fortemente.

"Isso não é formalmente reconhecido, como você bem sabe", disse ele. Halt assentiu com a cabeça, tendo o ponto, em seguida, continuou no mesmo tom suave.

"Assim, o caso de Arndor de Crewse não pode de alguma forma, estabelecer um precedente?" ele perguntou, e Crowley mudou seus pés incomodado. Will olhou para os dois, intrigado com a virada na conversa.

"Arndor de Crewse?" ele perguntou. "Quem era ele?"

Halt sorriu para ele. "Ele era um gigante de mais de dois metros de altura. E um bandido. Ele aterrorizou a cidade de Crewse por vários meses até que um Arqueiro jovem fez um trato com ele... De uma forma relativamente não-convencional".

Vendo o interesse de Will, e desconforto de Crowley, Halt continuou, com a sugestão de um sorriso. "Ele acorrentou-o a uma roda de moinho na cidade e deixou o povo de Crewse usá-lo como um pônei de fábrica por um período de cinco anos. Aparentemente, teve um efeito corretivo em sua alma e trouxe um pouco de prosperidade para a cidade. A farinha de Crewse tornou-se conhecido pela finura da moagem".

Crowley finalmente interrompeu este conto. "Olha, foi uma situação diferente e eu..." Ele se corrigiu um pouco tarde demais. "O Arqueiro... Não conseguia pensar em outra maneira de lidar com ele. Mas pelo menos ele estava reparando o mal que havia feito para as pessoas da cidade. Ele não foi apenas vendido como escravo a uma potência estrangeira".

"Bem", disse Halt "e Arndor também não era tal de Buttle. E realmente,

como Will apontou, ele não foi vendido. Ele foi dado. Um bom advogado poderia provavelmente mostrar que sem dinheiro mudando de mãos, nada foi feito contra as leis do país".

Crowley bufou. "Um bom advogado?" disse ele. "Não há tal coisa. Tudo bem, jovem Will, acho que você agiu para o melhor e, como seu advogado aqui aponta, tecnicamente falando, não há crime em questão. Talvez seja melhor armar a sua tenda.

Falaremos depois da ceia".

Will assentiu, encenando um sorriso para Halt, que levantou a sobrancelha de novo.

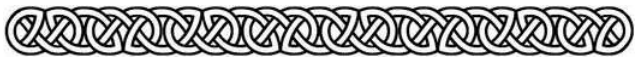
Como ele se afastou para armar a sua tenda verde e pequena, Crowley pisou um pouco mais perto de seu velho amigo, falando em um tom reduzido, para que Will não conseguisse ouvir.

"Você sabe, não é uma má maneira de lidar com casos difíceis", disse ele suavemente. "Talvez você devesse contatar o seu amigo Erak e ver se podemos fazer isso em um intervalo mais regular."

Halt olhou para ele por um longo momento em silêncio.

"Claro. Afinal de contas, este país não tem muitos moinhos de farinha, não é mesmo?"

11



Os três Arqueiros sentaram confortavelmente em torno do fogo que Will havia feito.

A refeição da noite tinha sido boa. Crowley tinha trazido bifes de veado com ele e eles cozinharam os bifes em pedras lisas aquecidas nas brasas do fogo, completando a carne com batatas cozidas, acrescidas de manteiga e pimenta, e verduras que haviam sido escaldadas rapidamente em uma panela de água fervente. Agora, bebendo as canecas de café que Halt havia feito, sentaram-se num silêncio sociável.

Will estava ansioso para saber os detalhes de sua missão, mas ele sabia que não havia sentido em apressar as coisas. Crowley e Halt diriam a ele quando acharem conveniente, e nada que ele dissesse os faria dizer antes do que planejavam. Alguns anos antes, ele teria sido uma febre de ansiedade, remexendo-se e incapaz de relaxar. Mas, juntamente com outras habilidades de um Arqueiro ele aprendeu a ter paciência. Assim, ele sentou e esperou seus superiores abordarem o assunto, ele sentiu o olhar aprovador de Halt nele de tempos em tempos a ponto de seu antigo mestre avaliar essa nova qualidade. Will olhou para cima uma vez, chamou a atenção de Halt na dele e permitiu que um sorriso tocasse suas feições. Ele ficou satisfeito que ele foi capaz de demonstrar sua paciência.

Finalmente, Halt mudou a sua posição no chão duro e disse em um tom exasperado:

"Ah, tudo bem, Crowley! Vamos continuar com isso, pelo amor d Deus!"

O comandante do Corpo de Arqueiros sorriu deliciado com o seu amigo. "Eu pensei que estávamos testando a paciência de Will aqui, não de você", ele disse. Halt fez um gesto irritado.

"Bem, considere sua paciência testada."

O sorriso de Crowley lentamente desapareceu enquanto reunia seus pensamentos.

Will inclinou-se para frente para ouvir sua nova missão. Ele passou os últimos dias fazendo seu melhor para reprimir sua curiosidade e agora que o momento estava aqui, ele não podia esperar mais um segundo. Ele estava

submetendo seu cérebro perguntando o que envolveria a missão e havia pensado em várias possibilidades, a maioria delas baseadas em suas experiências na Escandinava. As primeiras palavras de Crowley, entretanto, de imediato, dissiparam todas elas.

"Aparentemente temos um problemas com feitiçaria no norte do país." Disse ele.

Will recostou-se em surpresa. "Feitiçaria?" ele perguntou, sua voz aguda um pouco maior do que ele queria. Crowley concordou.

"Aparentemente" disse ele, enfatizando a palavra. Will olhou para Halt. O rosto do antigo mestre não mostrou nada.

"Nós acreditamos em feitiçaria?" Ele perguntou a Halt. O homem mais velho deu um pouco de ombros.

"Noventa e cinco por cento dos casos que eu vi foi nada além de artimanhas e truques", disse ele. "Nada que não pudesse ser resolvido por uma seta bem colocada. Então há, talvez, mais três por cento que envolvem dominação de espírito e manipulação de uma mente mais fraca por uma mais forte, o tipo de controle que Morgarath exercia sobre os Wargals."

Will assentiu lentamente. Morgarath, um ex-barão que se rebelou contra o Rei, liderou um exército de guerreiros Wargals que eram totalmente vinculados à sua vontade.

"Um por cento inclui ainda o tipo de alucinação em massa que algumas pessoas são capazes de criar" Crowley acrescentou "É um caso semelhante de controle da mente, mas que leva as pessoas a 'ver' ou 'ouvir' coisas que não estavam realmente lá."

Houve um momento de pausa. Mais uma vez, Will olho de um para o outro.

Finalmente ele disse: "Isso deixa um por cento". Os dois homens mais velhos assentiram.

"Eu vejo que sua capacidade de cálculo melhorou". Halt respondeu, mas falou antes que Will pudesse comentar. "Sim, como você diz, falta um por cento dos casos."

"E você está dizendo que eles são exemplos de feitiçaria?" Will perguntou, mas Halt balançou a cabeça obstinadamente.

"Eu estou dizendo que não conseguimos encontrar uma explicação lógica para eles", ele disse, Will se mexeu na cadeira, impaciente, olhando para seu antigo mestre estabelecendo de uma forma ou de outra.

"Halt", disse ele, segurando o olhar do Arqueiro barbudo constantemente com o seu próprio, "Você acredita em feitiçaria?"

Halt hesitou antes de responder. Ele era um homem que tinha trabalhado

com fatos toda sua vida. A sua vida foi dedicada à coleta de fatos e informações. A incerteza era um anátema para ele. No entanto, neste caso...

"Eu não acredito nisso", disse ele, ao escolher suas palavras cuidadosamente "mas não me nego cegamente. Nesses casos em que parece haver nenhuma causa ou explicação lógica, eu estou preparado para manter minha mente aberta sobre o assunto."

"E eu penso que é provavelmente a melhor posição que podemos tomar", Crowley interrompeu. "Quero dizer, há obviamente uma força do mal que influencia o nosso mundo.

Nós todos vimos muitos exemplos de comportamento criminoso para duvidar. Quem vai dizer que não é uma pessoa ocasional com habilidade de invocar tal força ou canalizar para uso próprio?"

"No entanto" Halt disse: "Lembre-se que estamos falando de um caso em cem, e mesmo assim, estamos dizendo que pode ou não ser uma coisa real. Se a coisa real sequer existe."

Will balançou a cabeça lentamente, em seguida, tomou um gole profundo de seu café. "Eu estou ficando confuso aqui", ele disse. Halt assentiu.

"Só mantenha uma coisa em mente. Existe uma chance melhor que noventa por cento que o caso que nós estamos tratando aqui não é feitiçaria, ele apenas aparenta ser.

Segure-se a esse pensamento e mantenha a mente aberta para todo o resto. Tudo bem?"

Will assentiu, deixando para fora uma respiração profunda. "Tudo bem", disse ele.

"Então, quais são os detalhes deste caso? O que você quer que eu faça?"

Crowley apontou para Halt ir em frente com as instruções. O elo entre mestre e aluno ainda era forte, ele sabia, e facilitaria instruções concisas com menos possibilidade de mal-entendidos ou confusão. Esses dois conheciam a mente de um e outro.

"Muito bem", começou Halt "em primeiro lugar, estamos falando do feudo de Norgate"

"Norgate?" Will interrompeu, a surpresa evidente em sua voz. "Não temos um Arqueiro atribuído a esse feudo?"

"Sim nós temos." Halt concordou. "Mas ele é conhecido na área. Ele é reconhecido.

As pessoas estão com medo e confusas e a última pessoa com quem vão falar, nessa época, é um Arqueiro. Metade deles acreditam que nós que somos os feiticeiros", acrescentou ele sombriamente. Will assentiu. Ele sabia que era verdade.

"Mas não vão desconfiar de mim se eu aparecer lá?" ele perguntou. "Afinal, eles podem não me conhecer, mas eu sou um Arqueiro."

"Você não está indo como um Arqueiro" Halt disse a ele.

Esse pedaço de informação conseguiu parar a enxurrada de perguntas que Will estava prestes a desencadear. Para dizer a verdade, ele estava um pouco abalado com a notícia.

As pessoas ficavam nervosas com os Arqueiros, era verdade. Mas havia um inegável prestígio que acompanhava o Corpo, bem como as portas que se abririam para os Arqueiros. Suas opiniões eram procuradas e respeitadas pelos cavaleiros e barões do reino, até mesmo, em ocasiões, pelo próprio Rei. Sua habilidade com as armas escolhidas era lendária. Ele não tinha certeza se queria colocar tudo isso de lado. Ele não tinha certeza de que sem a aura de ser um Arqueiro para reforçar sua confiança poderia realmente realizar uma missão difícil e perigosa, e tão logo, essa missão soou como se tivesse a caminho de serem ambas as coisas.

"Estamos pensando muito a frente" Crowley disse. "Vamos pegar o assunto principal primeiro antes de começarmos a entrar nos detalhes."

"Boa ideia" Halt disse. Ele deu um olhar significativo em Will e o jovem assentiu.

Ele sabia que agora era à hora de ouvir sem interrupções.

"Ok, o feudo de Norgate é bastante único no reino, na medida em que, além do Castelo Norgate, no centro do feudo, há um castelo adicional em um certo condado no norte"

Enquanto Halt estava falando, Crowley desenrolou um mapa da área no terreno entre eles e Will ficou de joelhos para estudá-lo. Ele tocou no mapa onde um castelo foi indicado, praticamente na fronteira norte do reino.

"Castelo Macindaw", ele murmurou, e Halt assentiu.

"É mais uma fortaleza do que um castelo", ele disse. "É um pouco mais baixo em luxos e com melhor posição estratégia. Como você pode ver..." Ele retirou uma de suas flechas pretas da aljava ao lado dele e usou-a para apontar para as montanhas escarpadas que dividem Araluen do seu vizinho do norte, Picta. "É colocado de forma que ele domina e controla a Passagem Macindaw pelas montanhas."

Ele fez uma pausa, assistindo o jovem homem entender a situação, seus olhos no mapa. Finalmente, Will assentiu e Halt continuou.

"Sem o Castelo Macindaw, teríamos constantes invasões dos Escoceses, a tribo selvagem que controla as províncias do sul do Picta. Eles são invasores, ladrões e lutadores.

Na verdade, sem Macindaw, nós seríamos duramente pressionados a

manter eles fora do feudo Norgate inteiramente. É um longo caminho e não é fácil viajar com um exército no inverno, principalmente quando a maior parte das nossas tropas está nos feudos do sul e não são acostumados aos climas extremos que você vai encontrar lá em cima."

Assentindo, Will recuou do gráfico. A imagem estava gravada em sua memória agora. Ele passou a olhar Halt quando o homem mais velho continuou.

"Assim você pode entender porque ficamos um pouco ansiosos quando qualquer coisa parece perturbar o equilíbrio natural das coisas no Feudo Norgate." Disse ele.

Will assentiu.

"Quando o Lorde Syron, o comandante no Macindaw, foi atingindo por uma doença misteriosa, ficamos compreensivelmente preocupados. Essa preocupação cresceu quando começamos a ouvir rumores de feitiçaria. Aparentemente, um dos antepassados de Syron, a algumas centenas de anos atrás, teve um desentendimento com um feiticeiro local." Halt sentiu a pergunta na boca de Will e ergueu a mão para impedir que ele começasse a perguntar.

"Nós não sabemos. Poderia ter sido controle de mente. Poderia ter sido um charlatão. Ou talvez ele fosse realmente um feiticeiro. Tudo aconteceu a mais de uma centena de anos atrás, como eu digo, por isso há poucas evidências concretas e um monte de história anedótica envolvida. No que importa, ele foi um verdadeiro feiticeiro que brigou com a família de Syron por centenas de anos. A aparição mais recente foi o fim de uma longa série de confrontos. Tenha em mente que estamos lidando com mitos e lendas aqui, então não espere que façam muito sentido."

"O que aconteceu com o feiticeiro?" Will perguntou, e Halt deu de ombros.

"Ninguém sabe. Parece que ele enviou uma série de doenças misteriosas para o ancestral de Syron. Naturalmente, os curandeiros não conseguiram identificar ou tratar qualquer um deles. Eles nunca conseguem quando pensam que a feitiçaria está envolvida.", disse ele, com uma nota depreciativa em sua voz. "Mas, então, um jovem cavaleiro da casa tomou para si mesmo a tarefa de livrar a província do feiticeiro. De acordo com as convenções dos tais mitos, ele era puro de coração e sua nobreza de caráter fez ele superar o feiticeiro e expulsá-lo."

"Ele não matou o feiticeiro?" Will perguntou, e Halt balançou a cabeça.

"Não. Infelizmente eles nunca o fazem. Deixam lendas como essa para subir novamente ao topo ao longo dos anos, tal como este tem feito. A situação atual é que, Syron, cerca de seis semanas atrás, estava andando quando de

repente foi derrubado de seu cavalo. Quando os seus homens chegaram, ele estava com o rosto azul, espuma na boca e gritando em agonia."

"Seus homens o levaram para casa e os curandeiros não conseguiram fazer nada além de sedá-lo a aliviar a dor. Ele não melhorou desde então e está à beira da morte. Se eles o acordarem para alimentar ou der água, a dor bate novamente e ele começa a gritar e espumar. Contudo, se deixá-lo sedado, ele fica mais fraco com o passar do tempo."

"Deixe-me adivinhar." Will disse quando Halt pausou. "Esses sintomas eram idênticos aos que seu ancestral sofreu na lenda?"

Halt apontou um dedo para o jovem. "Pegou rapidamente", disse ele: "É claro que isso deu origem aos boatos que Malkallam estava de volta."

"Malkallam?" Will perguntou.

"O feiticeiro original", Crowley acrescentou "Ninguém sabe quando os boatos começaram, mas já houve outras...manifestações também. Luzes na floresta que desaparecem quando alguém se aproxima, figuras estranhas vistas na estrada à noite, as vozes ouvidas no castelo e assim por diante. O tipo perfeito de coisas calculadas para assustar as pessoas do feudo. O Arqueiro local, Meralon, vem tentando conseguir mais informações, mas as pessoas estão confusas. Ele ouviu algum boato sobre um feiticeiro que vive no interior da floresta, e o nome Malkallam foi usado. Mas exatamente onde ele estaria vivendo, ele não conseguiu descobrir."

"Quem está comandando o castelo enquanto Syron está fora de ação?" Will perguntou. Halt assentiu, valorizando a capacidade de Will de chegar ao coração do problema.

"O filho de Syron, Orman, foi nomeado ao comando, mas ele não é realmente um soldado. De acordo com o relatório de Meralon, ele é um estudioso e mais interessado em estudar a história do que controlar as fronteiras do reino. Felizmente, o sobrinho de Syron, Keren também está lá e ele assumiu o comando prático da guarnição. Ele foi criado como um guerreiro e aparentemente é popular nesse lugar."

"Ele pode lidar com as coisas de momento", disse Crowley "Mas se Syron morrer, então tem o problema da sucessão, e Orman, um líder fraco, incapaz, vai herdar a posição.

Isso poderia desestabilizar toda a situação e nos deixar vulneráveis a um ataque vindo do norte. Isso é algo que temos que evitar a todo custo. Macindaw é muito importante estrategicamente para nós correrrmos riscos."

Will puxou pensativamente o queixo por alguns segundos.

"Entendo", disse ele finalmente. "Então o que você quer que eu faça?"

"Vá lá em cima", respondeu Crowley. "Converse com o povo, procure

saber de tudo. Veja o que você pode reunir sobre esse personagem Malkallam. Veja se ele realmente existe ou se as pessoas estão apenas imaginando coisas. Ganhe a confiança deles, os faça falarem."

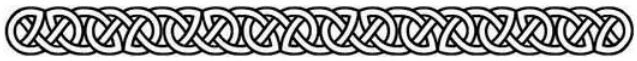
Will franziu a testa. Crowley fez tudo parecer tão fácil, ele pensou. "É mais fácil dizer do que fazer", ele murmurou, mas Halt respondeu com apenas o fantasma de um sorriso.

"Será mais fácil para você do que para a maioria", disse ele. "As pessoas gostam de falar com você. Você é jovem. Tem um olhar inocente que desarma eles. É por isso que o escolhi. Eles nunca vão suspeitar que você seja um Arqueiro."

"Então o que eles pensam que eu sou?" Will perguntou, e agora finalmente quebrou o sorriso no rosto do Halt.

"Eles vão pensar que você é um bardo", disse ele.

12



"Eu?" ele repetiu. "Um Bardo?!"

Halt olhou para ele sob suas sobrancelhas escuras. "Você. Um Bardo.", ele disse.

Will fez um gesto desajeitado com as mãos e por um momento perdeu as palavras.

"É um disfarce perfeito para você", Crowley disse. "Bardos estão constantemente viajando. São bem vindos em todos lugares, desde castelos até as tavernas. E em um lugar esquecido por Deus como Norgate, você seria duplamente bem vindo. E o melhor de tudo, o povo fala com bardos. E falam na frente deles." Ele acrescentou, significativamente.

Will finalmente achou as palavras que estava procurando. "Não estamos esquecendo um pequenino detalhe?" ele disse. "Eu não sou um bardo. Eu não sei contar piadas. Não sei fazer truques de mágicas, e nem sei fazer malabarismos. Provavelmente quebraria o pescoço se tentasse."

Halt concordou, reconhecendo o ponto. "Você não está esquecendo que há diferentes tipos de bardos?" ele disse. "Alguns são apenas menestréis"

"E segundo Halt, você toca aquele seu alaúde bem". Crowley acrescentou. Will olhou para ele, cada vez mais confuso.

"É uma mandola," ele disse. "Ele tem oito cordas, colocadas em pares. Um alaúde tem dez cordas..."

Ele hesitou. E depois sentiu uma pequena onda de prazer ao registrar o que Crowley tinha dito.

"Você realmente acha que toco bem?" perguntou a Halt. O arqueiro mais velho sempre assumia uma expressão de sofrimento sempre que Will ia tocar sua mandola. Will não podia evitar um imenso sentimento de satisfação ao perceber que na verdade Halt admirava seu trabalho. Esse sentimento de satisfação entretanto durou pouco.

"E o que entendo disso?" Halt replicou. "O som de um gato afiando as unhas se parece demais com o som que esse instrumento emite para que eu possa discernir entre os dois."

"Oh," disse Will, um pouco desapontado, "Bom, talvez as outras pessoas

também não gostem. Não podemos achar um outro disfarce para mim?"

"Como o que?"

Will demorou um tempo vasculhando na memória por algum outro disfarce.

"Um Bobo da Corte" ele sugeriu. "Afinal, nas histórias e lendas que Murdal, o trovador oficial do Barão Arald, costuma recitar no Castelo Redmount, os heróis sempre se disfarçam de bobo da corte".

Halt bufou desdenhosamente.

"Um bobo da corte?" Crowley perguntou.

"Sim", Will respondeu, "Eles viajam de lugares a lugares. As pessoas conversam com eles e..."

"E eles tem a fama de serem ladrões," Crowley completou para ele. "Você acha que seria uma boa ideia assumir um disfarce em que as pessoas ao te conhecerem, imediatamente passem a desconfiar de você. Iriam vigiar você como falcões, a espera que roube as carteiras delas."

"Ladrões?" Will perguntou, "Eles são mesmos?"

"São famosos por isso" Halt disse, "Eu nunca entendi porque aquele idiota do Murdar costumava usar esse disfarce para seus personagens, não consigo pensar em uma ideia pior"

"Oh", disse Will, que não possuía nenhuma outra ideia. Ele hesitou, e então perguntou de novo. "Você realmente acha que eu toco bem o suficiente para levar isso adiante?"

"Há um jeito para descobrir isso" Crowley disse. "Você trouxe seu alaúde, vamos ouvir uma nota, ou duas"

"Ele não é um..." Will começou, e então desistindo, pegou sua mandola, que estava na sela.

"Esquece..." ele murmurou.

Ele tirou o instrumento de dentro da caixa e pegou a palheta de casca de tartaruga, que estava entre as duas cordas superiores. Ele dedilhou, experimentando o som. Como era o esperado, a combinação de ficar sacolejando em uma sela e o ar frio da noite afetou a afinação. Ele fez o ajuste nas cordas e então tentou novamente, e assentiu satisfeito. Ele tentou um acorde novamente, e percebeu que a corda superior estava um pouco tensa e afrouxou um pouco. Melhor agora, ele pensou.

"Quando estiver pronto" disse Crowley, fazendo um gesto de encorajamento. Will tocou um acorde A, e hesitou. Tudo ficou em branco. Ele não conseguia pensar em uma única peça para tocar. Ele tentou um acorde B, depois um E menor e um B sustenido, esperando que os sons dessem a ele algum tipo de inspiração.

"Há alguma letra nessa balada?" Halt perguntou, um tanto quanto polido. Will se dirigiu a ele.

"Eu não consigo pensar em uma música. Minha mente ficou um vazio."

"Seria embaraçoso se isso ocorre em uma taverna lotada" Halt lembrou. Will tentou desesperadamente se recordar de alguma canção, qualquer uma.

"E que tal Old Joe Smoke?" Crowley sugeriu alegremente, e Halt olhou para ele com certa suspeita.

"Old Joe Smoke?" Will perguntou. Essa era a música que Will tinha feito uma paródia sobre Halt, e Will estava se perguntado se Crowley sabia disso. Entretanto, a face do arqueiro mais velho era uma máscara de inocência. Ele assentiu e deu um sorriso de encorajamento, ignorando o olhar penetrante de seu velho amigo.

"Sempre foi um sucesso," Crowley respondeu. "Eu costumava dançar uma animada quadrilha com essa música quando jovem." Ele fez o mesmo gesto de continue. Will, incapaz de pensar em alguma outra alternativa, começou a fazer a introdução com a mandola. A velocidade e a fluência gradualmente aumentando de acordo com a confiança que ia adquirindo. Tudo que tinha que fazer, dizia a si mesmo, era se lembrar da letra original, não da paródia. Jogando a precaução pelos ares, começou a cantar:

"Old Joe Smoke é um amigo meu
Ele vive em Bleaker's Hill,
Old Joe Smoke nunca tomou um banho
E dizem que nunca irá.
Até mais Old Joe Smoke,
Até mais é o que eu digo.
Até mais Old Joe Smoke,
Te vejo em seu caminho"

Crowley estava batendo com as mãos no joelho, segundo o ritmo, balançando a cabeça entusiasmado.

"O garoto é bom" disse a Halt, e Will continuou, empolgado com o elogio. Ele tocou a intrincada composição de dezesseis notas que faziam parte do coro e cantou o próximo verso.

"Old Joe Smoke perdeu a aposta.
E perdeu seu casaco de inverno
Quando o inverno chegou

Old Joe Smoke se aqueceu
Dormindo entre as cabras.
Até mais Old Joe Smoke,
Até mais é o que eu digo.
Até mais Old Joe Smoke,
Te vejo em seu caminho"

Ele estava imerso na música agora, e tocou novamente o coro, dessa vez tentando uma combinação de notas mais ambiciosa ainda. Ele se atrapalhou um pouco na terceira nota, mas conseguiu disfarçar o erro rapidamente e iniciou o terceiro verso.

"Barba-grisalha Halt, ele vive com as cabras
É o que fiquei sabendo.
Não troca as meias há anos,
Mas as cabras não se importam se está fedendo.
Até mais Barba-grisalha Halt,
Até mais é o que eu..."

E parou subitamente, ao se dar conta do que tinha cantado.

E devido a força do hábito distraído pela sua própria performance na mandola, ele começou a cantar a versão parodiada. Crowley ergueu a cabeça, e com um debochado interesse falou.

"Uma letra fascinante, não tenho certeza de já ter ouvido essa versão antes"

Ele cobriu a boca com as mãos e seus ombros começaram a sacudir.

"Muito engraçado, Crowley" Halt replicou num tom de voz tão exasperado que o Comandante dos Arqueiros começou a fazer estranhos sons de engasgo por detrás de suas mãos. Sua cabeça abaixando e seus ombros tremendo mais ainda. Will olhava para Halt com absoluto terror.

"Halt... me perdoe...eu não tinha a intenção..."

Crowley finalmente conseguiu controlar os tremores e a explosão de risada incontrolável. Will fez um gesto desajeitado para Halt. O arqueiro deu os ombros resignado enquanto encarava Crowley. Ele se inclinou e cutucou dolorosamente as costelas do comandante com seu arco.

"Não é tão engraçado assim." Crowley massageou suas costelas doloridas e replicou.

"É sim, é sim. Você devia ter visto a sua cara", e virando-se para Will perguntou, "Vamos, Há mais versos desses?"

Will hesitou. Halt estava encarando Crowley, e Will — apesar de ser um Arqueiro formado, um portador da insígnia da Folha de Carvalho Prata, e tecnicamente, um igual ao Halt — sabia que seria tolice continuar. Muita tolice.

"Acho que escutamos o suficiente para formular o julgamento," Halt falou. Ele se virou para as três pequenas tendas que haviam montado mais cedo, e falou em voz alta: "O que você acha, Berrigan?"

Ouve um discreto movimento por detrás das tendas onde uma figura alta levantou-se vagarosamente e veio coxeando até a fogueira. Antes mesmo de perceber a guitarra de seis cordas que o homem segurava em uma das mãos, Will reconheceu o andar coxeante.

Ele já havia visto Berrigan várias vezes antes durante o Encontro anual, quando ele entretia a assembleia dos arqueiros. Um arqueiro formado, portador da insígnia de Prata, Berrigan teve que se aposentar quando perdeu uma perna, em uma luta contra guerreiros escandinavos. Desde então, vinha ganhando a vida como cantor e músico. E Will também suspeitava que, de tempos em tempos, era usado para conseguir alguma informação para os arqueiros.

E Will percebeu que o arqueiro estivera o escutando com o propósito de julgá-lo.

Berringan sorriu para Will enquanto se sentava vagarosamente ao lado da fogueira, a perna artificial fazendo um movimento um pouco desajeitado.

"Boa noite, Will", ele disse. Ele notou a mandola, que agora estava caído ao lado do jovem. "Nada mal, nada mal mesmo".

Ele tinha um rosto magro, com maçãs do rosto grandes e um nariz grande e curvo, parecido com um falcão. Mas o que chamava a atenção mesmo, eram os olhos azuis, e o grande e aberto sorriso. Ele tinha um cabelo longo, castanho, como requeria a profissão, e suas roupas eram típicas de bardo — um padrão aleatório de cores que brilhavam a medida que ele se movia. Apesar de que, ele notou, o padrão das cores de suas roupas era bem parecido com as das capas dos arqueiros, só que com cores bem mais alegres e vivas.

"Berrigan, bom te ver" ele disse. E então um pensamento cruzou sua mente, e virando-se para Crowley disse "Crowley, não faria mais sentido mandar Berrigan nesta missão? Afinal ele é um bardo profissional e é de conhecimento geral que ele ainda trabalha para os arqueiros de tempos em tempos."

Os três trocaram olhares entre si, "Oh, todos nós sabemos disso, não é?", Crawley perguntou.

"Bom, nós não sabemos disso exatamente, mas ele trabalha, não trabalha?"

Um silêncio pesado e esquisito pairou no ar por alguns segundos, e então Berrigan quebrou o silencio falando num tom despreocupado, "Você está certo, Will. Eu faço um ou outro serviço para os arqueiros quando necessário, mas para esse trabalho, eu sou pequeno demais, me falta algo".

"Mas você é maior que eu..." Will começou a responder, e então percebeu que Berrigan estava olhando significativamente para a perna de madeira. Ele parou embaraçado "Oh, você se referia a..." E ele não conseguiu continuar e dizer as palavras, mas Berrigan sorriu mais abertamente ainda.

"Minha perna de madeira, Will, pode falar, sem problemas. Eu já estou acostumado com isso. E pelo que Crowley me falou sobre este trabalho, ele requer alguém que seja ágil e rápido, e receio que isto não se refira a mim, não mais"

Crowley pigarreou um pouco, feliz que aquela atmosfera estranha já houvesse passado. "Bom, o que você pode fazer Berrigan, é nos dizer se Will se passa como um bardo. Qual a sua opinião?"

Berrigan pensou por um momento e então falou, "Ele é bom o suficiente. Tem uma voz agradável, e toca bem. Ou pelo menos bem o suficiente para as terras longínquas e hospedarias remotas na qual irá se apresentar. Entretanto não sei se está pronto para tocar na corte de Araluen" E sorriu para Will, para que ele não se melindrasse com o comentário.

Will assentiu de volta. Ele estava feliz com o elogio. Berrigan continuou a falar.

"O único obstáculo é o despreparo dele, e isso normalmente é o que desmascara os amadores"

Crowley perguntou "Como assim? Você acabou de dizer que ele canta e toca bem?"

Berrigan não respondeu diretamente, mas virou-se para Will.

"Vamos ouvir outra música, Will. Qualquer uma que você goste. Vamos, rápido"

Will pegou novamente a mandola, e, de novo deu um branco.

"É isso, o amador sempre arreia quando é solicitado a tocar alguma coisa de surpresa" disse Berringan, e virando-se novamente para Will. "Você conhece Lowland Jenny? Spinner's Reel? Cobbington Mill? By The Southland Streams?"

Ele falou os títulos da música rapidamente e Will assentiu que conhecia cada uma das músicas. Berringan sorriu e assentiu.

"Qualquer uma delas teria servido, então. O truque não é apenas conhecer as canções. E sim lembrar que as conhece. Mas nós poderemos trabalhar nisso".

Will olhou para Halt, e o seu antigo professor acrescentou.

"Berrigan irá acompanhá-lo durante parte do trajeto, para poder treiná-

lo". Will sorriu para o arqueiro alto, e se começou a sentir confortável com a ideia — era melhor do que entrar de cabeça em águas profundas, sem saber como nadar primeiro.

"E vocês podem começar agora", Crowley disse, enchendo novamente a caneca de café e se recostando confortavelmente em um tronco. "Vamos ouvir uma canção de vocês dois."

Berringan olhou interrogativamente para Will.

"The Woods Of Far Way", disse Will sem nenhuma hesitação.

Berrigan assentiu e sorrindo acrescentou, "Ele aprende rápido". E os dois começaram a tocar a doce canção sobre o regresso ao lar. Berrigan parou e olhou para a mandola de Will.

"Seu acorde A é um pouco monótono"

"Eu já sabia disso," Halt acrescentou em um tom superior à Crowley.

13



Na manhã seguinte, Will iniciou sua transformação de Arqueiro para Bardo. Sua capa de matizes marrom, cinza e verde foi substituída por uma mais adequada à sua nova identidade na área do entretenimento. Ele estava feliz por Halt e Crowley não terem optado por algo de cores mais chamativas, mas escolheram ao invés, uma capa preto e branco para ele. Ele colocou a capa sobre seus ombros. Havia algo estranhamente familiar nela, pensava Will. Até que veio o estalo. A matiz irregular preto e branco que compunha a capa tinha o mesmo propósito da matiz em sua antiga capa de arqueiro. Ela quebrava a forma de quem a usasse, fazendo com que seu contorno ficasse indistinto e indistinguível a quem estivesse observando o ambiente. Halt observou seu interesse na capa e assentiu.

"Sim, é uma capa de camuflagem, certamente não é a mesma que os arqueiros usam, mas se levarmos em conta o lugar para onde você está indo, essas cores serão muito mais úteis" Halt disse.

E Will compreendeu. O Feudo de Norgate no inverno era coberto por uma densa camada de neve, e as cores certamente estariam mais apagadas na paisagem. Uma inspeção mais atenta mostrou a ele que o preto da capa, na verdade, não era um preto de verdade, e sim variante que iam do preto até diversas tonalidades de cinza. Seria necessário, portanto, pouco esforço para uma pessoa treinada na arte de se mover sem ser visto, se misturar em campo aberto no inverno. Em ambientes fechado, é claro, a capa aparentaria ser nada mais que uma capa com cores aberrantes e seria a apresentação teatral necessária para seu papel como bardo.

"Muito esperto", ele disse, sorrindo abertamente para Halt e Crowley. Os dois Arqueiros mais experientes assentiram em resposta. Em seguida, Crowley deu a ele uma algibeira feita de um couro fino e cinza.

"Você não pode usar a bainha dupla", ele disse, olhando diretamente para o recipiente que Will usava para guardar suas duas facas. "é muito chamativo, uma vez que é um instrumento que apenas os Arqueiros utilizam"

"Oh" Disse Will, um pouco inseguro. Ele não se sentia confortável com o pensamento de que estaria sem a sua grande faca saxônica e sua faca de atirar,

um pouco menor.

• Faca Saxônica (eram facas utilizadas pelos homens no século 11 para 5, na região delimitada por cerca de Irlanda, Escandinávia e Norte da Itália)

"Você pode carregar a faca maior" Crowley disse tentando tranquilizá-lo, "Várias pessoas carregam facas parecidas com ela. E este gibão tem um compartimento do tamanho certo para a faca de atirar"

Ele indicou um compartimento oculto dentro do gibão, logo abaixo do colarinho da bolsa. Will sacou sua pequena faca de atirar e colocou-a dentro do compartimento secreto.

Servia perfeitamente. Entretanto as próximas palavras de Halt o deprimiram mais uma vez.

"Temo, entretanto, que o arco longo deverá ficar para trás. Um bardo simplesmente não o carregaria" ele disse. Ele tirou o pesado arco do lado de Will. E em seu lugar colocou um pequeno arco de caça, com uma aljava cheia de flechas. Will estudou o pequeno e fraco instrumento. Ele duvidava que seu peso chegasse a vinte ou trinta libras.

"Acho que prefiro não ter isso" ele disse "Dificilmente conseguiria atirar uma flecha que ultrapassasse meus ombros com isso, e além do que essas flechas são muito pesadas para este tipo de arco". Ele estava definitivamente desconfortável com a reviravolta dos eventos, o arco tinha sido sua principal arma desde muitos anos atrás, quando ainda era um aprendiz de Halt. Ele se sentiria nu e vulnerável sem um arco ao seu lado.

Halt e Crowley sorriram. "O arco não é para atirar, é simplesmente uma desculpa plausível para que você possa carregar flechas. Venha comigo" Crowley disse, fazendo um gesto para que Will o seguisse.

Na clareira onde os cavalos pastavam, ele indicou a albarda para Will. "Sua nova albarda" ele disse, com um tom de expectativa na voz.

"Não há na da de errado com a minha" disse Will, inseguro com o andar da carruagem. Ele estudou a sela. Parecia perfeitamente normal, apesar do arranjo pouco usual dos compartimentos. Onde, na antiga sela de Will, havia duas peças de madeira em forma de "V", que poderia ser usado como ponto de apoio para amarrar objetos na sela, nessa havia duas peças de metal recurvo, que serviam para basicamente o mesmo objetivo. Elas se curvavam para dentro, e depois se separavam. Era uma outra forma, ele pensava, porém não mais prática que um simples V de madeira.

"Estamos muito orgulhosos por isso," Crowley disse. E então pegou uma das peças horizontais e puxou para fora da sela. Will percebeu que ela estava sendo mantida no lugar por um pequeno e apertado compartimento que fazia parte da sela. E a peça de metal, agora ele via mais claramente, era um pedaço de

mais ou menos meio metro em forma de S, com a curva debaixo duas vezes maior que a curva superior. E no final da curva, havia um pequeno talho no metal. E como ocorreu com a capa, Will sentiu que havia algo vagamente familiar. Crowley sinalizou para ele, e foi até a alça existente na parte traseira da sela. Ele a torceu e ela também se destacou da sela. Ele aparentava ser plano, apenas uma tira de couro, mas havia dois ganchos de metal no final de cada extremidade.

Will assistiu fascinado quando Crowley deslizou a extremidade entalhada da arma de metal na fenda estreita da peça de couro e rapidamente engatou no gancho de metal, e Will passou a ver a parte superior de um arco recurvo.

"Meu Deus", disse Will, agora ele compreendia. E percebeu porque a peça em forma de S era familiar a ele. Quando ele se juntou no começo a Halt, como aprendiz, ele era muito pequeno para segurar um arco longo, então o arqueiro mais velho entregara a ele um pequeno e recurvo arco, onde cada extremidade estava alocada naquela forma de S. As curvas duplas acrescentavam força e velocidade a flecha, compensando o pouco peso da arma. E quando Crowley engatava o segundo gancho de metal à outra extremidade, Will percebeu que estava olhando agora para um arco recurvo — um que poderia ser desmontado em três partes separadas.

"Os armeiros que fizeram para nós" Halt disse. "Temos trabalhado no projeto já a algum tempo, as partes de metal são incríveis, você terá que por tensão no arco em mais ou menos sessenta libras, não é tanto quanto um arco longo, mas ainda assim é uma quantia considerável".

Crowley jogou a arma para Will. Ele a avaliou, sentindo o peso e o balanço em suas mãos. Os ferreiros que fizeram as armas dos arqueiros eram excelentes artesãos — muitas espadas foram quebradas e lascadas em embates contra as lâminas dos arqueiros, sem que estas sofressem um só arranhão. E era óbvio que eles se superaram ao criar este arco de metal. Crowley pediu que Will colocasse a corda no local e armasse o arco.

Ele deslizou a corda na parte inferior do arco para colocar no entalhe, ele colocou o pé direito dentro do arco e o puxou, dobrando o arco sobe o joelho da outra perna, e recurvando-o para que pudesse engatar a corda no entalhe. Ele grunhiu em resposta ao esforço que fora necessário. Ele recurvou o arco para testá-lo e assentiu contente a Halt.

"É quase parecido" ele disse, Halt pegou uma das flechas de dentro da aljava e deu para ele.

"Experimente", ele disse, e indicou uma casca de árvore um pouco mais clara em uma árvore a quarenta metros de distancia. Will engatou a fecha na corda, e testou-a num movimento de vai e vem, e com os olhos fixos no alvo,

ergueu o arco, armou e atirou, em um movimento suave.

A flecha atingiu o tronco da árvore, há quase dez centímetros abaixo de onde tinha mirado. Para um arqueiro do cacife dele, foi um tiro desapontante.

"Não fique surpreso. Esse arco atira com menos potência que seu arco longo, a flecha irá perder a força e a altura rapidamente após quarenta ou cinquenta metros. Por isso você tem que atirar mais alto"

Will assentiu pensativamente. A flecha havia atingido o tronco com uma respeitável força.

"Bom para uns cem metros?" Perguntou a seu antigo mestre, e ele concordou.

"Talvez um pouco mais. Não é seu arco longo, mas pelo menos você não estará totalmente sem armas. E você ainda tem seus strikers, é claro"

Os strikers eram outra das armas dos arqueiros. Pequenos cilindros de bronze, eles serviam na palma de um punho fechado, deixando uma pequena protrusão na ponta. Um golpe na mandíbula ou no crânio com um striker era o suficiente para incapacitar o mais forte dos oponentes. Além do mais, eles eram balanceados e aptos para serem lançados. E nas mãos de um atirador de facas experiente — em outras palavras, qualquer arqueiro — um striker poderia desorientar um homem que estivesse a até seis metros de distância.

"Muito bom", Crowley disse, esfregando uma mão na outra, como se fosse um homem de negócio. "Isso é tudo que temos para você no momento. E mais uma coisa:

quando você estiver no Castelo de Macindaw, nós lhe enviaremos um agente para contato, em caso de você querer nos enviar alguma mensagem"

Will escutou essa novidade, "E quem poderia ser esse agente?", perguntou Crowley disse, "Nós não decidimos ainda, mas com certeza será alguém que você reconheceria como agente"

Halt colocou as mãos sobre os ombros de seu antigo aprendiz. "Se você precisar de alguma ajuda enquanto estiver lá, você sempre poderá contar com Meralon, claro. Embora não seja o ideal que vocês dois sejam vistos juntos. É necessário que você mantenha sua real identidade em segredo. E na verdade, ele será instruído a dar espaço para você trabalhar. Se ele for visto com frequência no distrito, as pessoas poderão se fechar completamente, e não falar."

Será uma tarefa extremamente solitária, Will pensou.

14



Os clientes da taverna de Jarra Rachada olharam para a porta aberta e uma corrente gelada rodou para a sala cheia de fumaça, trazendo com ela uma enxurrada de neve.

"Feche a porta", rosnou um carroceiro de corpo forte do balcão, sem sequer se virar e ver quem tinha entrado. Os outros clientes, entretanto, todos se interessaram quando viram que o recém chegado era um estranho. Os viajantes eram poucos, uma vez que as garras do inverno alcançavam o feudo de Norgate. Os campos e as estradas estavam cobertos de neve profunda geralmente e a temperatura, impulsionada pelo frio do vento constante, muitas vezes, caia abaixo de zero.

A porta fechou-se, cortando a corrente gelada vinda de fora, e as velas e o fogo se estabeleceram depois da turbulência que o vento tinha provocado. O recém-chegado jogou para trás o capuz de seu manto estampado de preto e branco e balançou uma espessura de flocos de neve dos seus ombros. Ele era um homem jovem, com um leve crescimento de pelos no rosto. Ele era um pouco menor do que a média e um corpo de construção leve — uma borda preta e branca tinha deslizado silenciosamente no lugar com ele, os olhos fixos em seu rosto, esperando por um comando. Ele apontou para uma mesa vazia, perto da frente da sala e o cão acomodou-se silenciosamente para ele, deslizando suas patas dianteiras na frente dele até que ele ficou deitado com a barriga para cima. Seus olhos continuaram a percorrer o lugar, no entanto, desmentiam sua aparência relaxada. O estranho jovem soltou seu manto e espalhou-o sobre as costas da cadeira, para secar ao calor do fogo.

Houve ainda um sopro de interesse quando os presentes viram o que o rapaz estava carregando em sua capa. Ele colocou sobre a mesa a caixa de um instrumento difícil de ser identificado. Se os viajantes eram raros no inverno tão ao norte, esse era de entretenimento, e os presentes viram a perspectiva de uma noite mais interessante do que tinham antecipado. Mesmo enfrentando o carroceiro anteriormente ranzinza com um sorriso.

"Você é músico?" ele perguntou com expectativa, e Will assentiu, sorrindo de volta.

"Um menestrel honesto, meu amigo, fazendo o seu caminho através do frio cortante dessa bela paisagem." Era o tipo de resposta fácil, brincou Berrigan que tinha treinado ela em mais de duas semanas que eles haviam viajado juntos, parando no caminho em mais de uma dúzia de pousadas e tavernas como esta. Alguns dos outros clientes moveram-se um pouco mais para perto.

"Portanto, vamos ter uma melodia em seguida", sugeriu o carroceiro. Houve um murmúrio de assentimento do resto da sala.

Will considerou o pedido, em seguida, levantou a cabeça para um lado por um momento. Então, ele levantou as mãos aos lábios e soprou sobre eles. Sorrindo, ele respondeu: "É uma noite amarga lá fora, meu amigo. Minhas mãos estão perto de congelar."

"Você pode aquecê-las", outra voz lhe disse. Ele olhou e viu que o taberneiro tinha saído de trás do bar para colocar uma caneca fumegante de cidra quente temperada em cima da mesa na frente dele. Will envolveu as mãos em torno do recipiente quente e acenou com apreço quando ele sentiu o aroma da bebida.

"Sim. Isto certamente ira funcionar", respondeu ele. O taberneiro piscou para ele.

"Em casa, é claro", disse ele. Will assentiu. Não era mais do que o devido. A presença de um menestrel seria garantir que o negócio fosse excelente na pousada naquela noite. Os clientes ficariam e beberiam mais. Will tomou um gole longo da sidra, estalou os lábios apreciativamente, em seguida, começou a desatar as correias de fixação da caixa mandola. A madeira do instrumento era fria ao seu toque quando ele a tirou de seu lugar de descanso e afinou o instrumento por alguns minutos. A mudança repentina do ambiente gelado para o calor da taverna tinha feito as cordas irremediavelmente fora de sintonia.

Satisfeito, ele dedilhava um acorde, fez outro pequeno ajuste e olhou ao redor da sala, atendendo aos olhares dos seus ocupantes cheios de expectativa com um sorriso.

"Talvez algumas músicas antes de minha ceia", ele disse para ninguém em particular, em seguida, acrescentou: "Eu suponho que é o jantar?"

"Sim, de fato, meu amigo", o taverneiro respondeu rapidamente. "A caçarola de cordeiro que minha esposa fez, com pão fresco e batatas cozidas salpicadas".

Will assentiu. Um acordo havia sido alcançado. "Assim são algumas músicas, então a minha ceia e então mais canções. Qual música?", ele perguntou. Houve um coro de aprovação na sala. Antes ele houvesse morrido de distância, ele lançou a introdução para Senhorita Pôr-do-Sol.

"Senhorita Pôr-do-Sol,
Cor da luz do sol em seu cabelo.
A felicidade é a toga que veste.
Eu segui-a em qualquer lugar,
Minha senhora Pôr-do-Sol."

Ele olhou para cima, inclinando-se incentivado para a pequena multidão na taverna como eles se juntaram no coro da canção de amor mais popular do país, tocando suas canecas de vinho nas mesas e cantando em voz áspera:

"Espalhe um pouco de luz ao redor,
Senhorita sol.
Não é verdade?
Eu amo você, la da daa da.
Espalhe um pouco de amor ao redor,
Senhorita sol.
Você é a única
Que ilumina o sol."

Então, como ele chegou ao segundo verso, fez-se em silêncio, deixando-o a cantar até o refrão novamente, quando a sua voz se juntou com a sua mais uma vez. Desenvolto, saltando a música um pouco como um novato ideal, como Berrigan descreveu.

"Não vai ser a melhor canção em seu repertório," ele disse, "mas é brilhante e alegre e bem conhecida, e é boa para quebrar o gelo em uma. Lembre-se, nunca se deve tocar a melhor canção primeiro. Deixe-a para depois."

Agora, como ia chegando o refrão final do quarto verso e os clientes se juntaram à ele mais uma vez, ele sentiu uma onda de prazer. Ela cresceu dentro dele enquanto ele soava o acorde final e um clamor de aplausos dos fregueses invadiu a pousada. Ele teve que se lembrar, e não a primeira vez que este era um papel, que ele estava brincando — que ele não era realmente um menestrel e seu objetivo na vida não era realmente os aplausos que soavam tão livremente. Embora às vezes, em momentos como este, era difícil de lembrar.

Ele fez mais quatro canções para eles. Colheita de Domingo, Jessie na Montanha, Lembre do Tempo e O Fugitivo Mare, uma canção de estrada com um ritmo galopante, que fez os punhos e pés baterem por toda a sala. Quando

ele terminou a última, ele olhou para o cão, deitado com os olhos colados a ele, e a boca formou a palavra "Dragão" para ela.

No mesmo instante, o cão veio para as ancas, jogou a cabeça para trás e latia muito e alto, assim como ele ensinou a fazer na semana que tinha passado na estrada. Dragão era sua palavra de alarme, o sinal para que ela latisse até que ele lhe disse para parar. Ele a chamou agora.

"O que é isso, Harley?", perguntou ele. Harley foi outra palavra-chave. Ele disse que ela tinha feito bem e agora ela podia interromper seu ladrar. Instantaneamente, ela calou-se, o rabo batendo as tábuas do chão duas vezes no reconhecimento de que ela tinha jogado O Jogo corretamente. Will olhou para a multidão cheia de expectativa e estendeu as mãos em pedido de desculpas, sorrindo para eles.

"Desculpe meus amigos. Meu gerente aqui diz que é hora de comer. Tivemos um longo dia no frio e ela recebe um décimo do meu salário e meu jantar".

Uma rajada de risos tocou ao redor da sala. Eles eram camponeses e sabiam reconhecer um cão bem treinado, quando viam um. Eles também apreciaram maneira suave de Will de lembrar o taberneiro que a ele era devido um jantar.

Não demorou muito a chegar. Uma das meninas serviu um prato fumegante apressada da caçarola de cordeiro para a sua mesa. Sem a menção auxiliar, ela também serviu um prato de pedaços de carne, ossos e molho no chão. Will sorriu seu agradecimento a ela e acenou para o homem por trás do bar. O taberneiro, ocupado em recarregar canecas para as pessoas cuja garganta estava seca de cantar, sorriu largamente para ele.

"Será que seu cavalo precisa de cuidados, rapaz?" ele chamou, e Will respondeu, através de um bocado de cozido.

"Eu tomei a liberdade de colocar os meus cavalos em seu celeiro, taberneiro. É uma noite muito amarga para que eles sejam deixados de fora." O taberneiro acenou com o acordo e Will comeu mais. A caçarola de cordeiro estava deliciosa.

O carroceiro que parecia tão mal-humorado quando ele chegou pela primeira vez já fez o seu caminho até a mesa onde estava sentado comendo. Will observou com interesse que ele não se atreveria a sentar-se e penetrar no seu espaço pessoal. Ele já aprendera que em tabernas como esta, as pessoas ofereciam certo respeito aos Menestréis. O carroceiro grande deixou cair uma moeda de prata na frente de Will.

"A boa música, rapaz", disse ele. "Isso é para você."

Will, a boca cheia de novo, acenou com agradecimentos. Vários dos

outros clientes que agora se aproximavam, cada um deixando cair algumas moedas para o caso mandola aberta sobre a mesa. Ele percebeu que havia muito poucas moedas de prata entre os cobres e sentiu uma onda de satisfação mais uma vez.

"Você tem uma mão hábil em que alaúde, meu rapaz", disse um deles.

"É um mandola," Will respondeu automaticamente. "Tem oito cordas, enquanto um alaúde..." Ele parou de si mesmo. "Obrigado", disse ele, e sorriu para ele.

Quando ele terminou de comer, ele sub-repticiamente sinalizou o cão novamente, definindo seu ladrar.

"Harley? O que você disse?" disse ele, e imediatamente o cão calou mais uma vez.

"É tempo para entreter esta gente?" Ele olhou para os rostos sorridentes em volta dele, deu de ombros e sorriu para eles. "Ela é um tirano cruel", declarou ele, pegando a mandola.

Tocou por outra hora. Canções de amor, canções animadas. Canções ridículas. E uma em especial que sempre foi a sua favorita, Os Olhos Verdes do Amor. Foi um assombro, uma balada triste e cantava muito bem, embora a sua contrariedade, tropeçou ligeiramente na linha instrumental no meio oito vezes. Quando ele terminou, ele notou uma ou duas pessoas limpando seus olhos e novamente sentiu o prazer que só é conhecido por aqueles que tocam quando chegam aos corações de sua plateia. Como ele tinha tocado, as moedas tinham continuado a encontrar seu caminho para a caixa do mandola. Com alguma surpresa, ele percebeu que não teria necessidade de aprofundar o dinheiro ambulante que Crowley tinha dado ele. Era mais do que pagar o seu próprio caminho.

O taberneiro, que tinha deixado a bancada para uma de suas meninas e veio para sentar perto de Will, olhou para o relógio de água que escorria lentamente em um manto.

"Talvez um pouco mais", disse ele, e Will assentiu com a cabeça facilmente.

Dentro, ele sentiu um aperto no peito. Este foi o momento em que ele havia construído ao longo da noite, uma oportunidade para que os moradores falassem sobre os estranhos acontecimentos no feudo de Norgate. Era uma das vantagens de ter a aparência de um menestrel. Berrigan como lhe tinha dito: "As pessoas do campo suspeitam de estranhos.

Mas cantar para eles por uma hora ou mais e eles pensam que te conhecem todas as suas vidas".

Agora ele dedilhou uma sequência de acordes menores e começou a

cantar uma canção disparate bem conhecido:

"Por um fosso lamacento uma bruxa bêbada
em uma voz que era mais grosseiro e grosseira
cantava como um corvo para que as pessoas soubessem
de seu amor para o feiticeiro de olhos cruzados."

Ele sentiu a mudança na sala no momento em que começou a cantar. As pessoas trocaram olhares temerosos. Os olhos estavam abatidos e muitos realmente se afastaram dele. Ele começou o coro:

"Oh, o feiticeiro de olhos cruzados foi chamado Wollygelly,
ele tinha fôlego como uma cabra e uma barriga grande e gorda
e um nariz que..."

Ele deixou a cauda canção longe, como se percebendo o desconforto entre os seus ouvintes, pela primeira vez.

"Sinto muito", disse ele, sorrindo para a taverna. "Há algo de errado?"

Novamente, olhares foram trocados e as pessoas que apenas alguns momentos atrás estavam rindo e aplaudindo-o agora estavam dispostos a evitar o seu olhar. O carroceiro grande, obviamente incomodado, disse em um tom apologético, "Não é o lugar ou tempo para estar tirando sarro dos feiticeiros, rapaz."

"Você não deve saber, é claro," o dono da taverna colocou, e havia um coro de parecer favorável. Will permitiu o sorriso se alargar, mantendo sua expressão o mais inocente possível.

"Eu não devo saber o que?", disse ele. Houve uma pausa, então o carroceiro tomou a deixa.

"Há coisas estranhas acontecendo neste feudo estes dias, é tudo."

"E estas noites", acrescentou a mulher, e novamente um coro de acordo soou. Atrás de sua expressão inocente, inquirindo, Will maravilhou-se com a visão de Berrigan.

"Você quer dizer... algo a ver com os feiticeiros? ele perguntou em voz baixa. A sala ficou em silêncio por um momento, as pessoas olhando com medo sobre seus ombros e na direção da porta, como se estivesse à espera de ver uma explosão provocada por um feiticeiro a qualquer momento. Em seguida, o taverneiro respondeu.

"Não é para nós dizermos o que é. Mas há estranhos acontecimentos em

locais estranhos."

"Particularmente na Floresta Grimsdell", disse um agricultor alto e, mais uma vez, os outros concordaram. "Estranhas visões, e sons — sons que são sobrenaturais. Eles gelavam o sangue. Eu ouvi uma vez e isso é suficiente para mim."

Parecia que uma vez que sua relutância inicial fora superada, as pessoas queriam discutir o assunto, como se provocasse um fascínio que eles queriam compartilhar.

"Que tipo de coisas que você vê?" Will perguntou.

"Luzes, pequenas bolas de luzes colorida movimentando-se através das árvores. E formas no escuro. Figuras que se movem apenas fora do alcance de sua visão."

Um pedaço de lenha caiu no fogo e Will sentiu os cabelos em seu pescoço formigar.

Essa conversa de sons e formas estava começando a afetá-lo, pensou. Duzentos quilômetros ao sul, ele poderia contar piadas sobre isso para Halt e Crowley. Mas aqui, em uma noite escura na terra fria, a neve vinda do norte, com essas pessoas, parecia muito real e muito crível.

"E os guerreiros da Noite", disse o carroceiro. Desta vez, o silêncio, caiu sobre a sala. Várias pessoas fizeram o sinal para afastar o mal — o carroceiro considerou todos eles, o rosto vermelho.

"Oh, acredite em mim, eu o vi bem. Só por um momento. Mas ele estava lá."

"O que exatamente estava?" Will perguntou.

"Exatamente? Ninguém sabe. Mas eu já vi. Ele é enorme. Um guerreiro de armadura, tão alto quanto duas casas. E você pode ver através dele. Ele está lá e depois ele vai embora antes que você esteja certo que você realmente tenha visto ele. Mas eu sei. Eu o vi, muito bem." Seu olhar varreu a sala novamente, desafiando os outros para dizer que ele estava errado.

"Isso é o suficiente para falar agora, Barney", disse o taberneiro. "As pessoas têm um caminho a percorrer para chegar a suas casas esta noite, é melhor não falar sobre essas questões."

Desde o murmúrio de acordo, Will percebeu que não haveria mais discussão esta noite. Ele bateu uma corda no mandola.

"Bem, eu concordo, não é hora de cantar sobre feiticeiros. Talvez devêssemos terminar com uma cerca de um rei bêbado e um dragão de escalonamento?

Logo em seguida, o cão latiu outra vez e o humor negro na sala recuou imediatamente.

"O que é isso, Harley? Você concorda? Pois então, é melhor começar." E lançou imediatamente:

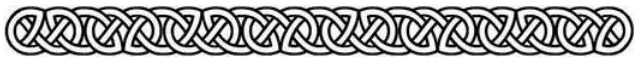
"Oh, o rei embriagado de Angledart
poderia soprar as velas com um peido.
Mas nunca o mundo conheceu
a coragem em seu coração
até que ele matou o dragão Staggering...
Oh, o Dragão Staggering tinha quatro patas
e ele voltava cambaleando e derrubando árvores
e ele queimou as por trás de cada vez que ele espirrou
com as chamas do seu hálito de dragão!"

Risos incharam a sala e o humor negro foi dissipado quando Will estabeleceu o conto do dragão batedor de joelhos escalonado e o rei, com graves problemas digestivos.

Ele estava acompanhado pelo cão latindo entusiasmado toda vez que ele cantava a palavra "dragão", e que somava-se aos risos.

Ele nunca o faria no Castelo Araluen, ele pensou, mas certamente fez o truque aqui na Jarra Rachada.

15



O vento cessou pouco antes da alvorada, como se soubesse que tinha feito seu trabalho de limpar as nuvens do céu, e que era hora de seguir adiante. O dia seguinte amanheceu frio e brilhante e quando Will se agitou do pequeno cômodo o taberneiro o cumprimentou. O sol da manhã adentrando brilhante através da janela da taberna.

Will agradeceu ao taberneiro pelo bule de café. A cozinheira serviu um café da manhã composto de torradas e fatias de presunto frio, mas, como sempre, era o bule de café quente que ele mais ansiava. E aparentemente o taberneiro tinha o mesmo gosto. Ele se serviu com uma caneca e sentou-se de frente a Will, dando pequenos goles e suspirando apreciativamente.

"Foi uma boa noite a noite passada," ele disse, com uma questão implícita nas suas palavras. Will assentiu.

"Por falar nisso, Cullum Gelderris é meu nome, uma vez que não chegamos a fazer as apresentações na noite passada."

Will balançou a mão "Will Barton," ele disse. O taverneiro concordou com a cabeça várias vezes como se o nome significasse alguma coisa para ele.

"Sim, foi uma boa noite," ele repetiu. Will bebericava o café, sem falar nada. Até que finalmente Gelderris chegou ao assunto que estava pensando.

"Hoje a noite deverá ser melhor ainda. No fim de semana geralmente temos uma plateia maior. E será maior ainda se circular a novidade que temos um bardo na vila." E olhando para Will por sobre sua caneca perguntou, "Planeja ficar aqui mais uma noite?"

Will estava esperando por essa pergunta. Apesar de estar ansioso para chegar ao Castelo Macindaw, ele sabia que seria melhor permanecer pelo menos por mais uma noite.

Os lucros eram bons em uma vila, como ele pudera perceber na noite anterior. Se Gelderris estivesse correto, e não havia nenhuma razão para crer o contrário, hoje a noite ele poderia ganhar mais. Poderia parecer suspeito se ele perdesse essa chance de ganhar um dinheiro, ele percebeu. Mas ainda assim, certa barganha era esperada.

"Eu ainda não decidi," ele disse, "Suponho que eu possa seguir adiante."

"E pretende ir para onde?" Gelderris perguntou rapidamente. Will deu de ombros, como se fosse algo que não houvesse grande importância.

"Talvez para o Castelo Macindaw. Eu ouvi falar que o Lorde Syron recebe muito bem os bardos. Eu suponho que lá haja poucas coisas para entreter as pessoas depois que a neve chegar." Ele acrescentou. Mas Gelderris logo respondeu.

"Você não conseguirá um bem-vindo de Syron. Ele não falou uma única palavra há dois meses ou mais."

Will franziu levemente, fingindo que não havia entendido. "Por que não? Ele se converteu a uma religião e fez um voto de silencio?", e ele sorriu para que Gelderris percebesse que estava brincando. Mas não houve nenhum sorriso em resposta da parte do taberneiro.

"Há pouco de religião envolvido" ele respondeu, "Na verdade há o oposto de religião."

"Não me diga que há magia negra?" Will perguntou casualmente, usando o termo camponês para feitiçaria. Dessa vez Gelderris olhou em volta antes de responder.

"É o que dizem," ele disse, em voz baixa. "Nocauteado, ele foi. Saudável como nós dois, num minuto. E de repente, ele estava agonizante, mal conseguindo respirar, olhos abertos, mas sem ver nada, sem falar nada."

"E os curandeiros, o que eles dizem?" Will perguntou. Gelderris respondeu com escárnio.

"E o que eles sabem? Eles não conseguem explicar a condição dele. Nem conseguem fazer nada para melhorá-la. Ocasionalmente, ele desperta o suficiente para comer um pouco, mas mesmo assim ele está pouco consciente. E logo a seguir ele volta de novo ao seu estado anterior de transe."

Will abaixou sua caneca vazia, pensando em repetir a dose, então relutantemente abandonou a ideia. Desde que passara a morar sozinho, ele começou a se tornar um viciado em cafeína, e era hora de moderar o seu comportamento.

"E isso tem alguma coisa a ver com o que disseram ontem a noite?" ele perguntou.

"aquele negócio de guerreiro misterioso e tal?"

E de novo, Gelderris hesitou antes de responder. Mas parecia mais fácil discutir esses assuntos na luz brilhante do dia. "Se me perguntarem, eu digo que sim." Ele disse.

"As pessoas andam falando que Malkallam retornou à Floresta Grimsdell"

"Malkallam?" perguntou Will "Um Mago Negro. Um feiticeiro. Da pior espécie, aparentemente. Ele teve uma intensa rivalidade com o ancestral de

Syron, há cem anos..."

"Cem anos?" Will retrucou, com evidente descrença em sua voz, "Quanto tempo um feiticeiro vive, a propósito?"

Gelderris levantou um dedo em advertência, "Não seja tão rápido em desacreditar,"

Ele disse, "Ninguém sabe quanto tempo um feiticeiro pode viver. Eu diria que cem anos é muito tempo mesmo. Mas essas coisas acontecendo em Grimsdell não têm nenhuma outra explicação. Nem a estranha doença de Lorde Syron tem, e o povo comenta que o mesmo ocorreu com o ancestral dele após ele ter lutado com Malkallam"

"Então, se esse Malkallam está na Floresta Grimsdell, porque ninguém de Macindaw junta um punhado de soldados e o expulsa?" Will perguntou "Deve ter alguém no comando depois que Syron ficou incapacitado, não?"

"Você não simplesmente marcha para a Floresta Grimsdell, Will Barton. É uma mata serrada e uma vegetação rasteira, com trilhas que se torcem e contorcem entre espinheiros tão densos que você só consegue ver o sol se ele estiver em pleno meio dia. Há também o pântano, pise um passo no lugar errado e você afundará e nunca mais será visto."

Will refletiu sobre o que escutara por um momento. No fim, o taberneiro estava sendo uma mina de informações.

"Então não tem ninguém no comando de Macindaw?" Ele disse, e então acrescentou logo em seguida. "Isso não é bom, eu estava esperando passar o inverno lá, ou pelo menos algumas semanas."

Gelderris franziu os lábios, "Oh, você irá encontrar alguém por lá. O filho de Syron tomou conta das coisas. Sujeito estranho é o que ele é." Ele acrescentou sombriamente.

Will olhou para ele.

"Estranho, você diz?" Ele falou. E Gelderris assentiu enfaticamente.

"Há os que dizem que ele está por trás da doença do pai. Ele é muito esquivo, muito misterioso. Usa um robe preto, como se fosse monge, entretanto não é nenhum religioso.

Um estudioso, ele se proclama. Mas o que ele estuda, é o que eu queria saber."

"Você acha que ele pode ser esse..." Will hesitou, como se procurasse se lembrar do nome, embora ele soubesse muito bem qual era. "Malkallam?" ele concluiu. Gelderris ficou um pouco desconfortável, agora que fora perguntado diretamente para dizer sua opinião.

Ele se mexeu no seu banco.

"Olha, eu não estou dizendo isso." Ele disse finalmente. "O que estou

falando é que eu não ficaria surpreso, se fosse isso. O que se fala é que Orman passa seus dias na sua torre, estudando livros e velhos pergaminhos. Ele pode até ser o senhor de Macindaw, mas ele não é nenhum líder—guerreiro. Graças a Deus, Sir Karen está lá para cuidar dessas outras coisas."

Ele ergueu uma sobrancelha a menção desse novo nome. Gelderris não precisou esperar que ele fizesse a pergunta.

"O sobrinho de Syron—primo de Orman. Ele é um bom guerreiro—alguns anos mais novo que Orman, mas um líder natural e muito popular entre os soldados. Eu penso que Syron iria preferir que seu herdeiro fosse Karen, ao invés de Orman."

"Tão perto da fronteira com Picta, é necessário a existência de um bom guerreiro no castelo." Will filosofou, e o taberneiro concordou.

"Isso é um fato. Tem mais que um de nós contentes pelo fato de que Karen está por aqui. Se os Escoceses sonharem que temos um líder tão fraco no comando como Orman, estaríamos todos usando saias escocesas e comendo haggis antes do mês acabar."

• Haggis é um prato tradicional escocês, e consiste em bucho de carneiro recheado com as vísceras Will enrubesceu e replicou "Ah, bom, isso é tudo política, e está muito acima do que um homem simples como eu posso entender. E se eu puder encontrar uma cama e teto no castelo de Orman, e puder ganhar um dinheirinho, para poder seguir meu caminho, eu fico satisfeito. Mas essa noite, é claro, passarei no seu castelo."

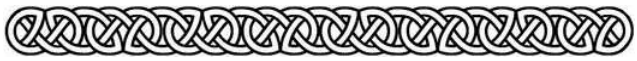
Cullum pareceu contente com as novidades. Ele apontou para a chaleira aquecendo no fogo.

"Por mim pode ser. Aceita mais um café enquanto está fresco?"

As boas intenções voaram pela janela. Will refletiu que esse serviço de inteligência dava uma sede danada. Ele pegou sua caneca.

"Por que não?" ele disse.

16



Will saiu atrasado na manhã seguinte, sua bolsa um pouco mais pesada do que quando ele chegou. O taberneiro tinha razão. Depois que a notícia se espalhou de que havia um bardo na aldeia, as pessoas tinham se reuniram em torno do campo. A taberna tinha feito um grande sucesso e Will foi mantido cantando até depois de meia-noite, altura em que havia esgotado seu repertório, e foi ter de recorrer à pretensão de que as pessoas lhe pediram para repetir músicas que ele já tinha feito, era outro truque que Berrigan o havia ensinado.

Gelderris permaneceu enquanto Will apertou os cinturões de Puxão e seu cavalo de carga. "Uma boa noite", disse ele. "Nos visite novamente quando você estiver passando para o sul, Will Barton." Ele não se ressentiu do Will ir embora. Ele era suficientemente realista para saber que o povo simples do campo não podia pagar mais de uma noite de gastanças na taberna.

"Eu vou fazer isso", disse Will, balançando com facilidade para a sela. Ele estendeu a mão e apertou a mão de Gelderris. "Obrigado, Cullum. Vejo você depois." O taberneiro cheirou o ar úmido e olhou incerto para as nuvens no norte do país.

"Você vai fazer bem para manter um olho no tempo. Há neve nas nuvens. Se começar uma tempestade, se abrigue nas árvores até que ela tranquilize. Um homem pode perder o seu caminho com muita facilidade em uma Tempestade de Neve".

"Eu vou manter isso em mente", disse Will. Ele olhou para as nuvens. "Veja bem, é provável que chegue em Macindaw antes que neve." Ele tocou com o calcanhar do Puxão e o pônei começou a se mover, o animal de carga seguindo impassível atrás. O cão passou à frente, de cabeça e barriga para baixo, olhando para trás continuamente para ter certeza de que Will estava seguindo.

"Talvez", disse Gelderris, mais para si mesmo do que para dar forma de retirada de Will. Mas ele não parecia convencido. Ele estava certo. Will estava apenas em um terço do caminho de sua jornada quando os grandes flocos começaram cair do céu. Ele sentiu a temperatura cair, então teve um momento inexplicável que a temperatura subiu um pouco, sinalizando o início da neve. Depois foi caindo, sem qualquer outro aviso. Ele puxou o capuz para cima e

amontoou dentro do calor de sua capa. Ela se intrigava como a neve caindo parecia amortecer todos os sons, embora talvez isso fosse uma ilusão, ele pensou.

Parece lógico esperar que tais objetos grandes fizessem bastante ruído quando caíssem na terra, afinal, você podia ouvir a chuva quando ela caia. Talvez tenha sido esta falta de qualquer som de queda que criou a ilusão de silêncio total. Claro que, quando a neve no chão cresceu mais profundamente, abafou o som de cascos dos seus cavalos. Havia apenas o som leve ranger de folhas secas, os cristais em pó a serem comprimidos a cada passo.

Percebendo que a neve estava se acumulando rapidamente, ele assobiou baixinho para o cão e apontou para o cavalo de carga. O cão, de orelhas em pé ao ouvir o som, esperou até que o cavalo estivesse perto, em seguida, levantou-se para ninho criado para ela no centro da albarda. Foi uma jogada que o cavalo de carga estava familiarizado agora, e ela aceitou sem nenhum sinal de alarme ou ressentimento.

Will cavalgou. A neve estava pesada, mas nem perto de ser uma tempestade de neve e ele estava confiante de que ele poderia encontrar o seu caminho com bastante facilidade.

A superfície da estrada poderia ser coberta, mas o caminho ainda ficaria claramente visível, cortado entre as árvores como era.

De tempos em tempos, houve uma corrida contra galhos que ficavam muito pesados de tanta neve e caíam no chão. Depois, houve uma rachadura quando uma árvore cedeu, enfraquecida pelo frio intenso e do peso da neve até que ele cedeu contra seus vizinhos. A cabeça preto-e-branco em cima da sela de carga rosnou ao ruído, orelhas em pé, tremendo o nariz.

"Fácil", Will disse, sorrindo ironicamente. Sua voz parecia estranhamente alta em seus ouvidos. Ela deu uma pequena fungada e afundou a cabeça para trás em suas patas, fechando os olhos. Então eles abriram novamente, ela balançou a cabeça naquela maneira dos cães, limpando a neve sua pele. Contente, ela se tranquilizou novamente.

O rosto de Will estava gelado, mas o resto dele estava relativamente quente. Não havia vento para cortar através do seu vestuário de proteção e a temperatura abaixo de zero significava que a neve ficou seca, se reunindo em seus ombros e no capuz, não derretendo e imergindo na capa. De vez em quando ele jogava o pó fora, sorrindo enquanto ele se lembrava do cachorro balançando a pelagem clara.

Duas horas depois, ele atravessou um cume e ali, diante dele, estava Castelo Macindaw. Era uma construção feia e indistinta. A pedra escura de suas paredes parecia preta contra o branco puro que o cercava. Como era costume,

foi construída sobre uma pequena colina e as árvores da floresta tinham sido cortadas para trás em todos os quatro lados, impedindo os invasores de se aproximarem invisíveis. Pode ser feio, ele pensou, mas parecia suficientemente eficaz no projeto. As paredes eram sólidas, feitas de pedra e com pelo menos cinco metros de altura. Torres em cada um dos quatro cantos acrescentaram poucos metros da altura total, e havia a costumeira torre dominante no centro, subindo acima das demais. O lado sul guardava o portão principal, com uma ponte levadiça sobre um fosso seco. O fosso, ele notou, não continuava longe demais ao redor das paredes laterais. Ele assumiu que ele estava ali apenas para tornar o acesso à entrada principal mais difícil.

Halt e Crowley haviam lhe havia dito que a guarnição normal consistia de trinta soldados e meia dúzia de cavaleiros montados. Isso seria mais do que suficiente para segurar as paredes contra qualquer grupo de ataque Escocês, pensou.

Ele empurrou para trás o capuz e colocou o chapéu de abas estreitas que Berrigan havia lhe dado. Enfeitado com penas de cisne verdes, o chapéu o marcava como um bardo e deveria garantir a entrada fácil para o pátio do castelo. Ele apertou firme o chapéu e cavalgou em direção ao portão.

17



Os cascos de Puxão rangeram na tábua pesada da ponte-levadiça enquanto Will andava sob a ponte. O som oco mudou para um ruído agudo conforme os cavalos pisavam no pátio pavimentado. A área estava cheia de pessoas que se deslocando de um lugar para outro, indo sobre suas tarefas de dia-a-dia. Apenas alguns deles olharam para ele, desviando o olhar quase que imediatamente.

Alguma coisa estava faltando, ele pensou. Então ele percebeu: não havia nenhum dos barulhos habituais de conversa, nenhuma repentina explosão de riso ou vozes levantadas de pessoas saudando companheiros, compartilhando uma piada ou uma história.

O povo de Norgate estava quieto, movendo-se com os seus olhos baixos, aparentemente desinteressados no que estava acontecendo ao seu redor. Foi uma experiência estranha para ele. Como um Arqueiro, ele estava acostumado a chamar a atenção, embora cautelosamente quando ele chegava em um lugar novo. E nas ultimas semanas como um Bardo ele tinha experimentado a mesma onda de interesse, embora por um motivo diferente.

Em um local remoto e isolado como Macindaw, ele esperava ser saudado com entusiasmo, se não calorosamente. Ele olhou em volta curiosamente, mas não conseguiu encontrar ninguém disposto a encontrar ou segurar o seu olhar.

Era medo, ele percebeu. As pessoas em Norgate viviam perto de uma fronteira perigosa. Seu senhor tinha sido atingido por uma doença misteriosa e havia uma crença distinta entre eles que fora obra de um feiticeiro. Não admira que eles não mostrem interesse ou cumprimentem um estranho chegando a seu meio. Ele hesitou incerto se ele deveria ou não desmontar. Então, a pergunta foi respondida por ele quando um homem rotundo, com uma colar de senescal e chaves e um olhar de preocupação permanente, surgiu a partir da torre de vigia. O senescal, basicamente a pessoa que gere o dia-a-dia dos assuntos internos do castelo para o seu senhor, o viu e moveu-se para ele.

(Um Senescal era um oficial nas casas de nobres importantes durante a Idade Média. No sistema administrativo francês medieval, o Senescal era também um oficial real, encarregado da aplicação da justiça e do controle da

administração nas províncias do sul.)

"Bardo é você?" ele perguntou. Foi uma saudação bastante abrupta Will pensou.

Mas pelo menos era uma saudação. Ele sorriu.

"Está certo, senescal. Will Barton, de lugares no sul, trazendo a minha pequena medida de prazer para os castelos do norte". Era o tipo de discurso florido que ele havia sido ensinado a entregar. O senescal assentiu distraidamente. Will adivinhou que ele tinha muita coisa para distraí-lo.

"Nós podemos usar algum. Tem tido muito pouco para sorrir aqui, posso lhe dizer."

"Sério?" Will perguntou. O senescal olhou para ele o avaliando.

"Você não ouviu nada dos eventos daqui?" ele perguntou. Will percebeu que seria tolice tentar fingir ignorância completa dos eventos. Um artista que viaja através do país teria ouvido as fofocas locais, como, aliás, ele tinha. Ele deu de ombros.

"Os rumores, obviamente. O campo é sempre vivo com eles onde quer que vá. Mas eu estou acostumado a descontar os boatos."

O homem rotundo suspirou pesadamente. "Neste caso, provavelmente você pode acreditar na maioria deles", disse ele. "E adicione-as também. Você dificilmente poderia exagerar a situação aqui."

"Então o senhor do castelo está realmente..." Will hesitou quando o outro homem olhou para cima em advertência.

"Se você já ouviu os boatos, você sabe a situação", disse ele rapidamente. "Isso é um assunto que não é melhor discutir muito".

"Claro", respondeu Will. Ele mexeu-se na sela. Ele estava cansado e sentia que, incomodado ou não, era a vez do senescal mostrar-lhe um pouco da normal cortesia. O outro homem viu o movimento e fez um gesto para Will desmontar.

"Eu sinto muito. Você vai entender que eu sou um pouco distraído. Você pode colocar seus cavalos no estábulo. Eu presumo que o cão está com você?"

O pastor da fronteira estava deitado na calçada assistindo a conversa. Will assentiu, sorrindo, conforme ele desmontava da sela, esticando as pernas e músculos das costas.

"Ela me ajuda em meu ato", disse ele.

O senescal assentiu. "Mantenha-a com você, então. Você tem sorte, não estamos muito lotados, no momento, não que isso seja uma surpresa. Então você pode ter um quarto só para si mesmo."

Esse foi um desenvolvimento aceitável. Will estava esperando ser arranjado em uma das tendas que alinhavam no anexo aos maiores salões do

castelo. Especialmente no inverno, quando você esperaria normalmente que um castelo estivesse lotado.

"Sem muitos visitantes, então? perguntou ele, e o senescal balançou a cabeça.

"Como eu disse. Não que seja uma surpresa. Nós esperamos uma Senhorita Gwendolyn de Amarle que ficará por aqui uma semana ou duas, ela está viajando para encontrar seu noivo no feudo seguinte, e solicitou alojamento até que diminua a neve nas passagens. Mas, além dela, há apenas o povo normal do castelo. E há menos deles do que o normal" ele acrescentou sombriamente.

Will optou por não prosseguir o assunto. Ele começou a trabalhar para afrouxar as correias dos dois cavalos. O senescal olhou, em torno dele.

"Perdoe-me se eu deixar você fazer isso", disse ele. "A lenha nunca vai estar empilhada se eu não ver por mim mesmo. Estábulos são mais excessivos assim". Ele apontou para a direita do pátio. "Uma vez que tenha guardado seus cavalos, pergunte no castelo pela Senhora Barry, ela é a governanta. Diga-lhe que eu te disse que você iria usar uma das salas da torre no nível três. Agramond é meu nome, a propósito."

Will assentiu em agradecimento. "Senhora Barry", repetiu ele. O senescal já estava se afastando, gritando para dois trabalhadores do castelo que estavam lentamente empilhando as lenhas cortadas em uma esquina.

"Venha Puxão", disse Will. "Vamos encontrar uma cama para você."

As orelhas do cavalo de Arqueiro levantaram ao som do seu nome. O cavalo de carga, plácido e sem imaginação, seguiu Puxão docilmente conforme Will abria o caminho pelos estábulos.

Uma vez que os cavalos estavam estabelecidos, Will encontrou a governanta. Como a maioria das mulheres de sua profissão, ela era uma mulher robustamente construída e capaz. Ela era educada o suficiente, ele pensou, mas tinha o mesmo ar de distração que ele tinha observado em Agramond. Ela mostrou-lhe o seu quarto de alojamento, bastante normal para um castelo deste tamanho. Os pisos e paredes eram de pedra, madeira no teto.

Havia uma estreita janela, equipada com uma estrutura coberta translúcida escondida para filtrar metade da luz. Um obturador de madeira estava disponível para frio severo. Uma pequena lareira aquecia o quarto e havia uma cama em uma cortina em um canto da parede.

Alguns bancos de madeira e um tapete de assoalho pequeno completaram os confortos do lar. A pia estava em uma pequena mesa de madeira contra a parede curva. Will não tinha gastado muito tempo nas salas de torre, e ele percebeu agora, olhando ao redor, que poderia ser uma tarefa fácil encontrar mobiliário para atender a uma sala onde a maior parte do muro fosse

semicircular.

A senhora Barry olhou para a mandola conforme ele a guardava.

"Você toca o alaúde?" perguntou ela.

"É uma mandola, na verdade," ele respondeu. "Um alaúde tem dez str-"

"Tanto faz. Imagino que você estará tocando hoje à noite?"

"Por que não?" ele disse expansivamente. "É uma bela noite para música e risos, depois de tudo."

"Preciosos pequenos risos você irá encontrar aqui", disse ela severamente. "Embora eu ouse dizer que poderíamos usar alguma música."

E com essa nota alegre, ela moveu-se para a porta. "Se você precisar de alguma coisa, peça a uma das serventes. E mantenha suas mãos para si mesmo. Eu sei como os bardos são", acrescentou ela sombriamente.

Você deve ter uma memória longa então, Will pensou consigo mesmo quando ela saiu do quarto. Ele imaginou que muitos anos devem ter passado desde que um bardo tinha escolhido beliscar aquele amplo traseiro. Ele fez uma careta para o cachorro, deitado no chão perto da lareira e o observando atentamente.

"Um lugar amigável, hein, menina?" ele disse. Ela bateu a cauda ao som da sua voz.

A refeição da noite no salão de jantar do castelo foi um caso sombrio, presidida pelo filho do Lorde Syron, Orman.

Ele era um homem de estatura média, talvez trinta anos de idade, Will pensou, embora seus traços finos fossem difíceis de julgar. Ele estava vestido com uma túnica cinza escura escolar e seu humor parecia combinar com a cor de sua roupa. Seu rosto estava pálido, e parecia ter passado a maior parte do seu tempo em ambientes fechados. Juntando tudo não era o tipo de homem para inspirar confiança em uma comunidade que vive à sombra do medo, como era Macindaw.

Ele tomou conhecimento da presença de Will quando ele tomou o seu lugar na mesa principal no refeitório. Como era o costume, as mesas estavam dispostas em forma de T, com Lorde Orman e seus companheiros, incluindo Agramond, na sanefa. Will notou que havia vários lugares vazios na mesa principal.

O resto das pessoas jantando estavam sentados na mesa que compunham a haste do T, em ordem decrescente de importância. Will foi colocado um pouco mais de metade do tronco. Como um Arqueiro, ele, normalmente estaria em um lugar na cabeça da mesa, ele teve de resistir ao impulso automático para mover-se em direção a ela. A Senhora Barry, supervisionando a entrega da refeição, indicou o seu lugar à mesa e ele se viu sentado com alguns artesões e

suas esposas. Ninguém falou com ele. Mas então, percebeu que eles não falavam nem um com o outro, com exceção dos pedidos murmurou para condimentos e pratos para ser aprovada.

Como de costume, Will silenciosamente amaldiçoou a roupa extravagante de Bardo que ele usava com suas grandes e fluídas mangas. Mais de uma vez ele conseguiu prendêlas no molho passando pratos.

O padrão da comida servida combinava com a atmosfera geral, um guisado de carneiro simples, com um assado de carne de veado e borracha e travessas de legumes cozidos, que parecia ter vindo de um longo armazenamento nos porões.

A refeição, sem conversa ou desvio de qualquer espécie, logo foi concluída. Então Agramond deixou sua cadeira e falou baixinho no ouvido de Orman. O senhor temporário do castelo ouviu, fazendo um pouco de careta, então olhou pela mesa até que ele encontrou o Will.

"Acredito que temos o privilégio de ter um artista com a gente", disse ele.

Se ele se sentia privilegiado, o tom de sua voz certamente não mostrava. Houve uma aceitação bastante cansada do inevitável e um inconfundível ar de desinteresse em suas palavras. Will, no entanto, optou por ignorar o insulto na introdução. Ele se levantou e moveu-se ligeiramente afastado da mesa para se curvar profundamente e acompanhado de muito floreio. Então ele sorriu largamente para Orman.

"Se isso agrada o meu senhor", disse ele, "Eu sou um humilde Bardo com canções de amor, risos e aventura para compartilhar com você."

Orman suspirou profundamente. "Duvido muito que isso vá me agradar de alguma forma", disse ele. Sua voz era nasal e estridente. No total, ele era a espécime mais inexpressivo, Will pensou, sem uma graça salvadora evidente.

"Eu suponho que você tem o repertório habitual de gabarito do país, canções folclóricas e burlescas para colocar diante de nós?" continuou ele. Will pensou que a melhor resposta era se curvar mais uma vez.

"Meu senhor," disse ele, rangendo os dentes enquanto ele mantinha os olhos para baixo, e querendo ir até a mesa principal e estrangular o homem de rosto pálido.

"Sem chance de você possa saber algum clássico? Alguns das melhores músicas?"

Orman perguntou, seu tom de voz tornando-se óbvio que ele sabia a resposta seria negativa.

Will sorriu novamente, desejando que ele tivesse a habilidade de repente invadir o primeiro movimento do Festival de Saprival de Interpretações.

"Eu lamento, meu senhor, que eu não sou treinado em clássicos", disse

ele, com um sorriso. Orman acenou uma mão desconsiderando.

"Como pensei", ele disse pesadamente. "Bem, então, acho que temos de suportar o inevitável. Talvez o meu povo vá encontrar alguma alegria em seu desempenho."

Provavelmente não após essa introdução, Will pensou conforme passava a alça do mandola sobre sua cabeça. Ele hesitou, olhando ao redor da sala, vendo a expressão impassível de todos os presentes. Acho que estou prestes a aprender o que é morrer no palco, ele pensou, quando ele puxou a canção de abertura Katy Venha e Me encontre, um carretel animado de Hibernia. Era uma canção segura para ele, uma das primeiras que ele tinha aprendido, e a abertura de passagem instrumental era simples, mas agitada.

E, claro, ainda fervendo de raiva da atitude de Orman, ele conseguiu estragá-la totalmente, tocando de mão fechada de maneira que teve de abandonar a linha da melodia e dedilhar os acordes em seu lugar. Seus ouvidos queimaram com vergonha quando ele arou obstinadamente através da canção, erro atrás de erro, perdendo notas seguidas. Ele terminou com uma nota frustrada na cadeia do baixo que resumiu a inépcia do desempenho total.

Um silêncio insensível cumprimentou-o por aquilo que parecia minutos. Então, a partir do fundo do salão veio o som do toque de aplausos.

18



Will se virou para olhar. Um grupo de cinco homens, vestidos com roupas de caça, tinha entrado na sala enquanto ele cantava. Agora, eles aplaudiram, encorajados por aquele que era, obviamente, o seu líder.

Corpulento e musculoso tinha um rosto bonito e um largo sorriso. Ele mudou-se para o corredor agora em direção a Will, continuando a bater palmas quando ele se aproximou. Então ele estendeu a mão em saudação.

"Bem feito, bardo, particularmente tendo em vista a recepção fria que foi dada a você!"

Will tomou a mão que lhe foi oferecida. O aperto de mão era firme, e sentiu a mão dura e calejada. Will sabia o que sentia. Era a mão de um guerreiro.

"Qual é o seu nome, bardo?" disse o homem. Ele era mais alto do que vontade e parecia estar na casa dos trinta. Ele estava bem barbeado, com o escuro, cabelos encaracolados e olhos castanhos animada. Seus quatro companheiros se ligeiramente atrás dele. Guerreiros, bem como, Will observara.

"Este é Will Barton, meu senhor." A qualidade da roupa do homem que o deixou em dúvida se era este o homem correto. O título foi recebido com risos, no entanto.

"Não há necessidade de cerimônia aqui, para o nome de Will Barton. Sir Keren talvez em ocasiões formais, mas bom, Keren talvez tenha tempo suficiente com qualquer outro". Ele virou-se para cima da mesa, erguendo a voz, se dirigindo a Orman.

"As desculpas para a nossa chegada tardia, o primo. Confio que há ainda alguns restos de comida que deixou para nós?"

Will pensava em Keren, recordando o nome. Ele era sobrinho de Syron e, todos os relatórios diziam que, eles foram a uma exploração do castelo juntos na ausência do Senhor. Ele disse que era um guerreiro capaz e um bom líder. E, se as primeiras impressões foram qualquer coisa menos isso, ele era um caldeirão com peixes totalmente diferentes de seu primo.

Orman estava falando agora, o desgosto em sua voz era óbvio. "O salão é usado para suas mal-educadas chegadas tardias, até agora, primo", disse ele. Keren olhou para trás à vontade e deu-lhe um sorriso cúmplice, acompanhado

por um aumento vil das sobrancelhas.

"Se você tomar o seu lugar, eu vou mandar os servos trazerem comida", Orman continuou.

Obviamente, os lugares vazios na mesa principal foram destinados Keren e seus companheiros. Mas Keren acenou a sugestão de lado.

"Vamos ter lugares definidos aqui", disse ele, indicando o fim da tabela por Will.

"Nós gostamos de comer enquanto toca algumas músicas Will Barton. Faz tempo desde que um pouco de diversão soprou através destas paredes velhas", acrescentou, com um brilho nos olhos. "Vamos ouvir algo animado, Will você conhece Old Joe por acaso?"

"Na verdade sim", respondeu Will. Ele estava feliz que ele tinha passado a semana anterior, praticando as palavras corretas para a canção. Ele estava confiante, agora que ele não iria cometer o erro de mencionar "Halt Graybeard". Porque, afinal, era um nome famoso em todo o reino e isso não faria bem para sugerir que ele tinha qualquer ligação com o lendário Arqueiro.

Foi incrível a diferença que um pequeno grupo de ouvintes interessados podem fazer. Quando ele começou a melodia ondulante, seus dedos estavam seguros e confiantes.

Keren e seus amigos e aplaudiram, juntando-se ao coro e, gradualmente, assim fizeram os outros na sala.

Não Orman, é claro. Como o aplauso para Old Joe, Orman desapareceu, Will ouviu o barulho de uma cadeira raspando de volta à mesa alta. Ele olhou em volta para ver o senhor do castelo sair por uma porta lateral, com o rosto definido em uma carranca.

"Bem, isso aliviou o clima!" Keren disse alegremente. Will que não tinha certeza se ele estava se referindo à canção ou saída do seu primo. "Vamos ouvir uma outra, o que todos dizem?"

Ele olhou ao redor da mesa de seus companheiros. Por um momento houve pouca resposta de nenhum deles. Keren inclinou para frente. Seu sorriso aumentou e ele falou um pouco mais alto.

"Eu disse, vamos ter outra. O que todos dizem?"

Houve um aumento súbito de entusiasmo à medida que coro o seu acordo. Keren parecia ser extremamente popular entre seus seguidores. Tudo o que ele queria, eles pareciam felizes para ir junto com ele. Mas certamente não estava reclamando. Após comentários desdenhosos, Orman, iria fazer uma mudança agradável para ter uma plateia entusiasmada.

Ele sorriu em torno de si e os dedos flexionados experimentalmente. A noite ia ser melhor do que ele esperava, ele pensou. Muito melhor.

A noite continuou por mais uma hora e meia. Então as pessoas começaram a ir para suas camas. Will, satisfeito com o seu trabalho à noite, as pessoas lotaram a mandola e estava pronto para segui-los quando Keren deteve. O sorriso alegre tinha desaparecido e seu rosto era sério quando ele apertou o antebraço Will.

"Estou contente de ver você aqui, Will Barton," disse em um tom baixou. "As pessoas aqui precisam de algum desvio de seus problemas. Deixe-me saber se há alguma coisa que você precisa enquanto estiver conosco."

"Obrigado, senhor Keren," Will começou, mas a mão apertou seu braço um pouco mais duro e ele lhe foi dada a indicação, "Keren, então. Eu vou fazer tudo que posso para levantar o ânimo do povo." Keren deu outro sorriso e iluminou-se novamente.

"Tenho certeza que você vai. Lembre-se, se você precisar de alguma coisa, basta perguntar."

E com isso, ele levou seus companheiros a distância.

De repente, cansado com a decepção que todos os artistas se sentem depois de uma noite de sem muito sucesso, Will marchou lentamente até as escadas para o quarto. O cão o cumprimentou com um olhar interrogativo e batendo de costume sua cauda.

"Não é uma noite ruim", disse ele. "Não é mau de todo. Você pode trabalhar comigo amanhã."

Ela deixou cair o nariz para as patas e os olhos fixos no dele. Aqueles olhos constantes realizaram uma mensagem inequívoca para ele.

"Não, não é?" disse esperançoso. "Certamente você poderia esperar até de manhã?"

Os olhos eram inabaláveis e suspirou suavemente. Ele empenhou a sua faca de saque e puxou o casaco preto-e-branco em torno de seus ombros.

"Tudo bem", disse ao cão. Vamos Lá Ela estava agachada obedientemente atrás dele para fazer o seu caminho e descer as escadas para o pátio do castelo. Era uma noite fria e clara, com uma pitada definitiva de geada no ar. Acima dele, as estrelas brilharam para baixo, enquanto um quarto de lua estava baixa no leste.

Revivido pelo ar frio, ele respirou profundamente, olhou ao redor do pátio. Havia bastante luz das estrelas e da lua para lançar sombras definitivas em todo o quintal e ocorreu-lhe que esse tempo pode ser tão bom quanto qualquer um olhar ao redor da vizinhança.

A pulverização fina de neve fresca sobre as pedras rangia sob as botas quando ele fez o seu caminho para o portão traseiro ao lado da ponte levadiça maciça. Uma das sentinelas estava parada enquanto ele fazia o seu caminho para

o posto ao lado do portão.

"Por que está aqui fora, Bardo?" ele perguntou. Sua maneira não era nem amigável, nem hostil.

Will que deu de ombros. "Não consigo dormir", disse ele. Então, apontando para o cachorro, "E ela está sempre pronta para uma caminhada."

A sentinela levantou uma sobrancelha para ele. "Este não é um bom lugar para ir caminhar à noite", disse ele. "Mas se você quer ir, seria melhor ficar longe da Floresta Grimsdell".

"Floresta Grimsdell?" Will disse, assumindo um tom ligeiramente divertido, cético.

"Não é que, quando os Vampiros e fantasmas se reúnem?" Ele sorriu alegremente para o sentinela para que ele saiba que tais superstições pouco significavam para ele. A sentinela balançou a cabeça.

Ria se quiser. "Mas um homem sábio lhe daria um grande conselho".

"Bem, então talvez eu vá", disse Will, soa totalmente falso. "Onde é que está exatamente, para que eu possa me certificar de que ficar longe dela?"

Houve uma longa pausa, enquanto o soldado olhou para ele, reconhecendo a sua descrença e refrear um pouco no ridículo subjacente palavras, o menestrel. Bardos, ele pensou, são sempre tão inteligentes tão rápidos com as piadas sobre as coisas. Finalmente, ele apontou para a esquerda.

"É nesta direção", disse ele, segurando sua raiva. "Cerca de um quilômetro. E você vai saber quando você vê-lo, acredite. Vou deixar as sentinelas na parede, sei que você saiu", ele acrescentou, "no caso de você conseguir voltar."

E, sentindo que ele teve a última palavra, ele abriu o portão pequeno ao lado da ponte levadiça, permitindo Will e o cachorro passar. O portão bateu e fechou atrás de si, e Will ouviu os parafusos se trancarem, quase que imediatamente. Num país como este, não se deixava as portas abertas por mais tempo do que o necessário quando o sol estava baixo.

Pela mesma razão, a ponte levadiça maciça foi para cima. Não seria baixada novamente até depois do nascer do sol. Mas havia um caminho por uma ponte de acesso sobre o fosso que protegia deste lado do castelo. Will o cruzou facilmente, o cão um pouco menos. Ele havia notado antes que ela não gostava da sensação de incerteza debaixo de seu pé.

Ele olhou para o castelo, uma massa preta acima dele. Ele podia ver uma ou duas formas escuras movendo-se sobre as ameias e achou que estes seriam os guardas noturnos.

Resistindo à tentação de onda, ele bateu para fora na direção que a sentinela tinha indicado. O cão seguiu-o em seguida. Quando ele estalou os

dedos e disse que a palavra "Livre", ela seguiu a frente, andando em um amplo arco de cerca de vinte metros à frente de Will, para parar e cheirar novos aromas, arrumar uma orelha para novos sons, mas continuamente verificava de volta para certificar-se que Will que estava seguindo.

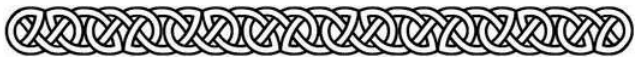
Havia uma beleza selvagem ao campo sob a sua cobertura de neve. A estrada tinha apenas a fina camada que havia caído naquela noite. Mas nos campos e árvores à beira da estrada, a neve ainda estava grossa e pesada das quedas anteriores. Will sempre amou a visão de uma nevasca à noite e ele andou sobre ela contente, pensando sobre os acontecimentos da noite em foco total nos personagens do Senhor Orman e seu primo.

Gradualmente, o campo aberto e os campos limpos começaram a dar lugar a árvores e arbustos que invadiam mais perto da estrada. Era escuro aqui, sem os campos e sua cobertura de neve que refletem a luz ambiente, e Will sentiu uma sensação de alguém o pressionando. Seguindo-o. Observando-o. Ele soltou a faca Saxônica em sua bainha e tocou o cabo da faca jogando por trás do pescoço. Ele disse a si mesmo que este não era nada a ver com superstição. Era apenas o bom senso em um pedaço potencialmente perigosos do país. Ele notou que o cão questionador havia caído em um arco mais estreito do que antes.

Ela, obviamente, preferiu limpar o chão também. Mas ele argumentou que ela teria sentido qualquer emboscada à frente deles para dar-lhe aviso, assim ele continuou.

E encontrou-se na borda da Floresta Grimsdell.

19



Grimsdell Wood apareceu, não havia outra palavra para isso. As árvores aqui eram mais altas, mais escuras e mais compactadas. As sombras sob elas eram densas e impenetráveis. A madeira era escura e parecia determinada a esconder seus segredos de estranhos.

A sentinela estava certa, ele pensou. Ele sabia disso quando a viu. Ele caminhou lentamente ao longo da borda das árvores, estalando os dedos uma vez para trazer o cão de volta ao lado dele. Suas orelhas eram picadas, ele percebeu, e seus olhos varreram dele para a madeira e de volta, quando ela percebeu que sua atenção foi concentrada.

Então os ânimos se exaltaram e ela resmungou baixinho, o seu olhar rebitado para um lado. Will olhou naquela direção, mas no momento não viu nada através do emaranhado de árvores e da vegetação rasteira. Então, ele caiu em um agachamento e por um momento vi um tênue brilho vermelho que se deslocava entre as sombras. Só por um momento. Em seguida, ele foi embora. Ele sentiu os cabelos arrepiarem na parte de trás do seu pescoço como ele fosse se erguer mais uma vez. Ele balançou a cabeça e riu baixinho.

"É uma luz", disse a si mesmo. "Nada mais".

Ela rosnou novamente, e desta vez viu o movimento com canto do olho. Um brilho azul esse tempo que parecia incendiar brevemente as copas das árvores e depois desapareceu. Ele não tinha certeza se ele tinha visto, mas o comportamento do cão confirmou que ele tinha.

Em seguida, a luz vermelha estava de volta, veio mais uma vez e foi novamente antes que ele pudesse focá-lo claramente. Desta vez foi em uma parte da madeira de várias centenas de metros de onde tinha aparecido. Will sentiu seu coração bater mais rápido, e suas mãos deixaram cair a faca Saxônica mais uma vez.

"Venha, menina", disse ele. "Deve haver um caminho por essa madeira em algum lugar."

Ele encontrou uma cerca trinta metros mais adiante. Era estreita e tortuosa, com espaço suficiente apenas para um homem. Talvez fosse uma pista de jogo. Ou talvez tivesse sido feita pelo homem. De qualquer maneira, ele

avançou na madeira, o cão se movia um ou dois passos à frente dele, de cabeça baixa, o nariz para o chão.

Depois de vinte passos, Will olhou para trás e já não podia ver o caminho para sair da madeira. O caminho torcido tanto de vegetação rasteira e trepadeira e árvores tão intimamente entrelaçadas que o seu mundo tornou-se confinado a um espaço de poucos metros. Ele continuou com a mão ainda no cabo da faca Saxônica. Os anos de formação de Arqueiro significavam que ele movia-se com praticamente nenhum som e agora ele começou instintivamente a usar os padrões de sombra como cobertura para seu movimento.

Não havia nenhum outro sinal de luzes entre as árvores. Talvez, pensou ele, os portadores de luz tinham se assustado quando entrou para a madeira. O pensamento foi um pouco mais relaxado. Talvez ele não fosse o único nesta madeira se sentindo nervoso. Ele sorriu para o pensamento e segui em frente. Então começou a sussurrar.

Foi mesmo no limite da audição, de modo que no primeiro ele não estava totalmente certo de que ele poderia realmente ouvir algo. Então, ele pensou que talvez fosse o vento através das folhas, exceto que não havia vento. Foi um sussurro quase imperceptível, que parecia vir de toda parte e em lugar nenhum. Ele olhou para o cão. Ela tinha parado uma pata levantada, cabeça inclinada para um lado, escutando. Então, o som estava lá. Mas foi impossível determinar de onde veio, e que tornou impossível distinguir se era vozes ou apenas um som. Ele subia e descia bem na borda de seus sentidos, por vezes, abafados pelo som acelerado de seu próprio coração, às vezes se tornando quase clara, quase compreensível. E então, no meio da resmungando indeterminado, começou a fazer as palavras individuais.

Desagradavelmente palavras evocativas. Certa vez, ele pensou que ouviu claramente uma voz dizer: a dor. E então o murmurar morreu até que ouviu, ou pensou ter ouvido a palavra morte. E do sofrimento, da escuridão e do terror. Então mais sentido sussurrando, sem palavras.

Ele olhou para o cão novamente. Ela manteve-se alerta, mas as próprias palavras, é claro, não tinha qualquer significado para ela. Ela estava apenas reagindo ao som. Sua mente voltou ao terror que sentira anos antes, quando ele e Detiver e Jean estava caçando as feras Kalkara através da planície solitária. Então, como agora, o terror de sons desconhecidos tinham o apreendido e ameaçavam esmagá-lo. Mas então, ele contou com a presença tranquilizadora de Halt para dominar os seus medos. Agora, ele só tinha a si mesmo.

Ele tomou uma respiração profunda. A faca Saxônica fez um assobio suave como ele caiu da bainha lubrificada e ele disse, de forma clara e firme, para as sombras em torno dele: "Aço".

O sussurro parado. O cão olhou para ele. Abanou o rabo uma única vez. Sua tremedeira abaixou e ele se sentiu melhor. Enfrente seus medos, Halt sempre havia lhe ensinado, e mais frequentemente do que não vai desaparecer como névoa ao sol. Sussurrar e as palavras eram uma coisa, pensou. Tem a afiada, faca pesada Saxônica era outra completamente diferente. Mais prático. Mais real. Mais atraente. E bem mais perigoso.

"Chumbo sobre, cão. Vamos encontrar esses murmuradores". Ele apontou para o animal para continuar. Ele seguiu alguns passos atrás dela; confiante em sua capacidade de perceber o perigo.

Foi assim que ele deixou sua liderança. Caso contrário, ele poderia ter caminhado em linha reta as águas negras do simples fato de repente apareceu como uma curva.

O caminho contornou a sua vantagem para a direita. Conjunto entre as árvores era uma extensão de água preta trinta metros de diâmetro. Na sua borda, a árvore trepadeira arrastou para a água e inclinou-se para reunir-se mutuamente, alguns tão alto que quase tocava as mãos com seus vizinhos em frente, para que não houvesse céu claro apenas acima do centro do lago. Vapor subiu de superfície da água, torcendo em coroas de névoa fina, que se dissipou como eles subiram para as árvores. Bolhas se romperam na superfície onde estava apodrecendo a vegetação abaixo. Ou quando alguma criatura grande respirou, pensou. Do outro lado da água, em frente onde ele estava o nevoeiro parecia estar mais grossa, formando o que era mais uma cortina. Ele parou de estudar o fenômeno, querendo saber por que a neblina deve ser mais grossa nesse ponto um. O cão caiu para a barriga, observando-o atentamente, pronto para passar ao largo, quando ele começou a andar novamente.

Então, em um momento de parar o coração do terror absoluto, uma figura gigantesca apareceu saindo da névoa, alto eleva-se acima do simples, parecendo a subir a partir da água negra em si. Aconteceu tão depressa quanto isso. Um momento não havia nada, então, num piscar de olhos, o valor era de lá, totalmente formada. Enorme e ameaçador, negros contra a névoa, uma sombra de um guerreiro gigante de armadura antiga, cravada, com um capacete alado maciço em sua cabeça. Devem ter sido doze metros de altura, pensou que ele estava enraizado ao ponto de horror. O capacete era um desenho de rosto inteiro, mas onde os buracos para os olhos estavam trespassado, não havia espaço vazio.

A figura parecia tremer um pouco e por um momento medonho ele pensou que estava se movendo em direção a ele. Então ele percebeu que era simplesmente o movimento da cortina de nevoeiro. Coração de Will dava marteladas dentro de suas costelas, e sua boca estava seca, com medo. Esta não

era uma figura mortal, que ele conhecia. Isso era algo do outro lado, do mundo escuro da feitiçaria e magias.

Instintivamente, ele sabia que nenhuma de suas armas poderia prejudicá-lo. Foi profundo e parecia ecoar ao redor do lago negro, como se ele fosse ouvir isso de alguma caverna vasta do que a floresta aberta.

"Cuidado, mortal!" ele cresceu. "Não desperte a sombra do Guerreiro da Noite.

Saiam daqui agora, enquanto vocês ainda são capazes!" O cão saltou para os pés dela ao som da voz maciça. Um rosnado ressoou na garganta e Will a acalmou em uma voz que era longe de estável.

"Fique, menina!", Ele grunhia, e parou de rosnar. Mas ele podia ver que o rufo no pescoço havia levantado em uma reação primitiva de raiva ou medo. Ele podia sentir os pelos em seu próprio pescoço de pé em pé, na mesma maneira. Do outro lado do lago, a neblina parecia engrossar era figura aterrorizante parecia crescer mais e mais substancial, como se estivesse puxando energia da neblina. Desta vez, quando ele falou, a voz era ainda mais alto do que antes. "Vá agora enquanto eu conceder-lhe a chance! Saia!"

A última palavra ecoou em todo o simples e vai encontrar-se involuntariamente se movendo para trás a maneira que ele tinha vindo, se afastar do Lago Negro e o guerreiro infernal. Ele tropeçou em uma raiz de árvore, olhou para baixo para se recuperar e, em seguida, como ele olhou para cima, a Guerreiro da Noite tinha desaparecido.

Em um instante, como uma vela apagada. Ele olhou com medo em torno do simples, perguntando se o guerreiro podia reaparecer em algum lugar mais perto. Então a voz veio novamente. Foi baixa neste momento, nem perto do volume do original, e desta vez não havia palavras. Apenas uma risada, profundamente ameaçadora. Will perdeu sua última reserva de coragem. "Venha, menina!" ele chamou e, voltando-se, correu cegamente para fora do Grimsdell Wood, o cão deslizava por ele para liderar o caminho para onde se podia ver o céu claro e a sobrecarga de estrelas brilhantes. Só então Will interrompeu a corrida. A respiração saía em nuvens de vapor irregular no frio, enquanto seu coração batia em tempo duplo. Ele esperou alguns minutos, até que sua respiração voltasse a um ritmo mais constante e natural.

Quando chegaram à vista, a massa negra do Castelo Macindaw parecia acolhedor e confortável para ele. A queima da tocha pelo portão traseiro era um farol de segurança e correu em direção a ele, ansioso para estar dentro das paredes.

20



Will dormiu mal todo o resto da noite, como era de se esperar. Seu sono era irregular e desigual, povoado por sonhos do gigante Guerreiro Noturno. Foi somente em direção a madrugada que ele conseguiu cair em um sono profundo e, inevitavelmente, pouco depois que ele tinha, ele foi acordado pelos sons da manhã subindo no castelo.

Ele ficou deitado por um momento na cama, pensando se ele realmente tinha visto e ouvido a figura terrível na noite anterior. Por um minuto ou dois, o seu cérebro confuso pelo sono, pensou que poderia ter sido um pesadelo. Levantou-se, esticando os membros rígidos e os músculos, percebendo que todo o seu corpo tinha ficado tenso enquanto ele dormia. O cão, com o queixo nas patas e barriga para baixo sobre as lajes quentes por brasas de fogo, inclinou seus ouvidos para ele e bateu sua cauda duas vezes em saudação.

"Está tudo certo para você" disse ele melancolicamente. "Você não tem ideia de como aterrador foi ontem à noite." Abriu as venezianas e olhou para o novo dia. O dia estava brilhante e ensolarado, a luz da manhã cintilando fora do campo coberto de neve envolvente de Macindaw. O treinamento e a disciplina exigiam que ele devesse ter tempo para analisar os acontecimentos da noite anterior, enquanto eles estavam frescos em sua mente, tentando encontrar alguma explicação lógica para eles. Após a análise de dez minutos, ele chegou à relutância conclusão de que ele tinha visto a figura. Ele tinha ouvido a sua voz. E ele tinha sido aterrorizado como nunca antes. A luz do dia não trouxe nenhuma explicação lógica, nenhuma solução física. Havia algo terrível na Floresta Grimsdell. Ele soltou um longo suspiro. Pensou novamente nas instruções de Halt, e sua opinião de que, em noventa e nove casos em cada cem, não havia uma explicação para tais fenômenos.

"Acho que vou ter que voltar lá e descobrir o que é" Will disse calmamente.

Não surpreendentemente, ele tinha pouco apetite quando ele foi para o café da manhã no refeitório. Mas ele conseguiu empinar a um par de rolos quentes, recheando-os com uma conserva feita de framboesas, e pelo tempo que ele estava no meio do seu segundo copo de café seus nervos abalados foram

quase de volta no lugar. Não procurando companhia, ele se sentou sozinho em uma das longas mesas no salão, ficando longe dos pequenos grupos que agrupavam juntos, conversando calmamente sobre o café da manhã.

Foi lá que o menino de recado o encontrou.

"Bardo?" ele disse friamente. Ele era velho para um menino de recado. Ele deve ter sido em seus quarenta anos, o que significava que tinha encontrado nenhum favor a todos nos olhos de seus superiores. A maioria dos rapazes empregados como meninos de recado em um castelo moviam-se para posições como escudeiros ou assistentes para os mestres.

Aqueles que não eram geralmente preguiçosos, truculentos ou estúpidos. Ou todos os três.

Sua próxima instrução decidiu Will que a quarta opção era a correta. Quando ele olhou para cima de sua xícara de café, o menino de recado continuou.

"Veja o Senhor Orman às 10 horas em ponto."

Ele se virou e se afastou. Por um momento, Will estava tentado a chamar o menino de recado novamente e dar-lhe um sarrafo pela sua falta de boas maneiras. Como um Arqueiro, ele estava acostumado a ser tratado com respeito.

Então ele percebeu que não era um Arqueiro no momento. Ele era um bardo.

Tristemente, ele decidiu que o desprezo indisfarçável de Orman para menestréis deve ter passado para alguns de seus funcionários.

Havia um relógio de água na sala de jantar e ele viu que ele tinha mais uma hora antes de sua entrevista com Orman. Perguntou-se brevemente por que o senhor do castelo queria vê-lo. Seu pensamento imediato foi que tinha algo a ver com os acontecimentos na Floresta Grimsdell, mas depois percebeu que isso era provavelmente a sua imaginação trabalhando todo o tempo, então Grimsdell era sempre o primeiro pensamento em sua mente.

Mais provavelmente, ele pensou, Orman queria vê-lo sobre a cena mais cedo com seu primo Keren. Quanto mais ele considerava isso, mais ele sentia que era o caso. Orman foi constrangido na frente de toda a assembléia. Chances eram que ele estaria pronto para descontar a sua raiva em Will, e ele enfrentava a perspectiva filosoficamente. Não havia nada que pudesse fazer sobre isso, então não valia a pena se preocupar com isso. Mas ele percebeu que teria de trilhar um caminho de cuidado no futuro. Não havia nenhum ponto em alienar o senhor do castelo, não importando o quão desagradável ele pode ser.

Ele passou o tempo em uma pequena biblioteca do castelo, situada em uma das torres dos cantos, caçando através das prateleiras empoeiradas de livros e pergaminhos para ver se havia qualquer referência nas histórias locais sobre o

Guerreiro Noturno, e olhando de forma aleatória para os volumes de feitiçaria e feitiços. Em ambos os casos, ele ficou de mãos vazias. Havia apenas um pequeno volume de feitiçaria, apesar de ter notado vários espaços vazios nas prateleiras ao lado dele. E os poucos relatos fragmentados de história local que ele encontrou não mencionava nenhum Guerreiro Noturno. Frustrado e distraído com a memória de sua reação no bosque na noite anterior, ele fez o seu caminho para a suíte do Senhor Orman, no quarto andar da torre de vigia.

O secretário de Orman, um homem pequeno com uma cabeça careca exceto por tufos de cabelos brancos acima de ambos os ouvidos, olhou para cima quando ele entrou na ante-sala. Ele lembrava Will de um esquilo careca, a cabeça se movendo rapidamente de um lado para outro, como se fosse para ver melhor.

"O Senhor Orman queria me ver", disse ele brevemente. Ele não viu nenhuma razão para se apresentar ao secretário.

"Aaah sim, sim, o bardo, não é? Por aqui então. Senhor Orman esta livre no momento."

Ele levantou-se atrás de uma mesa que estava carregada de papelada, pergaminhos meio-enrolados e livros grossos, e bateu na porta maciça que levava a câmara de Orman.

De outro lado, Will ouviu a fina resposta de voz nasal.

"Venha".

Gesticulando para Will seguir, o secretário abriu a porta e entrou. Orman estava perto da janela, olhando a vista do jardim do castelo abaixo. Era uma sala grande, mesmo de dia iluminada por velas e lanternas de óleo colocadas em pontos estratégicos. Uma lareira em um canto da sala aquecida a sala que era forrada com estantes de livros e pesados armários de madeira. Um deles estava aberto e que viu uma exposição de pergaminhos dentro. Orman tinha uma reputação de estudioso, ele pensou. Seu quarto certamente parecia refletir isso.

"O bardo, meu senhor", disse o secretário, indicando Will. Orman afastou-se da janela e estudou Will por vários segundos sem falar.

"Isso é tudo, Xander", disse ele, e o secretário inclinou-se e saiu calmamente, fechando a porta atrás dele. Orman, ainda estava estudando Will com os olhos arregalados, sentado em uma mesa ao lado da janela. Havia duas outras cadeiras da mesa, mas ele não fez nenhum sinal para Will pegar uma, então ele ficou de pé. Ele podia sentir a cor montando em seu pescoço em resposta ao tratamento arrogante do senhor do castelo.

Esforçando-se para olhar casual, Will desviou o olhar de Orman, permitindo que o seu olhar vagasse pela sala, vendo as pilhas de livros abertos e papéis sobre a mesa enorme contra uma parede interna.

"Meu primo Keren é uma influência perturbadora", Orman disse finalmente. "Você faria bem em lembrar isso no futuro."

Will disse nada, mas curvou-se em aquiescência. Portanto, sua previsão estava certa.

Orman pareciam esperar qualquer resposta e prosseguiu.

"É fácil ser 'popular' quando você não tem responsabilidades, é claro. E há aqueles neste castelo que gostariam de ver Keren no comando..." Ele hesitou e Will teve a estranha sensação de que o outro homem quase esperava que ele comentasse. Ainda assim, ele calou-se.

"Mas ele não está", continuou Orman. "Eu sou a autoridade aqui. Ninguém mais. Entendido?"

As últimas palavras foram quase cuspidas, com uma intensidade que surpreendeu Will. Um pouco surpreso, ele conheceu o olhar quente com raiva do outro homem e se inclinou.

"Claro, meu senhor", respondeu ele. Orman assentiu com a cabeça uma ou duas vezes, em seguida, se levantou da cadeira e começou a andar pela sala.

"Então, pense suas maneiras no futuro, bardo. Vou ser tratado com o respeito que exige a minha posição. Eu posso ser só o senhor temporário deste castelo, mas eu não serei prejudicado por você ou por Keren. Entendido?"

"Sim, Senhor Orman," Will disse uniformemente. Ele estava intrigado. Ele tinha a estranha sensação de que, apesar da sua ira, Orman parecia ser quase implorando respeito e reconhecimento.

Orman deu pausa no seu ritmo e tomou uma respiração profunda.

"Muito bem. Dito isso, eu percebo que não é sua culpa que você falhou em viver de acordo com as normas que eu considero serem as normas para um bardo. As canções antigas e canções populares estão todos muito bem, mas elas não são substitutas para os clássicos. O tipo de simplista de interior você canta apenas neutraliza a mente do povo comum. Eu acredito que é papel de um intérprete exaltar as pessoas. Elevar as suas percepções. Expô-los a uma grandeza além de seus próprios horizontes limitados."

Ele parou, olhou para Will e balançou a cabeça ligeiramente. Will não tinha dúvidas de que Orman encontrou o seu potencial para a elevação faltando. Ele inclinou-se novamente.

"Eu lamento que eu seja um artista simples, meu senhor", disse ele. Orman assentiu com amargura.

"Com a ênfase no simples, infelizmente", disse ele.

Com a cabeça baixa, Will sentiu suas bochechas começando a ficar vermelhas.

Ignore isso, disse a si mesmo. Se você pretende ser um bardo, você tem

que desenvolver uma pele grossa para a crítica. Ele respirou profundamente algumas vezes, recuperando o controle de si mesmo. Orman o observava com curiosidade. A farpa tinha sido intencional, Will percebeu. O senhor do castelo queria ver como ele poderia responder.

"E ainda", disse Orman, em reconhecimento em uma quase má vontade, "o instrumento que você toca é bem incomum. Não é um Gilperon, por acaso, é?"

"É uma mandola" Will começou sua resposta habitual. "Tem oito cordas, em sintonia..." Ele não continuou.

"Eu sei que é um Bandolim, por piedade!" Orman interrompeu. "Eu estava perguntando se foi feito por Axel Gilperon, provavelmente o luthier mais famoso do reino.

Eu teria pensado que qualquer músico profissional teria ouvido falar dele. Mesmo você".

Foi um deslize ruim, Will percebeu. Ele tentou encobrir o melhor que pôde.

"Minhas desculpas, meu senhor. Eu o entendi mal. Meu instrumento foi feito para mim por um artesão local, no sul, mas ele é bem conhecido por copiar o estilo do mestre.

Naturalmente, um músico pobre como eu nunca poderia pagar um real Gilperon."

Ele riu de uma forma auto-depreciativa, mas Orman continuou a olhar para ele, a suspeita evidente em seu olhar. Houve um silêncio constrangedor, finalmente quebrado por uma batida na porta.

"O quê?" Orman exigia furiosamente, e a porta se abriu apenas o suficiente para o seu secretário olhar nervosamente para a sala.

"Seu perdão, Senhor Orman", disse ele, "mas a Senhorita Gwendolyn de Amarle chegou e insiste em ver você."

Orman se irritou. "Você não vê que estou ocupado?"

Xander abriu a porta uma fração maior, fazendo gestos para a ante-sala secreta por trás dele. "Ela está aqui, meu senhor", disse ele, mantendo a sua voz tão baixo quanto possível. Orman fez um gesto mal-humorado, ao perceber que a nobre visita já estava em sua ante-sala.

"Muito bem, peça para ela entrar", disse ele. Ele olhou para Will, que havia se movido para a porta. "Você espera. Eu não terminei com você ainda."

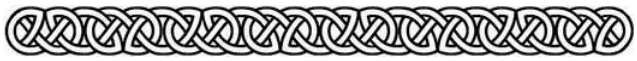
Xander assentiu com gratidão e retirou-se. Poucos segundos depois, ele abriu a porta e entrou, parou em um lado enquanto ele convocava a nova chegada.

"Senhor Orman, gostaria de apresentar Senhorita Gwendolyn de Amarle".

Ele curvou-se quando a senhorita entrou na sala. Loira, alta e bonita, ela estava vestida com um requintado vestido de seda verde e movia-se com a dignidade inconsciente e graça de uma nobre nascida. Will suprimiu uma exclamação de surpresa.

A Senhorita Gwendolyn de Amarle era Alyss.

21



Alyss arrastava seu vestido-cinza pelo castelo do senhor, ignorando Will. “Lorde Orman”, disse ela, “é tão bom você abrigar-me para essas próximas semanas!” Ela estendeu a mão, palma para baixo, para Orman, deixando-o em dúvida quanto a quem ela considerava ser mais alto na classificação.

Orman a contragosto dobrou sobre a mão e tocou os lábios nela. “Semanas, minha senhorita?” disse ele. “Eu pensei que era uma questão de poucos dias? Uma semana no máximo?”

“Mas certamente não!” Alyss recuou um pouco em sua grosseria. “As estradas para o castelo de meu noivo estão espessas com neve e ouvi dizer que há lobos e ursos neste campo! Não posso avançar até as estradas estarem limpas, ansiosa como estou para estar com meu amado Lorde Farrell. Certamente, Senhor Orman, você não me negaria à hospitalidade prometida por seu pobre querido pai”.

Orman estava preso. Foi interessante, Will pensou como a hierarquia nobre funcionava. Azedo e mal-educado como ele poderia ser, e um assassino em potencial também, Orman foi esmagado pela presunção da classificação superior de Alyss.

“Claro que não, Lady Gwendolyn! Disse ele. Foi um mero inquérito, nada mais.”

Mas Gwendolyn já tinha deixado de lado e estava olhando para Will, como se fosse algum tipo de inseto inferior.

“E quem é que temos aqui?” , ela perguntou, arqueando uma sobrancelha.

“Um bardo, minha senhorita, chegou apenas um dia atrás.”

“Esse bardo tem um nome?” ela respondeu seu olhar fixado em Will. Ele hesitou.

Era para Orman apresentá-lo. Alguém de posição comum não poderia iniciar uma conversa com uma mulher nobre como Gwendolyn. Enquanto observava a mímica entre os dois, Will estava extremamente impressionado com a capacidade dela de desempenhar o papel que havia tomado.

“Will Barton, minha senhorita”, disse Orman. Por ele ter apresentado Will a ela, ela reforçou sua posição superior, mais uma vez. Will inclinou-se

profundamente.

"Ao seu serviço, minha senhorita", disse ele. Alyss o estudou cuidadosamente, um cotovelo em concha na mão, enquanto seus dedos longos e elegantes acariciavam sua bochecha.

"Você é um artista hábil, Will Barton?"

Will olhou de soslaio para Orman. "Eu sou um artista simples, minha senhorita", disse ele.

Orman balançou a cabeça em desprezo. "Músicas populares e cantigas do reino são os seus limites, tenho medo, minha senhorita. Dificilmente o que vocês chamariam de uma classificação mais elevada".

"Músicas populares?" Alyss disse, e quebrou em uma estridente risada. "Que divertido! Muito bem, bardo, você pode comparecer em minha suíte em uma hora. Talvez suas cantigas possam me ajudar a esquecer a dor da separação do meu amado." Ela olhou para Orman. "Eu confio que você não tenha nenhuma objeção, Orman?"

Orman encolheu os ombros. "Nenhuma minha senhorita", disse ele. "Por favor, se beneficie de todas as nossas instalações".

A sobrancelha de Will disparou. Então, Will era uma "instalação" para ele?

Felizmente, ele teve a sua expressão sob controle novamente antes que Orman notasse. A atenção do senhor do castelo estava totalmente ocupada por Alyss, conforme ela forjava sua impressão com a soberba de um nobre arrogante.

"Então talvez você possa fazer sua cozinha entregar uma refeição leve à minha casa também, Orman?" disse ela. "Estou cansada e com fome depois das minhas viagens através deste seu campo sombrio. Você pode apresentar o seu agregado familiar para mim amanhã, mas para o resto do dia eu prefiro descansar."

Orman inclinou-se. "Claro, minha senhorita." Realmente, pensava Will, havia pouco mais que ele pudesse dizer. Ele percebeu que Alyss estava olhando para ele mais uma vez.

"Mas antes de eu me retirar, há uma ou duas coisas que poderíamos discutir Orman..." ela disse de forma significativa, e Orman pegou sua sugestão.

Ele fez um gesto secreto a Will. "Muito bem, Barton, você pode ir. Nós vamos continuar a nossa discussão outra hora."

Will inclinou-se profundamente. "Lady Gwendolyn, meu senhor", disse ele, e moveu-se em direção à porta. Eles o ignoraram como fosse só uma montagem, enquanto Orman levava Alyss a uma cadeira.

"Lembre-se, bardo", ela chamou imperiosamente quando Will chegou à

porta, "meus quartos em uma hora. Eu posso não estar pronta para você, então, você pode ter que esperar, mas esteja lá de qualquer maneira."

Will inclinou-se novamente. "Claro, minha senhorita", disse ele.

Quando ele saiu, ouviu-a dizer, sem fôlego para Orman: "Agora, Orman, você tem que me dizer o que aflige o seu pobre querido pai! Existe alguma coisa que eu posso fazer para ajudar?"

Xander facilitou a pesada porta para que se fechasse atrás de Will, antes que pudesse ouvir a resposta de Orman.

Como convinha à sua classificação assumida, Alyss estava viajando com uma comitiva de peso. Um camareiro, duas empregadas e uma meia dúzia de soldados formavam o grupo. Os soldados estavam acomodados no dormitório do castelo enquanto Alyss e os outros ocupavam um conjunto grande na torre de vigia. Will se apresentou em sua ante-sala no tempo determinado. Ele não estava certo do que esperar, sem saber quantos do grupo de Alyss estavam consciente de sua verdadeira identidade. O camareiro cumprimentou-o friamente e acenou-lhe um assento.

"A Senhorita Gwendolyn disse que você vai esperar", disse arrogantemente. Olhou para o instrumento que Will estava abaixando. "Trouxe seu alaúde, você tem um?"

Will respirou, preparando para falar, então decidiu desistir. Se toda a população do mundo quis assumir que ele tocava um alaúde, quem seria ele para desmentir? O camareiro tinha perdido o interesse nele, e desapareceu em um quarto interior, deixando-o sozinho.

Vários funcionários do castelo vieram e foram embora Alyss o manteve esperar pelo menos meia hora. Ele percebeu que o atraso foi totalmente de acordo com a personagem que ela estava atuando, lordes e senhoritas raramente davam qualquer pensamento para seres inferiores quem eles possam continuar esperando, mas ele sentia que ela estava exagerando um pouco. Finalmente, o camareiro reapareceu e chamou-o entrar "A Senhorita Gwendolyn está pronta para você agora", disse ele. Will murmurou sob sua respiração. Um ouvinte interessado poderia ter ouvido as palavras "Antes tarde do que nunca", mas o camareiro parecia não ouvir nada.

Ele seguiu o outro homem para o grande salão. Alyss estava parada perto da janela, seu rosto era uma máscara até que o camareiro fechasse a pesada porta atrás deles. Em seguida, ampliou a sua boca em um sorriso sincero e ela veio para frente para apertar as mãos dele, roçando os lábios macios contra a sua face.

"Will", ela disse suavemente, "como é maravilhoso ver você de novo!"

Seu aborrecimento evaporou instantaneamente e ele voltou à pressão em

suas mãos.

"Eu não poderia estar mais de acordo", disse ele. "Mas o que na Terra a traz aqui?"

Alyss olhou surpreso. "Eu sou o seu contato", disse ela. "Halt não te disse?"

Ele deu um passo para trás, confuso. "Ele disse que seria alguém que eu reconheceria. Eu não tinha ideia que seria você. Eu não tinha ideia de que você..." Ele hesitou, sem saber como proceder. Alyss riu baixinho. Era seu riso natural, não o relincho estridente de auto-diversão que ela assumiu como Lady Gwendolyn.

"Você não tinha ideia que eu me envolveria neste tipo de negócios de capa-efacas?"

disse ela. Quando ele acenou, ela sorriu e continuou. "Bem, você viu meu punhal.

Você pensa que as Mensageiras simplesmente levam mensagem ao redor do reino?"

Ele sorriu de volta. "Bem... sim, como uma questão de fato. Mas então, esta é a minha primeira missão como essa."

Ela soltou suas as mãos e se tornou metódica de repente. "Estamos perdendo tempo.

Explicarei mais tarde. Mas, primeiro, precisamos ouvi-lo tocar."

Isso assustou. "Ouvir-me jogar? disse ele, e ela balançou a cabeça rapidamente, apontando para a caixa do instrumento.

"Seu mandola. É uma mandola, não é?" acrescentou ela, e ele concordou. De alguma forma, ele não estava surpreso que Alyss poderia nomeá-la corretamente. Ele soltou os grampos, ainda perplexo. Ele percebeu que o mordomo tinha movido um pouco mais e estava observando cuidadosamente conforme Will ajustava a afinação. Ele desafinou uma corda.

"Apenas o instrumento. Não se incomode em cantar", disse Alyss.

Franzindo, Will começou a introdução de Montanha Wallerton. O camareiro aproximou, com a cabeça para um lado, ouvindo atentamente. Os olhos de Alyss estavam fixos no homem. Após dezesseis barras ou assim da velha canção popular, ele olhou para ela e acenou brevemente com a cabeça e ela fez um gesto para Will parar. Ainda confuso, ele tocou as ultimas notas e franziu uma pergunta. Em voz baixa, ela apontou para o camareiro.

"Dê a mandola para Max", disse ela. "Ele vai tocar enquanto falamos."

O entendimento amanhecia conforme Will passava o instrumento para o homem mais velho. Max pegou e, sem nenhum dos habituais retoques ou ajustes que a maioria dos músicos faziam quando pegavam emprestado

instrumento de outros, ele começou a jogar imediatamente. Will percebeu que o homem estava copiando o seu próprio estilo exatamente. Havia a nota ocasional frustrado na faixa inferior, e a ligeira hesitação enquanto ele mudava até o pescoço para arpejos agudos falhos que Will estava sempre tinha o cuidado de corrigir.

Alyss arrastava-o para um lado, mais perto da janela, mas não tão perto que se podia ser vista de fora.

"Agora nós podemos conversar", disse ela, "enquanto quaisquer bisbilhoteiros vão ouvir a serenata barda para alegrar aquela Lady Gwendolyn".

"Quem inventou Lady Gwendolyn, a propósito?" ele a perguntou. Alyss balançou a cabeça.

"Ah, ela é bastante real. Um pouco de uma intelectual leve, mas terrivelmente leal.

Quando descobrimos que ela tinha arranjado para viajar aqui este mês, ela concordou em permitir-me para tomar seu lugar. Era a situação ideal, na verdade. Ela havia sido convidada para o inverno aqui pelo Lorde Syron antes de todo este negócio começar. Orman dificilmente poderia ir contra a oferta de hospitalidade do pai. Passei dias praticando o meio-riso perspicaz, você sabia" acrescentou.

Will sorriu. "Tudo isto é realmente necessário?" disse ele, indicando Max, agora tropeçando um pouco mais para a introdução do Coração de Wildwood. Alyss encolheu os ombros.

"Talvez não. Mas não podemos ter certeza de que poderiam estar ouvindo ou vendo e é melhor supor que alguém está. É por isso que eu senti que eu deveria deixar você esperando, Desculpe-me sobre isso".

Ele deu de ombros pela desculpa. O que ela disse fazia sentido. Lembrou-se dos servos do castelo que tinha visto ele na antecâmara. Qualquer um deles poderia ser tutelado por Orman agora. Ele olhou para Max.

"Ele é muito bom", disse ele, em seguida emendou a afirmação: "Quero dizer, ele é muito bom em ser ruim." Ele sorriu. "Eu realmente sôo tão mal como isso?"

Alyss tocou-lhe a mão. "Ah, vamos lá. Você não é tão ruim. Mas nós não poderíamos tê-lo tocando como um virtuoso e esperar que as pessoas acreditassem que era você. Agora me diga o que descobriu até agora?"

Will balançou a cabeça. "Não muito do que nós já sabemos. O campo inteiro está apavorado. Ninguém vai falar. Eu não vi Syron, mas Orman parece ser uma má peça para trabalhar em conjunto."

Alyss assentiu. "Eu concordo. Reparou os livros em sua mesa?" disse ela. Will balançou a cabeça e ela continuou. "Feitiços e encantamentos era um deles.

Magia e Arte Negra eram outro. Havia mais, mas eles eram os únicos dois títulos que eu poderia ver a capa."

Will assentiu, compreendendo. "Isso explica os buracos nas prateleiras da biblioteca", disse ele.

Alyss sentou-se num sofá de dos lugares, dobrando seus pés para cima sob ela, Will achou um movimento particularmente atraente. "E o primo? Keren?" ela perguntou. "Você o encontrou?"

"Apenas uma vez. Ele parece ser um bom homem para se ter ao redor. Simples. Sem loucuras. E não há amor entre ele e Orman. Orman praticamente me avisava para ficar longe dele pouco antes de você chegar", acrescentou ele. O rosto de Alyss assumiu uma expressão pensativa.

"Portanto, pode ser difícil para você fazer mais contato com ele?" disse ela. Will assentiu com a cabeça e ela continuou. "Talvez eu pudesse fazê-lo. Suponho que seria do caráter de Lady Gwendolyn flertar com ele, especialmente porque ele está abaixo dela na hierarquia. Dessa forma, ela poderia ter certeza que nada viria dele."

Will estava um pouco surpreso ao descobrir que ele não gostava muito da ideia.

Keren era bonito, simpático, e ele assumiu, seria atraente para as mulheres com seus modos abertos e descontraídos. Ele percebeu que Alyss estava sorrindo para ele, como se ela pudesse ler seus pensamentos.

"Só seria a Lady Gwendolyn fazendo o flerte, Will" disse ela. "E ela esta para se casar, por isso equivaleria a nada, como eu disse."

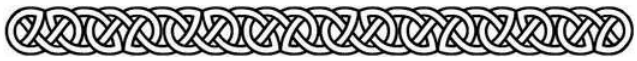
Ela pode estar noiva, mas você não está, Will pensou. Então ele jogou o pensamento azedo longe. Alyss estava apenas fazendo seu trabalho, ele percebeu.

Alyss continuou. "Eu deixei um homem fora da vila para você ir atrás dele em caso de precisarmos entrar em contato com Halt e Crowley. Ele está acampado na mata ali com uma meia dúzia de pombos mensagem se tivermos algo a reportar."

Will pigarreou nervosamente. "Realmente, há algo que eu acho que devemos deixálos saber", disse ele. Alyss pausou e o olhou com curiosidade. Ele hesitou, sabendo que o que ele iria dizer soaria ridículo, em seguida, continuou de qualquer maneira.

"Na noite passada, eu vi o Guerreiro Noturno na Floresta Grimsdell".

22



Alyss ouviu atentamente quando Will recontou os acontecimentos da noite anterior.

Max estava obviamente prestando atenção também, ele pensou. Quando ele chegou no momento em que a figura gigante surgiu da neblina, ele percebeu que o músico perdeu diversas batidas. Ele sorriu com tristeza. Ele não culpou o músico. Ele tinha uma memória distinta que seu coração havia feito a mesma coisa e tivesse continuado a fazê-lo, quando ele esteve na floresta escura e ameaçadora.

Conforme ele relatou sua história, Alyss havia anotado algumas notas ocasionais em um pequeno jornal de couro. Ela os estudou agora, franzindo ligeiramente o queixo na mão.

Finalmente, ela olhou para ele.

"Deve ter sido terrível", disse ela.

"Foi". Will não hesitou em admitir seu medo para ela. Eles se conheciam há muito tempo para fingir o contrário. Além disso, sua formação e sua natureza de honestidade o obrigaram a dar uma explicação verdadeira e exata dos eventos, incluindo suas reações a elas. Ela bateu os dedos sobre a mesa por alguns segundos, estudando suas notas mais uma vez. Então, ela tocou a pena em um dos pontos anotados.

"Seu cão..." ela começou. "Qual é o nome dela, a propósito?"

Will hesitou. Ele estava ficando cansado dessa pergunta. Ele quebrava a cabeça para um nome mas a inspiração o abandonava. "Eu estava pensando em chamá-la de Blackie..."

disse ele.

"Blackie?" O tom de Alyss mostrava de que ela não gostou muito da sua escolha.

"Mas eu tenho algumas outras ideias." Will acrescentado às pressas. Ela acenou a questão de lado. Não era importante.

"Seja qual for. Você disse que ela resmungou quando viu pela primeira vez as luzes em movimento?"

Ele pensou de volta à cena no bosque, tentando reconstruir exatamente o

que tinha acontecido. "Sim", disse ele finalmente. "Ela cabeça inclinou a cabeça, a forma como os cães fazem quando ouvem um som estranho."

"Então..." Ela fez uma pausa e voltou para as notas. "Você viu o Guerreiro Noturno e então você já ouviu ele falar, certo?

Ele assentiu.

"Quanto tempo se passou entre o momento em que você viu a figura e ouviu ele falar? Houve uma pausa?"

Ele pensou cuidadosamente. Ele sabia o quão importante os pequenos detalhes poderiam ser e ele queria ter certeza absoluta que eles estavam corretos. "Houve uma pausa definitivamente", disse ele. "Talvez vinte segundos. Nada menos que isso. É difícil ser preciso, eu estava um pouco distraído pelo que estava acontecendo", acrescentou ele, e ela acenou com a simpatia.

"Eu não culpo você. Eu estaria correndo, gritando o caminho todo, muito antes de você chegar nesse ponto", disse ela. Então, ela tocou no detalhe que estava a incomodando.

"Você disse que quando a figura falou, o cão pulou e rosnou?"

"Isso é certo." E de repente percebi uma luz em sua mente, uma fração de segundo antes Alyss afirmou ele.

"Então ela não foi incomodado pela aparição?"

Will que balançou a cabeça. "Não. Ela veio para os pés dela e rosnou quando ouvimos a voz. Então, quando a figura surgiu, ela deve ter deitado... relaxado".

Alyss acenou para ele. "Então ela reagiu aos sons, e as luzes, o que você esperaria de um cão fizesse se fossem reais, mas quando chegou a doze metros de alta figura do guerreiro...?"

Ela deixou a frase pendurar e Will completou o pensamento.

"Ela não o viu. Ou, se ela fez, isso não incomodou ou ameaçou ela."

Alyss recostou-se na sua cadeira. "Você sabe, Will, eu não sou especialista no paranormal, mas eu sempre ouvi que os animais sentem a presença de manifestações muito antes de os seres humanos. No entanto, o cão simplesmente ali, sem fazer nada, enquanto você estava vendo um guerreiro gigante na névoa".

"Esse é o ponto. Eu vi isso, isso estava lá". Will franziu a testa enquanto tentava juntar as peças do quebra-cabeça.

"Eu sei que você viu. Sei que você não é do tipo histérico. Mas eu estou dizendo que não era um espírito. Foi algum tipo de truque. E o cão ignorou-o porquê o cão percebeu que não era real. Os sons, as vozes, as luzes eram todos reais, eventos físicos. Mas a figura era algum tipo de truque, uma ilusão de algum tipo."

Houve um longo silêncio, enquanto eles se entreolharam. Will sabia que ambos estavam com o mesmo pensamento.

"Eu vou ter que voltar lá e descobrir, certo?" disse ele, durante um tempo.

"Nós vamos ter que ir lá e descobrir", Alyss corrigiu. Ele era grato a ideia de companhia e com o pensamento de que sua mente analítica seria aplicada para a tarefa. Mas mesmo assim...

"Desta vez, vou à luz do dia", disse ele, e Alyss sorriu para ele.

"Depois do que você me disse, cavalos selvagens não poderiam me levar para que a floresta depois de escurecer", disse ela.

Will tocou na sala de jantar novamente naquela noite. Alyss, como ela tinha dito a Orman, permaneceu em sua suíte, presumivelmente se recuperando de sua jornada, e não fez nenhuma aparição pública. Houve um grande interesse nela, sobretudo entre as senhoras do castelo. Uma nobre do sul, provavelmente usaria as últimas tendências da moda e as damas locais não podiam esperar para vê-la. Elas foram ligeiramente desapontadas com a sua ausência e, como resultado, foi uma noite discreta. Orman deixou a sala de jantar logo após a refeição acabar e, antes de Will tocar. Não havia nenhum sinal de Keren e sua comitiva, e Will se perguntava se o guerreiro simpático jovem tinha sido alertado por seu primo também.

O desempenho de Will foi adequado, ele pensou. Ele estava se tornando suficientemente em casa como um intérprete para ser capaz de medir o nível de seu próprio trabalho. A plateia se divertiu sem se tornar excessivamente entusiasta, o que adequava os seus planos admiravelmente. Ele e Alyss haviam combinado de se encontrar na manhã seguinte e ele não queria uma noite longa na atmosfera esfumaçada da sala.

Assim, uma hora após o nascer do sol, ele montou no âmbito da ponte levadiça. A porta pesada era levantada ao amanhecer de cada dia, tão logo ficou evidente que não havia nenhum sinal de inimigos nas imediações. O guarda olhou para ele quando ele passou.

"Caçar, bardo?" ele perguntou, notando o pequeno arco de caça que Will havia amarrado sobre os ombros, e a aljava de flechas pendurada na sela.

"Nada como um par de gatos ou um excelente galo para animar uma refeição", Will disse-lhe, e o homem levantou uma sobrancelha quando ele indicou o arco.

"Você vai precisar chegar perto com esse arco", disse ele. "Em minha opinião, há muito pouco para se caçar no momento."

Will sorriu facilmente. "Ah, bem, eles dizem que a caça é apenas uma maneira de arruinar um passeio agradável", disse ele, e o sentinela sorriu a velha piada.

"Boa sorte, em qualquer caso. E tome cuidado. Há rumores de que um urso foi avistado por aqui."

"Eu nunca como urso", disse Will, completamente sério. Por um instante, o guarda não sabia que ele estava brincando. Então ele riu quando ele pegou.

Will tomou a estrada a noroeste de distância do castelo, refletindo sobre como suas reações às pessoas tinha mudado desde que ele assumiu um papel de anfitrião. Como um Arqueiro, ele estava acostumado com o silêncio em torno de pessoas, e nunca fazer uma observação desnecessária, certamente nunca uma piada. Era parte da mística dos Arqueiros, que ele havia aprendido. Houve um lado prático para ele assim: as pessoas que não estavam falando acharam mais fácil ouvir o que os outros estavam dizendo, e informação era um instrumento para os Arqueiros. Como bardo, no entanto, era totalmente do personagem ele fazer brincadeiras com a menor oportunidade. Mesmo as ruins. Especialmente as ruins, ele corrigiu.

Ele passou por vários quilômetros a noroeste. O cão silenciosamente na liderança, como de costume, olhando para trás de vez em quando para se certificar de que ele e Puxão estavam seguindo. O pequeno pônei assistia a sua nova companheira, com uma agradável tolerância.

Eles haviam planejado o encontro nas dependências de Alyss na noite anterior, debruçado sobre um mapa da área que ela havia produzido. "Vou sair na primeira luz do dia e ir para o leste", ela disse. "Você vai para noroeste uma hora mais tarde. Então cavalgue ao redor por esta faixa aqui e me encontre na borda da Floresta Grimsdell".

Ele encontrou a via estreita que ela indicou e virou Puxão nele. Era um dia nublado, com um lamento do vento através das árvores nuas, mas ainda haviam lampejos fracos do sol. Avistou-o agora e decidiu que ele estava um pouco atrasado Uma leve pressão com os joelhos e Puxão quebrou de um trote em um trote lento. O cão, ouvindo a mudança de marcha, acelerou seu ritmo próprio de acordo. Will olhou para ela com interesse. Ela mostrou uma grande economia de movimento, nunca indo mais rápido do que o necessário.

Ele supôs que, como um cavalo de Arqueiro, ela poderia manter esse ritmo constante durante todo o dia, se solicitada.

Foi o cão que registrou primeiro a presença Alyss quando eles se aproximaram da borda da Floresta de Grimsdell. A ponta branca da cauda começou a varrer para frente e para trás em saudação e ela correu até a garota, meio escondida nas sombras sob um bosque de árvores. Puxão agitado, como se quisesse dizer eu a vi também, e Will acariciou o pescoço do pônei.

"Eu sei", disse ele.

No dia anterior, Alyss tinha se vestido como uma nobre, em um fino

vestido da moda. Não havia nenhum sinal daquela criatura elegante agora. Hoje, ela usava uma túnica curta, calça cinza e botas altas de montaria. A capa comprida estava nos ombros e seu cabelo loiro brilhando foi mantido no lugar por um boné de caça de penas. A meia-calça cinza exibiu suas longas e modeladas pernas com grande vantagem e Will pensou que ele preferiu essa Alyss a perfeitamente penteada, elegante Lady Gwendolyn. Sua adaga longa, em uma bainha de couro maravilhosamente trabalhado, pendurados de um cinto de couro largo uniu a túnica em torno de sua cintura. Ela sorriu para ele quando ele se aproximou.

"Você está atrasado", disse ela, segurando sua mão. Ele pegou-a pelos pulsos e soltou quando ela surgiu por trás dele. Ela acomodou-se na sela de Puxão e colocou seus os braços em volta de sua cintura.

"Onde está seu cavalo? Will perguntou, ele não havia pensado em cavalgar com ela e não havia imaginado seus braços em volta de sua cintura também.

"Está cavalgando com a minha escolta", disse ela. "E com uma excelente boneca de Lady Gwendolyn amarrado na sela, coberta com o manto da equitação."

Will virou-se para olhar para ela. "Isso era absolutamente necessário?" ele perguntou. Alyss encolheu os ombros.

"Talvez não. Mas, logo depois que eles saíram cavalgando, uma dupla de homens armados do castelo passou atrás deles. Pode ter sido coincidência, mas quem sabe? Isso é Grimsdell?" Ela apontou para a linha sombria escuridão das árvores a uma curta distância.

Will assentiu.

"É ela mesma", disse ele, sentindo um aperto no estômago.

Eles viajaram para o sul ao longo da borda da floresta até que encontraram o carvalho divido que marcou o ponto onde tinha entrado Will em Grimsdell duas noites antes. Na luz do dia, ele não sentia necessidade de desmontar. Viajaram entre as árvores, ocasionalmente, inclinando-se para evitar galhos e cipós que apareceram em toda a trilha estreita, o cão se movendo silenciosamente pela frente.

O treinamento de Will se reafirmou. Apesar de sua crescente nervosismo de entrar nesse lugar hostil novamente, ele foi capaz de refazer o caminho que ele havia tomado.

"Onde você viu as luzes?" Alyss perguntou, e ele hesitou, pensando por um segundo, antes de apontar.

"Elas estavam se movendo nesta direção", disse ele. "Difícil dizer o quão longe elas estavam."

Alyss olhou criticamente para o emaranhado de árvores e trepadeiras em

torno deles. “Não poderia ter sido muito longe ou você nunca teria os visto com tudo isso em volta. Venha”, acrescentou ela, e deslizou para baixo da sela. Will desmontou e ela apontou na direção que ele havia indicado.

“Vamos dar uma olhada nessa direção”, disse ela. Will sinalizou para Puxão permanecer na pista. Ele estalou os dedos e apontou, gesticulando para que o cão ir na frente deles, e ela deslizou facilmente que a vegetação rasteira e embaixo dos ramos mais baixos. O caminho foi mais difícil para Will e Alyss, no entanto, e em pouco tempo ele achou necessário sacar sua faca e cortar um caminho através do emaranhado. Alyss sorriu com ironia ao modo como a pesada lâmina cortou trepadeiras resistentes, vinhas com bastante espessura e até mudas de pequeno porte.

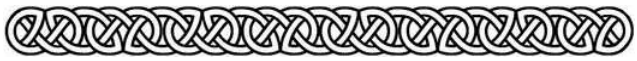
“Isso é uma arma útil para se ter”, disse ela, e Will assentiu, grunhindo enquanto cortava um galho grosso e jogou-o de lado.

“É uma arma e uma ferramenta”, disse ele. Então, inesperadamente, o caminho a seguir estava claro.

“Bem, o que você sabe?” Alyss disse, balançando a cabeça em satisfação.

O cão esperou por eles, sentado em uma estreita, mas inegavelmente feita por homem, trilha através das madeiras, paralela à pista principal que vinha seguindo.

23



Alyss olhou para os lados da via estreita que tinha sido cortada por entre as árvores.

"Para qual lado as luzes estavam se movendo, você se lembra?", perguntou ela. Will já estava balançando em antecipação a questão.

"Eu não posso estar totalmente certo", disse ele, "mas eu diria que eles estavam se movendo ao longo deste caminho."

Alyss apontou para o chão. "Eu não sou uma perseguidora", disse ela, "mas eles dizem que os Arqueiros são. Qualquer sinal de alguém se movendo por esse caminho?"

Will ficou de joelhos e estudou no chão. Ele franziu a testa depois de um momento ou dois. "Pode ser", disse ele. "Difícil dizer, realmente. Existem marcas fracas aqui. Mas você esperaria isso num caminho como este, não é?"

"Mas não o tipo de coisa que você esperaria se alguém estivesse correndo lá e para cá carregando uma lanterna?" ela perguntou, um leve tom de desapontamento em sua voz.

Will balançou a cabeça. Então, lembrando-se uma das primeiras lições de Halt, ele olhou para a cobertura da floresta, acima deles. Lembre-se sempre de olhar para cima, seu mentor havia lhe dito. É a direção em que a maioria das pessoas nunca pensa em checar.

Agora seus olhos se estreitaram quando ele viu alguma coisa nas árvores, algo fora do lugar. Alyss, vendo a mudança de expressão em seu rosto, olhou para cima também.

"O que é isso?", perguntou ela, quando Will moveu em direção a uma das árvores maiores, seus olhos caçando e procurando locais para mão e pés que ele iria precisar.

"Vinhas", disse ele, durante um tempo. "Eu os vi crescer para baixo nas partes mais altas das árvores. Mas eu raramente os vi crescendo perpendicularmente a eles."

Ele era um alpinista natural e subiu a árvore em questão de segundos, parecendo para Alyss que ele deslizou até o tronco, aparentemente liso. A quatro metros do solo ele parou, e ela viu que ele estava estudando uma trepadeira

verde que cresceu ao longo de um dos ramos de maior dimensão, em seguida, levado para fora da árvore vizinha, cedendo em um laço entre os dois.

"É corda", ele ligou para ela. "Tinta verde para parecer uma videira, mas é uma corda com certeza." Ele traçou a linha da corda que levou de uma árvore para outra, correndo ao longo acima da pista que havia descoberto. Ele acenou com a cabeça para si mesmo, satisfeito, então deslizou suavemente até o chão ao seu lado novamente.

"Não há necessidade de alguém para correr para cima e para baixo com a luz", disse ele. "Eles poderiam juntar a corda em uma roldana e transportar para trás e para frente com uma linha clara."

Alyss agradou a cabeça do cão carinhosamente. "E esta jovem senhora percebeu as pessoas fazendo isso, talvez cheirou ou ouviu eles. É por isso que ela rosnou", disse ela.

"Minha aposta é se olhássemos iríamos encontrar outros caminhos como este e outras vinhas crescendo horizontalmente."

"Ele não explica o Guerreiro Noturno," Will salientou, e Alyss sorriu para ele.

"Talvez não. Mas se ele fosse real, por que se preocupar com as luzes de truque?"

disse ela. "As probabilidades são de que ele era um truque, ainda menos importantes do que as luzes, a julgar pela reação do cão. Agora me mostre exatamente onde você estava quando você viu isso."

Ela abriu o caminho de volta para onde Puxão esperava na pista principal. O pônei olhava interrogativamente, como se perguntando o que ele tinha perdido. Will foi até o saco de dormir atrás da sela e desamarrou-o. Alyss observou curiosamente quando ele retirou os elementos que compõem o arco recurvo. Ele os encaixou e travou em uma série de movimentos hábeis. Em seguida, ele testou a pressão e encontrou o seu olhar com um olhar de satisfação feroz.

"Gosto mais desse", disse ele, que uma flecha na corda. "Se formos procurar para este maldito Guerreiro Noturno, eu prefiro fazer isso com um arco em minhas mãos."

Ele liderou o caminho à frente até chegarem à beira do pântano. Mesmo à luz do dia, era um lugar sinistro, com cortinas de névoa subindo do lado oposto. A água em si era como mármore preto, liso e impenetrável aos olhos. Bolhas subiam para a superfície mais longe, sugerindo a presença de criaturas à espreita nas profundezas.

"Aqui", disse Will. "Pelo que me lembro. E a figura estava ali fora ... no outro lado do pântano".

Alyss olhou com astúcia na direção que ele indicou, então olhou ao longo da borda do pântano, onde o caminho à frente deles seguiu a beirada. Em um ponto, era cortado dentro de um pequeno promontório, coberto de árvores e arbustos.

"Vamos dar uma olhada lá", disse ela.

Will a seguiu, sua curiosidade aumentando. "O que você tem em mente?" ele perguntou. Ficou claro para ele que Alyss tinha formado uma teoria de algum tipo. Mas ela levantou a mão para evitar suas perguntas.

"É apenas uma ideia", ela disse vagamente. Seus olhos estavam procurando o chão à frente deles e para os lados do caminho. "Você é melhor nisso do que eu sou", disse ela.

"Verifique o terreno em qualquer mancha clara."

Will obedeceu, seu olho perseguidor treinado estava correndo sobre a terra. Havia uma evidência fraca de que alguém tinha estado lá antes deles, talvez, muito recentemente, duas noites atrás, ele pensou.

"Estou procurando alguma coisa em particular?" ele perguntou, seus olhos grudados no chão.

Marcas de queimadura, disse Alyss, e assim que ele ouviu as palavras, ele viu uma grande mancha de terra nua, onde a neve tinha derretido e a grama estava seca e chamuscada.

"Aqui", disse ele. Alyss se juntou a ele, ficou de joelhos correndo os dedos sobre a grama seca e quebradiça. Ela soltou um pequeno grunhido de satisfação.

"Tudo bem", Will disse ela. "Descobri que sua grama queimada. Agora, o que isso significa?"

"Você já viu um show de lanternas mágicas?" disse ela. Como sendo crianças protegidas do Castelo Redmont, tinham visto diversas vezes um show de um viajante entretendo com mágicas usando lanternas, onde as sombras das figuras-estrelas, meia luas, bruxas e seus gatos, eram projetadas na parede de um quarto de luz de uma vela.

"Eu estou adivinhando", disse ela, "que o seu Guerreiro Noturno é a mesma coisa, em princípio."

"Mas ele era enorme!" Will protestou. "E ele deve ter sido há trinta ou quarenta metros daqui. Você precisaria de uma luz terrivelmente poderosa para administrar isso".

Alyss assentiu. "Exatamente. E uma luz poderosa significaria uma enorme quantidade de calor, portanto, o chão chamuscado aqui."

"Mas a distância..." Will começou. Afinal, os shows que eles haviam visto enquanto eram crianças tinham sido encenados dentro de quartos, com as sombras apenas a poucos metros da fonte de luz.

"Há muitas maneiras de focalizar a luz, tornando-se um feixe, Will. É possível, acredite em mim. É muito caro e há apenas alguns artesãos que podem moldar o equipamento para isso. Mas isso pode ser feito. Uma luz poderosa, uma dispositivo para focalizar e uma figura de recorte, e voilá, seu guerreiro gigante aparece a trinta metros de distância."

Will ainda estava perplexo. "Aonde?" ele perguntou. "Não há nenhuma parede lá para projetar sobre".

"Sobre a neblina", disse Alyss. "É como uma cortina que é tão grossa, e olha como ela nasce a partir do pântano em uma linha. Isso daria a oscilação, o efeito pulsante que você notou também, assim como quando a neblina turbilhoou e se moveu."

Fazia sentido, ele viu. Ele estava disposto a aceitar a palavra de Alyss de que era tecnicamente possível. E se assim fosse, ele estava pronto para se vingar do terror que ele tinha experimentado na floresta duas noites atrás.

"Alguém está criando um monte de problemas para manter os visitantes longe", disse Alyss pensativa. "Eu me pergunto por quê?"

A raiva estava crescendo em Will agora, junto com uma sensação de alívio, alívio de que pode haver uma explicação lógica para tudo isso, e uma pessoa viva para se responsável por tudo. Naquele momento, queria nada mais do que trazer essa pessoa para prestar contas.

"Vamos encontrá-lo e perguntar a ele", disse ele, sombrio. Mas Alyss estava olhando para o sol e balançando a cabeça.

"Nós estamos fora do tempo", disse ela. "Minha escolta estará de volta em alguns minutos para me pegar. E já que eles estão sendo seguidos, eles dificilmente podem andar por aí em círculos sem rumo, enquanto eu me divirto na floresta."

"Tudo bem", disse Will. "Você volta. Eu vou continuar procurando por isso...quem quer que seja."

Alyss colocou a mão em seu braço, e manteve-o ali até que se encontrou com seu olhar. Ela balançou a cabeça um pouco, vendo a raiva, vendo a determinação em seus olhos.

"Agora não, Will", disse ela. "Deixe-o por enquanto, nós vamos voltar mais tarde, juntos".

Ele não disse nada e ela continuou. "Vamos fazer um pouco mais de pesquisa, descobrir um pouco mais sobre tudo isso. Quanto mais nós sabemos quando nós procuramos, melhor. Você sabe disso."

Relutante, ele concordou. Sua formação lhe ensinou que quando estava a entrar em território inimigo, o melhor era descobrir tudo o que podia de antemão. Alyss viu a raiva sair de seus olhos e tirou a mão dela de seu braço. Ela

sorriu para ele.

"Agora me de uma carona de volta para a borda da floresta."

"Você está certa", disse ele virando-se para montar Puxão, então se inclinou para baixo para ajudá-la a montar atrás dele. "É só o que eu queria alguém para pagar a maneira que eu senti naquela noite."

Alyss, seus braços em volta de sua cintura, apertou-lhe suavemente. "Eu não te culpo", disse ela. "E você vai ter sua chance, acredite em mim". Ela ficou em silêncio por alguns instantes, enquanto eles andavam de volta através da floresta, inclinando sobre a garganta de Puxão de tempos em tempos para evitar cipós baixos e galhos que obstruíam a pista. Então ela falou novamente.

"Você sabe, talvez seja uma boa ideia se nós enviássemos um relatório ao Halt e Crowley, para que eles saibam o que nós encontramos até agora. Eles podem ter algumas ideias sobre tudo isso. Nós vamos enviar isso por pombos mensageiros".

Pombos mensageiros, Will sabia, eram treinados pelo Serviço Diplomático para regressar ao seu último local de descanso. Uma vez que o pombo voou de volta para sua base de origem, ele estaria pronto para voltar ao ponto de onde tinha sido lançado.

Ninguém sabia como os pássaros conseguiam fixar as posições em suas mentes, mas eles eram inestimáveis para a comunicação nos feudos. Alyss continuou.

Eu estou sendo vigiada, assim que eu tenho que voltar para o castelo. Mas você poderia andar para trás, fazer contato com o manipulador de pombo, e enviar um relatório?"

Will concordou. Houve certamente muito a dizer a seus superiores, mesmo que, até agora, não havia conclusões a tirar.

"Como vou saber o seu homem?" ele perguntou.

"Ele vai saber que é você. Quando ele o ver, ele vai fazer contato."

Eles estavam de volta na borda da floresta e estava ficando mais claro. Will tocou Puxão com os calcanhares do pônei e ele quebrou em um pequeno galope. Ao chegarem ao pequeno bosque de árvores onde ele encontrou Alyss, ela escorregou rapidamente da sela, olhando ansiosamente ao longo da estrada até o ponto em que sua escolta deveria aparecer.

Até agora, não havia nenhum sinal deles, e isso significava que não havia nenhum sinal dos homens que os seguiam também.

"É melhor você fazer-se imperceptível", disse ela, e Will assentiu, pedindo Puxão nas sombras sob as árvores. O cão seguiu, de bruços na grama longa.

De sua posição, Will podia ver a curva da estrada um par de cem metros de distância. Agora ele viu o primeiro piloto de escolta de Alyss fazendo a curva.

"Eles estão aqui", disse ele baixinho, e Alyss correu rapidamente para uma moita de mato grosso na ponta das árvores, soltando o manto curto e puxando a túnica sobre a cabeça dela. Ela estava vestindo apenas uma roupa mínima por debaixo da túnica e Will virou-se apressadamente quando ele teve um vislumbre de ombros nus e braços. Ele ouviu um farfalhar rápida dos arbustos, então Alyss o chamou.

"Você pode abrir os olhos agora." Ela parecia vagamente divertida com seu embaraço.

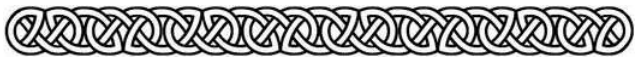
Ela vestiu um longo vestido de montagem branco sobre suas calças justas e botas de montaria. O manto, túnica e cinto de faca foram agrupados em seus pés. Will olhou ao longo da estrada. A escolta de quatro homens, agrupados em torno do manequim amarrado ao cavalo Alyss, foi quase até eles. Do refúgio dos arbustos Alyss sinalizou para eles. Ela virou-se e acenou ao Will, um sorriso cúmplice no rosto.

"Te vejo de volta no castelo", disse ela. Então, no que era obviamente uma peça cuidadosamente ensaiada de confusão, a escolta foi ao lado dela. Os cavalos moveram para frente e para trás, confundindo a cena, e um dos homens lançou um nó corrediço, permitindo que o manequim para deslizar para fora do cavalo. Antes de bater no chão, Alyss tinha se colocado em cima da sela. Outro membro da escolta rapidamente se curvou para recuperar o manequim e em questão de segundos, o grupo foi montado, o manequim já meio dobrado e fora da vista.

Enquanto eles se afastavam, Will esperou imóvel, nas árvores. Eles ainda estavam à vista, quando ouvidos Puxão tremeram e o cão soltou um baixo estrondo.

"Fica" Will disse a ambos. Certo o bastante, dois homens armados estavam atravessando a curva, olhando com cautela ao longo da trilha para se certificar que não tinham chegado perto demais do grupo que estavam seguindo. Will sentado, imóvel, enquanto eles passaram montados. Ele lhes deu vários minutos, então ele montou para fora, rumo ao sul para encontrar manipulador de pombo de Alyss.

24



Will deu um show no quartel dos soldados naquela noite. Era uma prática normal para um bardo espalhar-se ao redor. Afinal, se ele viesse a se apresentar no salão principal, todas as noites, o público não iria crescer, mas rapidamente se entediar com seu repertório.

E os soldados, em um castelo remoto como Macindaw podem frequentemente provarem ser mais generosos. Eles tinham pouca coisa para gastar o seu dinheiro em uma comarca pequena e remota como aquela. Como resultado, ele poderia esperar fazer sua bolsa ficar consideravelmente mais pesada se eles gostarem do seu trabalho.

Além disso, como um artista visitante ele poderia esperar um pequeno bônus em dinheiro do senhor do castelo no final de sua passagem, seu principal pagamento veio na forma de abrigo, comida e alojamento. Um artista à procura de bastante dinheiro normalmente iria ser encontrado entre os soldados, ou na taberna local, se houvesse uma.

Além de todas essas excelentes razões, Will tinha outro motivo para estar no quartel naquela noite. Ele queria que os homens falassem, ouvir as fofocas locais e rumores sobre a proibição da Floresta Grimsdell e do pântano negro. E nada afrouxava as línguas dos homens como uma noite de música e vinho, pensou ironicamente.

Até agora, ele se tornou uma parte aceita da vida de Macindaw e as pessoas estavam mais propensas a se abrir para ele. Além disso, os soldados se sentiriam mais seguros que os camponeses que iam para casa depois de cada noite na jarra Rachada às suas isoladas e desprotegidas casas e fazendas. Os homens aqui estavam bem armados e relativamente seguros atrás das paredes sólidas de um castelo. Isso, se nada mais, ajudaria a tornar a língua um pouco mais solta.

Ele foi saudado com alegria quando ele chegou, tanto mais quando ele produziu um grande garrafão de aguardente de maçã para ajudar toda a noite. Seu repertório padrão de músicas country, peças e bobinas era exatamente o que esse público queria. E acrescentou alguns dos números que haviam sido ensinados por Berrigan, bem como: A filha da velha Scully e uma paródia

grosseira de Os Cavaleiros de Fama das Trevas intitulada Os Cavaleiros Cujas Calças Caíram, entre outros. A noite foi um sucesso e as moedas apareciam em sua mandola com o passar das horas.

Finalmente, ele e meia dúzia do grupo ficaram rindo ao redor do fogo moribundo, com canecas de aguardente em suas mãos. Ele havia colocado a mandola ao lado. O canto estava acabado por essa noite e os homens estavam satisfeitos com isso. Ele teve uma boa relação com eles e agora ele novamente experimentou o estranho fenômeno que, tendo se apresentado para um público por uma hora ou assim, ele foi aceito em seu meio, como se eles o tivessem conhecido por toda a vida.

A Conferência era à conversa habitual dos soldados entediados. No que dizia respeito à falta de fêmeas disponíveis na área e o tédio da vida de um castelo remoto, cercado pelas neves de inverno. Era um tédio tingido com medo, no entanto. Não havia como dizer quando as tribos Escocesas poderiam lançar um ataque através da fronteira e, claro, havia o mistério inquietante que cercava a doença do Lorde Syron. Como os homens falavam mais livremente, Will sondava sutilmente e descobriu que eles tinham pouco respeito por seu filho, Orman.

"Ele não é um guerreiro", disse um deles em tom desgostoso. "Duvido que ele possa segurar uma espada, e muito menos balançar ela."

Houve um burburinho de concordância dos demais. "Keren é o cara para nós", disse outro. "Ele é um homem real, não como Orman, um devorador de livros com o nariz sempre preso em um pergaminho."

"Isso é quando ele não está olhando para isso como nós", um terceiro colocou, e novamente houve um rosnado furioso de parecer favorável. "Mas, como ele é herdeiro de Syron, estamos presos a ele," o homem acrescentou.

"Que tipo de homem é Syron?" Will se aventurou a perguntar. Seus olhos se voltaram para ele e eles esperaram o mais alto entre eles, o sargento, para responder.

"Um homem bom. Um bom Lorde e um combatente corajoso. Um líder justo também. Mas ele esta em sua cama agora e há poucas chances de que ele vá se recuperar, se você me perguntar."

"E nós precisamos dele agora mais do que nunca, com Malkallam à solta novamente", disse um dos soldados. Will olhou para ele e reconheceu o sentinela que tinha falado com ele quando tinha deixado o castelo várias noites antes.

"Malkallam?" disse ele. "Ele é o feiticeiro que você falou, não é?"

Houve um momento de silêncio e vários dos homens deram uma olhada sobre seus ombros nas sombras além da luz bruxuleante do fogo. Então o

sentinela respondeu.

"Ay. Ele colocou uma maldição sobre nosso Lorde Syron. Ele se esconde em sua floresta, rodeado por suas criaturas..." Ele hesitou, não tendo certeza se houvera falado demais.

"Passei por lá na noite passada," Will admitiu. "Você me deixou curioso com seus avisos. Digo-te, o que eu vi e ouvi lá foi o suficiente para me manter fora da Floresta Grimsdell no futuro."

"Pensei que você iria", disse o sentinela. "Vocês jovens acham que sabem sempre mais do que aqueles que tentam aconselhá-los. Você é sortudo, pois conseguiu escapar.

Outros não são", acrescentou ele sombriamente.

"Mas de onde esse Malkallam veio?" Will perguntou. Desta vez, outro homem entrou na conversa, um soldado cuja barba e cabelo grisalhos anunciavam o seu longo tempo de serviço no castelo.

"Ele estava entre nós há anos", disse ele. "Nós todos pensávamos que ele era inofensivo, apenas um herbolário simples e curandeiro. Mas ele estava aguardando seu tempo, deixando-nos tornar despreocupados. Então coisas estranhas começaram a acontecer. Houve uma criança que morreu, quando todos sabiam que ele estava dentro do poder de Malkallam para curá-lo. Malkallam o deixou morrer, eles disseram. E outros dizem que ele usou o espírito para seus propósitos malignos. Havia aqueles que queriam fazê-lo pagar por seus pecados, mas antes que pudéssemos fazer algo sobre isso, ele fugiu para a floresta".

"E esse foi o fim dele?" Will perguntou.

O soldado balançou a cabeça. "Havia histórias de contos-escuros que ele cercou-se de monstros. Disformes, seres feios, eles eram. Criaturas com o mau-olhado e com a marca do diabo sobre eles. Ocasionalmente, eles são vistos na margem da floresta. Sabíamos que ele estava fazendo o trabalho do diabo e quando o Senhor Syron caiu sob um feitiço, sabíamos quem tinha lançado."

"Não há coincidências", disse o sentinela. Os outros acenaram favoráveis.

"E o que Orman faz?" continuou o velho soldado. "Ele lê seus pergaminhos estranhos até tarde da noite, enquanto as pessoas decentes estão em suas camas. Entretanto o que nós precisamos é liderança e alguém com coragem para enfrentar Malkallam, e leválo para fora de Grimsdell de uma vez por todas."

"Precisamos de mais homens se estamos indo fazer isso", disse o sargento "Nós não poderíamos enfrentar seus monstros com apenas uma dúzia de nós. Orman deve estar recrutando. Pelo menos Keren vem fazendo algo sobre isso.".

O homem mais velho balançou a cabeça. "Não tenho certeza se eu gosto

do que ele esteja fazendo lá", disse ele. "Alguns desses homens que ele está recrutando, eles são pouco mais que bandidos, se você me perguntar."

"Quando você precisa de homens de combate, Aldous Almsley, você pega o que você pode conseguir", disse o sargento. "Eu vou lhe garantir que eles não são nenhum grupo de coristas, mas eu acho que Keren pode controlá-los bem".

Will apurou os ouvidos para as palavras. Isso era algo novo, ele pensou. No entanto, ele teve o cuidado de manter a sua expressão desinteressada. Ele ainda conseguiu um bocejo antes de perguntar, tão casualmente quanto ele conseguisse, "os homens que Keren recrutou?".

O sargento balançou a cabeça. "Como diz Aldous, você não iria querer olhar muito de perto em seus passados. Mas eu digo que virá o tempo que precisaremos de homens duros e não vamos discutir muito sobre eles, então."

Will olhou ao redor do quartel. "Eles não estão aquartelados aqui?" ele perguntou.

Desta vez foi Aldous que respondeu. "Ele esta os mantendo separados. Eles têm quartos na torre de vigia. Ele disse que era um arranjo melhor para evitar qualquer possibilidade de atrito."

Era evidente que os membros da guarnição normal tinham aceitado este raciocínio, sem qualquer questão. Will estalou a caneca contra os dentes, pensativo. Talvez ele fizesse sentido, ele pensou. Colocar dois grupos separados de homens juntos na luta contra as condições básicas no quartel poderia muito bem ser uma receita para problema. Ainda assim, havia algo sobre o arranjo que estava um pouco inquietante.

"Talvez", disse o sargento, "quando se considera a situação entre Sir Keren e Lorde Orman, Sir Keren pensa que é sábio ter um grupo de homens leais a ele, não que ele teria algum problema de nós, pense.".

"Embora", disse Aldous, "estamos sob juramento de obedecer às ordens do senhor legítimo do castelo. E com o Senhor Syron fora de ação, esse é Orman, quer queiramos ou não.".

"Juramento ou não", lascou em um terceiro soldado, "duvido que ele fosse encontrar qualquer um de nós disposto a agir contra Keren.".

Os outros todos favoráveis murmuraram. Mas foi um resmungo baixo e um ou dois olhares de relance sobre os seus ombros, mais uma vez, consciente da natureza perigosa dos sentimentos que estavam expressando. Um silêncio caiu sobre o grupo e Will achou melhor seguir em frente. Ele não queria que ninguém registrasse o fato de que ele estava bombeando-os para obter informações.

"Ah, bem," disse ele, "uma coisa é certa. Com os homens de Sir Keren na torre, há menos para partilhar o resto do conhaque. E há poucos preciosos

restantes.”.

“Ouçam, ouçam!” os soldados concordaram. E enquanto a jarra era passada ao redor, a mente de Will estava correndo. A noite tinha-lhe dado muito que pensar e ele começou a desejar que ele tivesse esperado mais um dia antes de enviar um relatório para Halt e Crowley.

Mais ao sul, dois seniores arqueiros estavam estudando o relatório que o pombo cansado tinha entregado uma meia hora antes. Houve tempestades e ventos fortes no sul em seu caminho, mas o pequeno pássaro tinha voado resistente no meio do tempo, chegando a o Castelo Araluen molhado e quase esgotado. Um manipulador delicadamente destacou a mensagem de seu pé e colocou o pequeno pássaro fiel em uma gaiola quente em uma das torres crescentes do Castelo Araluen. Agora, com as penas eriçadas e a cabeça debaixo do seu braço, ele dormia, a sua tarefa havia sido concluída.

Nem tanto para Halt e Crowley. O comandante do Corpo de Arqueiros passeou para frente e para trás em seu quarto enquanto Halt lia as frases truncadas de Will mais uma vez.

Finalmente, o Arqueiro de barba-cinzenta olhou para seu chefe com uma carranca.

“Eu queria que você parasse de passear”, disse ele suavemente.

Crowley fez um gesto de irritação.

“Estou preocupado, caramba”, disse ele, e Halt levantou uma sobrancelha.

“Não me diga”, afirmou com ironia suave. “Bem, agora que nós estabelecemos esse fato e eu admito que sim, você está preocupado, talvez você possa parar o seu passeio interminável”.

“Se eu pará-lo, ele dificilmente poderá ser interminável, poderá?” Crowley o desafiou. Halt apontou para uma cadeira no outro lado da mesa.

“Só me alegre e sente-se”, disse ele. Crowley deu de ombros e fez como lhe foi pedido. Ele sentou-se por completos cinco segundos, em seguida, levantou e passeou novamente. Halt murmurou algo em sua respiração. Crowley supôs, corretamente, que era pouco lisonjeira, e optou por ignorá-lo.

“O problema é” ele disse, “O relatório de Will levanta mais perguntas do que respostas.”.

Halt assentiu. Ele estava prestes a vir em defesa de seu antigo aprendiz, mas ele percebeu que Crowley não estava criticando o relatório de Will. Ele estava apenas afirmando um fato. Havia um monte de perguntas não respondidas na breve mensagem:

vistas e sons estranhos na Floresta, causadas aparentemente por uma pessoa ou pessoas desconhecidas; atrito no castelo entre Orman e seu primo;

aparente incapacidade de Orman no comando, e o fato de que alguém, presumivelmente Orman, tinha arranjado para Alyss ser seguida enquanto ela cavalgava em seu passeio matinal. Na maioria dos castelos, teria sido um interessante conjunto de ocorrências. Em um sitio vulnerável estrategicamente como Macindaw, perto de uma fronteira hostil, isso era perigoso. Mas ainda...

"É cedo ainda", disse ele finalmente, e Crowley se deixou cair na cadeira novamente, alastrando para os lados, uma perna sobre o braço armado. Ele suspirou profundamente, sabendo que Halt estava certo.

"Eu sei", disse ele. "Eu só quero saber se pode haver mais do que Will e Alyss podem segurar até lá." Halt considerou o ponto.

"Eu confio em Will", disse ele, e Crowley fez um gesto de acordo. Apesar da sua juventude, Will era altamente considerado entre os Arqueiros—mais alto do que ele sabia.

"E Pauline diz que Alyss é uma de suas melhores agentes." Lady Pauline era um importante membro do Serviço Diplomático. Ela tinha inicialmente recrutado Alyss e realizado a sua formação inicial. Alyss era tão protegido dela quanto Will era de Halt.

"Sim. Eles são as escolhas certas para a tarefa, eu sei. E se nós enviarmos muitas pessoas, corremos o risco de expor o nosso lado e fazer mais mal do que bem. É só que eu tenho uma sensação engraçada sobre isso. Como se alguém estivesse atrás de mim e eu possa senti-lo, mas não posso vê-lo. Você entende?".

Halt assentiu. "Eu tenho o mesmo sentimento. Mas, como você diz, se exagerar as coisas, nós vamos estragar o jogo.".

Houve um longo silêncio entre eles. Ambos estavam de acordo. Mas ambos também tiveram a mesma sensação desconfortável.

"Claro que podemos sempre enviar talvez mais uma pessoa para ajudar, se precisar,"

Halt sugeriu.

Crowley olhou rapidamente, então disse: "Só mais uma pessoa não seria exagerar.".

"Alguém que possa proporcionar um pouco de músculo, se precisarem," Halt continuou. "Para cobrir as costas, como se fosse".

"Eu acho que me sentiria um pouco melhor sabendo que eles teriam até um pouco mais de ajuda", disse Crowley.

"E, claro," Halt acrescentou, "se nós enviarmos a pessoa certa, ele pode fornecer mais do que apenas um pouco.".

Os olhos dos dois homens encontraram-se sobre a mesa. Eles eram os antigos companheiros e amigos. Eles se conheciam há décadas serviram juntos em campanhas mais do que qualquer um poderia se lembrar. Cada um sabia

exatamente o que o outro estava pensando e cada um foi totalmente de acordo com o outro.

"Você está pensando em Horace?" Crowley perguntou, e Halt assentiu.

"Estou pensando em Horace", disse ele.

25



Will não tinha ideia de que seus superiores haviam decidido enviar ajuda para ele e Alyss. O pombo que tinha carregado o seu relatório foi o único que havia aprendido a rota entre o feudo de Norgate e o Castelo de Araluen. Assim era o único que poderia carregar uma resposta de volta para ele, e ele precisaria de três ou quatro dias antes que recuperasse a força suficiente para realizar outra viagem. Então, naturalmente, ele iria retornar ao seu último lugar- o poleiro do conhecido de Alyss longe do castelo. Até Will fazer contato com ele, ele não seria informado de que a ajuda estaria a caminho.

Se ele soubesse, ele poderia ter se sentido um pouco mais seguro. Horace era apenas um homem, mas ele provou seu valor muitas vezes. Como um aprendiz, ele havia sido um guerreiro extremamente talentoso, um natural, como seus professores determinaram. Ele havia derrotado o rebelde Morgarath em um desafio e mais tarde serviu com grande distinção na guerra com os Escandinavos contra os invasores Temujai. Além disso, ele ganhou uma espantosa reputação por sua habilidade em desafios, o nome do Guerreiro da Folha de Carvalho ainda era falado com admiração em toda Gállica. Suas façanhas eram tantas que o Rei Duncan não hesitou em formalmente lhe promover a cavaleiro antes que ele houvesse completado a metade do tempo estipulado para o seu aprendizado.

Portanto, a notícia de que o Horace estava a caminho poderia ter contrariado o desconforto que Will sentiu nesta brilhante manhã de inverno. Ainda remoendo a conversa nas barracas, ele planejou ver Alyss assim que ele encontrasse uma desculpa razoável, para falar sobre isso com ela. Ele já estava meio inclinado a procurar ajuda de Sir Keren. Afinal, o jovem comandante das tropas não era parecido com seu primo e ele tinha uma força armada independente sob o seu comando, o que poderia se provar valioso. Mas antes de Will tomar uma decisão tão radical, ele teria que discuti-la com Alyss.

Ele também estava interessado em definir a data em que eles iriam continuar a investigar o misterioso Malkallam—para ele era a pessoa por trás das luzes, imagens e das tentativas de desencorajar os visitantes à Floresta Grimsdell. Mas antes de qualquer uma das etapas acima pudessem ser efetuadas, ele

precisava inventar uma maneira de ter Alyss infiltrada para ele. Como humilde bardo, ele mal podia entrar nos alojamentos das senhoras sem ser convidado.

No meio tempo, ele tinha ido aos estábulos para ter certeza de que Puxão foi bem cuidado. E, desde que o cão estava começando a se inquietar nos alojamentos confinados e ligeiramente abafados do castelo, ele o levara para os estábulos para fazer companhia a Puxão. Ambos os animais pareciam satisfeitos com o acordo quando ele os deixou juntos.

Puxão tinha adotado uma atitude divertidamente superior ao cão, enquanto ela, por sua vez, pareceu aceitar o cabeludo pônei de Arqueiro como um substituto razoável para o próprio Will. O cão não vaguearia, ele sabia, mas havia muitos novos e estranhos aromas e sons e cantos estranhos para mantê-la ocupado nos estábulos do castelo.

Foi assim que ele a deixou lá. Quando ele estava cruzando o pátio, uma figura vagamente familiar deixou a portaria, caminhando em direção à torre central. Ele era um homem alto, com cabelos negros e barba, e de uma distância Will não podia ver suas feições. Mas a maneira como ele se moveu, a maneira como ele realizou isso, era familiar—assim como a lança de guerra pesada que carregava em sua mão direita, erguendo-a facilmente, apesar do seu peso considerável. Depois de hesitar alguns segundos, Will fez a conexão em sua mente.

John Buttle. O homem havia deixado com a tripulação Escandinava no longínquo feudo Seacliff.

"O que diabo ele está fazendo aqui?" Will murmurou para si mesmo. Rapidamente, ele virou e caiu sobre um joelho, fingindo prender uma alça em sua bota. Mas, felizmente, Buttle não estava olhando em sua direção. Ele entrou na torre e Will esticou-se, sua mente correndo. Agora, Buttle deveria estar seguramente abrigado em Skorghijl com a tripulação Escandinava, centenas de quilômetros ao nordeste e bem fora do caminho. Mas seu retorno até aqui era um verdadeiro problema. Afinal, ele tinha ouvido a conversa entre Will e Alyss e sabia que...

Ele parou no meio do pensamento. Alyss! Se Buttle a visse, ele poderia facilmente reconhecê-la. Claro, ele argumentou, seu penteado e roupas eram mais elaborados agora, como convinha a uma senhora nobre. Quando Buttle a tinha visto pela última vez, ela estava usando a simples, mas elegante túnica de mensageira e seus longos cabelos tinham sido encurtados. Mas Alyss era uma figura marcante e, dado o tempo suficiente, ele poderia se lembrar dela. Se ele o fizesse, ele saberia que ela não era a cabeça vazia Lady Gwendolyn, mas um Mensageira do Serviço Diplomático.

Se ele poderia reconhecer Will era um ponto discutível. Ele não iria olhar

para vê-lo nas roupas brilhantes e espalhafatosas de um bardo. Ele sabia que Will era um Arqueiro e ele iria esperar vê-lo em tediosos trajes Arqueiros simples. Como Halt havia lhe ensinado, as pessoas tendem a olhar para o que esperam ver. Além disso, a luz tinha sido incerta nas sombras perto da porta onde haviam batalhado. Mas uma vez que ele reconhecesse Alyss, seria apenas uma questão de tempo antes que ele fizesse a conexão com o outro estranho no castelo.

O primeiro passo de Will ficou claro. Ele tinha que avisar Alyss imediatamente. Ela simplesmente teria que se manter fora de vista até eles terem resolvido este inesperado novo desenvolvimento. Ele começou a caminhar para a porta, então hesitou. Buttle havia passado por lá e não tinha ideia de onde ele poderia estar agora. Ele pode estar lá dentro, no salão principal. Ou ele pode até estar voltando para fora de novo. Will olhou ao redor para uma entrada alternativa para a torre. As cozinhas, ele sabia, se abriam na parte de trás do pátio. Ele iria por esse caminho.

Antes que ele pudesse se mover, uma mão pesada caiu sobre seu ombro. Ele virouse e viu-se olhando para o firme rosto do sargento. Dois outros membros da guarnição estavam perto, suas mãos nas armas. Não havia nenhum sinal de simpatia da noite anterior.

Os três homens estavam todos a trabalho.

"Só um momento, bardo", disse o sargento. "Lorde Orman quer ter uma palavra com você."

Will avaliou a situação. O sargento era velho e lento, embora um guerreiro experiente. E os outros dois eram apenas mera infantaria, suas habilidades de armas não eram susceptíveis de serem muito avançada. Ele estava confiante que conseguiria lidar com pelo menos dois deles antes que eles pudessem tirar as suas armas. Mas ainda sobraria um para soar o alarme— e a portaria e a ponte levadiça a trinta metros ocupado por mais três ou quatro homens armados.

Ele nunca sairia do castelo, se ele tentasse lutar agora. A única coisa que podia fazer era tentar blefar para sair. Ele fez essa avaliação em cerca de meio segundo.

"Muito bem SAR...major," ele respondeu, sorrindo. "Eu vou vê-lo quando terminar o meu recado."

A mão não se mexeu em seu ombro.

"Agora", o sargento disse com firmeza, e Will encolheu os ombros.

"Claro, agora é conveniente para mim também", disse ele. "Mostre o caminho". Ele apontou para o soldado para ir à frente dele, mas o homem mais velho manteve-se firme.

Seus olhos estavam sérios.

"Depois de você bardo" disse ele.

Will deu o que ele esperava que fosse um indiferente encolher de ombros e abriu o caminho através do pátio. Os três soldados entraram no local em torno dele, o sargento atrás dele e os outros dois flanqueando. Suas botas pesadas tocaram nas pedras quando se aproximaram da porta.

Will fez uma prece silenciosa para que não encontrasse Buttle em seu caminho. Um homem ser tão obviamente escoltado seria obrigado a chamar a atenção e se Buttle olhasse de perto, ele poderia muito bem reconhecê-lo, em roupas de bardo ou não.

Felizmente, não havia nenhum sinal de seu ex-prisioneiro quando eles entraram. O sargento empurrou-o com um objeto duro e brusco—Will percebeu que tinha tirado a pesada clava que ele usava na cintura—e se dirigiram às escadas para os quartos de Orman.

Como era moda, as escadas curvavam para a direita, de modo que um atacante lutando no caminho para cima teria de expor todo o seu corpo a usar a espada, enquanto um defensor acima dele poderia atacar apenas com o braço direito e lado exposto. Ele podia ouvir o sargento começar a respirar pesadamente atrás dele enquanto eles subiam e os dois homens nos flancos tiveram que ficar para trás na escada estreita. Ele poderia facilmente correr para longe deles, ele percebeu. Mas a pergunta ficou, onde ele poderia ir? Mais uma vez, ele decidiu esperar pelo momento certo, para uma oportunidade melhor. Uma vez que ele tentasse fugir, ele sabia, qualquer chance de fingir inocência acabaria. Ele decidiu esperar até que suas chances de sucesso fossem melhores. Aqui, no coração do castelo de Orman, com homens armados por trás dele e nenhum lugar para ir além de para cima, as chances não pareciam muito boas.

Eles chegaram à suíte de Orman no quarto andar de quartos. Will hesitou na porta para a ante-sala, mas a clava incitou-o uma vez mais.

"Vá em frente", o sargento ordenou com a voz severa e, sem escolha a não ser obedecer, Will fez como lhe foi dito.

Xander estava em sua mesa na sala de entrada. Ele olhou para cima quando eles entraram sem bater. Se ele ficou surpreso ao ver o bardo sendo escoltado por três homens armados, ele não deu nenhum sinal. Ele levantou a mão, apontando-lhes para parar, então saiu de trás de sua mesa cheia de papel e abriu a porta do escritório interior. Will ouviu sua voz calma.

"Os homens trouxeram o Bardo, meu senhor", disse ele. Houve um murmúrio indistinto de dentro do quarto e, ele inclinou a cabeça rapidamente e saiu, fazendo sinal para o sargento e Will para entrar quando ele abriu a porta mais larga.

A clava cutucou Will novamente. Esse pequeno hábito estava começando

a irritá-lo e ele foi tentado a tomar a arma do sargento e lhe dar um pouco de seu próprio estímulo.

Verdade seja dita, ele estava curioso para saber o que Orman queria dele, e enquanto ele não convocasse mais guardas, Will estava confiante que podia escapar a qualquer momento que ele escolhesse.

Orman estava atrás de sua mesa de trabalho. Will notou que os livros sobre magia ainda estavam entre seus papéis, um deles deitado aberto em uma página marcada com um marcador de couro. Orman estava vestindo sua habitual túnica escura e ele parecia estar debruçado sobre a poltrona de madeira. Mudou-se desajeitadamente quando acenou para Xander sair, quase como se ele estivesse com dor. Sua voz, quando ele falou, confirmou a impressão. Ele parecia estar formando as suas palavras com dificuldade e sua respiração era pesada e difícil.

"Muito bem, sargento. Algum problema com ele?"

"Nenhum, senhor. Veio direto e pacificamente", anunciou o soldado. Orman assentiu lentamente.

"Bom. Bom," murmurou para si mesmo. Houve uma pausa enquanto ele respirava pesadamente, em seguida, ele estalou os dedos de uma mão para o sargento, num gesto de dispensa.

"Muito bem, sargento. Você pode nos deixar. Espere lá fora, por favor."

O velho soldado hesitou. "Tem certeza, meu senhor?" ele perguntou incerto. "O prisioneiro pode tentar..." Ele parou no meio da frase. Ele não estava certo do que Will poderia fazer. Na verdade, ele não tinha nem certeza de que ele era um prisioneiro. Ele havia sido ordenado a levar dois homens e ir buscá-lo logo e que ele tinha assumido que tinha um problema com bebidas. Agora, quando Orman o dispensou, ele começou a se perguntar se isso era apenas uma questão social e lembrou-se com alguma preocupação o estímulo que ele estava fazendo em todo o caminho nas escadas.

"Está tudo certo, Vá". A voz de Orman era um sussurro baixo, mas a nota de aborrecimento foi claro na mesma. Ele estava definitivamente com dor, Will pensou. Ele ouviu o soldado vir com atenção para trás dele, em seguida, suas botas enquanto caminhava até a porta. Ele parou ali, ainda incerto da situação.

"Eu vou esperar lá fora, então, meu senhor", disse ele, em seguida, acrescentou: "...

com os meus homens".

"Sim. Sim. Faça o que você escolher" disse-lhe Orman. A porta fechou quando o sargento saiu. Orman levantou desajeitadamente, favorecendo o seu lado esquerdo. Will podia ver agora que seu braço esquerdo estava grudado a

seu lado, quase como se ele estivesse sofrendo de costelas quebradas. Ele estremeceu quando se moveu em torno da mesa e parou diante de Will, sua respiração veio forte, como se deslocar-se em uma curta distância fosse um esforço enorme para ele. Will foi em sua direção.

"Senhor Orman, você está bem?" ele disse, mas Orman ergueu a mão para detê-lo.

"Não. Como você pode ver, eu não estou. Mas há pouco que você pode fazer sobre isso."

"Você está ferido?" Will perguntou. "Eu posso enviar um recado para o seu médico." Mas Orman foi sacudindo a cabeça, e um riso duro escapou de seus lábios.

"Eu duvido que qualquer curandeiro neste castelo pudesse ajudar com o que tenho", disse ele. "Não. Eu preciso de ajuda de outro tipo." Ele fez uma pausa, e seus olhos ardiam em Will, quando ele acrescentou, "Eu preciso da ajuda de um Arqueiro."

26

A sala ficou em silencio. Will se calou. Foi a última coisa que ele esperava ouvir de Orman. Ele se recuperou, sabendo que sua reação foi tarde demais, mas determinado a tentar blefar de qualquer maneira.

"Um Arqueiro, Lorde Orman?" disse ele. "Eu sou apenas um simples bardo." Ele forçou um sorriso auto-depreciativo e continuou: "E, como você apontou várias vezes, um bastante decepcionante."

Orman fez um gesto de repúdio e afundou-se penosamente para uma das cadeiras de encosto reto em frente à sua mesa.

"Não troque palavras comigo. Eu não tenho força. Olhe, eu preciso de ajuda e eu preciso disso rápido. Eles finalmente me pegaram, do mesmo modo como pegaram meu pai. Como você pode ver, eu estou doente, e daqui a pouco tempo eu vou afundar em coma e depois não haverá ninguém para detê-los."

"Eles?" Will perguntou. "Quem são eles?"

Orman gemeu novamente, segurando seu estômago e curvando-se quando uma onda de dor bateu nele. Will podia ver o suor no rosto do homem —ele estava obviamente em um mau estado. "Keren!" Orman suspirou finalmente. "Quem diabos você pensaria? Ele está por trás da doença do meu pai. Ele esta tentando assumir o controle do castelo!"

"Keren?" Will repetiu. "Mas..." Fez uma pausa e Orman, mais forte agora que a maré de dor havia diminuído um pouco, continuou irritado.

"Oh, claro. Ele te convenceu, assim como todos os outros. Acho que você imaginou que eu estava por trás de toda a trama para se livrar do meu pai?" Ele olhou para Will para confirmar. Vendo os olhos do rapaz, ele acenou com a cabeça resignadamente. A maioria das pessoas faz. É tão fácil pensar assim, quando uma pessoa não é popular, não é? "

Não houve nada para Will dizer. Foi precisamente a maneira como ele reagiu, agora que ele pensava sobre ele. Ele não gostava de Orman a antipatia que o levou à conclusão de que o Lorde temporário de Macindaw não era confiável. Por outro lado, Sir Keren aberto, amigo da natureza levou-o para ver o homem como um aliado em potencial. Mas mesmo assim, havia somente a palavra Orman para levar em conta aqui. O homem de rosto pálido continuava.

“Olhe, você pode ser muitas coisas, mas eu duvido que você realmente é um bardo.”

Ele ergueu uma mão para evitar o protesto automático de Will. “Você é talentoso o suficiente, eu acho, embora a sua música não seja do meu agrado. Porém, você deu uma bola fora no outro dia quando eu entrevistei você.”

“Bola fora?” A mente de Will piscou de volta à conversa que teve com Orman, pouco antes da chegada de Alyss.

Eu perguntei sobre a sua Mandola, lembra? Perguntei se era um Gilperon. “

“Sim”, Will disse lentamente. Ele se perguntou onde isso aconteceu. Ele se lembrou de alguns momentos de confusão quando Orman perguntou a questão, os momentos em que ele tentou encobrir o fato de que ele não tinha ouvido falar do mestre lutiê, Gilperon.

“Simplesmente o seu nome me escapou na época, Lorde Orman”, disse ele. Como lhe disse, um músico nunca poderia comprar um instrumento Gilperon real, tão simplesmente o nome me escapou por alguns segundos.”

“Não há Gilperon. O nome é Gilet”, disse categoricamente Orman. “Qualquer bardo de verdade saberia isso”

Will fechou os olhos rapidamente com raiva. Foi um truque muito antigo com Orman o pegou, mas ele havia funcionado. E agora ele não via saída para a armadilha.

Orman continuou. “Então eu verifiquei o seu cavalo é muito semelhante à raça que os Arqueiros usam. E parece ser muito bem treinado. Até mesmo sua roupa dá uma dica.”

Ele apontou para o vistoso manto preto-e-branco que usava. “É semelhante às capas de camuflagem que os Arqueiros vestem. Claro, as cores são diferentes, mas em um local cheio de neve, como temos aqui, preto e branco seria o ideal. Imagino que você poderia desaparecer no pátio no momento que você escolhesse fazer.”

“É uma teoria fascinante, senhor,” disse Will. Mas, infelizmente, é realmente só uma série de coincidências. “Ele viu a ira incendiar rapidamente nos olhos Orman e depois o outro homem respondeu.

“Não desperdice meu tempo. Não tenho muito sobrando. Eles conseguiram me envenenar da mesma maneira que fizeram com meu pai. A dor está se tornando cada vez pior e em questão de horas, eu vou estar inconsciente. E então eles terão tudo que eles querem. Você tem que me tirar daqui.”

“Você quer sair daqui?” Will disse, a surpresa evidente em sua voz. Essa foi a última coisa que ele esperava.

“Eu tenho que, você não vê?” Orman disse desesperadamente. “Eu tentei

lutar contra eles nas ultimas semanas, mas eles gradualmente se infiltraram no castelo. Keren está recrutando seus próprios homens e, gradualmente, se livrando dos que são leais a mim.

Mal tenho uma dúzia de homens que eu posso confiar atualmente, enquanto ele tem vários homens leais a ele."

Outro espasmo de dor bateu nele e ele se dobrou, gemendo em agonia. Ele ficou incapaz de falar por algum tempo, então ele continuou com uma voz fraca.

"Keren quer o castelo. Ele é um primo ilegítimo, assim não há como ele colocar as mãos sobre ele legalmente. Por algum tempo, eu já suspeitava que ele havia feito um acordo com o comandante Escocês para controlar o condado—contanto que Keren fique com o castelo. Se eu estiver certo, uma vez que a neve abaixar, os Escoceses virão direto pelas passagens e ocuparão o condado inteiro. Sem Macindaw para ameaçar suas linhas de fornecimento, eles serão capazes de sitiar Norgate e todo o feudo vai cair antes da Primavera começar. É isso que você quer?" acrescentou amargamente. Ele podia ver que Will estava hesitando e ele seguiu em frente.

"Se Keren tiver eu e meu pai em seu poder, ele não hesitaria em nos matar e tomar o controle. Ah, ele não faria isso obviamente. Ele não é poderoso o suficiente para sair facilmente com isso—ainda. Por isso que ele reacendeu a velha lenda sobre o feiticeiro. Ele sabe que pessoas assustadas vão procurar por uma liderança forte—que ele pode proporcionar. Ele esta envenenando meu pai. Ele está mantendo-o inconsciente e agora ele está planejando o mesmo para mim. Se ambos morrem por a tão falada maldição do feiticeiro, ele vai ter as mãos livres para tomar o controle, e ninguém vai se opor a ele. Ele vai ser o único parente vivo."

"Mas se eu puder fugir, ele não poderá se clamar o Lorde de Macindaw. Enquanto eu estiver vivo, ele estará em um beco sem saída e ele não ganharia nada por matar o meu pai.

Ao contrário, ele provavelmente vai mantê-lo vivo como um refém. Até os Escoceses chegarem aqui, Keren deve jogar seu jogo com cuidado. Se ele for óbvio demais, o povo se levantaria contra ele. Mas quando ele se estabelecer como Lorde de Macindaw, vai ser uma história diferente. Então, no tempo que os Escoceses chegarem para apoiar ele, vai ser tarde demais."

"Como é que ele envenenou você?" Will perguntou, Orman e encolheu os ombros.

"Eu tenho que comer e beber. Quem sabe? Eu tentei ser cuidadoso e ter minha comida preparada separadamente. Mas eles podem ter pegado um de meus servos. Ou talvez eles colocaram seu veneno maldito dentro da água." Ele

apontou para os livros sobre a arte negra que estava sobre a mesa de trabalho. "Eu senti o veneno chegando por dias.

Eles fazem efeito lentamente, você vê. Estive passando por esses livros malditos tentando encontrar alguma pista, algum antídoto, mas até agora não tive qualquer sucesso."

Will olhou para os livros quando o outro homem apontou para eles. "Ah, entendo", disse. "Eu pensava..." Ele não terminou o pensamento. Orman sorriu tristemente com ele.

"Você pensou que eu era um bruxo? Você achou que eu estava por trás da doença do meu pai?" disse ele. Will assentiu. Não havia nenhum ponto em negá-lo.

"Parecia uma teoria lógica", disse ele.

Orman assentiu com a cabeça cansada. "Como já disse, quando uma pessoa não é popular, é mais fácil pensar mal dela." Ele se levantou da cadeira movendo-se dolorosamente. "Agora minha maior esperança é que você seja um Arqueiro, porque eu preciso de ajuda para escapar deste castelo e tenho dúvidas se um simples bardo seria à altura da tarefa". Ele fez uma pausa e depois acrescentou: "Eu suponho que Lady Gwendolyn é também mais do que ela parece?"

"Como você..." Will começou, depois parou, percebendo que ele tinha falado demais. Orman sorriu.

"Não suponha que porque uma pessoa não é popular, ele também seja estúpido,"

disse. "Vocês dois apareceram quase que simultaneamente, em seguida, Lady Gwendolyn convocou você para seus aposentos. Muito conveniente. E então vocês simplesmente saíram para cavalgar ao mesmo tempo. Eu não sou um tolo."

Os eventos aconteceram tão rápido nos últimos minutos que Will tinha esquecido sobre a necessidade de alertar Alyss para ficar fora da vista. Tomando uma decisão, ele informou Orman sobre a situação, dizendo-lhe sobre o aparecimento surpreendente de João Buttle. O Lorde do castelo franziu a testa pensativo.

"Isso é um problema," disse. Ele é um dos homens de Keren, com certeza —um novo recruta. Keren parece encontrar todos os ladrões e assassinos disponíveis que perambulam pelo Condado. Eles orbitam em torno dele. Ao mesmo tempo, ele está se livrando dos homens que podem ser leais a mim. Vou enviar Xander para passar a sua mensagem para ela. Melhor se você não for visto por Buttle, eu acho. Então nos deixe pensar sobre como nós três podemos sair daqui. "

Ele pegou um pequeno sino de prata em sua mesa e tocou-o. Houve uma pausa, a porta se abriu e Xander entrou. Rapidamente, Orman lhe deu suas instruções enquanto Will despachou uma nota curta para que ele levar a Alyss. O empregado, olhando preocupado, dobrou a nota no topo de sua jaqueta e saiu da sala. Outro pensamento incomodou Will. Ele expressou-o agora.

"O Guerreiro Noturno—as aparições na floresta Grimsdell—é Keren por trás delas também? O que ele ganha com elas?"

"Oh, você os viu, não?" Orman perguntou. Então, ele deu de ombros. "Para ser honesto, eu não sei. Talvez esse ex-curandeiro Malkallam esteja por trás disso tudo. Ou talvez seja Keren. Talvez eles estejam mesmo trabalhando juntos. Então, novamente, Keren pode simplesmente ter aproveitado das aparições de usar a velha lenda em seu próprio benefício".

Ele estremeceu de dor novamente. "De qualquer forma, nós precisamos descobrir se é o Malkallam", disse. Will o olhou, uma pergunta em seus olhos e ele elaborou.

"Ele pode ser o único que pode me curar. Eu preciso de você para me levar a ele".

27



"Você está louco?" Will subiu a voz um tom quando ele reagiu à declaração de Orman. "Você acha que Malkallam irá ajudá-lo? Ele é um inimigo jurado de toda sua família!" Mas Orman apenas balançou a cabeça, o esforço aparentando ter custado muito a ele.

"Só se você acredita em contos de fadas", disse ele. "Eu não acredito que Malkallam está por trás de tudo isso. Eu não acredito que ele é um feiticeiro. Durante anos, o homem trabalhou como curandeiro—um herbolário —e um muito bom. Mas então algo saiu errado e ele desapareceu da vista .As pessoas disseram que ele entrou na floresta e cercou-se com forças obscuras e aparições."

"O que deu errado?" Will perguntou, e Orman encolheu os ombros. No minuto em que ele fez isso, ele se arrependeu, dando vazão a um grunhido de dor pouco antes de responder.

"Quem sabe? Talvez em algum lugar ao longo do caminho, as pessoas começaram a confundir suas habilidades com a feitiçaria. Isso já aconteceu antes, você sabe—alguém desenvolve uma habilidade que é um pouco fora do comum, e pouco tempo depois, as pessoas começam a acreditar que é mágica." Ele fez uma pausa para tomar fôlego e olhou significativamente para Will. "Como um Arqueiro, você deve entender isso."

Will foi obrigado a concordar. Era exatamente a maneira como muitas pessoas pensavam dos Arqueiros. E, ele percebeu, ele e Alyss já tinham visto que um monte da chamada feitiçaria do Malkallam consistia em elaborar truques mecânicos. Mas ainda...

"Você pode dar ao luxo de arriscar?" ele perguntou. "Você está assumindo um destino terrível, afinal de contas".

Orman deu-lhe um sorriso fino. Não havia nenhuma diversão nele.

"A questão é, eu posso me dar ao luxo de não arriscar? Malkallam é a única pessoa em centenas de quilômetros que pode ter a habilidade para reconhecer esta droga e encontrar um antídoto. Sem ele, eu vou afundar em um coma e eventualmente morrer."

Will franziu a testa, pensativo enquanto ele digeria essa afirmação. O

Lorde do castelo estava certo, ele percebeu. Malkallam era uma última cartada. Não havia outro caminho para Orman seguir.

A porta se abriu e Xander entrou. No momento em que o secretário entrou no escritório, Will viu o olhar no seu rosto e sabia que ele tinha más notícias.

"Meu senhor, eu não consegui alcançá-la. Os homens de Keren estão em toda parte", disse ele.

Orman amaldiçoou quando outro ataque o atingiu. Quando Xander moveu em direção ao seu Senhor, Will entrou para bloquear seu caminho. Ele sentiu uma mão fria apertar em torno do coração.

"Quer dizer que eles o pararam?" ele disse, e acrescentou, com uma nota de condenação contundente: "Você sequer tentou chegar a ela, não é?"

O pequeno secretário encontrou o seu olhar com firmeza. "Eu não tentei uma vez que os vi, porque eu sabia que eles iriam me ver. E eu não queria comprometer a Lady Gwendolyn", disse ele.

Will estendeu a mão e agarrou a túnica do pequeno homem com as duas mãos, puxando-o mais perto.

"Seu covarde!", disse ele. "O que você quer dizer, complicar ela?"

Xander ainda encontrava o seu olhar, sem qualquer sinal de medo. Ele não fez nenhum esforço para se libertar das garras de Will.

"Pense nisso, Arqueiro. Eu sou visto com pressa para entregar algum tipo de mensagem a Lady Gwendolyn. Então, dentro de uma hora, nós três escapamos do castelo.

Você acha que Keren não vai somar dois mais dois e perceber que ela está trabalhando com você?"

Lentamente, Will largou seu punho e o secretário recuou, alisando o colarinho amassado. Ele estava certo, Will pensou. Qualquer tentativa de alertar Alyss só a colocaria em risco no momento. No entanto, se ela encontrasse com Buttle, se Buttle a reconhecesse de alguma forma, ele iria ter uma palavrinha com ela.

"Eu tenho que ajudá-la", disse ele.

Orman balançou a cabeça, cansado. "É tarde demais para isso", disse ele. "Se Xander fala a verdade e os homens de Keren estão por toda parte, ele pode estar prestes a fazer seu movimento. Temos apenas alguns minutos para sair daqui."

A ira de Will ferveu e transbordou. "Isso é tudo que você pode pensar?", perguntou ele. "Sua própria preciosa pele? Bem, para o inferno com você! Eu não deixar meus amigos quando eles precisam de mim."

Orman não disse nada. Mas Will ficou surpreso quando Xander deu um

passo em direção a ele e pôs a mão em seu braço.

"Lorde Orman está certo", disse ele. "Sua melhor chance é tirá-lo daqui imediatamente. Se você for pego no castelo, não haverá nada para parar Keren de matar todos vocês, você não vê?"

Will compreendeu que Xander tinha falado a verdade. Sua primeira tarefa, agora que ele sabia que Orman não era um rebelde, era deixá-lo em segurança. Mas, para isso significava deixar Alyss em perigo e que ele odiava a ideia de fazer isso.

"Nós estamos perdendo tempo", disse calmamente Orman. "Olha, sua amiga pode ser capturada. Ou não. Mas se eles nos pegam também, não haverá razão para Keren mantê-la viva, principalmente quando ele descobrir que ela é uma Mensageira. Mas se ele não me tem, ele não pode reivindicar o castelo, e ele vai precisar para cobrir suas apostas.

Você pode até mesmo oferecer-me para trocar por Gwendolyn se você quiser. Isso vai garantir que ele cuide dela." Ele fez uma pausa, deixando Will pensar sobre isso. "Parto do princípio de que Gwendolyn não é seu verdadeiro nome?", acrescentou.

"É Alyss", Will disse, distraidamente. Ele estava pensando sobre o que Orman havia dito. Fazia sentido. Uma vez que todos eles forem presos, Keren não teria nenhum motivo para deixar qualquer um deles vivo. Mas se ele e Orman pudessem fugir, ele poderia usar Orman como moeda de troca. Enquanto ele pensava, ele se perguntou se ele iria realmente trocar o Lorde do castelo por Alyss. Ele decidiu que se isso viesse a acontecer, ele o faria.

"Tudo bem", disse ele abruptamente. "Nós vamos fazer isso." Ele fez uma pausa, reunindo seus pensamentos, em seguida, deu ordens rapidamente.

"Junte suas coisas", disse ele a Orman. "Iremos viajar leves, então leve apenas o estritamente necessário. Agasalhos, um bom casaco e botas. Iremos dormir na rua, eu acho.

Eu vou para os estábulos selar dois cavalos." Will parou, olhou para o secretário e alterou a declaração. "Três cavalos. Xander, você pode levar Lorde Orman para a entrada oriental sem atrair muita atenção?"

A entrada oriental era a que dava para o pátio, em frente ao estábulo. O pequeno secretário assentiu com a cabeça.

"Há uma escadaria de empregados. Usaremos isso", disse ele. Will concordou.

"Bom. Esteja lá em dez minutos. Eu vou ter os cavalos prontos dentro do estábulo e quando o ver, eu vou levá-los até vocês".

"Então o quê?" Orman perguntou.

"Então, nós cavalgaremos como nunca para o portão", disse Will. O rosto

do outro homem se contorceu em um sorriso sarcástico, apesar de sua dor.

"Não é exatamente um exemplo clássico de engenhosidade, não é?", disse ele. Will deu de ombros.

"Se você quiser, nós vamos cavar um túnel secreto, ou poderíamos usar disfarces inteligentes. Mas enquanto fizermos isso, nós estaremos todos mortos. Nossa melhor aposta é a de se mover rapidamente e surpreendê-los. Presumo alguns seus homens ainda estão nas muralhas?"

Orman assentiu. "Alguns serão meus homens. Mas não muitos."

"Tudo bem". Will olhou para Xander. "Tire-o daqui agora, e use a escada de trás. Se Keren e seus homens vierem, eu não quero os dois presos aqui. Mas se eles não puderem encontrar você, pode nos ganhar um pouco de tempo. Eles podem não perceber que estamos fugindo ainda. dez minutos", repetiu ele.

Ambos os homens concordaram. Ele correu para a porta, abriu uma fresta e olhou para fora. Não havia ninguém na sala exterior. Xander, aparentemente, dispensou o sargento e seus homens. Will atravessou rapidamente a porta exterior, verificou novamente e saiu. O corredor de fora estava deserto. Havia dois guardas longe, mas além de um olhar indiferente em sua direção, não tomaram conhecimento dele. Forçando-se a andar calmamente, dirigiu-se para a escada e começou a descer.

Seus nervos gritaram para ele quando ele atravessou o salão principal e, em seguida, o pátio exterior. Cada fibra de seu ser queria correr, para chegar ao estábulo tão rapidamente quanto podia. Mas ele se obrigou a andar casualmente, para evitar atrair atenção para si mesmo, esperando o tempo todo por algum sinal de que o alarme tinha sido acionado.

Uma vez dentro do estábulo escuro, no entanto, qualquer pretensão de descontração desapareceu. Ele correu para o estábulo de Puxão, tirando sua sela e rédeas do trilho ao lado. Ambos, Puxão e o cão o ouviram chegando e foram alertados por seu comportamento.

Puxão permaneceu parado quando Will jogou a xairel e sela nas costas dele e prendeu os perímetros. O cão estava de guarda, percebendo que havia algo fora do comum. Quando Puxão estava selado e pronto, Will pegou as partes de seu arco da albarda e apressadamente os encaixou. Sua aljava de flechas estava pendurada perto e ele atirou sobre a sua sela, em seguida, levado Puxão para fora do estábulo.

Ele apressadamente procurou os estábulos ao lado por duas montarias adequadas.

Seu próprio cavalo de carga era um animal robusto o suficiente, mas seria muito lento se houvesse qualquer perseguição. Havia vários cavalos de batalha disponíveis, mas ele ignorou. Ele não acreditava que Orman ou Xander seriam

capazes de lidar com animais tão grandes. Ele tinha percebido uma boa égua mais cedo e ele a levou para fora agora, apressadamente colocando sela e a rédea nela. Ela era calma e dócil, mas parecia que ela teria velocidade decente. Amarrou-a ao lado de Puxão e correu a linha de estábulos, à procura de um terceiro cavalo.

Na extremidade final do estábulo, encontrou um velho cavalo cinza que não estava muito nervoso. Selou-o, então verificou a firmeza da baía e a castração. Ele não faria a sela escorregar quando Orman e Xander tentassem montar. Com os cavalos prontos, moveu-se para a entrada e aliviou um lado da porta dupla aberta, olhando para o portão através da estreita abertura. Ele viu um breve movimento na porta leste e percebeu que era Xander, situando-se apenas dentro da meia porta aberta, à sombra do interior. Uma figura escura pouco visível por trás dele—Orman, ele esperava, e então percebeu que poderia ser um dos homens de Keren. Ele deu de ombros. Havia apenas uma maneira de descobrir.

"Ótimo", ele murmurou. Olhou para o cão, que estava olhando com expectativa para ele, orelhas em pé e olhos questionadores. "Siga", disse ele, em seguida, acrescentou:

"silenciosa". Ele reforçou o comando de palavra com o sinal de mão que ele lhe ensinou. O cão, o contente agora que ela sabia o que era esperado dela, caiu para suas ancas, pronta para se mover.

Apressadamente, Will prendeu uma corda ligando os outros dois cavalos, amarrando o fim na sela de Puxão. Então ele moveu-se rapidamente para a porta mais uma vez, facilitando um lado aberto. Ele correu, virou-se rapidamente na sela e tocou o cavalo pouco com os calcanhares.

Houve um arrastar momentâneo na corda quando a égua e o cavalo castrado resistiram o puxar, então eles ruidosamente saíram no calço atrás de Puxão, movendo-se já em um trote. O cão caiu junto ao lado Puxão, uma sombra preto-e-branco correndo de barriga para baixo no chão.

Xander já estava ajudando Orman a descer os três degraus para chegar ao portão. O Lorde do castelo parecia estar em más condições, apoiado pelo braço de seu secretário em torno de seus ombros. Houve um momento de confusão, quando Will arrastou a corda para trazer os cavalos a uma parada. Puxão, percebendo o que ele tinha em mente, apoiou suas pernas robustas para parar os outros cavalos. Eles mergulharam e puxaram por alguns segundos, então Xander prendeu as rédeas da égua e segurou-a firme quando Orman tentou puxar a si mesmo para a sela. Will ouviu a sua rápida e dolorosa ingestão de ar e também ouviu a voz de uma das ameias quando a súbita turbulência do movimento chamou a atenção dos guardas. Ele deslizou uma flecha da aljava e colocou-a na

corda do arco.

Xander teria que ajudar Orman por si mesmo. Seria tarefa de Will cuidar de toda a oposição que poderia mostrar-se.

Enquanto ele tinha o pensamento, ele ouviu gritos abafados de dentro da torre, e o som de pés correndo. Ele olhou para Xander, lutando com o peso de seu mestre quando a égua pisou irrequieta afastada em um pequeno meio-círculo. Will induziu Puxão para o lado da égua, segurou seu arco em uma mão, alcançou com a outra mão e soltou a correia Orman, puxando-o para a sela enquanto Xander empurrava de baixo. O Lorde do castelo gemia de dor, mas ele estava montado e agora Xander estava lutando para conseguir por o pé no estribo enquanto o cavalo castrado dançava nervoso, afetado pela tensão e emoção.

Atrás dele, ele ouviu a fechadura do portão fazer um barulho, então a pesada porta se abriu por alguém de dentro. Torcendo na sela, mal olhando, ele disparou, batendo uma flecha tremula na madeira do batente na altura do rosto. Ele ouviu um grito assustado e a porta bateu novamente.

"Vamos!" ele gritou. Não havia mais tempo a perder. Ele tocou Puxão com suas botas e o pônei cavalgou para longe, arrastando os outros para trás do fio de corda. Ele olhou por cima do ombro, viu Xander meio dentro e meio fora da sela, agarrando-se desesperadamente a crina do cavalo castrado. Ele não poderia ceder ao homenzinho mais nenhum tempo ou pensamento. O portão estava na frente deles e uma das sentinelas estava correndo incerto em direção ao molinete gigante que operava a ponte levadiça. Will enviou uma flecha assobiando passando na orelha do homem e o viu cair no chão em busca de cobertura.

Havia mais gritos atrás deles agora e pelo canto do seu olho, Will viu o movimento nas ameias à frente deles, e ouvi um dardo de besta, raspando sobre as pedras na frente de Puxão.

Sem pensamento consciente, aparentemente sem apontar, disparou de novo e uma figura caiu do parapeito para o pátio, sua besta fazendo barulho nas pedras ao lado dele.

Então os cascos dos cavalos estavam trovejando sobre a floresta da ponte levadiça e o arraste da corda virtualmente acabou quando o castrado e a égua, empenhados pela excitação do momento, acompanharam o ritmo de Puxão. Eles se atiraram na escuridão sob a pesada porta da torre, então saíram para a luz do sol de inverno. Em segundos, os cascos eram tambores no chão duro congelado no final da ponte e eles ficaram silenciosos. Ele sentiu o assobio de dardos no ar, mas havia apenas alguns deles. Eles tinham tomado as sentinelas de surpresa—ou eles eram principalmente homens de Orman e recusaram-se a

disparar no seu senhor. Ele olhou para trás e vi que tinha Xander finalmente tinha se equilibrado na sela. Ele estava andando próximo ao lado Orman, o homem mais alto dolorosamente debruçado na sela, mas segurando-a com toda a firmeza do punho.

Levaria alguns minutos antes de qualquer perseguição ser lançada e Will sabia onde ele queria estar quando eles fossem atrás dele.

28



Will parou quando eles chegaram na agora familiar entrada da Floresta Grimsdell.

Ele permitiu que os outros cavalos chegassem perto de Puxão e estudou Orman criticamente. O senhor do castelo estava balançando na sela, com os olhos fechados e com um olhar distante neles. A boca dele se moveu, mas nenhum som saiu.

Xander estava assistindo o seu Senhor ansiosamente. "Nós temos que levá-lo a Malkallam rapidamente", disse ele. "Ele está quase inconsciente".

Will assentiu. Ele olhou para longe de Orman para a curva da estrada onde os seus perseguidores iriam aparecer—ele não tinha dúvidas de que haveria perseguidores.

"Leve ele mais além das árvores", disse ele. "Eu vou ficar aqui e desencorajar qualquer um a seguir muito de perto." Ele indicou o caminho estreito que ele e Alyss haviam seguido em sua exploração anterior pela floresta. "Siga o caminho por uma centena de metros ou mais e espere por mim lá. Você estará bem longe da vista."

Xander hesitou. "E o que acontecerá com você?"

Will sorriu para ele. O pequeno secretário tinha uma coragem inesperada. Ele agitou o capuz da sua capa por cima da sua cabeça e cutucou Puxão para entrar mais nas sombras manchadas embaixo de uma árvore de carvalho com galhos nus.

"Estou fora da vista agora", disse ele. E quando Xander ainda hesitava, ele fez um gesto para ele ir. "Vai. Eles estarão aqui em qualquer minuto."

O secretário viu o bom senso da sugestão. Ele assentiu para Will e, agarrando a rédea do cavalo para levar Orman, liderou o semi-consciente senhor do castelo para a sombra escura da Floresta Grimsdell. Depois de quinze metros, eles se perderam da visão de Will. Ele assentiu para si mesmo, com satisfação, e sentou-se imóvel. O cão plano de barriga no chão ao lado de Puxão. Ela emitiu um baixo, surdo rosnar.

"Fica", disse ele, e sua cauda agitando obedientemente.

Poucos segundos depois, as orelhas de Puxão agitaram nervosamente e ele

bateu no chão com um casco. Até agora, Will não tinha ouvido nada. Ele ficou maravilhado com os sentidos agudos dos seus dois animais. Ele acalmou Puxão, e sabendo que seu mestre tinha ouvido o seu aviso, o pequeno cavalo relaxou.

Isso foi mais um minuto e meio antes do bando de cavaleiros contornarem a curva na estrada. Havia oito deles, todos armados e liderados por uma figura alta conhecida.

"Buttle", ele respirou. O cão permitiu-se outro grunhido quase inaudível, então se estabeleceu novamente.

O grupo parou a cerca de duzentos metros de onde Will estava. Um dos homens era, obviamente, um caçador de algum tipo e ele desceu da sela para estudar os rastros da estrada, olhando para o campo coberto de neve que separava a estrada da Floresta Grimsdell, onde o caminho tomado pelos três cavalos através da neve era muito claro. Ele apontou para a floresta e moveu-se para remontar.

Buttle deu o sinal para os homens para avançar, mas eles não se mexeram. Will ouviu vozes quando Buttle virou para eles e repetiu a ordem. Ele sorriu para si mesmo.

Buttle, obviamente, não tinha ouvido falar sobre os horrores de Grimsdell, ele percebeu.

Por um momento, ele lamentou uma oportunidade perdida. Se eles tivessem vindo para frente, ele poderia ter esperado até que eles estivessem no meio do terreno aberto e em seguida começaria a atirar. Ele provavelmente poderia ter reduzido a força disponível de Keren em oito homens dessa maneira. Em seguida, ele rejeitou a ideia. Alguns dos homens poderiam muito bem ser soldados de Orman, forçados a ir junto contra sua vontade. E mesmo se eles não fossem, ele sabia que não poderia levar o assassinato de oito homens a sangue frio, não importa o quanto eles podiam ser perigosos. Não foi isso que Halt o tinha ensinado durante anos até o nível de habilidade que ele agora possuía.

Buttle, no entanto, era um assunto completamente diferente. Sua total falta de escrúpulos e a natureza basicamente má do homem fariam dele um agente valioso para o usurpador. Homens como Keren precisava de homens como Buttle, Will sabia. Eles precisavam de homens que obedecessem às ordens para matar e roubar e destruir, sem qualquer hesitação. Esses homens tornariam mais fácil que outros seguissem o exemplo.

Ele não tinha nenhuma dúvida de que Buttle já estava estabelecido como um dos retentores chave de Keren.

E lá estava ele sentado, apenas duzentos metros de Will, que tinha uma flecha preparada na corda para esticá-la já.

Isso seria um tiro de arco longo e havia um vento leve. Will podia ver o vento mexendo o topo dos amieiros nus que alinharam a estrada do outro lado. A maioria dos arqueiros teria conduzido tal tiro com desconfiança, mas Will era um Arqueiro e para um Arqueiro um tiro de duzentos metros era pão com manteiga. E ele sabia que desconfiança era o início de um erro. Um tiro falho devido à ansiedade muitas vezes tem como recompensa o resultado que se pretendia evitar. Will ergueu seu arco para a posição de mira.

A flecha parecia deslizar para trás sem esforço, puxada pelos grandes músculos nas suas costas e ombros com uma facilidade nascida de milhares de repetições. Ele criou a sua imagem de observação, focalizando o alvo, e não a flecha ou o arco. Eles eram simplesmente duas partes da imagem global que culminou na figura de Buttle sentado em seu cavalo a de duzentos metros de distância.

Ele continuou levantando o arco até que ele estava convencido de que a elevação estava correta para a distância. Naquele momento, se alguém lhe perguntasse como ele sabia qual era a elevação correta, ele não poderia ter respondido. Isso era algo instintivo dele agora, outro produto dos anos de prática. Ele aprovou o vento e manteve-se um momento. Sua mão esquerda, segurando o arco, estava solta e relaxada, de modo que o aperto estava na brecha entre o polegar e o indicador, apoiado, mas não muito apertado. O polegar de sua mão direita repousava contra o canto da boca, os três primeiros dedos refreando a corda na posição de pressão máxima, um acima e dois abaixo do ponto de entalhe.

Ele exalava a metade do último suspiro que ele havia tomado, vagamente consciente de sua própria pulsação e os ritmos naturais do corpo, e permitiu a corda libertar-se dos seus dedos, ambas as mãos passivas, sem um traço de empurrão ou torção. Todo o processo, uma vez que ele tinha levantado o arco, levou menos de quatro segundos.

O arco cantou e a flecha pulou fora.

Ironicamente, foram os anos de prática que agora o traíram.

O tiro foi excelente. Em qualquer outro arqueiro, teria sido considerado um sucesso.

Mas Will estava usando o arco de três peças, e não o arco de teixo que ele havia praticado durante os três últimos anos de sua aprendizagem. Durante os duzentos metros que viajou—embora ele realmente cobriu mais distância através do ar, movendo-se em uma curva suave—a flecha caiu mais distante do que ele havia previsto. Em vez de bater em uma parte de cima do corpo de Buttle, ela surgiu do nada e bateu em sua coxa, rasgando a parte musculosa da perna e fixou-se no couro duro da sela.

Buttle gritou com agonia com a queimadura súbita em sua coxa. Seu cavalo se ergueu no susto, como fizeram vários outros ao redor dele. Seus homens, já cautelosos sobre se aventurar na direção da Floresta Grimsdell, deram uma olhada no eixo de penas que havia paralisado o seu líder e se viraram e cavalgaram para a segurança da curva da pista. Buttle, amaldiçoando a dor e os seus homens com selvageria igual, virou o cavalo indefeso, então, furioso, cedeu ao inevitável e cavalgou atrás deles, cambaleando na sela com a dor.

"Droga", disse Will desapaixonadamente, observando-o ir. Ele lembrou as palavras de Crowley sobre o arco. Uma trajetória plana no início, mas então iria cair mais rapidamente do que ele estava acostumado. "Sem mais tiros longos", disse ele a Puxão, cujas orelhas achataram contra a cabeça de volta em resposta. Will olhou para o cão, que estava olhando para ele, sua cauda se movendo lentamente. Parecia que ela estava muito contente de ver a flecha bater em Buttle em qualquer lugar, ele meditou.

Ele olhou para a estrada. Não havia nenhum sinal de que os homens estavam recomeçando a perseguição, assim que ele cutucou Puxão com um joelho para virá-lo e seguiu na pista na floresta.

Ele apanhou os outros a uma centena de metros abaixo da trilha, onde havia dito a Xander para esperar. Orman estava afundando mais e mais no estado de coma que ele tinha predito, balançando na sela, quase totalmente inconsciente, dizendo palavras sem sentido e fazendo pequenos choramingos.

"Como ele está?" ele perguntou a Xander, embora a questão fosse claramente desnecessária. O secretário franziu a testa.

"Nós não temos muito tempo", disse ele. "Você tem alguma ideia de onde Malkallam pode ter seu quartel general?"

Will balançou a cabeça. "Eu suponho que vai ser bem no centro da floresta", disse ele. "Mas onde é que isso pode ser é algo que ninguém sabe", Xander olhou ansiosamente para seu mestre. "Teremos de fazer alguma coisa", disse ele, a preocupação evidente em sua voz.

Will olhou ao redor, impotente, esperando por uma ideia. Ele sabia que, a habilidade Arqueiro não obstante, eles podiam cometer erros por dias nessa espessa floresta, com suas estreitas trilhas de intersecção. E eles tinham horas, na melhor das hipóteses.

Seu olhar caiu sobre o cão, sentado pacientemente, cabeça inclinada para o lado, olhando para ele de soslaio. Havia uma chance, ele percebeu.

"Venha", disse laconicamente a Xander, e cutucou Puxão, começando o caminho em que ele e Alyss seguiram apenas um dia atrás. Tanta coisa aconteceu nesse curto espaço de tempo, ele pensou. Eles contornaram a borda do sinistro pântano até chegarem ao local onde Alyss tinha encontrado a grama

queimada. Will parou lá agora e desmontou. Xander, após um momento de hesitação, o seguiu. Ele olhou para as marcas de queimaduras.

"O que causou isso?" ele perguntou. Will disse-lhe da teoria de Alyss sobre uma gigante lanterna mágica. As sobrancelhas de Xander subiram, mas ele balançou a cabeça, pensativo.

"Sim, ela pode estar certa", disse ele. "Veja bem, você precisaria de uma lente quase perfeita para o trabalho."

"Uma lente?" Will perguntou.

"O dispositivo de foco que criaria um feixe de luz. Nunca vi um do padrão que você precisaria para isso, mas eu imagino que seria possível construir um".

"Você precisa de uma infernal fonte de luz também", Will disse-lhe, mas o pequeno homem encolheu essa objeção para fora.

"Ah, há muitas maneiras que você pode conseguir isso", disse ele. "Pedra-branca, por exemplo."

"Pedra-branca?" Will perguntou. O termo era desconhecido para ele. Xander assentiu novamente.

"É uma rocha porosa que libera um gás inflamável quando você joga água dentro dela. O gás queima com uma chama branca intenso. Muito quente também...assim como o que provocou essas marcas de queimaduras". Ele acenou para si mesmo várias vezes. "Sim, eu diria que as pedras-brancas iriam fazer o trabalho. Mas o que você tem em mente aqui?", acrescentou.

Will estalou os dedos e o cão aproximou-se dele, os olhos fixos nele, enquanto ela esperava para obter instruções.

"Eu imaginei que se havia algum tipo de lâmpada aqui, deve ter tido pessoas cuidando dela. E as pessoas deixam um odor. Talvez o cão possa seguir eles.

Provavelmente se encontrarmos, nós vamos encontrar a caverna do feiticeiro também".

Ele afagou as orelhas do cão e apontou para o chão ao redor deles.

"Procure", disse ele.

A cabeça preto-e-branco desceu e começou a aquartelar o solo pela margem do pântano. Após vários minutos, ela começou a lançar cada vez mais e mais. Então ela parou, levantando uma pata dianteira no ar quando seu nariz ficou perto do chão. Ela cheirou várias vezes, em seguida, latiu uma vez, um urgente e afiado som.

"Boa garota!" Will respirou. Xander parecia duvidoso.

"Como você sabe que ela não cheirou um cervo, ou um texugo? ele perguntou. Will olhou para ele durante alguns segundos.

"Se você tem uma ideia melhor, agora é a hora de mencioná-la."

Xander fez um gesto de desculpas com as mãos. "Não, não. Continue", disse ele suavemente. Will virou-se para o cão. Como sempre, ela estava olhando para ele e esperando novas ordens. Moveu-se para ela, apontou para o chão onde ela tinha encontrado o cheiro, e disse: "Siga".

O cão latiu uma vez e saltou para longe. Ela andou a poucos metros, parou e voltou para trás, olhando para ele. Ela latiu de novo, a mensagem óbvia: Venha se você está vindo.

Não temos o dia todo.

29



A trilha ferida e torcida parecia dobrar sobre si mesmo. Havia trilhas ao lado e bifurcações no caminho também, e Will começou a se perguntar se o cão realmente sabia o que estava fazendo ou se ela estava apenas vagando aleatoriamente. Parecia haver tantas opções, tantos caminhos diferentes que poderiam ir. Então, quando ele percebeu quão focada ela estava em sua tarefa, ele sabia que ela estava definitivamente seguindo alguma coisa. A questão ficou, no entanto: o que ela seguia? Ele percebeu que Xander poderia estar certo. Eles poderiam muito bem estar correndo pela floresta em busca de um texugo ou algum outro animal.

Hábil como ela era na floresta, não demorou muito para Will ver que estava totalmente desorientado, e ele sabia que seria difícil refazer seu caminho se ele tivesse que fazer. Ele percebeu que a vida de Orman estava agora bem e verdadeiramente sob os cuidados do cão e, a partir dos olhares preocupados que Xander mantia sobre ele, ele sabia que o secretário estava ciente do fato, bem. Eles não falaram. Não havia nenhum ponto em expressar seu temor e a natureza ameaçadora da floresta escura desanimava uma conversa ociosa. Era como se a própria Grimsdell fosse uma presença—um personagem. Escuro, deprimente e ameaçador, que pesava sobre eles, aliviado somente pela visão de compensação e de oportunidade ocasional do céu por cima.

Eles tinham viajado por mais de uma hora, Will estimou, quando chegaram a uma bifurcação de três caminhos na trilha. Pela primeira vez desde que tinha começado, o cão hesitou. Ela caiu para o lado direito da bifurcação durante alguns metros, depois parou, o nariz para baixo, pata levantada incerta. Então ela fungou seu caminho de volta e tentou a forquilha esquerda.

"Oh Deus", Xander disse baixinho, "ela perdeu o cheiro." Ele olhou com medo para seu mestre, descansando na sela, de olhos fechados, cabeça decaída, mantida no lugar apenas por uma corda que tinham amarrado a suas mãos e amarrado ao punho da sela. Se eles ficassem perdidos dentro da floresta, sem qualquer senso de direção ou finalidade, Xander sabia que isso significaria o fim de Orman.

O cão olhou para ele, como se em reprovação, em seguida, soltou um

latido curto e começou a descer a bifurcação da esquerda, todos os traços de incerteza haviam sumido agora. Will e o secretário tocaram seus cavalos seguir para frente. Eles tinham ido cinquenta metros, enrolando e curvando e, talvez, fazendo apenas vinte metros de progresso, quando Will ouviu Xander dar um suspiro.

Ele olhou-o—sua atenção havia sido fixada no cão, ele percebeu—e viu o que tinha causado o grito de alarme. Havia um conjunto de crânio em um mastro de um lado da pista à frente deles. Uma placa bruta, coberta de líquen carregando uma mensagem indecifrável escrita em ruínas antigas. As palavras podem ser enigmáticas, mas a mensagem era clara.

"É uma advertência", Xander disse.

Will tirou uma flecha de sua aljava e colocou-o na corda do arco.

"Então, considere-se advertido", disse ele secamente. "Pessoalmente, se eu estou planejando outra emboscada, a última coisa que eu iria fazer era é deixá-los saber disso com antecedência."

Ele inclinou-se para estudar o crânio mais de perto. Estava amarelado com a idade.

E não era completamente humano. A mandíbula parecia mais para frente de que de um homem, e não havia dentes caninos de ambos os lados.

O cão estava esperando impacientemente e Will sinalizou para frente. Ela começou a descer a pista de novo, e de repente ela saiu correndo, correndo para frente e indo para a próxima curva, fora da vista.

Na deixa de Will, Puxão quebrou em um trote para seguir o cão e contornou a curva atrás dela...

...e se encontraram em uma clareira grande, com construção de um andar, construída com madeira escura e coberta de palha. Ele ouviu os outros dois cavalos vindos barulhentos atrás dele, em seguida, deslizando uma parada ao lado dele.

"Parece que estamos aqui", Will disse calmamente. Xander olhou ao redor da clareira, procurando algum sinal de habitação humana.

"Mas onde está Malkallam?", disse ele.

Então eles viram o movimento nas árvores do outro lado da clareira, e como se o nome de feiticeiro tivesse chamado eles, e figuras começaram a sair dos bosques circundantes.

Deve ter havido mais de trinta deles. Enquanto que ele tinha esse pensamento, Will percebeu que havia algo incomum sobre eles. Eles eram... Ele procurou o termo certo, e hesitou. Ele não estava totalmente certo do que ele estava vendo. Mesmo na clareira, a luz era fraca e incerta, e o povo, se fossem pessoas, estavam perto da massa escura da floresta por trás deles, onde as

sombras eram grossas e pesadas. Ele ouviu a ingestão rápida de ar de Xander, em seguida, o secretário falou baixinho.

"Olhe para eles", disse ele. "Eles são humanos?"

Então Will percebeu o que foi que lhe tinha feito hesitar. Eles eram certamente humanos, pensou. Mas era como se todos fossem caricaturas horríveis de pessoas normais.

Eram terrivelmente disformes, todos eles. Alguns eram anões, menos de 1,22m de altura, os outros eram altos e dolorosamente finos. Um deles era enorme, ele devia ter dois metros e meio de altura e enorme no peito e nos ombros. Sua pele era um branco pálido, e com exceção de alguns fios aleatórios de cabelo amarelado, ele era careca.

Outros eram curvados, seus corpos torceram e cederam. Havia várias pessoas que eram corcundas, seus movimentos difíceis e dolorosos quando se misturaram para frente.

A garganta de Will ficou seca quando ele viu que dentre as mais de trinta pessoas à frente dele, não havia uma que poderia ser descrita como normalmente em forma.

Obviamente, este foi o resultado da magia negra de Malkallam, ele pensava, e quando ele pensou nisso, ele percebeu que tinham cometido um erro levar o inconsciente Orman aqui.

Um feiticeiro que criava tais dolorosas desfigurações nessas pessoas dificilmente iria ajudar o senhor do castelo a recuperar-se do veneno que estava destruindo-o.

Após os seus primeiros movimentos fora da sombra das árvores, as criaturas pararam, como se em resposta a algum comando silencioso. Will olhou para baixo quando o cão afundou lentamente até as ancas em frente a ele. Ele podia sentir o baixo e contínuo barulho de aviso do peito de Puxão. Era um impasse, ele percebeu. Não havia nenhum sinal do feiticeiro, a menos que ele passou a ser uma das criaturas disformes que olhavam ele através da clareira—e de alguma forma, ele duvidou disso.

"Arqueiro..." a voz de Xander era baixa e afiada com medo. Will olhou para ele e o pequeno homem moveu a cabeça para o outro lado da clareira. Seguindo o seu olhar, Will sentiu sua própria garganta comprimir com medo.

O gigante de pele pálida começou a avançar através da clareira em direção a eles, um passo pesado de cada vez. Quando ele avançou, houve um murmúrio baixo sem palavras de encorajamento de seus companheiros. Will lentamente levantou o arco, a flecha ainda na corda e pronta, de onde ele tinha descansado em seu punho.

"Isso é perto o bastante", disse ele calmamente. O gigante estava quase na

metade do caminho em direção a eles. Ele deu outro passo. Agora ele estava bem no meio da clareira e Will percebeu que não poderia deixá-lo chegar mais perto. Aquelas mãos enormes poderiam rasgar ele, Xander e Orman membro a membro. E, provavelmente, os seus cavalos, assim, ele pensou.

"Pare", disse ele, um pouco mais alto, com mais de uma borda em sua voz. O gigante encontrou seu olhar. Apesar de Will estar sentado montando Puxão, seus olhos estavam no mesmo nível. O gigante franziu e Will viu seus músculos tensos quando se preparava para dar outro passo. Ele deslizou a flecha de volta a pressão máxima, instintivamente mirando no peito do gigante, exatamente onde o coração devia estar.

"Grande como você é, essa flecha vai atravessar você direto nessa distancia", disse ele, deliberadamente mantendo sua voz calma.

A criatura hesitou. Ele viu a carranca sair de seu rosto. Perplexidade? Raiva? Medo?

Frustração? Ele não tinha certeza. As características grotescas eram tão bizarras, foi difícil de lê-las com precisão. O importante era que o gigante tinha parado de avançar sobre eles.

Dos espectadores silenciosos à beira da clareira, ouviu um suspiro coletivo. Incitando-o para frente? Aconselhando-o a parar? Mais uma vez, Will não tinha ideia.

O que vem depois? , pensou. Vamos ficar aqui até a próxima nevasca, nos encarando nessa clareira? Ele não tinha ideia do que fazer. Por conta própria, ele confiava em Puxão para levá-lo fora da situação. Mas ele não podia desertar Xander e Orman.

"Arqueiro olhe!" Xander disse em um sussurro sem fôlego.

Ele desviou o olhar do gigante, que estava, compreensivelmente, ocupando toda a sua atenção. Xander apontava para o cachorro.

Ela tinha subido de sua posição agachada na frente deles e estava avançando através da clareira em direção ao gigante. Will pegou o fôlego para chamá-la, então parou e largou a tensão sobre o arco quando ele notou alguma coisa.

Sua cauda pesada estava abanando lentamente de um lado para outro enquanto ela ia.

O gigante olhou para ela quando ela chegou até ele, parando apenas na frente dele.

Sua cabeça estava abaixada e sua cauda ainda estava abanando. A carranca desapareceu da face da criatura enorme e ele abaixou em um joelho, uma mão enorme para afagar o cão.

Ela avançou novamente para sentar-se aos seus pés e ele acariciou seus

ouvidos e coçou o queixo. Seus olhos semicerrados de prazer, ela virou a cabeça ligeiramente para lamber sua mão.

E então Xander chamou a atenção de Will para ainda outro detalhe notável em um dia totalmente notável.

"Ele está chorando!" ele disse suavemente. E com certeza, havia lágrimas rolando pelo rosto pálido. "Você sabe, eu acho que ele é completamente inofensivo. Graças a Deus você não atirou nele."

"Eu devo dizer que eu concordo", disse uma voz atrás deles. "Agora, você se importaria de me dizer o que diabos estão fazendo na minha floresta?"

30



Will virou-se na sela, o arco levantando, flecha totalmente puxada. Então, pela segunda vez, ele hesitou. Ele não tinha ideia do que ele esperava ser a aparência de Malkallam. Se pressionado, ele teria imaginado que o feiticeiro seria maior que a vida de algum modo—talvez extremamente alto e magro, ou enorme e grosseiramente gordo.

Certamente, ele estaria vestido com uma túnica preta volumosa, talvez marcada com obscuros símbolos místicos ou rodopiando sóis e luas.

E é claro que ele iria usar um chapéu alto que levaria sua altura total de quase três metros.

O que ele não esperava era uma pessoa pequena e magra que era alguns centímetros mais curta do que o próprio Will. Ele tinha cabelos ralos e cinzas, penteados sobre uma coroa calva, nariz e orelhas um pouco grandes, e queixo ligeiramente recuado. Seu manto era um hábito caseiro simples marrom, um pouco como um monge, e ele usava sandálias nos pés, apesar do clima de inverno.

Mas a maior surpresa de todas foi os olhos. Os olhos de um feiticeiro deveriam ser escuros e proibitivos, cheios de mistério e perigo arcano. Estes eram castanhos e havia uma luz inconfundível de humor neles.

Confuso, Will baixou o arco.

"Quem é você?" ele perguntou. O pequeno homem encolheu os ombros.

"Eu pensei que eu que deveria fazer essa pergunta", disse ele suavemente. "Afinal, esta é a minha casa."

Xander, no entanto, preocupado com a rápida deterioração do estado de seu mestre, não estava disposto a palavras tortas.

"É você Malkallam?" ele perguntou rudemente. O pequeno homem inclinou a cabeça para o secretário, os lábios franzidos um pouco enquanto ele considerava a questão.

"Eu tenho sido chamado disso", disse ele, a luz de humor a desaparecendo de seus olhos.

"Então, nós precisamos de sua ajuda", Xander disse. "Meu mestre foi envenenado."

As sobrancelhas espessas de Malkallam formaram uma carranca e sua voz assumiu um tom ameaçador.

"Você está pedindo a ajuda do feiticeiro mais temido por estas bandas?", disse ele.

"Você entra no meu reino, ignora meus sinais de alerta, arrisca a ira do terrível Guerreiro Noturno que me protege, então procura minha ajuda?"

"Se você realmente é Malkallam, sim", respondeu Xander, sem se intimidar pelo tom ameaçador das palavras.

As sobrancelhas do feiticeiro retornaram à sua posição normal e ele balançou a cabeça em alguma admiração.

"Bem, você certamente tem alguma fibra sobre você", disse ele, num tom mais claro. "Talvez fosse melhor dar uma olhada no Lorde Orman nesse caso."

"Você sabe quem é esse?" Will disse quando o pequeno homem andou na direção de Orman, que estava balançando, inconscientemente, na sela, murmurando poucos sons sem palavras. Malkallam riu brevemente.

"Claro que eu sei, Arqueiro", disse ele. Will encolheu os ombros em derrota. Tanta coisa para se disfarçar com cuidado. Primeiro Orman e agora Malkallam tinha visto através dele quase imediatamente.

"Como você...?" ele começou, mas o feiticeiro silenciou-o com um gesto de mão.

"Bem, isso não é exatamente alquimia, não é?" ele disse decididamente. "Você estava bisbilhotando a minha floresta nos últimos dois dias. Você monta o tipo de cavalo de Arqueiros. Você carrega um arco e você tem uma grande faca ao seu lado—Eu vou apostar que você tem uma faca de arremesso em algum lugar com você. Mais a sua capa que tem o hábito desconcertante de mistura no fundo. O que mais você pode ser? Um bardo?"

Will abriu a boca para responder, mas as palavras não vieram. Xander, no entanto, estava menos inclinado ao silêncio.

"Por Favor!", disse ele. "Meu mestre pode morrer enquanto vocês dois tagarelam."

Novamente, as sobrancelhas Malkallam dispararam para cima. "Um Arqueiro e um feiticeiro", disse ele em alguma admiração, "e ele nos diz que estamos tagarelando. Este certamente é um sujeito ousado."

No entanto, enquanto ele falava isso, seus olhos estavam ansiosos examinando o rosto de Orman. Ele se estendeu até tocar o senhor do castelo, mas não conseguiu alcançar.

"Trobar!" chamou. "Deixe o cão por um momento e abaixe o Lorde Orman para mim."

O gigante relutantemente levantou de onde ele tinha continuamente

brincando com o cachorro e foi até o cavalo de Orman. Xander deslizou para baixo da sela e se colocou entre seu mestre e figura gigante. Will, sentindo que os eventos estavam se movendo um pouco rápido demais para ele, desmontou também. Ele trocou um olhar perplexo com Puxão. O cavalo parecia encolher de ombros. Como posso saber? O movimento, disse. Eu sou apenas um cavalo.

Trobar parou em frente da figura determinada que barrava seu caminho.

"Ele não vai machucá-lo", disse Malkallam, um pouco impaciente. "Se você quer minha ajuda, será mais rápido se você deixá-lo carregar o seu mestre para dentro".

Relutante, Xander pisou para um lado. Trobar avançou, soltou as cordas que amarravam Orman no lugar e deixou o homem inconsciente deslizar para fora da sela para segurar ele em seus braços. Ele lançou um olhar interrogativo para Malkallam, que apontou para a casa.

"Leve-o para dentro, para o meu estudo".

Trobar partiu, levando o homem inconsciente como se ele não pesasse mais de uma pena. Xander trotava ao lado dele, e Will e Malkallam seguiram.

"Interessante, a forma como ele reagiu ao seu cão", disse o feiticeiro conversando.

"Claro, ele tinha um pastor da fronteira quando era criança, antes da aldeia o levar para fora. Foi o seu único amigo. Acho que ele quebrou seu pobre coração quando ele morreu".

"Entendo", disse Will. Pareceu-lhe ser a resposta mais segura que poderia vir.

Malkallam olhou para o lado para ele. Tão jovem, pensou, e tanta responsabilidade.

Despercebido pelo Arqueiro jovem, ele sorriu para si mesmo. Ele apontou para um banco na varanda.

"Não há nenhuma necessidade para você entrar enquanto eu examino o Lorde Orman", disse ele. Will assentiu com a cabeça e se moveu para o banco. Xander, no entanto, chamou a si mesmo tão simples quanto poderia.

"Estou entrando", disse ele. Seu tom não tolerava nenhum argumento e Malkallam deu de ombros.

"Como quiser. Mas você o trouxe aqui, afinal. É um pouco tarde para começar a se preocupar que eu possa prejudicá-lo de alguma forma."

"Não estou preocupado com isso", disse Xander duro. "Eu apenas estou com..." Ele arrastou.

Malkallam esperou expectante, instando-o a terminar. Quando ele não o fez, o feiticeiro acabou para ele: "... medo de que eu possa prejudicá-lo de alguma forma."

Xander encolheu os ombros. Foi exatamente o que ele pensou, mas ele percebeu que não era político de dizer quando ele estava pedindo a ajuda do feiticeiro.

"Basta lembrar, Eu estarei de olho", disse ele sem jeito. Sua mão desceu para a adaga a seu lado, mas ele era obviamente um homem que não estava acostumado a usar armas. Malkallam sorriu para ele.

"Tenho certeza que o seu mestre estaria orgulhoso de você. Se eu decidir fazer alguma coisa terrível para ele, eu vou ter que transformá-lo em um tritão antes de eu fazer isso."

Xander o estudou desconfiado por alguns segundos, então decidiu que ele provavelmente estava brincando. Provavelmente. Sem outra palavra, ele seguiu Malkallam para dentro.

Will sentou no banco e inclinou-se de costas contra as paredes ásperas da casa. O sol estava começando a esgueirar-se sob o beiral da casa e aqueceu os pés e as pernas quando ele esticou-se. De repente, ele estava exausto. Os eventos do dia se moveram rápido, a fuga do castelo, a busca pelo lar de Malkallam e a reunião posterior com o feiticeiro tinha mantido a adrenalina conservada através de seu sistema. Agora que não havia mais nada a fazer no momento, sentiu-se absolutamente esgotado.

Os outros habitantes do domínio de Malkallam continuaram a observá-lo. Ele tentou ignorá-los, sentindo nenhuma ameaça deles só curiosidade.

Ele olhou para cima quando ele sentiu um movimento na porta. Trobar, o gigante, saiu da casa. Ele olhou ao redor da clareira, viu o cão vigilante deitado onde ele a deixou e moveu-se para seu lado. Ele caiu sobre um joelho ao lado dela e acariciou a cabeça suavemente. Ela fechou os olhos alegremente e inclinou a cabeça para o seu toque.

"Cão!" Will disse, um pouco brusco do que ele pretendia.

Os olhos do cão se abriram e ela ficou imediatamente alerta. Will apontou para a varanda ao lado dele.

"Venha aqui", disse ele.

Ela se levantou e agitou-se, então começou a galopar lentamente através da clareira em direção a ele. Ele olhou para Trobar e viu uma inconfundível tristeza no rosto desfigurado.

"Ah, tudo bem", disse ao cão. "Fique onde está."

Ele viu o sorriso sair na cara do gigante quando o cão deixou ser acariciado mais uma vez. Fechou os olhos, cansado. Ele se perguntou o que ele ia fazer sobre Alyss.

31



Alyss tinha ouvido o barulho no pátio abaixo de sua janela na torre: gritos e cascos de cavalos soando fora do calçamento. Ela chegou à janela a tempo de ver três cavaleiros galopando a toda velocidade para a porta levadiça.

Ela reconheceu Will instantaneamente e, enquanto ela assistia, viu o tiro do mesmo fazer um arqueiro cair das muralhas do castelo. Atrás dele montavam outros dois homens, um deles balançando na sela, como se estivesse apenas consciente. Com um início de surpresa, ela reconheceu Orman.

Que diabos ele estava fazendo? Obviamente, da forma como os guardas tinham reagido, ele estava fugindo de seu próprio castelo. No entanto, a própria ideia era ridícula!

E Will estava com ele. Ela franziu a testa. Não havia nenhum sinal de que estava agindo sob qualquer coação. Ele estava liderando o caminho, na verdade. Por um momento, ela brincou com a possibilidade de que Orman realmente era um mago negro e tinha colocado algum tipo de feitiço ou coação em Will. Então, ela negou o pensou. Como a maioria das pessoas educadas, ela realmente não acreditava em feitiçaria ou magia.

Mas que outra explicação poderia haver?

Ela permaneceu ao lado da janela e poucos minutos depois, um grupo de homens montados saiu em perseguição. Seu primeiro instinto foi vestir-se e correr para descobrir o que estava acontecendo. Então ela parou e sentou-se, batendo os dedos sobre a mesa enquanto ela pensava. Lady Gwendolyn não iria comportar-se de tal forma. Lady Gwendolyn era uma cabeça vazia, auto-obcecada que não iria ter o menor interesse em nada que não envolvem novos penteados, sapatos ou modas.

Ela levantou-se e mudou-se para a porta que conduz à ante-sala de sua suíte.

Suas duas empregadas estavam conversando calmamente enquanto dobravam e arrumavam uma pilha de roupas lavadas. Max estava sentado em um canto, franzindo a testa ao longo de um manuscrito. Todos os três olharam com surpresa a sua aparição repentina.

Ela acenou com impaciência para eles relaxarem.

"Sente-se, sente-se", disse ela, apoiando no braço de uma cadeira. Ela continuou:

"Lorde Orman e o bardo Barton acabaram de cavalgar para fora do castelo, perseguidos por um grupo armado".

Os três olharam para ela com surpresa. Eles podem ser criados, mas eles estavam a par de sua verdadeira identidade e missão. E eles sabiam a identidade real de Will também.

"Max, vá até o salão principal e veja o que você pode descobrir. Não se torne óbvio demais, só ande ao redor e veja o que você pode ouvir".

"Muito bem, minha Senhorita." Levantou-se e moveu-se para a porta, pegando o seu chapéu de penas suaves em uma mesa ao lado enquanto ia. Ela poderia dizer que as duas empregadas estavam se doendo para que ela pedisse para que elas descobrissem mais. Mas ela balançou a cabeça para elas e voltou para seus aposentos para aguardar o relatório do Max.

O tempo passou devagar. Dolorosamente lento. Max retornou após uma hora mais ou menos. Suas escutas não revelaram mais do que os fatos que Alyss já sabia. O castelo estava alvoroçado com o fato de que, por alguma razão Lorde Orman, seu secretário e o bardo Barton haviam quebrado as defesas do castelo e fugido.

"Todo mundo parece tão perplexo como nós estamos, minha Senhorita," Max a disse. Alyss começou andando para frente e para trás, no fundo do cômodo. Max, incerto se ela queria que ele fizesse mais algo, tossiu hesitante.

"Isso é tudo, minha Senhorita?" ele solicitou, e ela virou para ele se desculpando.

"Claro, Max. Obrigada. Você pode ir."

Ele mal tinha deixado seu quarto quando houve outra batida.

"Entre", ela falou, e ficou surpresa quando a porta abriu-se para admitir Sir Keren.

"Oh, Sir Keren", disse ela, "que surpresa agradável! Entre!" Então, erguendo a voz ela falou para a sala exterior, "Max, busque um pouco de vinho para nós dois, por favor!

Um bom vinho branco gaulês, eu acho."

Lá fora, Max correu para a mesa ao lado para buscar o vinho, enquanto Keren entrou na sala, olhando ao redor, olhando a desorganização dos vestidos, chapéus, maquiagem e sapatos que cercava Lady Gwendolyn. Alyss indicou uma cadeira perto do fogo.

"Desculpe-me por incomodá-la, Lady Gwendolyn," Keren começou, "mas eu queria saber se você ouviu um pouco de uma confusão que ocorreu a mais ou menos uma hora atrás?"

"Oh sim, realmente eu ouvi algo, uma confusão realmente!" disse ela. "Os cavalos a galope e homens gritando. Quem eram eles? Salteadores? Ou bandidos, talvez?

Keren estava balançando a cabeça tristemente. "Pior do que isso, minha Senhorita.

Muito pior. Tenho medo de que eles seriam traidores da coroa."

Alyss recostou-se, a boca era um perfeito O de surpresa. Por um momento, ela considerou revelar sua verdadeira identidade e propósito à Keren. Afinal, ele parecia um tipo genuíno e ela sabia que Will tinha estado a ponto de levá-lo em sua confiança. Mas algum instinto a deteve.

"Traidores, Sir Keren? Aqui em Macindaw? Como isso é aterrorizante! E o castelo é seguro?", acrescentou a última pergunta com um ligeiro olhar de alarme em seu rosto.

Keren correu para tranquilizá-la.

"Muito seguro, minha senhora. Temos tudo sob controle. Mas eu tenho medo de que seja uma noticia séria. Lorde Orman era um deles."

"Lorde Orman?" disse ela.

Keren acenou sombriamente. "Aparentemente, ele vem planejando entregar o castelo para um exército Escocês antes da primavera. E o bardo Barton estava trabalhando de mãos dadas com ele."

"Não. Ele é..." Alyss começou antes que ela pudesse parar a si mesma. Mas Keren a interrompeu.

"Temo que sim. Aparentemente, ele está entregando mensagens de Lorde Orman para os Escoceses, durante as últimas três semanas—mesmo antes de ele chegar aqui."

A boca de Alyss bateu em exclamação.

Ela podia acreditar no que ele disse sobre Orman. Era bem possível que o estranho comandante temporário poderia estar fazendo acordos com os Escoceses. Mas por que Keren mentiria sobre o papel de Will na traição? Ela percebeu que Keren estava esperando por algum tipo de reação dela.

"Mas ele tinha uma voz tão agradável," disse ela. Ela pensou que era o tipo de resposta vazia que Lady Gwendolyn faria. A sobrancelha de Keren subiu ligeiramente. Sem dúvida, ele pensou assim também.

"No entanto, minha senhora, ele é um espião. Eu senti que era melhor mantê-la informada, pois eu tinha certeza que você estava intrigada com o barulho no pátio."

"Na verdade eu estava Sir Keren. E eu agradeço a sua consideração. Serei..."

Qualquer coisa que ela diria foi interrompida por alguém batendo na

porta.

"Entre," Keren respondeu ao chamado. Isso era um pouco presunçoso dele, ela pensou, e não exatamente de acordo com o cavaleiro solícito que tinha vindo para tranquilizá-la. Ela estava começando a ter dúvidas sobre Sir Keren.

O trinco sacudiu e a porta foi aberta violentamente. Um homem entrou, mancando muito. Ela poderia ver sua coxa direita havia sido bruscamente enfaixada. Ele estava obviamente procurando por Sir Keren porque, quando ele entrou, ele relatou imediatamente.

"Eles escaparam, malditos. Entraram na maldita floresta." Ele virou-se para Alyss e ela não pôde reprimir um movimento de surpresa.

Ele era John Buttle.

32



Passou-se mais de uma hora desde que Malkallam reapareceu. Will realmente tinha cochilado no banco, quando cada vez mais a luz do sol rastejou para baixo, aparecendo sob o beiral e banhou-o em seu calor. Ele começou a acordar quando o trinco da porta sacudiu e o homem franzino saiu para a varanda ao lado dele. Malkallam sorriu quando viu a pergunta nos olhos de Will.

"Ele vai ficar bem", disse ele. "Embora se você esperasse por mais tempo, eu não estou certo de que ele teria conseguido. Seu servo ainda está com ele, cuidando dele?", acrescentou. Will assentiu. Ele iria esperar que Xander permanecesse ao lado de seu mestre até ele se recuperasse.

"Ele estava drogado, então?" ele perguntou.

Malkallam assentiu. "Envenenado, mais precisamente. É uma toxina chamada corocore particularmente desagradável. É muito obscura, não incluída em nenhum dos grandes textos sobre plantas e venenos. Demora cerca de uma semana para ter efeito, por isso foi provavelmente colocada na comida ou na bebida de Orman em algum momento nos últimos dez dias. Uma pequena dose faria o truque. Nada acontece por dias, mas depois, com o tempo você nota os sintomas, e muitas vezes é tarde demais".

"Como é que os médicos do castelo não sabiam isso?" Will perguntou.

"Como eu disse, é muito obscuro. Muitos médicos não ouviram falar sobre ela e mesmo que tivessem, não saberiam o antídoto."

"Mas você sabia?" Will disse, e Malkallam sorriu.

"Eu não sou como a maioria dos médicos".

"Não, você não é. O que exatamente você é, se posso perguntar?"

Malkallam o estudou por alguns segundos antes de responder. Então ele fez um gesto mostrando para Will ir até o banco.

"Tem mais espaço lá e vamos conversar sobre isso", disse ele. Ele se sentou ao lado de Will e olhou ao redor da clareira,ele ainda tinha o cão de Trobar, e jogava uma bola de couro para ele ir buscar. Cada vez que ele recuperava a bola, ele iria levá-la de volta e em seguida, soltava a bola e mantinha o nariz sobre as patas da frente, a bola entre eles, sua cauda no ar, desafiando-o a tomá-lo dele. A maioria dos habitantes da pequena composição

de Malkallam tinha se dispersado para dormir. Alguns deles estavam envolvidos em tarefas cotidianas banais como pegar água ou serragem e empilhar lenha.

"Então, vamos começar", disse Malkallam. "O que você sabe sobre mim?"

"Sei?" Will repetiu. "Muito pouco. Eu ouvi os rumores, é claro: que você é um feiticeiro, a reencarnação do feiticeiro negro Malkallam que assassinou o ancestral de Orman mais de cem anos atrás. Ouvi dizer que sua casa é na floresta de Grimsdell, e que a floresta em si é o lar de estranhas aparições,visões e sons, e eu tenho visto e ouvido alguns deles mesmo."

"Sim", ponderou Malkallam, "você visitou minha floresta várias noites atrás, não é?

E você não estava assustado com o terrível guerreiro?"

"Eu estava apavorado, completamente fora do meu juízo," Will admitiu.

"Mas você voltou."

Will se permitiu um sorriso irônico. "Não à noite. Sob a luz do dia. Foi quando vimos que as aparições foram causadas por algum tipo de show de uma gigantesca lanterna mágica."

Malkallam ergueu as sobrancelhas. "Muito bom", disse ele. "Como é que você descobriu isso?"

"Alyss imaginou isso. Ela descobriu as manchas queimadas na grama onde a lanterna tinha ficado".

"Eu creio que Alyss é a moça que te acompanhou no outro dia?" Malkallam perguntou. Ele franziu a testa. "O que aconteceu com ela?"

"Ela ainda está no castelo", disse Will.

Malkallam ergueu as sobrancelhas. "Você a deixou lá?"

Will franziu a testa. "Não por muito tempo", disse ele. Esse era, obviamente, um ponto sensível para ele, mas Malkallam fez um gesto suave com a mão.

"Tempo suficiente para isso. Ela parece ser uma jovem notável."

"Ela é. Mas estávamos falando de você," Will assinalou, decidindo que ele tinha sido desviado por tempo suficiente.

Malkallam sorriu para ele. "Então, onde nós estávamos. Bem, como você parece ter adivinhado, eu não sou feiticeiro. Eu costumava ser um curandeiro". Sua voz tornou-se melancólica. "E eu era muito bom nisso, de fato." Ele acenou com a cabeça uma ou duas vezes enquanto ele pensava sobre o passado. "Eu realmente gostava daquela vida. Eu sentia que estava fazendo algo de valor."

"O que aconteceu para mudar isso?" Will perguntou.

Malkallam suspirou. "Alguém morreu", disse ele. "Ele era um jovem de quinze anos—um menino que promovia uma companhia muito agradável, e que

todos gostavam.

Ele tinha uma febre simples e seus pais o levaram para mim. Era o tipo de coisa que eu tinha curado dezenas de vezes—deveria ter sido fácil. Só que ele não respondeu às ervas que lhe dei. Pior, ele reagiu mal a elas e um dia depois ele estava morto."

Sua voz tremia um pouco e Will olhou rapidamente para ele. Havia uma única lágrima rolando pelo seu rosto. Ele percebeu o golpe de vista de Will e olhou para ele, limpando a lágrima com o punho de sua manga.

"Isso acontece dessa forma às vezes, você sabe. As pessoas podem morrer por nenhuma razão aparente", disse Malkallam.

"E os moradores culparam você?" Will disse.

Malkallam assentiu. "Não imediatamente. Começou com uma campanha de boatos.

Havia outro homem que queria pegar a minha posição como curandeiro. Tenho certeza de que foi ele que começou com os boatos. Ele disse que eu deixei o menino morrer.

Gradualmente, percebi que cada vez menos pessoas estavam vindo para mim. Eles estavam indo para o novo homem".

"Eu presumo que ele estava cobrando deles por seus serviços?"

Malkallam assentiu. "Claro. Eu costumava cobrar também. Mesmo um curandeiro tem de comer, depois de tudo. Gradualmente, os rumores ficaram cada vez mais selvagens, e se uma pessoa da aldeia morresse depois de ver o outro curandeiro, ele tinha uma desculpa conveniente: ele dizia que eu tinha amaldiçoado eles."

"Isso é ridículo", disse Will. "Você não quer me dizer que as pessoas acreditavam nisso?"

Malkallam encolheu os ombros. "Você ficaria surpreso no que as pessoas podem acreditar. Geralmente, quanto maior e mais improvável é a mentira, mais eles estão dispostos a acreditar. Muitas vezes é um exemplo de que se algo é tão chocante, deve ser verdadeiro. Enfim, as pessoas começaram a murmurar sempre que eu passava por eles. Eu estava recebendo olhares nervosos de toda a gente e eu decidi que a minha própria saúde poderia ser melhorada se eu saísse da aldeia.E eu silenciosamente desapareci um dia e entrei na Floresta Grimsdell. Morei em uma tenda por um mês, enquanto eu construía essa casa. Eu sabia que os locais hesitariam em seguir-me para dentro da floresta. Afinal, era suposto que o Malkallam original havia feito o seu covil lá."

"Por que você tem o mesmo nome?" Will perguntou, e o rosto do curandeiro deu uma risadinha de desprezo.

"Eu não tenho. As pessoas que me deram ele", disse ele. "Meu nome é

Malcolm.

Depois de ter desaparecido, os locais juntaram dois com dois e deu sete. Eles decidiram que Malcolm era apenas uma forma disfarçada de Malkallam. A partir daí, foi fácil fazer a próxima etapa. Eu era o feiticeiro infame retornado dos mortos."

"Devo dizer que me aproveitei do fato para me proteger. Eu inventei as aparições e os truques que você viu. Se alguém tivesse a coragem de entrar em Grimsdell, eles rapidamente a perderiam quando vissem o meu Guerreiro Noturno, ou ouvissem a minha voz."

"Como você faz as vozes?" Will perguntou. "Eles pareciam vir de todos os lados em torno de mim quando eu as ouvi."

Malcolm sorriu. "Sim. É um efeito bastante bom, não é? É feito com uma série de tubos ocos colocados entre as árvores. Você fala em uma extremidade e a voz é transportada para o outro. Há um grande sino no final que amplifica o som. Costumamos colocar ele em uma parte oca da árvore para ocultá-lo. Luka aqui fornece a voz."

Ele indicou um homem que estava juntando gravetos no outro lado da clareira. Seu tronco era enorme, mas as pernas que o apoiavam eram curtas e malformadas então ele mancava sem jeito quando andava. Um ombro era mal curvado e as características do seu rosto estavam torcidas para o lado. O homem tinha uma barba grande e espessa, e possuía cabelos longos, em uma tentativa frustrada de esconder a deformidade.

"Ele tem a voz mais maravilhosa que já ouvi", Malcolm continuou. "Esse tórax enorme permite-lhe produzir um som de uma tremenda força e timbre. Ele pode projetar palavras com grande clareza e volume através do sistema. Veja bem, ele não é utilizado para responder as pessoas. Você causou-lhe um considerável de susto quando começou a acenar a grande faca de vocês na outra noite."

"Ele me causou muito mais, eu posso assegurá-lo", disse Will, estudando o homem deformado. "Diga-me de onde é que essas pessoas vêm? Luka, Trobar e o resto".

"Eu suponho que você pensou que eu os criei?" Malcolm disse, um sorriso levemente amargo brincando nos lábios. Will moveu-se desconfortavelmente no banco.

"Bem... esse pensamento me ocorreu, de fato", disse ele.

Malcolm rosto ficou triste. "Sim. Ocasionalmente as pessoas os vêem e pensam a mesma coisa. Estes são os meus sujeitos deformados. Minhas criaturas. Meus monstros... A verdade é que eles são rejeitados. As pessoas que não são desejadas em suas próprias vilas, porque eles não parecem normais. Eles

parecem diferentes ou soam diferentes ou se movem de forma diferente. Alguns nascem dessa forma, como Trobar e Luka. Outros são queimados, escaldados ou desfigurados nos acidentes e as pessoas decidem que não querem que eles fiquem ao seu redor."

"Como eles vêm para você?" Will perguntou. O curandeiro deu de ombros.

"Eu vou procurá-los. Trobar foi o primeiro. Encontrei-o por acaso, quando ele tinha oito anos. Isso foi a dezoito anos atrás. Ele tinha sido expulso de sua vila porque tinha crescido demais. O deixaram na floresta para morrer. Ele tentou levar seu cão com ele. Era o seu único amigo no mundo. Não se importava que ele fosse feio e deformado. Ele o amava, porque ele o adorava. Cães são assim. Eles são muito imparciais."

"O que aconteceu com o cachorro?" Will perguntou. Ele achava que sabia a resposta.

"Ele tentou defendê-lo, é claro, e um dos aldeões o matou. Trobar levou-o para dentro da floresta e eles finalmente desistiram da perseguição Ele estava cuidando de seu corpo e chorando quando eu o encontrei. Enterramos o cachorro juntos e eu trouxe para cá.

Então, ao longo dos anos mais e mais dessas pessoas se juntaram a nós. Nós os víamos afastados das suas aldeias e os coletamos para traze-los para cá. Às vezes, eles precisavam do tipo de tratamento que eu poderia lhes dar com ervas e poções. Outras vezes, eles precisavam de um tipo diferente de cura".

"Que você também lhes dava?" Will perguntou, e Malcolm balançou a cabeça.

"Eu tento. Muitas vezes é suficiente que eles saibam que pertencem a algum lugar.

Que existem outras pessoas que não os julgam pela forma como eles olham. Veja bem, isso leva tempo. É muito mais fácil curar um corpo ferido, do que uma alma danificada."

Will balançou a cabeça, enquanto ele considerava a história. "Então, há quase vinte anos, você está cuidando de pessoas como, este, e você ainda é considerado como um mago negro?"

Malcolm deu de ombros. "Em parte por minha culpa, eu suponho. Eu criei a ilusão para manter as pessoas fora. Mas no ano passado, alguém parece ter percebido que poderia transformar a fábula de Malkallam em seu próprio benefício".

"Keren?"

"Tudo indica que sim. A pergunta é: o que ele espera conseguir com isso tudo?"

"Assim que eu descobrir," Will disse tristemente, "eu vou ter a certeza que você saiba."

33



Alyss congelou na cadeira por um segundo quando o olhar de Buttle passou por ela.

Que diabos ele estava fazendo aqui? Como ele chegou aqui? Teria ele reconhecido-a? As questões correram pela cabeça dela e levou todas as suas habilidades de diplomata para manter a fachada exterior da cabeça de vento Lady Gwendolyn.

"Eles escaparam, que se explodam!" Buttle disse aproximadamente. Percebendo Alyss, ele resmungou o que passou por uma desculpa para interromper. Então ele voltou para Keren, apesar de um ligeiro franzir na testa enrugada. Havia algo familiar sobre a garota. Em seguida, ele descartou a ideia.

"Eles disseram que você estava aqui com ela." Ele fez um gesto com o polegar em direção Alyss.

"Lady Gwendolyn," Keren corrigiu. "A Senhorita é uma convidada neste castelo, a noiva do Lorde Farrell de Gort."

Havia um tom de aviso subjacente em sua voz. Não fale muito na frente dela. Alyss sentiu. Ela assumiu um sorriso vazio e estendeu uma mão lânguida para Buttle, palma para baixo.

"Eu não acredito que nós já tenhamos sido apresentados, senhor", disse ela. Buttle olhou para o lado, então encolheu os ombros. Ele resmungou novamente. Parecia ser o seu método preferido de comunicação, Alyss pensou.

"Lady Gwendolyn, este é o John Buttle, um dos meus retentores novos" Keren disse, alisando o comportamento grosseiro de Buttle.

Buttle encolheu os ombros e coçou debaixo do sovaco. Alyss retirou-lhe a mão.

"Então, o Sr. Buttle, você estava perseguindo os traidores?Como você é corajoso!"

Ela vibrou suas pestanas para ele.

Buttle franziu a testa por um momento. "Traidores?" ele disse, e hesitou. Ele olhou incerto para Keren. "Eles não eram tr-"

"Eu estava justamente dizendo a Lady Gwendolyn," Keren interrompeu rapidamente, "que Lorde Orman e o bardo estavam planejando entregar o

castelo para os Escoceses."

A carranca Buttle se agravou. Ele parou por um momento, então, apenas um pouco tarde demais, a compreensão apareceu em seu rosto.

"É? Sim... Sim, está certo. Traidores com certeza. Sorte que os pegamos no tempo, eu digo. Porque, se não tivéssemos, teríamos vários ajustes para fazer..."

"Sim, sim, eu tenho certeza que Lady Gwendolyn não quer ouvir todos os detalhes sórdidos," Keren disse rapidamente. Ele tinha pouca fé na capacidade Buttle para improvisar uma história sem fazer uma confusão completa. Melhor manter tudo simples.

Mais uma vez, Alyss notou a intervenção precipitada e adivinhou a razão para isso. Ela sentia uma grande sensação de alívio, por ela não ter colocado Keren em sua lista de pessoas confiáveis. Aparentemente, um monte de coisas sobre o Castelo Macindaw não eram como pareciam.

"Oh querido, Sr. Buttle, você parece estar ferido!" Agora, ela disse. "Você está quase a ponto de pingar sangue no tapete aqui!"

Buttle olhou para o sangue escorrendo através da bandagem áspero em sua coxa.

Ele amaldiçoou, chegando a apertar a ferida com firmeza, e xingou novamente quando o aumento da pressão enviou um raio de dor através da ferida.

Alyss estava respirando um pouco mais fácil agora. Afinal, ela percebeu, que havia passado semanas desde que ele a viu e então ela usava o cabelo para baixo. Hoje, ele foi arrebatado em um redemoinho apertado em volta da cabeça, e encimada por um elevado chapéu pontudo com um véu em anexo. Era a última moda, Alyss sabia disso, embora achar, pessoalmente, um absurdo. Mas ela tinha sido ensinada sobre o valor de um penteado diferente quando se trata de disfarce. Além disso, as roupas eram muito diferentes também. Ela estava usando um vestido bastante ornamentado, enfeitado com adornos e acessórios rendados de luz ridiculamente largo, mangas arrastando e lotada de jóias em qualquer espaço onde poderiam ser encontradas. Como uma Mensageira, ela havia usado um vestido branco simples.

Para completar o efeito, foi mantendo a sua voz naturalmente profunda em maiores tons, imitando os tons ligeiramente rabugentos de classe alta que viriam a ser naturais para alguém como Lady Gwendolyn.

Como resultado, Alyss começou a se sentir cada vez mais confiante. Mas ela podia ver uma oportunidade de reunir informações aqui.

"O traidor Orman lhe golpeou com sua espada?" perguntou ela, fingindo preocupação para o homem. Ele resmungou sarcasticamente.

"É um traça covarde! Ele não conseguia levantar uma espada para salvar sua vida miserável. Não, foi o maldito bardo que fez o dano, maldito fedorento escondido!"

"Olhe a linguagem, Buttle," Keren disse em advertência. Buttle olhou para ele, sem compreender, e Keren apontou para Alyss.

"É? Ah... Sim. Enfim, o pequeno suíno covarde atirou em mim. Não me encarou como um homem. Se escondeu a três ou quatro centenas de metros e colocou uma seta na minha perna".

Deve ter errado de onde realmente ele estava mirando, Alyss pensou. Que pena.

"Três centenas de metros?" Keren disse com um tom de descrença "Isso é um senhor tipo de tiro."

Buttle encolheu os ombros. Ele era o tipo de homem que sempre exagerava.

"Bem, talvez não trezentos. Mas por longe o suficiente. Ele não era um bardo, marque minhas palavras. Nunca vi um bardo que poderia disparar assim."

Alyss sentiu uma emoção pequena de alarme.

"Ele parecia um bardo excelente para mim", disse ela, na esperança de levar a discussão para longe do terreno perigoso. "Afinal, ele tinha uma voz mais agradável, não tinha, Sir Keren?"

Keren assentiu, pensativo. Não havia ocorrido com ele para duvidar da identidade ou profissão de Barton. Do que tinha visto, o homem era um bardo bastante adequado.

"Ele certamente parecia bastante profissional", ele concordou. "E o cão foi definitivamente bem treinado para executar também."

Oh Deus, Alyss pensou. Buttle olhou com suave interesse.

"Cão? Que cão era esse?"

Keren fez um gesto renunciando com uma mão. O assunto não era realmente importante, ele parecia dizer.

"Oh, ele tinha um pastor de fronteira preto-e-branco com ele. Utilizado para participar do ato."

Oh Deus, Alyss pensou novo. Ela teve que trabalhar para manter sua expressão sem revelar seu pânico aumentando. As sobrancelhas de Buttle tinham contraído em um semblante carregado de concentração enquanto ele juntava os fatos. Um arqueiro especialista, na verdade, muito mais do que um perito. E um pastor preto-e-branco. De repente, ele tomou um passo em direção Alyss e tirou a mão para fora, com o dedo apontado para ela. Ele sabia que havia algo familiar nela!

"Você, levante-se!", ele mandou. Keren olhou-o em algo perto de alarme. O homem parecia ter perdido seus sentidos.

Alyss o olhou com um sorriso desdenhoso, como digno de uma nobre Senhorita que foi ordenada por um plebeu.

"Eu solicito o seu perdão, Sr. Buttle?" ela disse com grande dignidade. Ela virou-se para Keren. "Realmente, Lorde Keren, meu noivo vai ouvir da po-"

"Levante-se, eu disse!" Buttle exigiu, gritando com ela agora. Keren se levantou e deu um passo em direção a ele, colocando a mão em seu braço.

"Buttle, o que em nome de Deus há de errado com você?"

"Eu pensei que a reconhecia. Pensei que havia alguma coisa familiar nela!", disse ele. Alyss permaneceu sentada, muito calma, um olhar com uma diversão leve e desdém no rosto. Ela sabia muito bem por que Buttle queria que ela levantasse. Sua altura era a única coisa que ela não conseguia disfarçar.

"Sir Keren, você se importaria remover o homem dos meus aposentos?"

A porta da ante-sala abriu e Max, alarmado com os gritos de Buttle, olhou para dentro.

"Minha Senhorita?" , disse ele. "Está tudo bem?"

Sua mão estava pairando perto sua adaga. Alyss mandou-o embora. A última coisa que queria era um confronto físico. Sua melhor chance foi de blefar para fora.

"Deixe-nos. Sir Keren vai lidar com esse homem grosseiro", disse ela. Max olhou ao redor da sala em dúvida. Ela fez contato visual com ele e balançou a cabeça, quase imperceptível. Ele deu de ombros e retirou-se, fechando a porta atrás dele.

Agora Keren pisou entre Buttle e Alyss. Ele estava furioso com seu capanga para este confronto ridículo. Lady Gwendolyn devia partir em uma semana ou algo assim. Mas se ele fosse obrigado a detê-la, seu noivo poderia vir procurá-la, provavelmente com um grupo de homens armados. Essa era a última coisa que Keren queria no momento, com o seu plano tão perto do sucesso.

"Buttle", disse ele, muito calmamente: "Eu estou avisando. Cale a boca e saia daqui.

Agora!"

Mas o homem alto e barbudo estava sacudindo a cabeça antes de Keren terminar a sua ordem.

"Ela não é nobre!", disse ele. "Eu a vi antes, eu sei disso. Agora, fique de pé!"

Keren se virou desculpando para Alyss e deu de ombros.

"Talvez se você satisfizer o homem, Lady Gwendolyn..." ele começou, mas ela balançou a cabeça, indignada.

"Eu não vou fazer tal coisa!" ela disse com raiva. Keren hesitou, uma dúvida repentina nos olhos. Buttle apreendeu os olhos dele quando ele fez a conexão final em sua mente.

"Ela é uma Mensageira!" ele disse triunfante. "Eu a vi lá no sul! E ela estava com um Arqueiro!"

Agora expressão Keren era de alarme. "Um Arqueiro?" ele perguntou, e Buttle assentiu com a cabeça várias vezes.

"A faça levantar. Você vai ver. Ela está perto de ser tão alta como eu sou!"

Keren virou-se para Alyss. "Você é bastante alta", disse ele, pensativo. "Por favor, faça o que Buttle pede. Levante-se".

Alyss suspirou interiormente, sabendo que ela tinha perdido. Ela poderia blefar para mais alguns minutos, mas as suspeitas haviam alertado Keren agora. Graciosa, ela se levantou, ouvindo o rápido suspiro de triunfo de Buttle.

"É ela!", disse ele. "Eu sabia. Sabia que eu a tinha visto. Agora que ela está de pé, não há engano. E eu aposto que bardo Barton não é mais bardo do que eu. Aposto que ele é seu amigo Arqueiro!" Ele procurou sua memória novamente, tentando lembrar os pedaços da conversa que ele ouviu fora da cabine. "Do que você o chamava? Will! Aquele era ele!"

"Will?" Keren estava definitivamente interessado nesta notícia. "E não é que o nome do bardo também? Que coincidência! Acho que você tem uma pequena explicação a dar, Lady Gwendolyn".

Ele sorriu. Mas o sorriso nunca chegou a seus olhos. Eles estavam frios e cheios de desconfiança.

34



Orman tinha se mexido brevemente, chamando em seu sono, e Malcolm entrou para cuidar dele. Xander, naturalmente, pairou em seus calcanhares, olhando ansiosamente ao redor pequena moldura do curandeiro para olhar o seu mestre.

Quando Malcolm surgiu, ele encontrou Will apertando as cintas da fivela da sela de Puxão. Ele tirou a sela dos outros cavalos e os colocou na pequena granja de Malcolm.

Malcolm percebeu o ar de urgência do jovem.

"Ele está bem agora", disse ele, acenando de volta para a sala onde Orman estava calmamente. "Você estava pensando em nos deixar?" acrescentou suavemente.

Will reforçou uma ultima fivela e colocou o pé no estribo.

"Eu estou indo pegar Alyss", disse ele severamente. Malcolm ergueu as sobrancelhas.

"Assim?" ele perguntou.

"Assim", Will repetiu. Malcolm olhou ao redor, olhando para a posição do sol no céu. Havia ainda quatro ou cinco horas de luz do dia.

"Você está indo cavalgar para lá em plena luz do dia e resgatá-la, é isso?"

Will hesitou desajeitadamente. Ele estava fora de equilíbrio com o pé no estribo, então ele saiu e ficou ao lado de Puxão. Agora que Malcolm colocou assim, ele percebeu que não poderia ir, e irromper pelo castelo afora procurando por Alyss. Ele nem sequer sabia onde ela poderia estar. Se a sua identidade foi descoberta, ela estaria trancada em algum lugar e ele não tinha ideia de onde. Mas ele estava fervendo de ansiedade por ela, desesperado para tirá-la longe do perigo que a ameaçava. Ele havia feito o que o dever exigia e ajudou Orman a escapar. Agora seu dever pertencia a sua velha amiga. E não ajudava ter Malcolm calmamente apontando que ele estava saindo com nenhuma ideia sobre o que ele ia fazer.

"Eu provavelmente vou esperar até escurecer", admitiu. Malcolm balançou a cabeça como se esta fosse uma ideia sábia.

"Nesse caso, assim como você pode esperar lá, você também pode

esperar aqui no conforto", ressaltou.

Will mudou os pés irritado. Malcolm estava certo, claro, mas ele estava desesperado para fazer algo. Qualquer coisa. Para se mover. Cada minuto que passava colocava Alyss em um perigo maior, pois a probabilidade de Buttle reconhecê-la aumentava. Ele não suportava ficar aqui esperando.

"Talvez pudéssemos pensar sobre isso um pouco, ao invés de apenas sair sem qualquer plano de ação", o curandeiro sugeriu. Relutante, Will reconheceu que o que homenzinho falava estava fazendo sentido. Ele deu um tapinha no pescoço de Puxão distraidamente, então andou para a estreita varanda para acompanhar Malcolm.

"Sinto muito", disse ele. "A ideia de saber que ela ainda está lá, está me deixando simplesmente louco. Sabendo que eu a deixei lá."

"Pelo que entendi você não tinha outra escolha", disse Malcolm e Will suspirou enquanto se sentava.

"Isso não significa que seja mais fácil de suportar. Estive quebrando a cabeça tentando descobrir de onde Buttle surgiu", acrescentou.

"Ele é aquele que você viu no castelo—justamente antes de Orman procurar você?"

Will assentiu. "Sim. Mas, se tudo estivesse correto ele deveria estar de centenas de quilômetros daqui. Eu o dei para um barco cheio de Escandinavos como um escravo".

As sobrancelhas de Malcolm elevaram-se ligeiramente. "Você o deu?" disse ele, e Will assentiu gravemente.

"Teria sido contra a lei vender ele", respondeu ele. Malcolm balançou a cabeça sabiamente várias vezes.

"Claro. Muito melhor respeitar a lei,e dá-lo para a escravidão, eu suponho." Ele fez uma pausa para ver se havia alguma reação, mas não havia nenhuma. Esse rapaz não tem muito em sua mente, ele pensou. Em seguida, ele acrescentou: "Talvez esses Escandinavos voltaram para a terra novamente. Vou perguntar se houve algum sinal de Escandinavos na área. Meus amigos aqui tem um alcance longe através da floresta e pouca coisa escapa à sua atenção. Eles se tornaram muito bons, em verem sem serem vistos."

"Estamos muito longe do mar aqui", disse Will com dúvida. Malcolm concordou.

"Talvez a oitenta quilômetros. Mas o Rio Oosel corre para o interior da costa e é muito perto. Nesta época do ano, se você estivesse a caminho da praia, você iria querer ficar bem longe das tempestades que atingiram a costa leste. É claro", ele prosseguiu, mudando de assunto um pouco, "a questão não é realmente como ele chegou aqui, mas o que ele está planejando fazer."

"Não vai ser nada de bom, seja o que for", disse Will. "O que está me matando é a incerteza de tudo. Eu não sei se ela foi reconhecida. E se ela foi, eu não tenho nenhuma ideia de onde eles poderiam confiná-la."

Ele virou-se, ouvindo a porta ao lado deles fechar suavemente quando Xander retornou da verificação de seu Lorde.

"Eu vejo que Lorde Orman está mais confortável?" Malcolm perguntou, e Xander assentiu.

"Ele está descansando confortavelmente", disse ele. Então ele teve a graça de olhar um pouco apologético. "Obrigado pelo que você fez." Malcolm deu de ombros um pouco auto-depreciativo. Xander voltou sua atenção para Will.

"Se você está planejando voltar para o castelo", disse ele, "você pode ser capaz de usar um pouco de informação de dentro." Will olhou-o rapidamente. O secretário se sentia um pouco culpado por não ter sido capaz de passar o aviso de Will para a Alyss.

"Estou assumindo que, se eles descobriram sua identidade, ela estará nas masmorras", disse Will. "Existem masmorras em Macindaw, estou certo?"

"Existem", Xander acordado. "Mas nesta época do ano, eles estão frequentemente inundadas. Minha aposta é que, se ela está presa, vai ser na torre célula. É a direita do topo da torre de guarda e é muito mais difícil de alcançar do que as masmorras. Só existe uma escadaria que leva até o topo dela, por isso é fácil de guardar. E quando você está lá em cima, é fácil mantê-lo lá também."

Will considerou o problema. Fazia sentido, ele pensou. Havia muitas maneiras de entrar nas masmorras de um castelo. Mas uma torre era um assunto completamente diferente.

"Talvez", disse Malcolm, "você poderia achar melhor abandonar seu plano no momento e ter esperança de que sua amiga não foi reconhecida?"

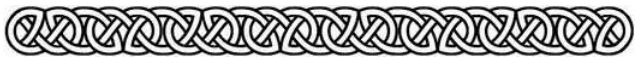
Mas Will estava balançando a cabeça antes que o curandeiro tivesse acabado metade da frase.

"Não. Eu já desperdicei tempo demais", disse ele com firmeza. "Eu estou indo pegar ela. Hoje à noite".

"Como?" Malcolm persistiu. "Seja razoável. Você precisaria de uma força de homens armados para lutar no caminho até as escadas em uma torre como essa."

"Eu não estava planejando usar as escadas", Will disse a ele.

35



Na cela da torre, Alyss estava decididamente apreensiva. Uma vez que Buttle a reconheceu não tinha mais sentido fingir ser uma nobre lady a caminho do seu casamento.

Mas inesperadamente, Keren não tentou tirar nenhuma informação dela. Somente chamou seus guardas e os mandou levá-la até essa cela. Max, armado somente com uma adaga, mais decorativa do que perigosa, estava preparado para defendê-la, mas ela não deixou. Ela não queria ser responsável pela morte dele. Ele os outros dois criados foram levados e trancados em uma despensa. Ela não tinha duvida que os seus guarda-costas iriam se juntar a eles em pouco tempo.

Mas foi a falta de ação e de interesse de Keren que mais a preocupou. Obviamente, ele é o centro dos acontecimentos estranhos no castelo Macindaw. "Por quê?" Ela pensava.

O mais lógico seria para fazer aquilo que ele havia acusado Orman e Will de planejarem – Ceder o castelo para a invasão dos escoceses. Afinal, tendo usurpado os direitos de Syron e Orman, ele dificilmente poderia ganhar o título de Lorde de Macindaw do Rei Duncan. Sua única alternativa seria procurar fora do reino por uma recompensa.

Seja o que for que estivesse planejando, obviamente não era bom. Pareceu muito estranho ele não tentar questioná-la sobre o que Will estava planejando e o quanto ele já sabia. Francamente, ela esperava ser interrogada rigorosamente, até mesmo torturada.

Porém, ela foi trancada nessa cela na torre, que apesar de não ser luxuosa, era relativamente confortável.

Exceto pelo calor, pensou. O fogo na lareira ardia brilhante e o quarto era quente e abafado. Sua boca estava seca — provavelmente o efeito da adrenalina — situação onde ela se encontrou na frente de Buttle. Ela estava desesperadamente sedenta e não havia bebida nenhuma no quarto.

Ela se virou, alarmada, quando a única porta abriu e surgiu Keren.

Ele olhou em volta da pouca mobília: uma mesa, duas cadeiras, uma cama de madeira com um colchão de palha fino e dois cobertores gastos. Uma única

lâmpada a óleo com refletor polido de metal iluminava o quarto. A janela, com barras de metal verticais, podia ser coberta por uma pesada cortina se o vento ficasse muito forte, No momento, não tinha vento e a cortina estava recuada.

"Confortável?" ele disse, sorrindo. Alyss encolheu. "Podia ser pior," ela disse, e ele assentiu sinceramente. "Ah sim, claro que podia. E eu acho que você teria isso em mente".

"Acredito que o meu pessoal está seguro" Ela disse e Keren assentiu.

"Estão bem e confortáveis, trancados a chave. Um dos seus guarda-costas tentou argumentar. Foi levemente ferido mais vai se recuperar."

"Espero que você não queira que eu lhe agradeça," Ela disse. Novamente, ele encolheu pelo pouco interesse que tinha. Ele encerrou esse assunto e apontou para a mesa e as cadeiras.

"Vamos sentar. Penso que está na hora de conversarmos."

Então vai começar, ela pensou, considerando ele. Mas não tinha sentido em resistir e ela foi até a mesa, puxou uma cadeira e sentou-se.

"Não tem nada para beber, está muito quente aqui. Eu quero um pouco de água," ela disse. Ela fez isso parte para tirá-lo do momento da conversa, e parte, ela percebeu, porque estava com muita sede. Ele ficou imediatamente preocupado com o bem-estar dela.

"Desculpe," ele disse. "Eu não tinha a intenção de te deixar desconfortável" Um olhar severo entrou em seu rosto enquanto ia a porta, abrindo-a e chamando rudemente um dos guardas fora da sala.

"Você aí! Por que não deu água para a lady? Traga esse jarro que tem aí! Encontre outro para você! E traga um copo... um copo LIMPO, seu idiota!"

Ele mexeu a cabeça incomodado quando o guarda entrou, olhando para baixo, com um jarro de água e um copo. Ele os colocou na mesa e virou para sair.

"Encha o copo, seu imbecil!" A voz de Keren estalando nele, e o guarda se virou.

"Desculpe, senhor," ele cambaleou, e encheu o copo até a metade de água, derramando um pouco na tentativa. Antes que Keren o repreendesse mais, ele secou a mesa com a manga da camisa e saiu rapidamente da sala.

"Aí esta, minha lady," ele disse.

Alyss bebericou a água. Então ela percebeu quão desidratada estava e bebeu a maior parte do copo. Seu treinamento a ensinou que, se você é uma prisioneira, é sempre bom fazer seus captores atenderem a pequenos pedidos. Pequenos no inicio, então, quando começassem a se acostumar a atender pedidos, começar a pedir coisas maiores.

Keren sentou na cadeira oposta a dela e apoiou as costas e cruzou as

pernas uma sobre a outra e sorriu para ela.

"Relaxe," disse. "Eu só quero fazer algumas perguntas."

"Não são as perguntas que me incomodam," ela disse. "E sim o que você vai fazer quando não tiver as respostas."

Ele franziu, olhando para ela um pouco magoado.

"Você com certeza não acha que eu te torturaria," Ele disse. "Eu não sou um monstro, aliás, eu sou um cavaleiro."

"Você parece ter esquecido alguns dos seus deveres como cavaleiro," ela respondeu, e então bocejou. O quarto abafado estava fazendo ela ficar sonolenta. Ela piscou varias vezes enquanto Keren continuou.

"Bem, talvez pareça que sim. Mas é fácil ter um ponto de vista sem saber toda a situação. Por anos, eu mantenho esse castelo forte e bem defendido. Tudo que pedi de Syron foi um pouco de consideração, um agradecimento pelos meus esforços. Mas não. Ele deixou tudo para o seu filho. Não tinha nada para mim, nem mesmo a garantia que eu continuaria empregado quando Orman assumisse. Eu gastei grande parte da minha vida adulta protegendo a borda do reino e eu não ganho nada mais que um pagamento de um mercenário. Eu mereço coisa melhor que isso."

"Talvez tenha. Mas não tem direito de procurar essa recompensa com os Escoceses," ela arriscou, esperando a reação dele. Não demorou a chegar, ele a olhou intensamente.

"Então você percebeu, não é? Eu fico imaginado o que mais você sabe."

Ela sorriu. "Eu aposto que sim," Ele sorriu ao ouvir isso.

Ele a espreitou. "Você deve estar se sentindo cansada. Tem sido um dia cheio."

Ela assentiu. Ela se sentia cansada, agora que ele disse. Ela piscou os olhos e rolou a cabeça de um lado para outro para tirar a tensão nos ombros.

"Isso." A voz de Keren era profunda e calmante. Estranhamente, ela pensou, parecia vir de longe — não do outro lado da mesa. "Feche os olhos se quiser," ele continuou. "Nós podemos falar depois se você estiver sonolenta agora. Você está com sono?"

Suas pálpebras estavam pesadas. Elas fecharam. Ela piscou rapidamente, mas era demais para sustentá-las. Devagar, elas se fecharam.

"Suas pálpebras parecem pesadas," Com uma voz estranha e calma. "Você está sonolenta?"

"Sono..." ela balbuciou em resposta. Em uma parte distante de sua mente, ela pode sentir um fraco sinal agitado de alerta. Ela não podia estar assim sonolenta, pensou. Mas ela desviou o pensamento porque ela estava. Incrivelmente cansada e sonolenta. Por quê? Por que ela se sentiu assim tão

repentinamente?

A voz de Keren continuou. Era tão calmante e parecia preencher seu mundo.

"Mas é claro que está com sono. Pode dormir, dormir é bom. Seus olhos estão cansados..."

E estavam. Então, novamente, aquela parte de sua mente estava tentando dizer alguma coisa. Alguma coisa sobre a água que bebeu. Ele colocou algo nela? Alguma poção do sono? Ela tem sido tão inteligente, fazendo ele atender seus pedidos. Mas talvez ela se enganou sobre a vantagem que achou ter levado sobre a água...

Mas que se importa? Ela estava com sono, ele dizia que ela podia dormir e sua voz estava tão calma e confiável. O pequeno sinal de aviso na sua cabeça cintilou e morreu.

"Eu te trouxe algo. Algo que vai ajudá-la a dormir. Olhe."

Ela forçou suas pesadas pálpebras a abrirem e olhou para o que ele estava segurando.

Era uma estranha gema azul, do tamanho de um ovo, e começou a movê-la para frente e para trás em suas mãos. Era muito bonita, pensou, e ela ficou maravilhada com o jeito que a pedra parecia atraí-la, ela sentiu que podia mergulhar na pedra como se fosse uma piscina funda de água azul e clara. Ela se inclinou, olhando mais de perto, sorrindo.

Era uma pedra bonita.

"Olhe dentro do azul," ele disse gentilmente. "E bonito, não?"

Verdade, ela pensou. Era perfeitamente redonda e o azul parecia crescer mais enquanto olhava dentro dela. Ela tinha a fascinante impressão que, se ela olhasse firme o suficiente ela poderia ver abaixo da superfície da pedra, e as profundidades abaixo.

"É muito bonita, não é?" ele disse. Sua voz era sossegada, relaxante e muito calmante. "Muitas vezes me pergunto como pode haver tantas camadas em um objeto tão pequeno. Olhe para ele como ele se transforma..."

Ele girou a pedra lentamente e ela viu que ele estava certo. O azul parecia desviar da luz, em camadas cada vez mais profundas. Parecia impossível que tudo isso cabia em uma gema tão pequena. E tão bonita. Tão azul. Ela nunca havia percebido antes que azul era sua cor favorita.

"Você nunca me disse seu verdadeiro nome." Ele disse gentilmente.

"É Alyss. Alyss Mainwaring." Não parecia perigoso dizer isso a ele. Depois de tudo, ele sabia que Lady Gwendolyn era uma identidade falsa. Estranho, ela pensou, como que aquela pequena pedra azul parecia ficar maior a cada segundo.

"Você não tem um noivo, tem?" ele disse e ela ouviu uma diversão em sua voz. Ela riu em resposta.

"Infelizmente não," ela admitiu. "Eu acho que estou destinada a ser uma solteirona."

Era uma vergonha eles serem inimigos, ela pensou. Ele era uma pessoa legal, de qualquer jeito. Ela olhou para cima para lhe dizer isso.

"Continue olhado para o azul." Sua voz era muito gentil e ela assentiu para ele.

"Claro."

Ele fez silêncio por um tempo, a deixando estudar a pedra azul móvel. Era muito relaxante, ela pensou.

"E sobre seu amigo Will?" ele perguntou suavemente "Sem romance nenhum nisso?"

Ela sorriu quietamente, sem responder por alguns segundos "Nos nós conhecemos desde crianças" ela disse "Éramos muito próximos antes dele começar seu treinamento."

"Como um menestrel, você quer dizer?" ele disse. Ela estava a caminho de balançar a cabeça quando um instinto a parou.

"Will é um…" Ela começou, mas o mesmo instinto a parou antes de dizer algo mais.

A luz de advertência em sua mente estava de volta, agora queimando ardentemente. Ela piscou, percebendo que estava a ponto de dizer Will é um Arqueiro. Ela pulou de sua cadeira, como se jogando de um precipício. De uma forma, ela estava.

Ela desviou seus olhos da pedra azul, impressionada pelo quanto de esforço ela deve que usar para isso.

"O que você esta fazendo?" ela exigiu, terrificada por ter quase traído Will. Ela examinou seu cérebro, tentando pensar no que ela o disse, o quanto ela havia revelado a ele.

Seu nome, pensou. Mas isso não importava tanto. Desde que não havia dito a ele que Will era um...

Ela parou a si mesma. Melhor nem pensar nisso, disse a si mesma. Aquela maldita pedra azul obviamente tinha propriedades muito estranhas. Keren estava sorrindo.

Surpreendentemente, era um sorriso amigável.

"Você é forte," Ele disse admiradamente. "Uma vez que alguém entra em transe, é muito incomum eles saírem. Muito bem."

"A água… estava drogada, não é?" ela disse. Ela sabia agora que não foi por acaso que o quarto estava tão quente. O fogo estava deliberadamente forte.

Keren sabia que ela iria querer água. Ele sorriu.

"Só uma inocente bebida para ajudar a relaxar — então minha pequena pedra azul poderia fazer seu trabalho."

"O que é essa coisa?" Ela apontou para pedra, com repugnância. Ele a pegou da mesa, jogou para cima, pegou e a colocou de volta no bolso interno.

"Ah, somente uma bugiganga para me divertir com meus amigos," ele disse, levantando e indo até a porta. Ele parou com a porta aberta, então seu sorriso sumiu.

"Nós faremos isso de novo," ele disse. "E da próxima vez, iremos muito mais rápido. Sempre é depois que já entrou uma vez. Depois, fica cada vez mais fácil. Eu virei vê-la em uma hora ou menos."

A porta se fechou atrás dele. Alyss ouviu a chave virar na trance e ela derrubou sua cabeça em seus braços sobre a mesa. Ela se sentiu totalmente exausta.

36



"Daqui para frente sou só eu" Will disse, abaixando e rastejando, sinalizando para Xander e Malcolm fazerem igual.

Eles deixaram os cavalos atrás de um cume e agora o vulto escuro do Castelo Macindaw surgiu a menos de cento e cinquenta metros de distância.

"Não tenho nada contra," Xander disse. Ele rastejou até o lado de Will, estudando o castelo e sua alta torre central. "Lá. Consegue ver a luz no topo da torre? Aposto que é onde esta sua amiga. Aquele é o quarto-cela da torre e está ocupado. Não tinha ninguém lá hoje de manhã."

"Tem barras na janela, obviamente?" Malcom disse e Xander assentiu, e então continuou. "Você pensou em como vai resolver esse problema?"

Will franziu. "Eu tenho uma lima," disse, e Malcolm balançou a cabeça, e passou um pequeno frasco coberto de couro.

"Muito demorado e barulhento," Malcolm disse "Isso resolverá muito mais fácil."

Will estudou o frasco. "O que é?" perguntou.

"É um poderoso ácido. Vai corroer as barras de ferro em alguns minutos." Ele sorriu quando Will segurou o frasco cautelosamente. "Tem uma garrafa de vidro dentro, mas e revestida de palha e tem essa cobertura de couro. É um tanto segura. Só tenha cuidado enquanto carrega ela."

Will decidiu não argumentar que essas duas ultimas informações pareciam discordar uma da outra. Ele prendeu o frasco no meio do cinto, na parte de trás. Seria seguro levá-la ali, ele pensou.

"A lua está quase sumindo" Malcolm apontou. Will assentiu.

"Estou indo então."

Mas ele não foi imediatamente. Ele passou alguns minutos estudando a paisagem, absorvendo o ritmo natural da noite. Então ele simplesmente se misturou à escuridão.

Will parou nas profundas sombras da base do muro. Ali era onde ele deveria subir, no ângulo entre torre e muro. Nem os vigias da torre nem os guardas da muralha poderiam vê-lo ali. O único possível perigo era vinha da outra torre de vigia, a trinta metros. Mas o vigia continuava curvado sobre o

parapeito, olhando fixamente para noite.

Ele explorou a superfície do muro com as mãos, tirando suas luvas e guardando-as no cinto para fazê-lo. O trabalho na pedra, que parecia harmônico e elegante de longe, era na verdade áspero e irregular, com muitas rachaduras, fendas e saliências, fornecendo apoio para um alpinista com a experiência de Will. Além disso, o ângulo entre a torre e o muro dá apoio extra se ele precisasse. Ele sorriu. Poderia escalar esse muro até se tivesse sete anos de idade.

Ele levava uma longa corda enrolada nos ombros por baixo da capa, mas seria usada para ajudar Alyss a descer, não para ele subir. Com os vigias circulando, era quase impossível arriscar jogar a corda e prendê-la entre as ameias no topo do muro. Flexionando os dedos, ele levantou suas mãos sobre a cabeça, colocou-as em duas saliências na pedra fria e se puxou para cima.

Subiu lentamente e suavemente o muro. Às vezes, tinha que se mover para direita ou esquerda da posição original para usar o melhor apoio. Seus dedos doíam com o esforço e o frio, mas estavam resistentes e fortes, resultado de anos de prática.

Chegando perto do topo, ele ouviu os passos do vigia e parou, segurando no muro como uma aranha gigante, dedos das mãos e pés doendo com o esforço. O vigia parou no final da sua ronda e bateu os pés uma ou duas vezes. Então ele saiu, voltando por onde ele veio. Will esperou alguns segundos e pulou sobre as ameias. Movendo-se como uma sombra em uma noite cheia de sombras, ele atravessou o caminho até as escadas e desceu silenciosamente até o pátio abaixo.

Ele parou na base das escadas. Não tinha vigias aqui, mas sempre tinha a chance de alguém surgir das portas que levam ao castelo ou à torre do portão. Ele estudou a situação por longos minutos. O espaço aberto que levava até a entrada da torre era bem iluminada por tochas presas no muro. Seria melhor andar direto, sem qualquer tentativa de se ocultar.

Alguém que é visto andando até a porta seria muito menos fácil de levantar suspeita que alguém que obviamente está se infiltrando. Ele tirou o capuz e pegou um chapéu de tecido macio, arrumou as penas de seu tecido e o endireitou na cabeça. Então, andando confiante até a porta sem nenhuma tentativa de se ocultar, ele andou até as escadas que levam a entrada do castelo.

Quando ele chegou às escadas, ele desviou sabiamente para a esquerda e ficou nas sombras da própria escadaria. Ele guardou o chapéu e colocou o capuz sobre a cabeça de novo. Oculto pelas escadas, ele observou a muralha atrás dele para ver se alguém o percebeu. Mas os vigias estavam atentos ao lado de fora, não de dentro, e eles nunca observavam em volta.

Satisfeito por não ter sido visto, ele moveu-se pela base da torre para um

ponto entre duas tochas acesas. Na extrema borda do alcance da luz, ela estava incerta e inconstante.

Ele respirou fundo, checou se o frasco de ácido estava em segurança no cinto as suas costas, então começou a subir mais uma vez.

Como esperava, a torre interna foi construída da mesma pedra que os muros e estava cheia de apoios para ele. Ele escalou firmemente. Mesmo acostumado com alturas, ele evitou olhar para baixo. Você nunca sabe quando a vertigem pode te atingir. O muro devia ter oito metros de altura. Essa torre tinha mais de três vezes aquela altura, algo perto de trinta metros acima do chão. Enquanto ele subia, o vento ficou mais forte e assoviou em volta dele, ameaçando tirá-lo de seus apoios precários.

Sempre se segure com três, repetia para ele mesmo — o velho ditado que ele dizia desde garoto enquanto escala. Significava que ele nunca deveria mover uma mão ou um pé para outro apoio a menos que tenha os outros três seguramente firmes. Tinham muitas janelas pequenas no caminho e ele desviou delas. Ficou tentado a olhar, mas entendeu que seria um erro fatal. Se tivesse alguém olhando pela janela e visse uma cara estranha surgir do nada com certeza iria dar o alarme.

O vento ficava forte a medida que subia, fazendo o ar frio ficar congelante. Suas mãos estavam dormentes, o que aborreceu ele. Ele precisava uma boa sensibilidade nas mão para encontrar as mais seguras fendas rachaduras na pedra. Se não pudesse senti-las direito, sempre teria a chance de ele segurar numa pedra solta e ela cairia quando transferisse peso para ela. Mentalmente, ele levantou os ombros. Não tinha nada que ele pudesse fazer sobre isso e agora ele já tinha subido três quartos da torre, de qualquer jeito.

Ele olhou para um lado, onde a terra coberta de neve estava. A quilômetros dali, ele podia ver a massa escura da Floresta Grimsdell, com os topos das árvores cobertas com o branco da neve que caiu sobre elas. Se ele estivesse escalando por pura diversão, ele teria parado para admirar a vista maravilhosa. Ele sorriu tristemente. Já faz um bom tempo que ele não escala somente pela diversão do esporte.

Ele olhou para cima e viu que a ameia estreita da torre estava apenas à alguns metros acima. Ele cobriu a distancia e alcançou o topo com cuidado. Ninguém nunca sabia o que podia ser encontrado nessa bordas. Alguns arquitetos de castelo gostavam de colocar pontas de lança para desencorajar os alpinistas.

Não havia pontas, mas ele franziu ao tocar a superfície congelada. Gelo, pensou.

Água da chuva era coletada na ameia e congelava-se quando a temperatura

caía. Aquilo seria complicado. A maioria se seguraria nas ameias rapidamente, transferindo o peso para as mãos enquanto o faziam. Com gelo escorregadio por toda borda, isso poderia ser fatal.

Will deixou algum peso sobre as pernas enquanto procurava por um ponto seguro para segurar. Seus dedos do pé se enrolavam pelo esforço e ele podia sentir o inicio de uma cãibra no peito do pé esquerdo. Ele encontrou um ponto seguro com a mão direita e subiu um pouco mais alto, seu pé esquerdo procurando um novo apoio. Sempre três, ele repetia.

Ele moveu seu sua mão esquerda pela ameia, a escorregando até encontrar um ponto sem gelo para se apoiar. Então seu pé direito veio acima ele podia subir totalmente na ameia, virando devagar para sentar nela, suas costas contra a parede da torre atrás dele. Quando se inclinou para trás,com um pouco mais de força do que o desejado, ele sentiu uma pressão vindo de algo pequeno nas costas. Seu coração saiu pela boca quando ele lembrou do frasco nas suas costas. Coberto daquele jeito pela capa, se quebrasse agora, não teria jeito de tirala a tempo. Ele se afastou um pouco do muro enquanto contava os segundos. Dez. Quinze.

Vinte. Um minuto inteiro e ele não sentiu nenhuma sensação de calor do ácido corroendo sua pele. Ele deu um suspiro de alivio.

"Agora onde está Alyss?" ele se perguntou.

Enquanto subia a torre ele girou em volta dela à partir do seu ponto original, procurando pelos melhores apoios. Ele olhou para direita e agora viu que a janela onde devia ser o quarto de Alyss estava a três metros dali. Ele andou de lado até lá, seus pés sobre as ameias. Ele franziu enquanto movia-se até a janela. Tinha um monte de gelo na passagem estreita e isso viraria uma dificuldade para ele parar e girar, na intenção de olhar para dentro da janela.

Pelo menos, pensou, ele teria as barras para dar apoio seguro para as mãos. Ele parou quando a janela estava a sua direita, um pouco acima de sua cabeça. Ele a procurou com sua mão direita, tateando pela volta, e encontrou uma das barras de ferro.

Se o quarto estivesse ocupado por alguém além de Alyss, ele pensou, seria perigoso.

Sua mão estaria na linha de visão de alguém olhando pela janela, e a medida que ele virasse e ficasse de frente para janela estaria totalmente exposto. Ele se comprometeria sem antes saber quem estava no quarto. Mas, por causa do gelo nas ameias, ele não tinha alternativa.

Ele se apoiou com as nádegas na parede , tirando seu pé direito da ameia. Seu peso era suportado quase totalmente pela mão na barra desde que não houvesse reação dentro do quarto, assumindo que quem fosse que estivesse lá

dentro não estava olhando para janela. O pé direito estava instável na ameia, ele percebeu, enquanto colocava mais força na perna esquerda, virando devagar para seu lado direito, esticando o joelho para ficar mais alto.

Seu coração pulou quando sentiu seu pé escorregando pelo gelo, e ele virou mais rápido, jogando seu braço esquerdo para segurar outra barra na janela. E ele fez bem na hora. Seu pé escorregou para fora da ameia escorregadia e ficou pendurado apenas pelas suas mãos. Com um gemido suave de esforço, ele se puxou para cima. Seu pé direito encontrou a ameia novamente e ele transferiu peso para sua perna — não muito, pois não confiava que não iria escorregar novamente.

Ele agradeceu os anos que praticou com seu arco e desenvolveu os seus músculos dos braços e das costas. Agora seu pé esquerdo estava de volta à ameia e recebeu um pouco de peso como o outro.

Devagar, seus olhos encontraram a parte baixa da janela e ele pode ver dentro do quarto, para onde Alyss sentava, jogada em uma mesa, de costas para janela, sua cabeça apoiada nas mãos.

37



Oitenta quilômetros ao sul, um cavaleiro de armadura estava cavalgando no cortante vento frio do norte.

O sol já havia descido a linha do horizonte e a escuridão se espalhou depressa pela terra. Qualquer pessoa sensata teria parado para acampar e se proteger da neve e granizo trazidos pelo vento. Mas o cavaleiro ainda forçava seu caminho para o norte.

Sua túnica era branca e seu escudo tinha o desenho de um punho azul, símbolo de um mercenário — cavaleiro procurando por emprego em qualquer lugar. Seu equipamento era padrão — uma lança pesada estava presa no estribo a sua direita e uma longa espada de cavaleiro podia ser vista sob sua capa. Somente o escudo era diferente. Em um tempo onde cavaleiros preferiam escudos com pontas afiadas em baixo — ótima arma em momento cruciais — este carregava um simples escudo redondo.

O cavalo de batalha andou alguns passos de lado, tentando escapar das rajadas de vento e do doloroso granizo que ele recebia. Gentilmente, ele voltou o seu curso para o norte.

"Só mais um pouco, Kicker," Ele disse, suas palavras grossas e arrastadas vindo pelos lábios quase congelados.

O cavalo estava certo, pensou. Era loucura continuar viajando nesse tempo. Mas ele sabia que havia uma pequena aldeia a alguns quilômetros depois da estrada, e a proteção de um celeiro seria melhor e mais confortável que qualquer proteção que ele conseguisse entre as árvores. Ele quase lamentou não ter parado no final da tarde, quando passou por uma vila com uma pousada aparentemente muito confortável. Seria um bom lugar para estar agora, ele pensou.

Então ele pensou em seus amigos e no possível perigo que estão passando e não lamentou sua decisão de continuar a moldar seu caminho através da noite fria e escura.

Ele duvidou que Kicker concordasse. Ele tentou sorrir, mas seus lábios estavam muito duros e gelados agora.

Ele se mexeu inconfortável na sela, sentindo uma gota d'água gelada

descendo pelas suas costas, enquanto pensava no encontro com Halt e Crowley, a alguns dias atrás.

"Então vocês querem que eu vá para Macindaw?" Ele disse, a cabeça cheia de pensamentos. "O que vocês acham que eu posso fazer que Will e Alyss não possam?"

Eles estavam no escritório de Crowley na alta torre do Castelo Araluen. Era um quarto pequeno mas confortavelmente mobiliado e mantido quente pelo fogo aceso na lareira. Halt e Crowley trocaram olhares e o Comandante dos arqueiros gesticulou para Halt responder.

"Nós nos sentiríamos melhor se Will e Alyss tivesse um pouco mais de músculos a sua disposição".

Horace sorriu. "Sou apenas um homem."

Halt o considerou intensamente. "Você é muito mais que isso Horace," ele disse "Eu tenho visto seu trabalho, lembra? Eu me sentiria aliviado se soubesse que você está cobrindo as costas de Will. E nos precisamos mandar alguém que ambos conheçam e confiem."

Horace sorriu com a possibilidade. "Seria legal vê-los de novo." Disse. A vida no castelo Araluen no inverno tende a ser um pouco chata. A ideia de ser mandado em missão sozinho tinha uma aparência ótima. Ele e Alyss eram amigos desde crianças e ele não tem visto Will, seu melhor amigo, a meses.

Halt levantou-se e foi à janela, olhando para a paisagem cinza de inverno que cercava o castelo. A parte sul do país, onde não há neve, mas que o frio deixava as árvores de uma forma como se tivesse nevado, tinha uma forma desolada que combinava com o humor de Halt.

"É a incerteza que esta nos matando, Horace," disse. "Até agora tínhamos uma mensagem rotineira dos soldados de Alyss. Ou uma resposta do pombo que mandamos ontem. Afinal, eles não tem que esperar o pássaro descansar. Eles tem outros seis pombos prontos para mandar mensagens."

"Claro, um falcão pode ter capturado o pombo que mandamos," Crowley disse.

"Isso acontece.."

Halt mostrou um flash de aborrecimento e Horace percebeu que os dois já haviam tido essa conversa — possivelmente mais de uma vez.

"Eu sei disso, Crowley!" Ele disse aborrecido. Ele olhou Horace de novo. "Pode não ser nada, Crowley pode estar certo. Mas eu não quero arriscar. Eu gostaria de saber que você está indo ajudá-los. Se nós recebermos uma mensagem nesse meio tempo, nos sempre podemos mandar uma ordem para você poder voltar."

Horace fitou o pequeno arqueiro grisalho com cordialidade. Halt estava

mais preocupado do que gostaria, provavelmente porque Will estava lá em cima, nos campos do norte coberto de neve, Horace percebeu. Não importa quantos anos passem, parte de Halt sempre vai ver Will como seu jovem aprendiz. Ele foi em direção ao arqueiro.

"Não se preocupe, Halt," ele disse calmamente. "eu vou ver se ele está bem." Os olhos de Halt mostravam sua gratidão. "Obrigado, Horace."

"O nome dele é Hawken," Crowley disse, decidindo que era hora de Horace se preparar para missão. "Melhor se acostumar a isso."

Horace franziu para ele, sem entender.

"É sua nova identidade," Crowley disse a ele. "é uma missão secreta e nós, dificilmente poderemos mandar o jovem cavaleiro mais famoso de Araluen para os campos de Norgate. Você irá como Sir Hawken e será um mercenário. Melhor pegar um escudo pintado de acordo."

Horace assentiu. "Então vou providenciar o músculo, e, deixar Will e Alyss fazerem todo trabalho mental?" ele disse alegremente.

Halt o considerou sério, balançando a cabeça devagar. "Não se faça de pequeno, Horace," ele disse. "Você é um bom pensador. Você é firme e prático. Às vezes nós nos desviamos , quando isso ocorre até os Arqueiros e Diplomatas precisam desse tipo de pensamento para se manter no caminho."

Horace ficou surpreso com a declaração. Ninguém nunca o chamou de bom pensador antes.

"Obrigado por isso, Halt," Ele disse. Então seu sorriso quebrou de novo "Não posso te convencer a vir comigo? Como nos velhos tempos na Gália?"

Dessa vez, Halt sorriu enquanto balançou a cabeça. "Já tem um arqueiro em Macindaw, Para qualquer coisa além de uma invasão em longa escala, um arqueiro já é o suficiente."

O vento aumentou e o granizo soprava forte em seu rosto. Kicker resmungou, balançando a cabeça, e Horace inclinou-se para frente e alisou o pescoço do cavalo de batalha.

"Não vou exigir tanto de você agora Kicker," Ele disse. "Só me leve por mais alguns quilômetros. Will precisa de nós."

38



"Alyss!" A garota loira sentou-se, assustada, ao som sussurrado de seu nome. Ela virou-se na cadeira para ver o rosto de Will na janela gradeada, o familiar, irreprimível sorriso iluminando seu rosto. Ela se levantou num salto. A cadeira caiu atrás dela e ela a segurou pouco antes de bater no chão. Ela atravessou rápido o quarto até a janela.

"Will? Meu Deus! Como você chegou aqui em cima?"

Ela olhou para fora, pela queda vertiginosa abaixo e percebeu que ele estava pendurado nas saliências cobertas de gelo sem nenhum outro suporte. Ela recuou meio passo, seu coração batendo forte. Alyss podia encarar os maiores perigos sem vacilar, mas ela tinha um medo terrível de altura. A visão da escura queda depois da janela a encheu de medo. Will estava mexendo as mãos sobre o manto e logo estava tirando uma longa corda e a jogando para dentro do quarto.

"Vim te tirar daqui" ele disse a ela. "Aguente só alguns minutos"

Ela olhou ansiosamente por cima do ombro enquanto ele jogava a corda para dentro do quarto, a desenrolado de sua capa. A boca dela ficou seca quando entendeu a ideia de Will.

"Você quer que eu desça pela corda?" Ela disse, apontando para o monte enrolado na frente dela. Ele sorriu calmamente.

"É fácil," ele disse. "E eu vou estar aqui para ajudá-la."

"Will, eu não posso" Ela disse, com sua voz quebrando "Eu não suporto altura! Eu vou paralisar! Eu não consigo fazer!"

Will parou por um momento, contemplando. Ele sabia que tinha pessoas que possuíam um medo mortal de altura. Pessoalmente, ele não podia entender. Toda sua vida ele teve facilidade de escalar árvores, barrancos e muros. Mas ele percebeu que aquele medo dela seria totalmente debilitante. Ele pensou e então, ele sorriu.

"Sem problema," disse. "Eu vou amarrar a corda na sua cintura e descer você daqui."

O resto da corda finalmente estava fora do manto e caiu encima da pilha, em frente a janela.

Então Alyss percebeu que medo de alturas era imaterial. Não tinha jeito dela passar pelas barras — ao menos que ele planejasse cerrá-las, o que levaria muito tempo. Ela olhou assustada para a porta. Keren disse que estaria de volta em uma hora ou menos. Quanto tempo havia se passado enquanto ela estava na mesa? Era "uma hora ou menos", seria meia hora? Quarenta minutos? Ele poderia estar vindo agora.

"Você deve sair daqui," ela disse, com outra intenção na voz. "Keren pode voltar a qualquer minuto."

"Então ele vai desejar não ter voltado"Will disse, com seu sorriso desaparecendo "Você descobriu o que ele vai fazer?" ele perguntou. Will imagina que a melhor maneira de fazê-la descer pela janela e distraindo ela. Alyss balançou a cabeça, impaciente, enquanto Will procurava algo nas costas, tirando uma pequena garrafa coberta de couro de sua capa.

Ele a segurava com muito cuidado quando ele a deixou no parapeito.

"Você tem que ir!" Ela disse. "Nós não temos muito tempo, ele esta voltando para me interrogar novamente"

Will parou com o que estava fazendo. "Novamente?" perguntou, "Ele machucou você?" Sua voz era fria. Se Keren a machucou, ele seria um homem morto. Mas ela balançou a cabeça mais uma vez.

"Não, ele não me machucou. Mas ele tinha um pedra entranha..." Sua voz vacilou.

Ela não queria dizer a ele o quão perto ela esteve de entregar a verdadeira identidade do amigo.

"Uma pedra?" Ele repetiu, confuso.

Ele consentiu "Uma gema azul. Ela…de algum jeito, me fez dizer qualquer coisa que ele quisesse saber. Will, eu quase disse que você é um arqueiro!" Ela exclamou. "Eu não pude me conter. A gema faz... faz você responder perguntas. É estranho."

Will pensou sobre isso. Uma memória tirada de sua primeira noite no castelo, na sala de jantar, onde os seguidores de Keren reagiram entusiasmadamente a sugestão que Will devia cantar outra música. Talvez ele estivesse brincando com controle mental á muito tempo.

Ele mudou de pensamento. Puxando sua faca, ele começou a cavar uma pequena vala envolta das bases das barras do meio da janela para por acido. Tinham quatro barras ao todo e ele pensou que se removesse as do meio ele poderia criar uma passagem grande suficiente para seu propósito. Ele poderia entrar e amarrar a corda na cintura de Alyss, usando as barras restantes para dar apoio enquanto ele a faria descer até o chão. Então ele desamarraria a corda e desceria por ele mesmo.

"Bem," Ele disse "Nenhum dano causado. Buttle já adivinhou quem eu sou de qualquer jeito." Ele sorriu para melhorar o ânimo dela, mas ele pode ver que ela estava triste por como ele viu as suas próprias fraquezas.

"Ele poderia só ter suspeitado," Disse ela miseravelmente "Não podia ter certeza, mas de algum jeito ele me fez falar".

"Isso faz parecer que Keren era o feiticeiro todo tempo." Will disse pensativo. Alyss olhou para ele, confusa.

"O que quer dizer?" Ela perguntou.

"Ele que está por trás da doença misteriosa do Lorde Syrion. E ele envenenou Orman igualmente. Por isso ele quis que eu o tirasse daqui. Agora você me diz que ele tem um jeito misterioso para te fazer responder suas perguntas. Keren usou a velha lenda, e as histórias sobre Malkallam, para reforçar seu próprio teatro. Ele queria controlar o castelo –

mas ainda não consegui pensar de que forma ele pretende mantê-lo."

"Ele fez um acordo com os escoceses," Ela disse. Mais cedo, ela fez essa acusação contra Keren, mas havia sido um tiro no escuro. Sua resposta, porém, confirmou sua suspeita.

"Escoceses?" ele disse. Ele pensou por um momento. Se os escoceses tiverem o controle do castelo de Macindaw, sua passagem para Araluen seria segura. Eles poderiam liderar um ataque surpresa atravessando a região rural, ou até uma invasão completa.

Pequena como era, Macindaw era uma chave vital para segurança ao norte de Araluen "Então nos temos que impedi-lo de qualquer jeito".

"Correto!" Alyss disse, com uma nova urgência na voz. "por isso que você deve sair daqui agora! Vá para Norgate e soe o alarme. Traga contigo um exército para detê-lo!"

Will estava concentrado no pequeno frasco de couro, apertando sua língua entre os dentes da frente enquanto removia a tampa com cuidado. Ele a olhou e balançou a cabeça.

"Não sem você.' Ele disse. Cuidadosamente, ele derramou um pouco de líquido da garrafa na pequena trincheira que ele fez na base da barra de ferro. O liquido fumegou quando atingiu a pedra e o ferro, derretendo um pouco do gelo envolta. A nuvem acre que surgiu fez Will tossir. Ele tentou abafar o som, com pouco sucesso. Alyss se afastou um passo ou dois, cobrindo as narinas com a manga de sua camisa.

"O que é essa coisa?" Ela disse.

"Ácido. Coisa realmente desagradável. Malcolm disse que iria corroer essas barras em segundos". Ele franziu. A barra ainda parecia sólida. "Ou talvez ele tenha dito minutos"

Emendou. Ele retampou a garrafa e foi para próxima barra, usando sua faca novamente para cavar a trincheira na base.

"Vamos deixar essa e vamos para próxima. Enquanto isso amarre uma ponta da corda em uma das outras barras".

Ela fez como ele disse. Mas ela estava pensando sobre algo que ele disse.

"Quem é Malcolm" Perguntou. Ele olhou para ela e sorriu.

"É o nome real de Malkalam. Ele é, na verdade, um cara bem legal quando você o conhece direito".

"Que foi o que você fez, é claro," Ela disse secamente. Parecia tanto com a Alyss de antes, que ele até sorriu mais.

"Vou te contar sobre ele depois. Só me de um minuto, essa é a parte complicada."

Ele tinha a garrafa novamente e estava colocando líquido no pequeno poço que cavou na pedra e argamassa. De novo, a nuvem acre subiu novamente, seguida pelo cheiro de ferrugem queimada. Ele parou, seu lábios pressionados de concentração, vendo o resultado. Como antes, o ácido parecia demorar mais que devia para corroer a barra. Ele testou a outra barra e sentiu um pouco de movimento. Estava funcionado — mas não tão rápido como ele estava esperando. Ele pensou em colocar mais ácido, mas desistiu.

Somente iria transbordar pelo parapeito e isso era algo que deveria evitar.

Ele não podia fazer nada exceto esperar. Ele recolocou a rolha e passou o frasco para Alyss pelas barras.

"Aqui. Ponha em algum lugar," ele disse. Ele não desejava fazer a descida com aquilo no seu bolso. Distraída, ela colocou a garrafa ao seu lado, em cima da verga da janela..

"O que me mata," ele continuou, tentando manter a mente dela longe da descida, "é de onde aquele maldito John Buttle veio? Nesse momento ele devia estar no meio de Skorghijl."

"O navio teve problemas," Alyss respondeu. Buttle vangloriou-se sobre isso quando ele a reconheceu, antes de Keren trazer ela para este quarto. "Eles foram pegos por uma tempestade. Ela os levou para oeste e ele atingiram um recife na costa. O navio estava com muitos danos quando chegou no litoral. Eles subiram o Rio Oosel para passar o inverno –

mas quando perceberam que ia afundar, eles desamarraram Buttle e ele teve a chance."

"E ele pagou esse ato de bondade, como de costume?" Will disse, e ela assentiu.

"Eles estavam exaustos quando chegaram no Oosel. Ele matou dois guardas e fugiu.

Veio pra cá por pura sorte."

"E se encaixou perfeitamente," Will disse. Ela concordou.

"É engraçado" Will disse, "Como pessoas como Buttle e Keren parecem encontrar um ao outro..."

Ele parou no meio da frase quando ela levantou a mão. Olhou para ela com curiosidade, seu sangue fugindo do rosto. Ela ouviu a porta do outro quarto abrir e fechar, e o som da voz de Keren enquanto falava com os guardas do lado de fora.

"Keren!" ela sussurrou com urgência. "Will, você tem que sair daqui agora! Vai!"

Ela juntou a corda e a jogou pelas barras, deixando elas caírem pelas lajes longe dali. Will puxou desesperado a primeira barra. Ela mexeu mais agora, mas ainda estava muito sólida para remover.

"Vai!" Alyss repetiu desesperada "Se ele te encontrar aqui ele mata nós dois"

Relutante, Will concordou que ela estava certa. Apoiado na borda estreita, ele não podia lutar contra Keren e seus guardas. Pelo menos se ele estiver livre, terá outra chance de resgatar a amiga.

Houve uma explosão de risos do lado de for a. Os olhos de Alyss arregalaram quando ela ouviu a chave girar na fechadura. Will sabia que tinha que fugir, mas tinha algo que ainda tinha que dizer a ela.

"Alyss," Ele disse, e ela o olhou com grande agitação. "Se ele perguntar, diga qualquer coisa que ele quiser saber. Isso não pode nos ferir mais. Somente responda as perguntas."

Ela não podia revelar os planos dele, pensou, porque ele não tinha um. Mas não havia sentido em sofrer para revelar fatos que Keren, provavelmente, já adivinhou.

"Certo!" Ela disse.

"Prometa," Ele insistiu. "Nada que você disser vai me prejudicar."

Alyss estava no limite do pânico, mas ela sabia que ele não iria se ela não prometesse.

"Eu prometo! Eu vou dizer tudo! Mas vai! AGORA!"

Ele estava ocupado passando a corda das pernas pelas suas costas e por cima do ombro.

Ele apertou as luvas e segurou a parte logo abaixo do nó que estava a meio metro de sua cabeça com sua mão esquerda, enquanto usava sua mão direita para segurar a corda, pressionando-a contra seu quadril.

Alyss estava com o estômago pesado enquanto Will descia pelo espaço, controlando sua descida com a volta da corda pelo seu corpo, se afastando da

parede com seus pés.

"Eu voltarei por você," Ele disse suavemente. Ele começou a descer devagar. A vontade era chegar ao final rápido, mas movimentos rápidos são mais fáceis de serem vistos pelos vigias nas torres e muralha.

Apressada, Alyss afastou-se da janela, fechando a cortina antes. Ela tinha que impedir que Keren visse a corda pelo maior tempo possível. Se Will fosse pego na metade da descida, ele com certeza morreria.

39



Alyss mal se sentou à mesa quando a porta foi aberta e Keren entrou. Assim que trancou a porta atrás dele, ela respirou fundo e forçou-se a se acalmar. Usou toda sua concentração para encarar com um olhar de desprezo.

"Bem, estou de volta." Keren disse. Ele sorriu alegremente, ignorando o olhar gelado que ela lhe deu. Então ele franziu o nariz enquanto cheirava o ar.

"Bom Deus, que cheiro terrível é esse? Você estava queimando alguma coisa?

Alyss pensou rapidamente. Ela havia se acostumado com o cheiro do ácido, que obviamente ainda enchia o quarto. Ela levantou automaticamente em toda sua altura e lhe olhou desdenhosamente.

"Alguns documentos comigo" Disse ela. "Pensei que seria melhor se não soubesse o que havia neles."

Keren a considerou, pensativo "Verdade?" ele disse, um pouco menos feliz que antes. "Eu suponho que devia tê-la revistado antes. Por eu ter escolhido ser um cavaleiro, você decidiu me decepcionar.". Ele alcançou o bolso de seu cinto. "Mas você parece esquecer que meu amiguinho azul aqui pode fazer você me dizer qualquer coisa que estivesse nesses documentos.".

O coração de Alyss bateu rápido ao ver a pedra azul. Apesar de tudo que ela sabia sobre ela, sentiu uma vontade sobre-humana de olhar para a pedra. Alyss virou os olhos para longe dela com um esforço supremo.

"Você parece esquecer," ela disse imitando seu tom sarcástico "na outra vez, eu quebrei seu poder sobre mim.".

Keren sentou em uma cadeira, cruzando as pernas enquanto ele passava a pedra pelas mãos. Ele sorriu numa verdadeira diversão.

"Verdade." Ele disse. "Mas eu te disse que na segunda vez seria muito mais fácil?".

Alyss virou as costas pra ele e andou em direção à porta, garantido que ele olhasse diretamente longe da janela. Ela não tinha certeza, mas ela pôde ouvir um ocasional estalo vindo da corda amarrada na barra.

"Seu feitiço barato não me impressiona." Ela disse "É tudo truque e desilusão e eu sei como anulá-los.".

Keren assentiu para ela "Tenho certeza de que sabe.". Ele disse "Se fosse, de fato, feitiçaria. Mas isso é algo completamente diferente. Isso é Mesmerismo — uma forma de domínio mental. A pedra é um mísero ponto de foco para sua mente. Ela relaxa e me ajuda a controlá-la.".

Alyss riu desdenhosamente, apesar de profundamente desconfortável com o que ele disse. Ela estava chegando ao fim da conversa, ele percebeu. Mas ela tinha que jogar o jogo para dar mais tempo para Will.

"E agora que você me disse, vou resistir à tentação de dormir." Ela disse. Keren balançou a cabeça.

"Normalmente você poderia fazer isso. Se você soubesse o propósito da pedra, poderia resistir a ela. Mas você já foi hipnotizada, e um primeiro controle mental causa um efeito chamado 'sugestão pós-hipnótica'."

Alyss girou os olhos em sarcasmo. "Que assustador!" Ela disse. Mas algo a corroía por dentro. Keren estava completamente confiante, e uma coisa que ela aprendeu sobre ele é que ele não blefa.

"Não é assustador, só é útil." Disse num tom razoável. "Veja, enquanto está hipnotizada, eu posso plantar uma sugestão dentro de sua mente que vai me permitir trazer você sobre meu controle instantaneamente. Só tenho que voltar ao assunto que discutimos por último."

"Tenho certeza de que era um muito chato." Ela disse sarcasticamente. Mas o medo crescia com cada palavra que ele dizia. Ele continuou sorrindo. Ele admirava sua coragem e seu espírito de luta. Mas então, ele pensou, poderia se dar ao luxo de admirá-la a qualquer instante, pois poderia hipnotizá-la novamente. Ele segurou a pedra perto dela, que rapidamente virou os olhos para longe.

"Não, não." Ele disse suavemente "Você deve olhar para a pedra" Ela manteve os olhos afastados e uma voz ameaçadora chamou-a "Eu posso ter meus homens forçando isso se você se recusar. Mas você VAI olhar para pedra".

Relutante, ela permitiu seu olhar retornar à pedra. Tão azul, tão profunda, tão bonita.

A voz de Keren parecia vir de muito longe agora. Era profunda e calma agora. Não havia nenhuma ameaça nela.

"Relaxe, Alyss. Relaxe e respire profundamente. Isso! Boa menina. Isso não é uma maneira muito melhor de se comportar?"

"Sim," Ela disse sonhadora "muito melhor.".

"Recapitulando," Sua voz veio, parecendo encher a consciência dela. "Nós estávamos falando sobre seu amigo Will na ultima vez."

"Will é um Ranger," Ela disse. No fundo da mente dela havia uma

sensação de que ela disse algo errado. Algo que ela devia ter escondido. Por um momento, ela sentiu um vago sentimento de repulsa por ter sido covarde.

"É claro que é. Nós sabemos isso," disse a voz calma, e ela sentiu-se um pouco melhor. Se ele sabia, não tem perigo em ter dito a ele. "Mas agora estou interessado nos documentos que você queimou. Fale-me sobre eles"

"Não existem documentos," ela disse. De novo, sua mente lutou para recuperar o controle. Suas palavras eram monótonas e sem sentimento, e ela não pôde parar ela mesma enquanto percebeu que estava revelando o segredo mais perigoso de todos. "Era o ácido que você pode cheirar."

Seu sorriso desapareceu e seu rosto ficou vermelho. Ele não podia entender...

"Ácido? Que ácido?" Ele perguntou rapidamente.

"Will pôs acido nas barras," Alyss disse. Sua consciência estava gritando. Cale-se, por Deus, cale-se! Will precisa de tempo para fugir, sua covarde! Então, horrorizada, ela ouviu-se dizendo as ultimas palavras.

"Will precisa de tempo para fugir."

A compreensão chegou ao rosto de Keren com essas palavras. Ele arremessou-se para fora da cadeira. Todos os sinais de calma, atitudes descontraídas que ele usava desapareceram, enquanto a cadeira caía no chão atrás dele. Ele alcançou a janela em passos largos e tirou a pesada cortina para o lado.

A fumaça era muito maior agora que o ácido continuou a comer através do ferro das barras: espirais de fumaça subiam das bases das duas barras centrais, que ele pôde ver estar cercada de pequenas piscinas de líquido. O ácido, antes claro, estava agora bolorento e marrom por destruir parte do ferro. Ele puxou uma das barras com força, quebrando o resto de metal que o segurava. Seus olhos se estreitaram e ele voltou-se para Alyss.

"Onde ele foi?" Ele exigiu. A lógica disse que Will Barton não poderia ter escapado pela janela, apesar de como ele entrou no quarto o intrigava.

Não ocorreu a ele que Will nunca esteve realmente dentro do quarto. E, com seus olhos atraídos pelas fumegantes piscinas de ácido nas barras, ele não percebeu a corda amarrada em volta da barra da esquerda.

Não houve resposta da parte de Alyss. Dominada pelo conflito em sua mente, ela desmaiou assim que Keren pulou de sua cadeira. Ela estava caída no chão ao lado da cadeira virada. Amaldiçoando, ele foi na direção dela. Ele iria conseguir respostas, mesmo que tivesse que arrancá-las dela. Então ele parou assim que ouviu um estalo vindo da janela. Ele girou para trás e dessa vez ele viu o nó de corda envolta da base da barra. Ele correu até a janela, amaldiçoando novamente quando inclinou-se no parapeito e queimou a mão no ácido. A corda

estava esticada, suas fibras estalando enquanto movia levemente como o peso de alguma coisa — ou alguém — no final dela.

Num segundo, Keren tirou sua faca, alcançando a corda esticada e sentindo as fibras se rompendo. Ele pensou em chamar os guardas fora da cela, mas percebeu que havia alguns mais próximos e melhores. Ele gritou com toda força para os guardas no topo dos muros de vigia.

"Guardas! Guardas! Intruso no castelo! Intruso no castelo! Detenham-no!

Longe abaixo, Will ouviu os gritos, sentiu a vibração da corda que Keren tentava cortar com sua faca. Sabendo que tinha apenas segundos, ele tentou encaixar os pés de volta na parede. Desesperado, ele apalpou o muro à procura de apoio, finalmente achando uma funda fenda entre dois blocos de granito. Enquanto procurava apoio para outra mão, a corda desceu, caindo no chão e se enrolando como uma cobra gigante sobre as pedras no chão do pátio.

Ele ainda estava a sete metros do chão e podia ouvir os gritos confusos dos vigias da muralha atrás dele, enquanto tentavam entender o que Keren gritava. Will desceu rapidamente, machucando a pele e as unhas e rasgou as calças na altura dos joelhos nas pedras ásperas da torre. A três metros do chão, ele pulou, pousando como um gato, deixando os calcanhares e joelhos amortecerem a queda. Em volta, gritos confusos ecoavam enquanto os vigias chamavam uns aos outros, tentando entender o que estava acontecendo.

Quatro metros dali, a porta da torre de guarda abriu e um sargento, armado com uma alabara — uma combinação de machado e lança — saiu, olhando em volta de direita à esquerda para ver o que estava acontecendo. Antes que ele percebesse, Will tirou o capuz e saiu a luz, apontando para a pilha de corda enrolada no chão.

"Ele veio nessa direção" Gritou. "Atrás dele! Ele esta indo para os estábulos!"

Era natural para um sargento reagir ao óbvio som de um comando. Na confusão do momento, a última coisa que ele pensou foi que aquela pessoa gritando ordens para ele pudesse ser o intruso que ele estava procurando. Ele foi na direção que Will apontou.

Quando chegou perto, perdeu a vantagem de sua arma de longo alcance, como era a intenção de Will.

Tarde demais, ele reconheceu o rosto do bardo que tinha escapado no dia anterior.

"Um momento," Ele disse. "você é..." Antes de terminar a sentença, ele mexeu desajeitadamente sua alabara. A faca de Will estava em sua mão e ele desviou a pesada arma para um lado. Agarrando o braço do sargento, girando e abaixando em um único movimento, ele o jogou por cima do ombro nas pedras

do pátio. A cabeça do sargento bateu na pedra dura. Seu elmo rolou para o lado e ele ficou desacordado.

Will pegou o elmo e a longa e pesada arma. Então ele parou para cortar um pedaço da corda da pilha antes de ir para as escadas. Longe da torre, ele pôde ouvir Keren gritando enquanto o via correndo. Will começou a gritar também, para aumentar a confusão.

"Eles estão no hall do portão!" Ele berrou. "Centenas deles! Todos os guardas para o portão!"

Ele desceu para as ameias, ainda gritando variadas ordens contraditórias, mandando os soldados para o portão e a torre norte, com o elmo chacoalhado em sua cabeça enquanto corria. Confusão era seu melhor aliado, ele sabia. Isso e o fato de que ele sabia que todos que ele viu eram inimigos, então os guardas identificavam cada nova pessoa, enquanto não imaginavam que já tinham o visto o intruso e o confundido com um sargento.

Ele subiu pela rampa do muro do sul, para as ameias. Havia três vigias correndo até ele, com a torre do oeste as costas de Will. Os homens pararam quando o viram. Ele apontou descontroladamente para fora do muro.

"Abaixem-se, idiotas! Eles têm arqueiros!" ele berrou. Desde que eles não esperavam que um inimigo avisasse de um perigo, os três homens acreditaram, caindo rápido no chão enquanto esperavam que uma chuva de flechas voasse por cima deles no próximo instante.

Will virou e entrou rápido na torre, batendo a porta atrás dele. Tinha um grande barril por perto e ele o rolou, fazendo ele bloquear a borda anterior antes de sair pelo outro lado, para as ameias oeste. Tinham mais homens correndo e gritando ao longe, mas ali estava relativamente quieto, exceto pelos passos que ele ouvia descendo as escadas internas das torres de vigia. Habilmente, ele amarrou a corda no cabo da alabara, prendeu ela entre duas ameias, então jogou o resta da corda, e ela caiu pelo lado de fora da muralha.

Segurando a corda, ele desceu pela borda, andando pelo muro de pedras ásperas. Ele chegou ao fim da corda, mas era curta para chegar ao chão. Olhando em volta, viu que estava a dois metros do chão, então ele pulou o resto do da altura. Dessa vez, ele não caiu tão facilmente, bateu no terreno irregular e bateu seu joelho forte contra uma pedra afiada.

"Vou ter que usar cordas mais longas," Ele murmurou. Então, pensando que a corda traria a caçada para este lado da torre, ele ocultou-se e, mancando, contornou a base da torre para a parede sul, ficando perto da pedra áspera, e oculto nas sombras da torre. Lá, ele assoviou — um som curto, cortante e de alta-frequência, que subiu um tom.

Acima dele, um som de gritos e passos corridos. Ordens e contra-ordens

estavam sendo berradas. Ele não podia mais ouvir Keren, então supôs que o cavaleiro renegado estava descendo a torre interna para controlar a caçada, querendo encurralá-lo, Will pensou sombriamente. Ele assoviou de novo. Ninguém no castelo parecia perceber o som com toda a confusão. Mas a cento e cinquenta metros dali, depois de uma ligeira subida, aguçados ouvidos podiam ouvir.

Will estava para assoviar novamente quando ouviu o som de uma cavalgada. Era um que ele reconheceu facilmente — O curto galope do cavalo de pequenas pernas, Puxão.

Ele viu o pequeno cavalo um pouco acima de onde estava, indo a algum lugar um pouca a direita de onde estava escondido. Ele assoviou e Puxão corrigiu o percurso correndo diretamente para ele.

Abandonando qualquer tentativa de se esconder, Will correu o melhor que pôde para longe do castelo. Ele ouviu mais gritos atrás dele, mas, tanto se tiver sido descoberto ou tanto se foi parte da confusão acontecendo no castelo, ele não tinha ideia e não tinha nenhum desejo de parar e tentar descobrir.

Puxão parou de repente ao lado dele, orelhas em pé, dentes descobertos e relinchando uma saudação. Will não tentou responder. Ele segurou-se no cavalo para andar melhor enquanto este girava para voltar por sua própria trilha.

"Vai!" Ele gritou. "Corre, vai!"

Agora ele podia ouvir gritos próximos a rampa e sabia que foi visto. Mas, a não ser que alguém tenha uma besta e for capaz de atingir um alvo se mexendo rápido em pouca luz, ele sabia que estava a salvo. Puxão lançou-se para longe do castelo, alcançando um galopar completo em meia dúzia de passos. Will, pendurado no cavalo, esperou e, quando julgou o momento pela velocidade do cavalo, ele deu um impulso no chão, pulando em cima da sela. Puxão balançou a cabeça em aprovação.

"Bom Garoto." Will disse a ele, esfregando seu pescoço. Sem diminuir a marcha, Puxão relinchou suavemente. Havia uma nota de condenação no som.

Eu pensei que disse para ficar longe de confusões.

"Não seja resmungão." Will disse. O animal ignorou-o. Chegaram à elevação e Will viu as figuras de Xander e Malcolm esperando por eles. Ele diminuiu com uma puxada nas rédeas.

"O que aconteceu?" Xander perguntou. Will balançou a cabeça.

"Eu a vi. Falei com ela. Mas o maldito do Keren chegou antes que eu pudesse tirá-la de lá."

"E o que planeja fazer agora?" perguntou Malcolm.

"Agora nós voltamos para floresta." Will disse, entregando-se ao inevitável.

Xander olhou para ele curiosamente. O jovem ranger parecia admitir a derrota, mas tinha uma nota de determinação em sua voz. Xander sabia que esse assunto estava muito longe de acabar.

"E depois?" Ele perguntou.

Will virou seu rosto para ele. O capuz de sua capa escondia grande parte do rosto nas sombras. Xander somente conseguia ver a boca e parte determinada de seu queixo.

"Então," Ele disse. "Eu vou tirar Alyss daquele maldito castelo — Nem que eu tenha que removê-lo pedra por pedra para conseguir".



Este *ePub* foi criado em Março de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a tradução em *Pdf* de
Máfia dos Livros



Tradutores: Fábio Santiago, Gabriela Carvalho, Tenshi Gabrielle, Ana Martha, Rafael Cavalcanti, R. Figueiredo, Marcus Arnhold Andréia, Duduh Torres, Felipe V. e Fábio Nadal